

NOVO MANUAL

DOS USOS & COSTUMES

DOS
TEMPOS BÍBLICOS



MAIS DE 175.000 EXEMPLARES VENDIDOS

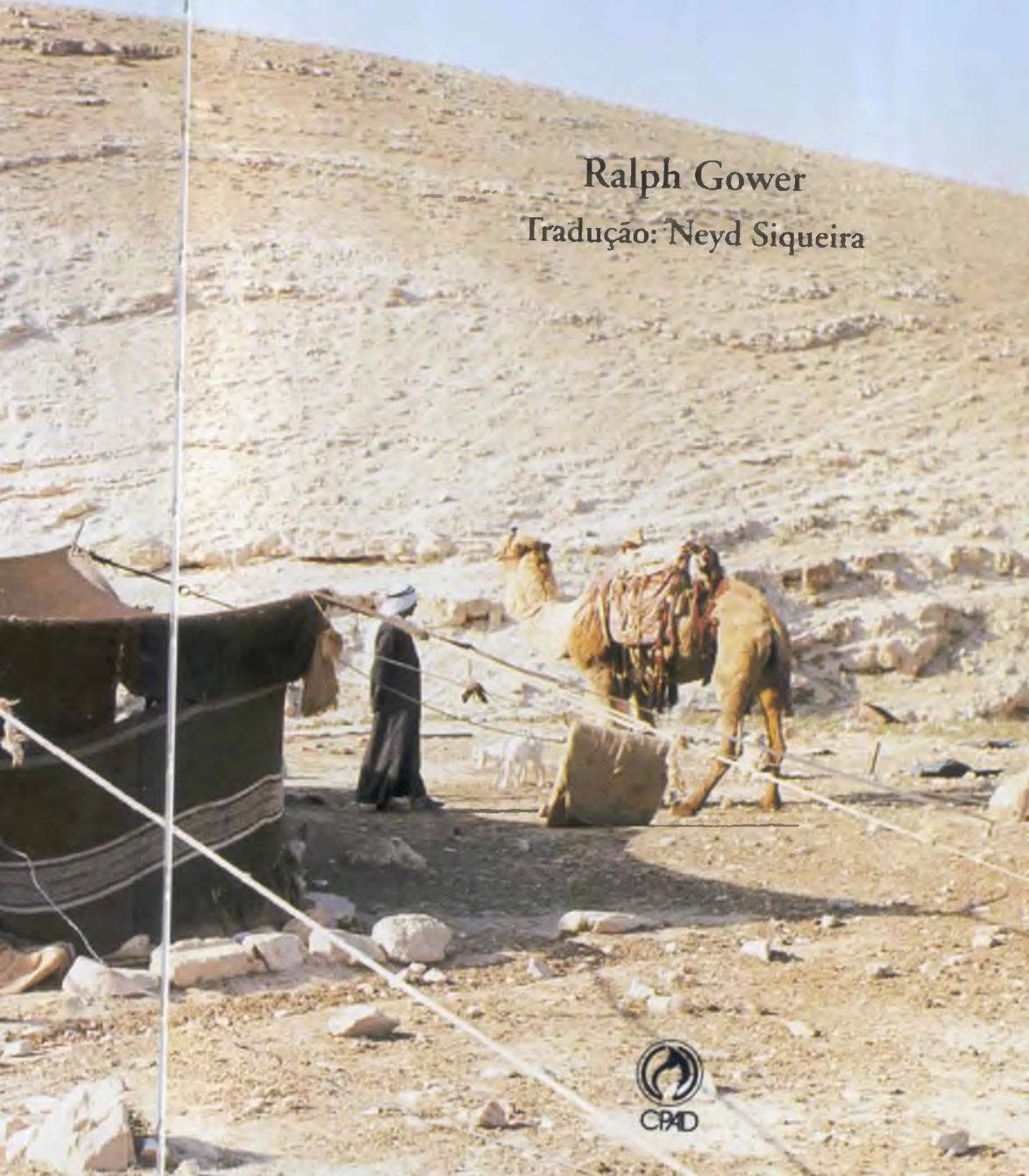


RALPH GOWER

Usos e Costumes dos Tempos Bíblicos

Ralph Gower

Tradução: Neyd Siqueira



Todos os direitos reservados. Copyright © 2002 para a língua portuguesa da
Casa Publicadora das Assembléias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Título do original em inglês: *The New Manners and Customs of Bible Times*

Co-edição com Moody Press, Chicago, Illinois

Primeira edição em inglês: 1987

Tradução: Neyd Siqueira

Preparação dos originais: Alexandre Coelho

Revisão: Kleber Cruz

Adaptação de capa e editoração: Olga Rocha dos Santos

CDD: 220.9 – Geografia Bíblica

ISBN: 85-263-0311-2

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, Edição de 1995,
da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Casa Publicadora das Assembléias de Deus

Caixa Postal 331

20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

1ª edição/2002

Prefácio

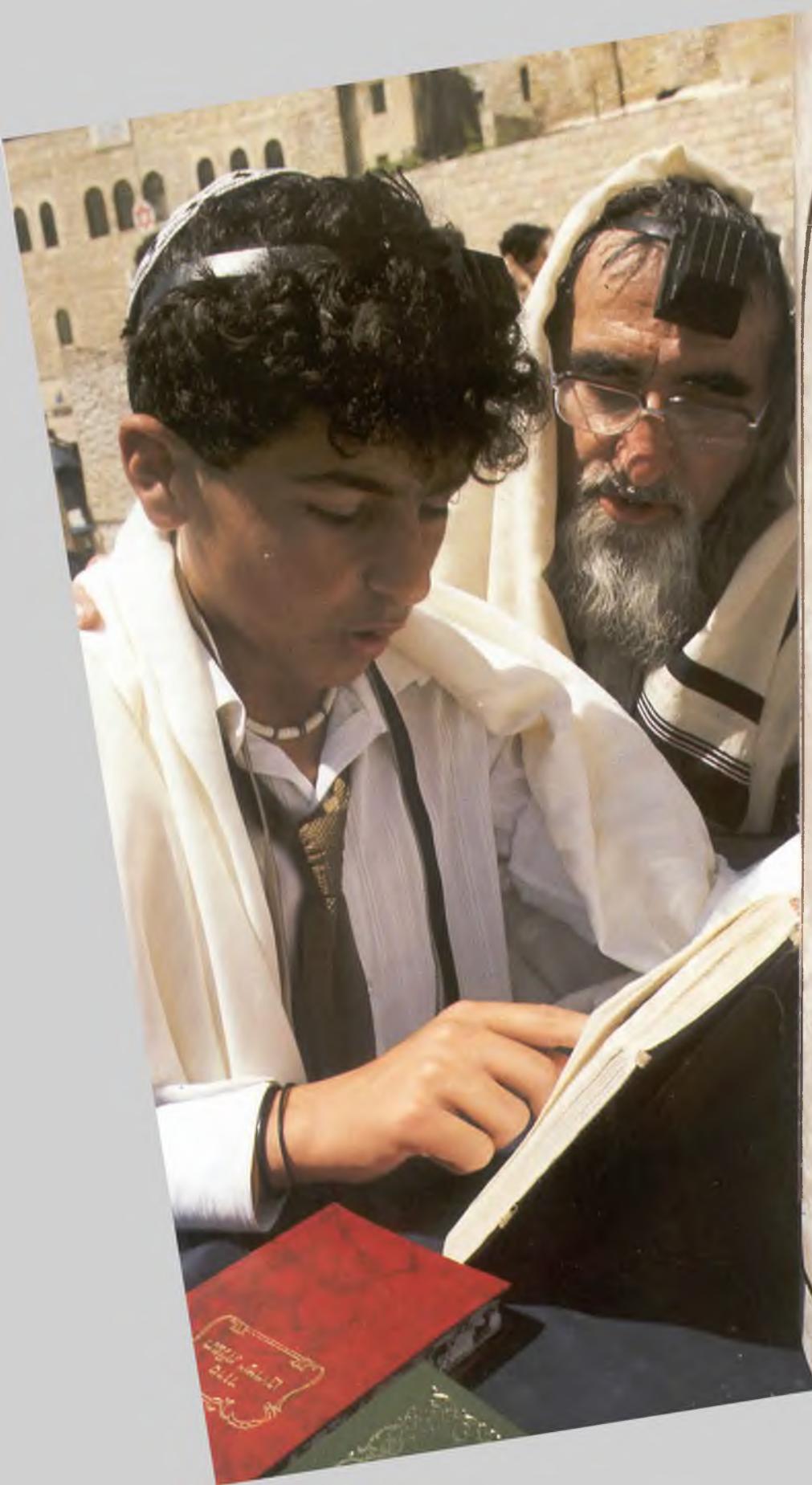
Vivemos numa época de grandes mudanças e, por essa razão, os livros se desatualizam. A explosão de conhecimento exige que os livros sofram uma revisão para manterem seus leitores completamente informados. Existem também estilos de escrita e ilustrações características de uma época e lugar específicos. Essas coisas aconteceram com *Maneiras e Costumes das Terras Bíblicas*, escrito por Fred Wight em 1953. Historiadores, arqueólogos, antropólogos sociais e teólogos trabalharam arduamente no texto bíblico e em sítios da Terra Santa, a fim de obterem mais informação para o indivíduo que deseja compreender melhor o cenário da Bíblia. Grande parte desse trabalho está incluído na bibliografia deste livro.

Existe, porém, outra razão para os livros se tornarem datados. Eles estimulam de tal forma o apetite dos leitores que estes anseiam por mais. Esta versão atualizada e reescrita de *Maneiras e Costumes das Terras Bíblicas* tentou prover informação adicional para suprir tal necessidade. Além disso, a viagem para a Terra Santa mostrou a muitos cristãos que o conhecimento do cenário bíblico é uma ajuda para fazer as Escrituras ganharem vida. Ao voltarem para casa, os viajantes desejam informações mais profundas do que as obtidas em uma curta visita. Este livro procurou também proporcionar ajuda às pessoas que ainda planejam fazer esse percurso.

Os cristãos não só têm um débito com Fred Wight por abrir-lhes os olhos e criar neles o desejo de saber mais, como também devem dar-lhe crédito ao ler este novo livro. Antes disso li a obra anterior várias vezes, até que ela se tornou parte de meus pensamentos. No trabalho do ministério cristão participamos verdadeiramente do labor uns dos outros.

Oro para que o trabalho que ambos fizemos e os resultados do trabalho dos eruditos que se tornaram conhecidos nos últimos trinta anos possam estimular de tal forma os leitores que eles se interessem em obter ainda mais informações.

Ralph Gower Londres 1986



Introdução

Página oposta: Rapaz judeu lê a Torá junto ao muro ocidental de Jerusalém na cerimônia do seu bar mitzvah.

Os cristãos enfrentam problemas de significado na Bíblia. A Palavra de Deus veio em lugares e tempos específicos, e para pessoas específicas. Só quando nos colocamos no lugar dessas pessoas e compreendemos o que Deus estava dizendo a elas é que as palavras têm pleno significado para nós. Parte de nos colocarmos nessa posição é compreender a linguagem em que a revelação foi feita. Isso se tornou possível para a maioria dos cristãos por meio das traduções bíblicas.

O outro aspecto de usar os sapatos dos personagens bíblicos envolve saber ao que a terminologia se refere. Podemos obter esse conhecimento, colocando-nos no contexto das casas, zonas rurais e mercados das eras bíblicas. Procurei dar ao leitor uma noção dos tempos bíblicos neste livro, a fim de que toda a Bíblia se torne mais viva para ele.

Somos felizes pelo fato de o estilo de vida das “personagens bíblicas” ter permanecido relativamente estável durante centenas de anos, e que até mesmo no século XX as pessoas podem visitar as terras bíblicas e ver coisas que aconteceram num passado longínquo. O estilo de vida do povo também foi registrado em palavras e artefatos, em pinturas e até nas ruínas do passado. Mediante o estudo dessas fontes é possível recapturar algo de como as coisas eram nos dias bíblicos.

Os povos da Bíblia podem ter sido conservadores em sua atitude, mas havia riqueza e variação na sua cultura. A variedade era grande no chamado Crescente Fértil, entre o Mar Mediterrâneo e o Golfo Pérsico. A vida dos pobres não era a mesma que a dos ricos; a vida no vale quente do rio Jordão era diferente daquela vivida nas altas montanhas que cercavam Jerusalém; a vida no verão diferia da do inverno; a vida dos que cuidavam do gado não se assemelhava a dos comerciantes urbanos; houve uma diferença entre a vida durante a ocupação assíria e durante a ocupação dos gregos e romanos.

Sumário

Primeira Parte

O Indivíduo na Vida Familiar

Vestuário	12
Habitações	22
Atividades domésticas	42
Alimentos e refeições	50
A família	57
Educação	76
Ganhando o sustento: Agricultura	87
Ganhando o sustento: Coletando alimentos	121
Ganhando o sustento: Artífices e comerciantes	146
Comércio com dinheiro e mercadorias	174

Segunda Parte

Instituições e Costumes Nacionais

Cidades e aldeias	186
Um olhar para Jerusalém	216
Jornadas e viagens	225
Hospitalidade	241
Agrupamentos sociais e políticos	251
Governo e sociedade	264
Guerra	286
Lazer	301
Lazer para turistas em Israel hoje	317
Religião	331
Bibliografia	376
Índice	378

Primeira Parte

O Indivíduo na vida familiar

Vestuário	12
Habitações	22
Atividades domésticas	42
Alimentos e refeições	50
A família	57
Educação	76
Ganhando o sustento: Agricultura	87
Ganhando o sustento: Coletando alimentos	121
Ganhando o sustento: Cuidando do gado	132
Ganhando o sustento: Artífices e comerciantes	146
Comércio com dinheiro e mercadorias	174

Vestuário

Página ao lado: Roupas masculinas.

Esquerda para a direita: trabalhador com a túnica enrolada no cinto; homem usando manto de lã grossa sobre a túnica; homem rico com manto franjado e colorido.

O guarda-roupa do indivíduo que vivia nos tempos bíblicos era básico. Uma tanga (talvez) era usada por baixo da túnica, e também se usava alguma forma de cobertura para a cabeça. Calçados e casaco eram opcionais. As pequenas variações nesse padrão durante os dias bíblicos ficavam no terreno das cores, material e estilo, em vez de nas provisões básicas, pois roupas desse tipo se adaptavam melhor a um clima relativamente quente. Paulo usava a túnica presa na cintura por um cinto, como uma metáfora para o estilo de vida do povo escolhido de Deus (Cl 3.12), e todos compreendiam que ele falava do que era básico.

A roupa de baixo, quando usada, era uma tanga ou saiote. Pedro usava a tanga quando ficava “nu” ou “despido” no barco de pesca da família (Jo 21.7). Jesus foi crucificado usando apenas a tanga, porque os soldados já haviam removido sua túnica (Jo 19.23).

A Túnica

A túnica era a peça essencial, sendo feita de dois pedaços de material, costurado de forma que a costura ficasse horizontal, à altura da cintura. Quando eram tecidas listas no material do tear, elas caíam verticalmente no tecido acabado. A túnica era como um saco em muitos aspectos. Havia uma abertura em V para a cabeça, e cortes feitos nas duas laterais para os braços. A túnica era geralmente vendida sem a abertura em V, para provar que era realmente nova. O material podia ser lã, linho ou até algodão, segundo as posses do usuário. As túnicas feitas de pano de saco ou pêlo de cabra eram muito desconfortáveis por causarem irritação na pele. Só eram então usadas em épocas de luto ou arrependimento.

As túnicas masculinas eram quase sempre curtas e coloridas; as das mulheres chegavam aos tornozelos e eram azuis, com bordados no decote em “V”, o que em alguns casos indicava a aldeia ou região do usuá-



rio. A túnica usada por Jesus deve ter sido da última moda, por não ter a costura central. Teares preparados para acomodar o comprimento total da túnica só foram inventados nos seus dias (veja Jo 19.23).

A túnica era presa à cintura por um cinto de couro ou tecido áspero. O cinto tinha às vezes uma abertura, para colocar um bolso onde guardar dinheiro ou outros pertences pessoais (Mc 6.8). O cinto era também útil para enfiar armas ou ferramentas (1 Sm 15.13). Quando os homens precisavam de liberdade para trabalhar ou correr, levantavam a barra da túnica e a prendiam no cinto, tendo assim maior liberdade de movimento. Isso era chamado de “cingir os lombos”, e a frase tornou-se uma metáfora para os preparativos. Pedro recomenda, por exemplo, discernimento claro, aconselhando os cristãos a cingirem o seu entendimento (1 Pe 1.13). As mulheres também levantavam a barra da túnica — no caso delas — para levarem coisas de um lugar para outro. Não eram usadas roupas de dormir no fim do dia; o cinto era afrouxado e a pessoa deitava-se com a sua túnica.

O Manto

Quando o indivíduo era suficientemente rico para comprá-lo, ou quando o frio exigia, um manto (ou capa) era usado por sobre a túnica. Os mantos eram feitos de duas formas. No campo, onde o calor era determinante, eles enrolavam material pesado de lã ao redor do corpo, costurando-o na altura dos ombros e abrindo fendas para a passagem dos braços. O manto era a única forma de proteção para muitos, portanto, mesmo que recebido como penhor de um empréstimo, ele tinha de ser devolvido ao dono antes do anoitecer para que pudesse agasalhar-se na friagem da noite (Êx 22.26,27). Pela mesma razão um tribunal judeu jamais daria um manto como recompensa.

O outro tipo de manto era como um vestido frouxo com mangas largas. Quando feito de seda era um traje de gala, e o indivíduo rico jamais sairia de casa sem ele. Os fariseus usavam franjas azuis na orla de seus mantos, a fim de que outros vissem que eles guardavam a lei registrada em Números 15.38,39. Em vista de essa prática tender ao exibicionismo, ela foi condenada por Jesus (Mt 23.5). A mulher que sofria



**Sandália de couro do séc.
I d.C., encontrada na
fortaleza de Massada.**

de hemorragia quis provavelmente tocar essa extremidade do manto de Jesus (Mt 9.20).

Calçados

Os pobres quase sempre andavam descalços, mas outros usavam sandálias simples. A sola era feita de um pedaço de couro de vaca cortado na forma do pé. Ela era ligada ao pé por uma tira comprida que passava através da sola, entre o dedo maior e o segundo dedo do pé, e era amarrada ao redor do tornozelo (Lc 3.16). Um outro modelo prendia alças feitas ao redor da sola com uma tira, cruzando-as por sobre o pé. Chinelo eram também usados.

Chapéus

A maioria dos homens parece ter usado uma cobertura no alto da cabeça: um pedaço de material dobrado em forma de tira com um dos lados virado para cima, de modo a dar uma aparência de turbanete. As mulheres usavam um quadrado de material dobrado para proteger os olhos e que caía sobre o pescoço e ombros, como proteção completa contra o

Trajes de um casal rico.
Note o manto dele como
um vestido e as mangas
largas; a mulher usa
braceletes, pingente,
brincos e tira na cabeça.



sol, o qual era mantido no lugar por um cordão trançado. Um véu transparente era usado algumas vezes sobre a cabeça para que a mulher não mostrasse o rosto em público. Só o marido podia ver a face da esposa. Rebeca ocultou assim o rosto antes de casar-se com Isaque (Gn 24.65). Na cerimônia de casamento o véu era retirado do rosto da noiva e colocado no ombro do noivo, com a declaração: “O governo está sobre os seus ombros” (Is 9.6).

Limpeza das Roupas

As roupas eram lavadas, permitindo que a água limpa de um regato passasse pela trama do tecido removendo a sujeira; ou colocando as roupas molhadas sobre pedras chatas e esfregando a sujeira. Davi usou a idéia de lavar roupas como um símbolo da ação necessária para limpar o seu pecado (Sl 51.2). O sabão era feito de óleo de oliva ou de um álcali vegetal.

Vestuário Básico

Bem poucos podiam adquirir roupas devido ao seu alto preço. Os pobres só tinham uma muda de roupa. Portanto era comum trocar uma pessoa por um par de sapatos (Am 2.6), e foi praticamente revolucionário dizer ao povo que desse as túnicas de reserva como fez João Batista (Lc 3.11). É interessante ver que na sua codificação da lei no século I d.C., os judeus fizeram uma lista de roupas que podiam ser resgatadas de uma casa incendiada no sábado — interessante porque a lista indica o valor das roupas e menciona peças familiares na época. A lista está dividida em duas seções, para homens e mulheres (as crianças usavam versões menores das roupas dos adultos), na pág.18.

Muitos dos nomes das peças são gregos, mas os padrões básicos são exatamente os mesmos. As roupas tinham tamanha importância que rasgá-las em pedaços era um sinal de intenso sofrimento ou luto (Jó 1.20).

Ornamentação

Além das roupas, eles usavam muitos outros recursos, tais como maquiagem, enfeites e tratamento

Homens

Roupa longa	(haluk)
Roupa de baixo curta	(nikli)
Roupa de baixo de linho, com mangas curtas	(kolbur)
cinto	(hazor)
bolsa	(pundar)
lenço de bolso	(miktoran)
lenço de cabeça	(ma'aphoret)
cobertura de cabeça (gorro)	(pijlon)
chapéu	(koba)
lenço para usar na cabeça	(sudarin)
calções	(abrition)
calças	(subrikia)
meias	(empiljot)
sandálias ou sapatos	

Mulheres

roupa de baixo de linho, comprida	(klanidja)
roupa de baixo curta	(kolbur)
roupão	(istomukhvia)
cinto (faixa)	(pirzomath)
cinto colorido	(zonarim)

de cabelo. Esse aspecto era tão importante para as mulheres da época do Novo Testamento que as cristãs foram advertidas a se enfeitarem com um espírito manso e tranqüilo (1 Pe 3.3,4). Os cosméticos eram feitos com kohl (carbonato verde de cobre) ou com galena (sulfeto negro de chumbo) (Ez 23.40).

Isaías descreve em detalhes a ornamentação usada em sua época (Is 3.18-21). Muitos dos brincos, bra-



Acima: Roupas e cosméticos das mulheres romanas são mostrados neste painel dedicado pelas serviços de um culto religioso.

À direita: Pente romano de marfim, inscrito com o nome de sua proprietária: Modestina.



celetes e pingentes eram engastados com pedras preciosas, mas é extremamente difícil identificar a natureza exata das pedras nas linguagens antigas. Óleos eram usados como base para pigmentos que coloriam os dedos das mãos e dos pés. Os cosméticos poderiam ser aplicados com os dedos ou com uma pequena espátula de madeira. Os homens usavam frequentemente um anel no dedo ou numa corrente ao redor do pescoço, mas esses anéis serviam mais para selar do que como decoração. Nos dias do Antigo Testamento, o cabelo era um item importante, sendo raramente cortado.

Leia agora a sua Bíblia

Roupas masculinas/Roupas femininas

Deuteronômio 22.5. Em vista da túnica ser tão básica, ela era idêntica para homens e mulheres, exceto que a do homem era geralmente mais curta (na altura do joelho) e a da mulher mais longa (na altura do tornozelo) e azul. A proibição de trocar as roupas teve sua origem no estímulo sexual que fazia parte da religião cananita.

O “casaco colorido de José”

Gênesis 37.3. José ganhou uma túnica feita de muitas peças. As peças adicionais eram provavelmente mangas compridas que atrapalhavam quando havia serviço a fazer. (Quando as mulheres usavam mangas longas e largas, elas as amarravam atrás do pescoço para que os braços ficasse livres). Isso indicava que José não devia fazer trabalho pesado; ele era o herdeiro escolhido para governar a família.

O manto e a túnica

Mateus 5.40; Lucas 6.29. Jesus não entendeu mal e não estava se contradizendo. No primeiro caso, Jesus falava sobre o tribunal que podia tirar a túnica, mas não a capa da pessoa. No segundo caso, um ladrão iria roubar primeiro a roupa de cima, que era valiosa.

Cobrindo a cabeça das mulheres 1 Coríntios 11.10

As mulheres respeitáveis andavam com a cabeça coberta e usavam véu fora de casa. Só as prostitutas mostravam a face e

exibiam os cabelos para atrair os homens. Paulo diz então aos cristãos que se uma mulher não usar véu na igreja, deve ter a cabeça raspada; mas é melhor que cubra a cabeça. Mesmo quando os cristãos têm liberdade para a prática da sua fé, não devem contrariar os bons costumes.

A armadura de Deus

Efésios 6.10,11

Paulo se refere à roupa usada pelo soldado. Ele combina a profecia de Isaías sobre a armadura de Deus (Is 59.16,17) com o que sabe sobre o soldado romano. Por baixo da armadura do soldado estava uma vestimenta básica para “ficarem firmes”, de modo que a armadura (casaco e saia de couro cobertos com placas de metal) pudesse ajustar-se por cima. Os soldados romanos tinham sandálias pregadas com tachas grandes que firmavam seus pés no chão. Paulo usa a descrição para dizer que o diabo não poderá derrubar os cristãos se eles forem estritamente honestos, absolutamente justos em seus tratos e não se deixarem perturbar facilmente. Acrescente a isso uma salvação que os capacita a viver segundo o padrão de Deus, com acesso ao que Deus disse e confiança nEle, e o cristão estará bem protegido.

Os trajes do sacerdote

Êxodo 28. Os sacerdotes usavam uma roupa de linho sobre a parte de cima da túnica, talvez para mantê-la limpa, chamada estola (1 Sm 2.18,19). O sumo sacerdote usava roupas especiais, mas continuava seguindo a provisão básica. A túnica era azul, a estola ricamente bordada, e havia nesta uma espécie de bolsa incrustada de jóias contendo dois discos para determinar a vontade de Deus, ao serem lançadas sortes. A capa era branca. Ele usava um turbante especial na cabeça.

Camponesa
(em primeiro plano) —
note as sandálias
simples de couro —
e uma mulher rica. Ambas
têm a cabeça coberta.



Cidade de Hebron da atualidade. As casas e as ruas sem planejamento não diferem muito daquelas dos tempos bíblicos.

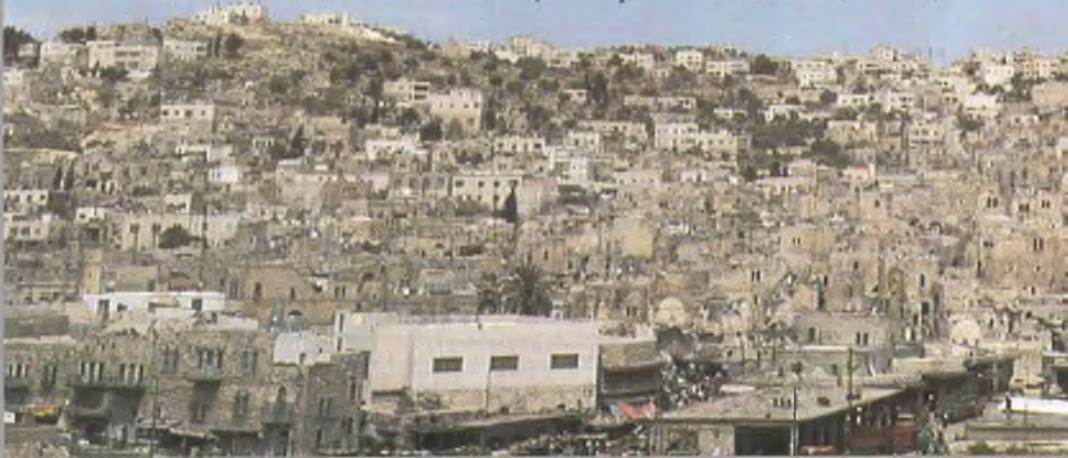
Habitações

As habitações da Terra Santa possuem duas características. Primeiro, elas têm uma forma e estilo típicos. Tendem a ser quadradas, com o teto plano e escada externa, sendo no geral construídas de blocos de calcário branco. Isso se tornou o padrão por causa do clima, disponibilidade dos materiais de construção e uma necessidade original de preservar o espaço. A segunda característica é de conservar o antigo com o relativamente novo, a fim de que os visitantes de hoje possam ver habitações do tipo usado por Abraão ao lado de edifícios modernos.

Divisão da terra

Os israelitas conseguiram sua terra por meio da conquista e cada tribo e família considerava a sua herança ou porção como vinda de Deus. A maneira como a terra foi dividida acha-se descrita na segunda metade do livro de Josué. A região foi dividida e distribuída por sortes. Uma sorte era literalmente um disco de dois lados que acreditavam estar sob o controle de Deus quando atirado. Os resultados da sorte serviam para descobrir a vontade do Senhor. Um provérbio expressa isso: “A sorte se lança no regaço, mas do Senhor procede toda a sua disposição” (Pv 16.33).

Davi pôde, portanto, agradecer a Deus porque as divisas haviam caído em lugares prazerosos para ele — sua herança não podia ser melhor (Sl 16.6).





Cidade de Al Ula Hedjaz, Arábia (a Dedã bíblica). As casas nos pátios são semelhantes às da época do Antigo Testamento.

Uma vez determinadas, as heranças eram marcadas por uma pilha de pedras, uma característica natural, ou um sulco duplo de terra arada — e o marco não podia mais ser removido, porque isso seria alterar o presente de Deus (Dt 19.14). Pela mesma razão, vender a própria herança era desonrar a Deus. Nabote recusou vender sua vinha ao rei Acaz por essa razão (1 Rs 21.3).

Venda da terra

Havia ocasiões em que era necessário converter a propriedade em dinheiro quando uma determinada

família passava por dificuldades, mas toda terra vendida por essa razão tinha de ser devolvida ao antigo dono no ano do jubileu, que ocorria a cada cinqüenta anos (Lv 25.10). O valor de venda da terra se baseava no número de anos que restavam até o Jubileu (Lv 25.13-17). Tais transferências eram cuidadosamente arranjadas e monitoradas. O dinheiro era pesado e o contrato preparado, descrevendo cada detalhe da terra na presença de testemunhas. Os judeus parecem ter imitado essa prática de transferência dos tempos antigos (compare Jr 32.9-12 com Gn 23.4-20).

Se nesse intervalo o membro da família que vendera a terra conseguisse o dinheiro para comprá-la de volta, essa teria de ser então imediatamente devolvida. Ou, se uma viúva sem filhos tornasse a casar, o marido podia comprar a terra, mas ela passaria para o primeiro filho deles, que conservaria o nome da família original, de modo a que a terra não passasse para outras mãos (Dt 25.5,6). Um exemplo disso é registrado na história de Rute e Boaz (Rt 4).

O povo da terra

O elo inseparável entre o povo e a terra fez com que o povo comum fosse conhecido como “povo da terra”, os *am-ha-aretz*. (É essa consciência da terra que está por trás da recompra e repossessão da terra na moderna Israel.)

A terra passava de pais para filhos, e o filho mais velho recebia duas vezes mais do que cada um dos outros irmãos. José, como herdeiro de Jacó, recebeu uma porção dupla em nome de seus dois filhos, Efraim e Manassés. Eliseu pediu a porção de um filho mais velho, uma porção dupla do espírito de Elias sobre ele (2 Rs 2.9). O filho pródigo recebeu sua parte da herança; porém, ao voltar, a propriedade inteira — uma porção dupla — pertencia a seu irmão mais velho (Lc 15.31). A lei estabelecia que a herança poderia passar para as filhas se não houvesse filhos. Números 27.1-11 descreve as circunstâncias onde essa regra era dada, juntamente com outras leis da herança.

Habitantes das cavernas

Embora nos tempos bíblicos as pessoas já tivessem deixado de habitar nas cavernas que abundavam no Oriente Médio antigo, sempre houve pessoas morando em cavernas.



Descobertas feitas nas cavernas do Monte Carmelo mostram que as mesmas foram habitadas desde a Idade da Pedra Primitiva.

Ló morou numa caverna depois de ter fugido de Sodoma (Gn 19.30) e os edomitas fizeram e ampliaram cavernas na face rochosa de Petra para moradia e negócios públicos. Obadias se refere aos edomitas como os que habitavam nas fendas das rochas, em alta morada (Ob 3). Havia cavernas sob as casas de Nazaré que eram contemporâneas de Jesus e, tradicionalmente (quase com toda certeza), Jesus viveu numa caverna de pastor. As cavernas eram usadas como esconderijo (Js 10.16; 1 Sm 22.1; 1 Rs 18.4), e os filisteus zombavam dos israelitas por abrirem buracos no chão para se esconderem (1 Sm 14.11).

Nos tempos bíblicos as pessoas viviam em assentamentos, bem defendidas e com suprimento de água, ou adotavam uma forma seminômade de vida, morando em tendas e se movendo com suas manadas de oásis para oásis, onde colheitas podiam ser cultivadas.

Os habitantes das areias

Abraão deixou a cidade de Ur, na Caldéia, e se tornou um “habitante das areias” pela fé, crendo que Deus daria no futuro uma terra permanente aos seus descendentes (Hb 11.9). O estilo de vida do moderno beduíno é semelhante ao de Abraão; ele nunca foi completamente abandonado. A festa judaica de Sucote (Tabernáculos) é



Página ao lado: Lugar das mulheres numa tenda. Note a cobertura do chão e a quantidade de vasilhas e potes para guardar suprimentos.



Família beduína do lado de fora de sua tenda simples perto de Hebron.

um lembrete constante do passado de Israel e a de Pessach (Páscoa) tornou-se também uma festa das tendas, quando milhares de pessoas viajavam para Jerusalém.

A vida de Israel em tendas parece sempre aproximar-se de um ideal e se tornou uma metáfora importante. Quando os profetas chamavam um povo materialista de volta a Deus, eles o faziam lembrar-se do tempo passado no deserto e em movimento — “Lembrai-vos das coisas passadas desde a antigüidade: que eu sou Deus, e não há outro Deus, não há outro semelhante a mim” (Is 46.9).

Quando João fala sobre Jesus, dizendo que o Verbo se fez carne e *habitou* entre nós (Jo 1.14), a palavra que ele usa é “viveu numa tenda” ou “acampou” entre nós, para enfatizar a natureza temporária dos seus dias na terra. Paulo usa a mesma natureza temporária da tenda para descrever as nossas vidas (2 Co 5.1,4).

A tenda

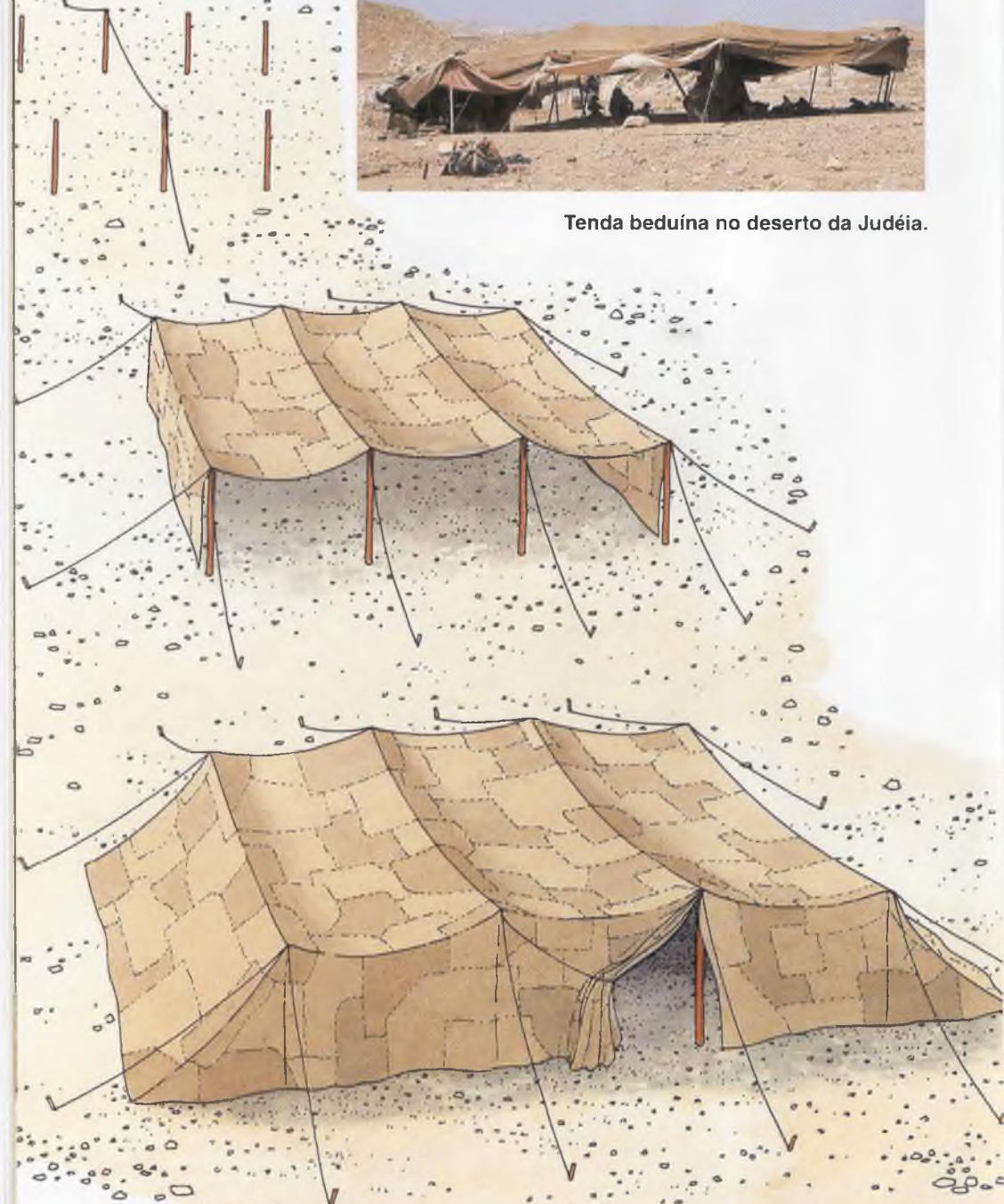
A tenda do habitante do deserto era feita de um pedaço comprido de couro de cabra, com cerca de 1,52m ou 1,82m de largura. O couro era colocado sobre várias estacas, a fim de prover uma cobertura alongada, como um toldo. As duas extremidades ficavam presas ao solo com pregos especiais (veja Jz 4.21). No livro Cantares de Salomão 1.5 é mencionada a cor preta da tenda. As tiras de apoio eram feitas num tear preso no chão; retalhos eram acrescentados pelo mesmo método, como grandes remendos cerzidos.



Abaixo: Ilustração mostrando os sucessivos estágios para armar uma tenda. A tenda era de tecido fabricado com couro de cabra.



Tenda beduína no deserto da Judéia.



As cortinas verticais eram feitas de coberturas usadas do teto ou de outros materiais coloridos. Elas serviam de “frente” e “fundo” para a tenda e também para as divisões internas. Uma área com um “fundo” e duas cortinas divisórias formava então uma varanda aberta onde as visitas podiam ser recebidas (Gn 18.1,2) e onde as conversas podiam ser ouvidas por outras pessoas por trás das cortinas (veja Gn 18.9-15).

A ampliação da tenda era simples. Bastava tecer um pedaço extra para o toldo original e arranjar mais uma cortina (veja Is 54.2, onde era usado como uma metáfora para a expansão dos judeus). O toldo não era impermeável até que as primeiras chuvas fizessem o tecido encolher. Tapetes eram colocados no chão e os pertences da família (alimentos, utensílios de cozinha, recipientes para água, etc.) eram guardados junto às estacas da tenda.

O único homem que podia entrar na tenda era o marido/pai; outros homens ficavam na varanda. A entrada de um estrangeiro nos aposentos das mulheres era punida com a morte. Sísera pagou com a vida por ter entrado na tenda de Jael, embora ela tivesse feito o convite (Jz 4.18,21).

As tendas não eram sempre primitivas. Quando os reis usavam tendas para viajar com o exército, elas deveriam ser luxuosas, como a tenda que Davi fez para guardar a Arca da Aliança em Jerusalém (1 Cr 16.1).

As tendas eram em geral agrupadas informalmente para acomodar todos os membros da família mais ampla. Os ismaelitas tinham uma espécie de ordem entre as tendas (Gn 25.16), e durante as peregrinações entre Egito e Canaã havia uma ordem estrita para que fossem armadas (Nm 2). Uma espécie de insígnia marcava os líderes entre o povo judeu; o costume beduíno era colocar uma lança de pé junto à porta do líder (*sheikh*) — veja 1 Samuel 26.7.

Mais tarde, quando os israelitas não viviam mais em tendas, mas em casas, a festa anual dos Tabernáculos, quando as famílias passavam os feriados em “barracas” especiais, feitas de galhos, os fazia lembrar da época em que moravam em tendas e peregrinavam no deserto.

Casas de tijolos

Quando os israelitas seminômades guiados por Josué conquistaram as cidades e povoados cananitas, a arquitetura doméstica havia progredido muito em relação aos abrigos usados quando os habitantes das cavernas passaram a viver ao ar livre. As casas deixaram de ser construídas com tijolos de barro, na forma de colméia, onde o piso ficava em nível mais baixo do que o chão do lado de fora, e passaram para o tipo de aposento retangular típico até nossos dias.



As casas foram inicialmente feitas com tijolos de barro seco ao sol, mas a tecnologia avançou até ser possível queimar os tijolos em um forno; mais tarde, casas fabricadas de pedras brutas e alvenaria passaram a ser construídas. Só depois do reino unido sob Salomão é que pedras trabalhadas foram usadas na construção doméstica. Isso pôde ser feito por causa da disponibilidade de ferramentas de ferro para dar acabamento à pedra. Na Galiléia, a pedra era geralmente basalto negro e, na costa, arenito amarelo. Mas na maioria do país na região de pedra calcária, a pedra era branca.

Construção de casas

As casas eram também consideradas um dom de Deus, e quando ela começava a ser construída havia um ato de dedicação (Dt 20.5). A casa básica para os membros mais pobres da comunidade que morava no campo era um aposento único, de cerca de três metros quadrados. As paredes eram grossas, de tijolos de barro ou pedras brutas e cascalho, com nichos para guardar alimentos e utensílios. A única janela era pequena e alta, algumas vezes com uma treliça de madeira (Pv 7.6) para evitar os intrusos. No inverno, a treliça po-



Casa simples de camponês dos tempos bíblicos. Note as vigas salientes do telhado, as frutas secando no teto e a pequena abertura servindo de janela.



Pequena habitação em Corazim, ao norte do Mar da Galiléia. A construção é de basalto negro e foi parcialmente reconstruída por arqueólogos.

dia ser coberta com uma pele ou alguma espécie de cortina. Em vista das paredes serem mal construídas, elas abrigavam vários tipos de vida animal (Am 5.19).

A principal entrada de luz era através da porta única aberta, que era fechada com uma barra de madeira à noite. A iluminação era fornecida à noite por uma lamparina de azeite, colocada numa saliência da parede, numa alcova, ou em alguma forma de utensílio (Mt 5.15). O assoalho era dividido em duas partes. A área mais perto da porta era feita de terra nivelada e batida, mas no fundo do aposento havia uma plataforma mais alta de pedra, que era usada para as atividades familiares, tais como comer, sentar e dormir. Só na época dos romanos é que ladrilhos foram colocados na parte mais baixa. As condições do chão e a falta de luz tornariam certamente difícil encontrar uma moeda perdida (Lc 15.8). Fogo para aquecer o ambiente e para cozinhar era às vezes aceso no chão e a fumaça tinha de procurar sua própria saída. Os animais, inclusive um cão de guarda (Sl 59.6), muitas vezes usavam a parte mais baixa durante a noite.

O teto

O teto era construído colocando gravetos sobre vigas de sicômoro e unindo tudo com barro. É difícil imaginar que nos dias bíblicos o país fosse coberto de florestas e permanecesse assim até as depredações dos romanos e dos turcos. Um rolo pesado era mantido no teto para compactar o material depois da chuva. Os telhados não eram à prova d'água e tinham, portanto, duas características — vazamentos e uma cor verde. O período de novembro a março (a estação

chuvisca) era uma época fria e difícil. Provérbios 19.13 se refere ao pingar contínuo da água (veja também 27.15). Os telhados eram verdes por causa das sementes que brotavam no barro (naturalmente e as dos grãos postos para secar). Isso é mencionado em 2 Reis 19.26, Salmos 129.6 e Isaías 37.27.

O teto plano tinha certas vantagens. Ele podia ser usado como um ponto de observação (Is 22.1; Mt 10.27), como um lugar fresco e silencioso adequado para a adoração (Sf 1.5; At 10.9), para secar e guardar as colheitas (Js 2.6); e para dormir numa noite quente de verão. O uso do espaço no telhado era tão grande que uma lei exigia a construção de um parapeito ao redor dele, para que as pessoas não caíssem (Dt 22.8). Quando tais casas eram construídas na cidade, elas eram literalmente unidas umas às outras (Is 5.8), as brechas entre as mesmas formavam as ruas. Era então possível passar de teto para teto, por cima das casas — um meio de fuga mencionado por Jesus em Mateus 24.17.



Restos de uma casa do século I d.C. em Jerusalém, queimada quando os romanos destruíram a cidade em 70 d.C. Os aposentos foram identificados pelas peças de equipamento contidas neles.



À direita: Interior de uma casa de camponeses. Note a lamparina de azeite colocada sobre fundo do medidor de cereais, os vários potes e vasilhas para guardar as coisas e a plataforma elevada para as atividades da família.

À esquerda: Uma lamparina de cerâmica, decorada com a ilustração de um candelabro de sete braços.

Iluminação

A iluminação das casas era provida pela lamparina de azeite. Essa consistia originalmente de um pires de louça de barro aberto, contendo óleo de oliva. Parte do pires era “apertada” na fabricação, a fim de receber um pavio de linho. Tais lamparinas apresentavam naturalmente problemas quando o óleo era derramado acidentalmente. Recipientes fechados foram então feitos com dois orifícios — um para o pavio e o outro para colocar o azeite. Quando o azeite começava a acabar, o pavio não iluminava mais e a lamparina precisava ser enchida novamente (veja Mt 25.8).

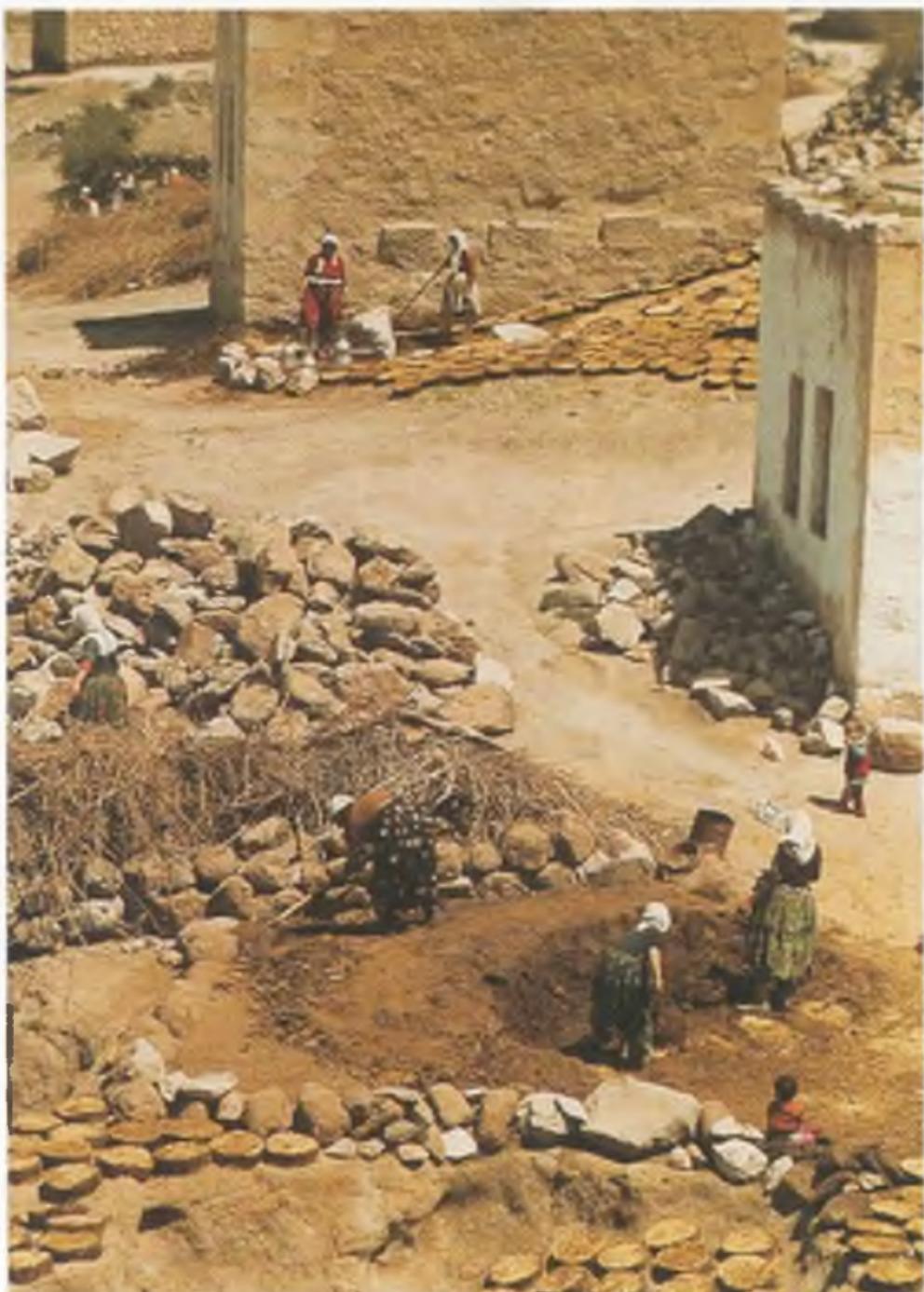
Mais tarde, lamparinas decoradas e esmaltadas foram feitas com cabos e vários pavios, a fim de iluminar melhor o ambiente. Quanto mais alta a lamparina, tanto melhor a iluminação. As lâmpadas começaram então a ser colocadas numa saliência da parede, penduradas no teto, ou postas num simples apoio (um galho grosso de árvore fixado no chão de terra). Se nada mais estivesse disponível, a lamparina ou candeia era colocada numa medida de cereais colocada de cabeça para baixo ou até no próprio chão.



Aquecimento

O fogo servia para aquecer e cozinhar, usando materiais combustíveis naturais, tais como esterco seco de animal (Ez 4.15), gravetos, erva seca (Mt 6.30), arbustos espinhosos (2 Sm 23.7; Is 10.17) e carvão (Jo 21.9). O fogo podia ser feito fora de casa, numa depressão no chão de terra ou colocado em algum tipo de recipiente de cerâmica. As casas melhores eram providas de chaminé (Os 13.3), mas na maioria dos casos a fumaça escurecia o teto e sufocava as pessoas dentro de casa.

O fogo era aceso com pederneira ou por fricção. Um dos combustíveis mais importantes era a madeira da giesta (piaçaba) branca. Suas brasas ficam quentes durante longo tempo e até as cinzas aparentemente frias podem ser facilmente abanadas até chamejarem novamente. O aquecimento é especialmente importante na região montanhosa; os invernos são frios e úmidos e às vezes neva.



Mulheres fazendo bolos de estrume para uso como combustível.



Moça beduína tira água de um poço no deserto. Note a cisterna junto ao poço.

Água

A água tinha de ser geralmente colhida no poço local, e em vista disso ser tão difícil, todos sonhavam com um tempo em que pudessem ter sua própria cisterna (um buraco cortado na rocha e impermeabilizado com gesso, de modo que a água pudesse ser guardada e extraída de sua própria fonte. Senaqueribe prometeu que se os israelitas de Jerusalém se rendessem, ele lhes daria esse símbolo de status (2 Rs 18.31).

Quando a cisterna secava, no final do verão, ela servia de esconderijo, como Jônatas e Aimaás descobriram (2 Sm 17.18,19). Não havia recursos sanitários nas casas simples dos camponeses, embora sistemas avançados de drenagem e esgoto operassem em cidades construídas mais tarde, tais como Cesaréia e no terreno do templo em Jerusalém. Leis sanitárias foram cuidadosamente estabelecidas na Tora (por exemplo, foi estipulado que os excrementos deviam ser queimados em tempos de guerra, Dt 23.13), e leis suplementares foram introduzidas no judaísmo, que mantinham a saúde básica. Não era possível, por exemplo, construir estabulos sob moradias humanas.



Casas ricas

A diferença entre as casas dos ricos e dos pobres está na provisão de um pátio. No nível mais baixo isso era simplesmente um cercado acrescentado à casa. Mas o pátio fazia diferenças imediatas. Os animais podiam ser mantidos fora de casa, a comida feita num canto e não havia problemas de segurança quanto ao acesso ao teto, visto que a escada para ele ficaria dentro do pátio. As janelas podiam abrir-se para ele a fim de entrar mais luz, e a porta do cercado podia ser mantida sempre fechada. Uma cisterna se tornava então uma possibilidade.

As pessoas mais ricas construíam dois ou três aposentos ao redor do pátio, e às vezes até um segundo andar (2 Rs 4.10; Mc 14.12-16; At 9.36-41). Era uma casa afastada e ao mesmo tempo aberta para o céu — uma volta à experiência seminômada da época de Abraão.

Os que eram realmente abonados podiam acrescentar pátios com construções ao seu redor, colocando uma entrada em um dos aposentos originais da casa. Pilares suportavam as vigas do teto, a fim de aumentar o tamanho do aposento. Os pilares eram construídos paralelos às paredes dos prédios, a fim de construir colunatas ou varandas caso desejado. Decorações eram acrescentadas na forma de lintéis esculpidos, capitéis e bases de batentes. As paredes podiam ser de gesso e decoradas, e os pisos cobertos de ladrilhos e, mais tarde, mosaicos de seixos e ladrilhos cortados. Os pátios podiam ser até transformados em jardins.

A varanda

Uma casa rica parecia pouco convidativa do lado de fora, porque a entrada era feita por uma única porta de cedro fechada e geralmente guardada por um portero. A fechadura era colocada do lado de dentro do portão, de modo que era necessário enfiar o braço por um orifício na porta a fim de colocar a chave (Ne 3.3; Ct 5.4). A chave era um meio de levantar os ganchos que mantinham a barra de madeira no lugar, sendo portanto bem grande (veja Is 22.22). As fechaduras romanas de uma época posterior eram bem menores e mais complexas.

Pág. oposta: Interior da casa de uma família rica, influenciada pelo estilo romano. Note a área central, ou átrio, com a piscina aberta para o céu.



Um divã romano.

O porteiro sentava numa varanda por trás do portão e esperava até reconhecer a voz da pessoa que queria entrar. Rode tomou o lugar do porteiro e esperou até reconhecer a voz de Pedro — mas não pôde abrir a porta até contar aos outros quem era (At 12.13,14). Quando Jesus disse que estava à porta da igreja de Laodicéia e batia, isso deveria significar que se tratava de uma igreja rica (Ap 3.20).

Mobiliário

Enquanto os remediatos conseguiam adquirir uma cama, mesa e cadeiras (2 Rs 4.10), os ricos tinham camas empilhadas de travesseiros (1 Sm 19.15,16; Pv 7.16,17). Mesas de jantar eram encontradas nas casas dos ricos. Banquinhas para descansar os pés (Sl 110.1) e cadeiras com espaldar (1 Rs 10.18,19) eram providos. A iluminação era feita por grandes candelabros. Não havia um limite real para as facilidades existentes nos palácios daqueles dias, mas havia menos pessoas ricas do que hoje.

Leia agora a sua Bíblia

Direitos de propriedade

Mateus 13.44. Como parte das leis de propriedade, tudo que estivesse enterrado na terra pertencia a quem a comprara. Isso se encontra por trás da ilustração de Jesus sobre a verdade de que vale algumas vezes a pena dar tudo que você tem por algo supremamente bom. Era bastante comum enterrar o tesouro da família na propriedade em tempos de guerra ou exílio, o que levou à prática de fazer escavações em busca de tesouros (Jó 3.20,21; Pv 2.3-5).

“Lar”

Para o nômade, um lar não significa um bem por ser movido de um ponto para outro, mas é um lugar de boas-vindas. Quando o governo britânico preparou a Declaração de Balfour e disse que a Palestina devia ser a “pátria” dos judeus, o povo árabe compreendeu isso como sendo um lugar em que eles iriam receber seus hóspedes. Os judeus, por sua vez, consideravam o lar e a terra como um bem e, portanto, a Declaração de Balfour deu para eles a idéia de propriedade. Grande parte do mal-entendido inicial entre árabes e israelitas se deve a esses conceitos diferentes da palavra *pátria*. A idéia nômade de lar como abrigo é refletida em passagens que descrevem Deus como um refúgio (Sl 61.3,4; Is 4.6, “haverá um tabernáculo para sombra contra o calor do dia, e para refúgio e esconderijo contra a tempestade e contra a chuva”).

A porta aberta

Apocalipse 3.8. “Eis que tenho posto diante de ti uma porta aberta”. Isto se refere a uma casa no campo. Deixá-la fechada seria indicar que era noite (compare Lc 11.7) ou que as pessoas não estavam. O significado então é que Deus está sempre disponível; não tem nada a ver com oportunidade.

Luz nas trevas

Isaías 42.3. A luz na casa escura do pastor era uma necessidade. Dormir sem uma luz acesa era sinal da mais absoluta pobreza. A luz indicava aos que passavam que havia pessoas dormindo. Alguém ficar ao relento no escuro era, portanto, um desastre (Jó 18.28). O fato de Deus acender a lâmpada do indivíduo era uma bênção suprema. Quando Isaías diz que o Messias não apagará a lâmpada se o pavio estiver fumegando, mas cortará o pavio e completará o azeite, esta é uma ilustração consoladora do cuidado de Deus pelos seguidores desviados.

Fogo de carvão vegetal

João 18.18; 21.9. O carvão vegetal tem um cheiro particularmente forte. Ele só é mencionado nessas duas ocasiões no Novo Testamento. Na primeira, Pedro está aquecendo as mãos num braseiro de carvão vegetal quando negou três vezes a Jesus. Jesus fez um segundo braseiro de carvão vegetal na praia da Galiléia. Isso deve ter avivado a consciência de Pedro!

A cura do paralítico

Marcos 2.4; Lucas 5.19. Tem sido suposto que os quatro amigos que levaram o amigo paralítico a Jesus, quebraram o teto de barro e mato rasteiro da casa para fazerem o doente descer. Isso supõe que o teto foi facilmente reparado. As telhas a que Lucas se refere seriam então de barro cozido ao sol. Lucas escrevia, porém, a um romano que conhecia as telhas romanas. É portanto mais provável que Jesus estivesse falando em uma varanda ligada à casa, e que os amigos, tendo subido ao teto, retiraram parte das telhas da colunata.

Atividades doméstica

A maioria das pessoas nos tempos bíblicos levantava cedo, a fim de aproveitar ao máximo a luz do dia e ter tempo para descansar no forte calor do meio do dia no verão. Abraão levantou cedo para oferecer sacrifício, obedecendo à ordem de Deus (Gn 22.3); Moisés levantou cedo para encontrar Deus no Monte Sinai (Ex 34.4); Jó ofereceu adoração bem cedo, de manhã (Jó 1.5); Jesus orou antes do sol nascer (Mc 1.35).

Embora fosse possível ficar na cama até mais tarde (Pv 26.14), isso era difícil numa casa pequena, porque todos dormiam juntos na plataforma. Quem se levantasse perturbava os outros — cujo ponto foi enfatizado quando Jesus estava contando a história do amigo que precisou de comida extra à meia-noite (Lc 11.7).

Desjejum

O desjejum era uma refeição informal, tomada algum tempo depois de levantar-se — um pedaço de pão com alguma coisa dentro, como azeitonas, queijo ou fruta seca. Enquanto os homens e rapazes maiores saíam para o trabalho comendo no caminho, a mãe e as filhas faziam o serviço doméstico do dia, junto com os meninos novos demais para trabalhar e que ainda não podiam freqüentar a escola (nos dias bíblicos). O mais moço cuidava dos animais da família (como Davi fez, por exemplo, em 1 Sm 16.11), enquanto os outros se ocupavam com as tarefas da casa.

Moagem

Quando os homens desapareciam, o moinho era tirado de seu lugar na plataforma e colocado sobre um quadrado de tecido limpo. Ele era feito de duas pedras em forma de disco, com cerca de trinta a cinqüenta centímetros de diâmetro. A pedra inferior tinha um suporte vertical de madeira que passa-

Página ao lado: Duas mulheres moendo cereais juntas. Note o fogão para fazer pão no fundo.





Vários potes e vasilhas dos tempos bíblicos. Eram usados para guardar alimentos e também nas refeições.

va pelo meio de um largo orifício da pedra superior, que normalmente era feita de basalto, uma pedra leve. Um cabo vertical era fixado na pedra de cima para permitir que fosse girada em torno do suporte de madeira ou eixo. Grãos de cevada (para os pobres) ou de trigo iam sendo colocados no orifício do eixo, à medida que a pedra superior ia sendo girada. O grão era esmagado entre as duas pedras e caía em forma de farinha sobre o tecido.

A mulher podia moer sozinha, mas o trabalho ficava mais fácil com uma companheira (veja Mt 24.4). Quando possível, eram usados escravos para esse trabalho, como Sansão descobriu ao ser preso (Jz 16.21) e como os judeus aprenderam no cativeiro (Lm 5.13). O som produzido pela moagem do grão era familiar. Jeremias disse que a ausência desse som seria uma marca do Juízo de Deus (Jr 25.10).

Suprimento de Água

Os dois serviços fora de casa — buscar água e ir ao mercado local — eram feitos pelas meninas mais velhas. A água era colhida no poço local ou na fonte, no início ou no fim do dia. Eliezer, servo de Abraão, utilizou esse fato para buscar a orientação de Deus na escolha de uma esposa para Isaque (Gn 24.11-13). Ele também sabia que eram sempre as moças mais velhas, solteiras, que iam buscar água (veja 1 Sm 9.11). A água era transportada em um jarro grande de cerâmica sobre o ombro (o método adotado por Rebeca, Gn 24.25) ou apoiado no quadril.

Compras

Quando não havia alimento nos depósitos da família, as pessoas tinham de se abastecer no mercado local. Essa era uma tarefa diária, pois não se podia manter comida por mais de um dia naquele clima quente sem recorrer ao processo de secar e salgar o alimento. Essa prática se encontra por trás das palavras da oração do Senhor: “O pão nosso *de cada dia dá-nos hoje*”, onde pedimos a ajuda de Deus para vivermos um dia de cada vez (Mt 6.11, itálico acrescentado).

Como parte da visita aos fornecedores, algumas famílias se serviam do pão assado no forno comunitário. Oséias nos conta como os pães eram colocados no forno à noite e assavam lentamente, sendo retirados antes que o padeiro atiçasse novamente o fogo de manhã (Os 7.4-6). Jeremias recebia todos os dias um pão da Rua dos Padeiros em Jerusalém, durante a sua prisão (Jr 37.21).

Enquanto alguém ia buscar a água e o alimento, a mãe e as outras filhas tinham muito a fazer. O chão da casa devia ser varrido cuidadosamente e tudo posto em ordem (Lc 11.25), especialmente se animais dormissem dentro de casa à noite; era também preciso tomar banho e lavar objetos. O fogo tinha de ser atiçado até as brasas arderem para cozinhar as refeições.

Mercado em Hebron. Os mercados dos tempos bíblicos deviam ser muito semelhantes a este.





Tipo de forno tradicional

Assando o pão

O pão era o alimento básico. A farinha do moinho manual era misturada com água e a massa colocada sobre pedras chatas previamente aquecidas. Se fermento fosse usado no pão, um pouco de massa do dia anterior (o fermento) era colocada na nova massa e esta deixada junto ao fogo até que o fermento da velha massa levedasse tudo (Mt 13.33; Gl 5.9). O pão era então colocado no forno para assar.

Outros métodos de assar pão podiam ser usados com os fornos primitivos. Uma forma era colocar um prato de louça de barro invertido sobre o fogo e dispor os pães sobre a superfície convexa. Outra tinha a forma de um cone cortado, com uma abertura no fundo para o fogo entrar; os pães eram fixados no interior do cone. Só no período dos romanos é que foi inventado um forno de cerâmica em que a parte onde a fornalha era separada da área em que se cozinhava, possibilitando a fabricação de pães mais espessos.

De fato, um receptáculo de cerâmica ou até uma cova feita na terra, que pudesse levar calor à massa, podia ser utilizado como forno. Pães finos como papel, pães do tamanho de biscoitos e outros mais pesados eram feitos desse modo. (Compare o pão fino usado para pegar o molho em Mt 26.23 com os biscoitos do almoço em João 6.9 e os bem mais pesados

em Jz 7.13.) Uma bandeja de metal era às vezes colocada sobre o fogo, contendo grãos para assar. À medida que os grãos “estouravam”, eles formavam pipocas ou “trigo tostado” (1 Sm 17.17; 25.18).

A Sesta

Quando se aproximava o calor do dia, era hora para uma sesta longe do sol. Abraão sentou na porta da tenda para a sesta (Gn 18.2), Saul foi para uma caverna (1 Sm 24.3), e Isbosete ficou em sua casa (2 Sm 4.5).

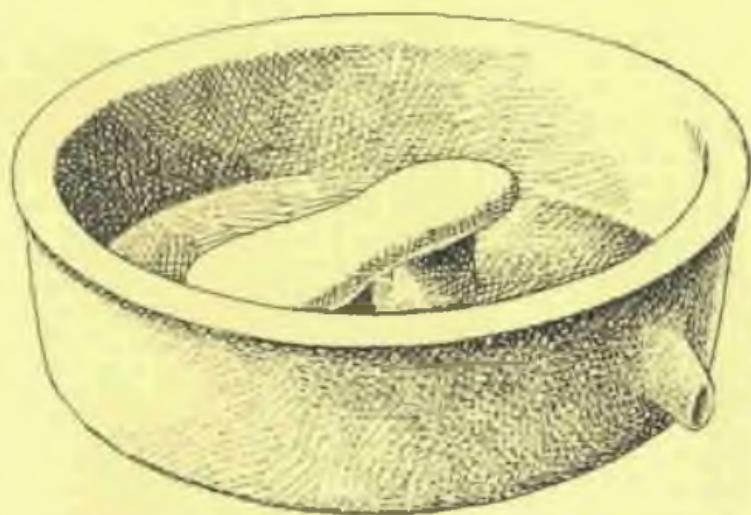
Refeição da noite

Depois do descanso do meio-dia havia muitas atividades importantes. A refeição da noite tinha de ser preparada para os homens quando eles voltavam do trabalho. Essa geralmente consistia de vegetais ou de um cozido de lentilhas (Gn 25.29,34; Dn 1.12), que era retirado de uma vasilha comum, usando um pedaço de pão fino.

Em ocasiões especiais, tais como uma festa ou quando um sacrifício tinha sido feito, era acrescentada carne ao cozido; na Páscoa a carne era assada. O sangue tinha de ser escorrido da carne e posteriormente foi proibido servir carne com laticínios (Lv 7.26). Havia também leis estritas sobre qual a carne que podia ou não ser comida (Lv 11). A refeição terminava com frutas frescas ou secas.

Mulher beduína assando pão numa vasilha grande embroscada sobre o fogo.





Vasilha rasa para lavar os pés.

Habilidades

Outra atividade importante era fiar e tecer para fazer roupas para a família e para vender. A mulher ideal em Provérbios 31 é descrita como alguém que procura lã e linho e trabalha diligentemente com as mãos (v.13). Ela fia, tece e faz roupas (vv.19,21), faz tapetes e cobertas para a casa (v.22) e vende o excesso no mercado (v.24). Enquanto fazia esse tipo de trabalho, ela conversava com as outras mulheres e com os filhos.

Lavagem

Em alguma hora do dia, as pessoas precisavam tomar banho. Se Bate-Seba era um caso típico, isso tinha lugar no fim do dia (2 Sm 11.2). A casa pequena comum dificilmente tinha facilidades para o banho; só nas casas ricas era provido um aposento com uma banheira. O mais usado era um recipiente raso de cerâmica com um sulco no meio para os pés. O banho completo era tomado numa fonte ou no rio. Até a filha do Faraó se banhava no rio (Ex 2.5). Eliseu parece ter-se referido a essa prática quando mandou Naamã tomar banho no rio (2 Rs 5.10).

Uma vez terminada a refeição e a noite chegada, as pessoas iam dormir cedo, a fim de se levantarem com o sol na manhã seguinte.

Leia agora a sua Bíblia

A mulher junto ao poço

João 4.6 — A mulher samaritana chegou na sexta hora do dia (meio-dia), apesar do calor, por saber que não haveria outras mulheres no poço. Além disso, em vista do seu estilo de vida, ela não desejava falar com as outras. A samaritana levara seu próprio cântaro de couro para tirar água do poço (v.7).

Trabalho da mulher

Marcos 14.13. Desde que era trabalho da mulher transportar a água, um homem fazendo o mesmo seria imediatamente notado. Portanto, Jesus usou esse meio para ajudar Pedro e João a encontrarem o aposento onde a Última Ceia seria preparada (veja Lc 22.8-12).

Duas refeições básicas

Lucas 14.12. Jesus disse literalmente: "Quando fizer um desjejum ou uma refeição noturna, não chame seus amigos". Ele estava se referindo às duas refeições básicas do dia.

Alimentos e refeições

Já observamos as duas refeições diárias como parte das atividades do dia. Apresentamos agora informação adicional sobre os alimentos e as refeições.

Pão

A alimentação da maioria das pessoas era simples. Pão, azeitonas, queijo, frutas e vegetais formavam a dieta fixa. Carne só era comida em raras ocasiões. O pão era um alimento tão básico que se tornou sinônimo da própria vida. “Comer pão” eqüivalia a “fazer uma refeição”. Os egípcios não podiam “comer pão” com os hebreus (Gn 43.31,32). “Dá-nos cada dia o nosso pão cotidiano” (Lc 11.3) era uma oração para a provisão diária do alimento. O pão era algo tão básico que Jesus se referiu a si mesmo como o “Pão da vida” (Jo 6.35).

O pão parece ter sido sempre partido, e nunca cortado com uma faca, o que fez surgir a frase “partir o pão”, usada em Atos 20.7 para descrever o serviço de comunhão. O pão de cevada era menos apreciado que o de trigo, sendo também mais barato. Além do seu uso no pão, os grãos eram também torrados (veja pág.47), aquecendo-os numa chapa de metal sobre o fogo e muitas vezes as espigas eram comidas cruas enquanto as pessoas andavam pelos campos de cereais. Existe um exemplo bem conhecido disto quando os discípulos de Jesus foram advertidos para não comer espigas cruas no sábado (Mt 12.1). Esses grãos eram chamados de “grãos verdes” (Lv 23.14).

Vegetais

Os vegetais eram também muito usados. Feijões e lentilhas eram de uso comum durante todo o período do Antigo Testamento. (“E tu, toma trigo, e cevada, e favas, e lentilhas, e trigo muúdo...” Ez 4.9.) Jacó deu a Esaú lentilhas cozidas (Gn 25.33,34). Lenti-



Mulher beduína faz uma bebida de leite azedo fora de sua tenda.

lhas foram também dadas a Davi quando fugiu de Absalão (2 Sm 17.28). Pepinos, melões, alhos silvestres e cebolas eram familiares no Egito (Nm 11.5).

Leite

O leite era outro alimento básico obtido da maioria dos animais domésticos. Parte dele era fervida para produzir iogurte, sendo esse produto mencionado algumas vezes como leite (ver Gn 18.8; Jz 4.19). Outra parte era batida para fazer manteiga (Pv 30.33). O leite era colocado num saco de couro e este sacudido e espremido até que se formasse a manteiga. O queijo era também feito de leite (2 Sm 17.29) É possível que o leitelho fosse também utilizado, mas a Bíblia nunca menciona isso.

Carne e Peixe

A carne e o peixe eram alimentos de luxo e ficavam confinados aos ricos, exceto em ocasiões de festa ou sacrifício. O rei Salomão comia carnes variadas — carne de vaca, de carneiro, caça e aves: “Era, pois, o provimento de Salomão, cada dia, trinta coros de flor

de farinha, e sessenta coros de farinha; dez vacas gordas, e vinte vacas de pasto e cem carneiros, afora os veados, as gazelas, os corços e aves cevadas” (1 Rs 4.22,23).

Abraão serviu vitela aos hóspedes (Gn 18.7), e os de Gideão comeram carne de cabrito (Jz 6.19). A carne era geralmente cozida, porque isso se seguia naturalmente à retirada do sangue exigida pela lei (Dt 12.15-25). Todavia, ela podia ser assada, se fosse exercido cuidado. Os filhos de Eli preferiam a carne assada à cozida (1 Sm 2.15).

A carne dos animais domésticos eram complementadas com a carne de caça. O vale do rio Jordão tinha abundância de animais selvagens nos dias bíblicos. Colocar redes (Jó 18.8-10) ou fazer covas (Jr 48.44) para servir de armadilha era comum, e se apanhavam também pássaros desse modo (Am 3.5).

Havia também peixes, mas algumas variedades eram proibidas como alimento (Lv 11.11,12). O trabalho dos discípulos de Jesus é uma evidência de que a pescaria era muito praticada na época no Mar da Galiléia. Jesus usou peixes em suas parábolas por serem familiares (Mt 13.47,48; Lc 11.11). Ovos não parecem ter sido usados como alimento até mais tarde nos tempos do Antigo Testamento, embora Jesus estivesse familiarizado com eles (veja Lc 11.12).

Frutas

As frutas eram outra parte necessária da dieta. Azeitonas eram cultivadas como alimento e para fazer óleo de cozinha. O azeite era misturado com a farinha nas frituras (Lv 2.5). Eles comiam também figos frescos e secos (1 Sm 25.18; Jr 24.2), assim como uvas frescas (Nm 13.23) e secas (uva-passa) [1 Cr 12.40]. As romãs eram populares (Dt 8.8), e melões eram comidos no Egito (Nm 11.5). As alfarrabras eram um doce ou bombom apreciado, e não havia dificuldade em encontrar nozes de amêndoas ou pistácia (Gn 43.11). Não há menção de tâmaras na Bíblia, mas existem várias referências a elas na literatura judaica.

Mel

O mel era usado para adoçar porque não existia açúcar. A Bíblia inclui muitos exemplos em que o mel era obtido de abelhas silvestres. Sansão o encontrou



Nas proximidades do Mar Morto havia enormes suprimentos de sal

na carcaça de um leão (Jz 14.8,9); Jônatas, numa floresta (1 Sm 14.25-27), e Moisés descobriu mel na fenda de uma rocha (Dt 32.13).

As abelhas eram colonizadas em colméias no Egito e na Assíria, e podem ter sido adotadas pelos judeus nos dias do Novo Testamento (veja Lc 24.43). O suco da uva, quando fervido, se tornava um xarope doce e grosso, e esse produto pode ter sido também chamado de mel em algumas passagens bíblicas. Era espalhado no pão e algumas vezes diluído em água e bebido. Jacó enviou mel para José no Egito (Gn 43.11), e ele veio a ser também exportado para os fenícios (Ez 27.17).

Sal

O sal no princípio era o único condimento; sendo obtido dos enormes suprimentos de sal nas colinas junto ao Mar Morto. Era usado para dar sabor e preservar alimentos (Jó 6.6). Nos dias do Novo Testamento havia uma indústria próspera em Magdala, onde os peixes eram salgados e exportados. Só na época dos gregos e romanos outros temperos (especiarias) se tornaram conhecidos e isso se desenvolveu com o crescimento do comércio.

Acreditava-se que o sal possuía propriedades curativas (2 Rs 2.19-22), sendo também usado nas ofertas sacrificiais (Lv 2.13). Talvez seja essa a origem do costume de usá-lo numa refeição realizada para comemorar a assinatura de um acordo (Nm 19.19).

O lavar das mãos

As mãos eram sempre lavadas antes das refeições em água corrente, porque não havia utensílios como facas, garfos e colheres. Nas casas mais abastadas, essa tarefa era feita por um servo. Eliseu costumava derramar água sobre as mãos de Elias (2 Rs 3.11). Nos dias do Novo Testamento isso se tornara um ritual. Jesus reagiu contra a simples ritualização da prática (Mc 7.1-8). Ele tomou o lugar de servo ao lavar os pés — mas não as mãos — dos discípulos na Última Ceia (Jo 13.4,5). As mãos eram também lavadas no final da refeição.

Graças eram tradicionalmente dadas pelo alimento: “Bendito és Tu, Jeová nosso Deus, Rei do mundo, que fazes surgir da terra o pão”. Jesus pode ter usado essa bênção ao alimentar os cinco mil (Jo 6.11), assim como Samuel pode ter feito o mesmo séculos antes (1 Sm 9.13).

À mesa

Nas casas mais simples havia uma única vasilha com comida, colocada sobre um tapete, e a família se sentava de pernas cruzadas ao redor dela. Um pedaço de pão fino era usado para tirar o conteúdo. Quando Rute comeu com os segadores, ela foi convidada a comer dessa forma (Rt 2.14). Portanto, a “mesa” mencionada no Antigo Testamento é apenas um tapete estendido no chão (Sl 23.5).

Só os ricos possuíam uma mesa, cadeiras ou divãs como os conhecemos. José recebia os convidados numa mesa assim (Gn 43.33,34), Davi tinha um lugar à mesa de Saul (1 Sm 20.5,18), e Jesus se reclinou numa mesa na casa de Simão, o fariseu (Lc 7.36). Uma descrição das refeições elaboradas que eram servidas como parte da vida social se encontra na pág. 246.

Higiene

A dieta dos judeus era geralmente boa para a saúde. (Por exemplo, Daniel e seus amigos pareciam muito mais saudáveis numa dieta vegetariana do que seus companheiros que comiam carne, Dn 1.5-16). As leis judias de alimentação protegiam bem contra o envenenamento alimentar quando as temperaturas de cozimento eram baixas. O maior problema de saúde era o da água, que ao ser usada para a lavagem de roupas, para servir



Mesa de pedra e outros móveis encontrados em Jerusalém, datados dos dias de Herodes, o Grande.

de esgoto, e quando poluída pela sujeira comum e pelos animais, ficava facilmente contaminada. A água guardada nas cisternas, era a que havia corrido do telhado coberto de barro e mato rasteiro, onde toda sorte de coisas estavam guardadas. Por essa razão, o vinho era uma bebida básica. Paulo tinha provavelmente problemas com a água em mente quando recomendou a Timóteo que usasse “um pouco de vinho, por causa do teu estômago” (1 Tm 5.23).

Doenças

A doença não estava ligada à comida e a bebida no pensamento das pessoas. Ela era geralmente atribuída à vontade (e até ao juízo) de Deus (Dt 28.60,61). A oração era considerada mais eficaz do que a medicina e Ezequias foi um exemplo importante disso (2 Rs 20).

Os médicos podiam, portanto, provocar a perda da fé em Deus (2 Cr 6.29). Porém, nos dias do Novo Testamento, a habilidade de Lucas como médico foi apreciada por Paulo (Cl 4.14), apesar de ser evidente o ceticismo de Pedro, registrado por Marcos, relativo à mulher com hemorragia (Mc 5.26).

Leia agora a sua Bíblia

Sal sob os pés

Mateus 5.13. Ao ser recolhido da região do Mar Morto, uma parte do sal era boa para salgar e cozinhar, mas a outra havia perdido o seu sabor. Esse sal, porém, não era jogado fora. Eles o guardavam no templo de Jerusalém e quando as chuvas de inverno tornavam escorregadios os pátios de mármore, o sal era espalhado no chão para reduzir o perigo de quedas. Portanto, o sal que perdeu o sabor é pisado pelos homens.

Gafanhotos — ou alfarobas?

Mateus 3.4. Era perfeitamente lícito sob as leis da alimentação comer gafanhotos (Lv 11.22). É bem mais provável, porém, desde que nem sempre havia gafanhotos à disposição, e João Batista tinha de comer diariamente, que a referência aqui seja a alfarobas. Essas vagens são doces e pegajosas. O filho pródigo também se contentou em comer o mesmo alimento (Lc 15.16).

Carne sem sangue

Atos 15.28. Os cristãos do primeiro século foram encorajados a seguir as leis de alimentação judaicas, relativas à retirada do sangue do animal. É difícil saber com certeza porque foi proibido aos judeus comerem sangue. Pode ter sido uma razão puramente ritual, porque a vida e o sangue foram identificados e a vida pertence a Deus (Lv 17.14); portanto, o sangue era usado como meio de expiação diante de Deus.

A proibição de comer sangue pode ter sido, ousrossim, baseada numa prática anterior intensamente cruel. Em vista da carne estragar-se rapidamente, algumas tribos cortavam partes do animal e o conservavam vivo até precisarem de mais carne. O ato de escorrer o sangue impedia tais práticas. A proibição pode ter sido uma lei de proteção à saúde, para evitar infecções e outras doenças provocadas pelo sangue.

A família

As unidades familiares do ocidente no século vinte são chamadas *nucleares* por serem pequenas — mãe, pai, e um ou dois filhos. As unidades familiares nos dias do Antigo Testamento eram grandes e incluíam todos os membros da mesma — tias, tios, primos e servos. Nós as chamariamos de famílias *extensas*. O chefe da família era o *pai*, e o chefe de um grupo de famílias era o *xequê*.

Abraão e seus herdeiros eram xequês e, em certa ocasião, Abraão conseguiu reunir 318 guerreiros “nascidos em sua casa” (Gn 14.14). Maria e José parecem ter viajado numa família assim na visita que fizeram com Jesus a Jerusalém, quando Ele tinha doze anos. Eles viajavam com “parentes e conhecidos” (Lc 2.44). Havia um número suficiente de pessoas para não conseguirem encontrá-lo durante um dia inteiro e Maria e José tinham um parentesco bem próximo com a família extensa para não se preocuparem com isso.

O pai

A família era, portanto, um “pequeno reino” governado pelo pai. Ele tinha autoridade sobre a esposa, filhos, netos e servos — todos da casa. Os filhos eram criados de modo a aceitar a sua autoridade (Êx 20.12) e se recusassem aceitá-la, ameaçando assim a segurança da unidade familiar, podiam ser punidos com a morte (Dt 21.18-21).

Na morte do pai, a sucessão passava normalmente para o filho mais velho. Isaque foi um caso especial. Segundo a lei familiar praticada nos dias de Abraão, era possível ao homem ter um filho de uma segunda mulher. Ismael nasceu de Abraão e Hagar desse modo (Gn 16.1,2). Porém, se qualquer filho nascesse subsequentemente da primeira mulher, esse filho — nesse caso Isaque — se tornava o chefe da família. A mesma lei foi seguida no caso de Jacó, Raquel deveria ter sido sua primeira mulher. Portanto, foi o seu filho mais ve-

Iho, José, que se tornou herdeiro e ganhou o casaco especial para mostrar isso (Gn 37.3,4), embora tivesse nascido muito depois dos meio-irmãos.

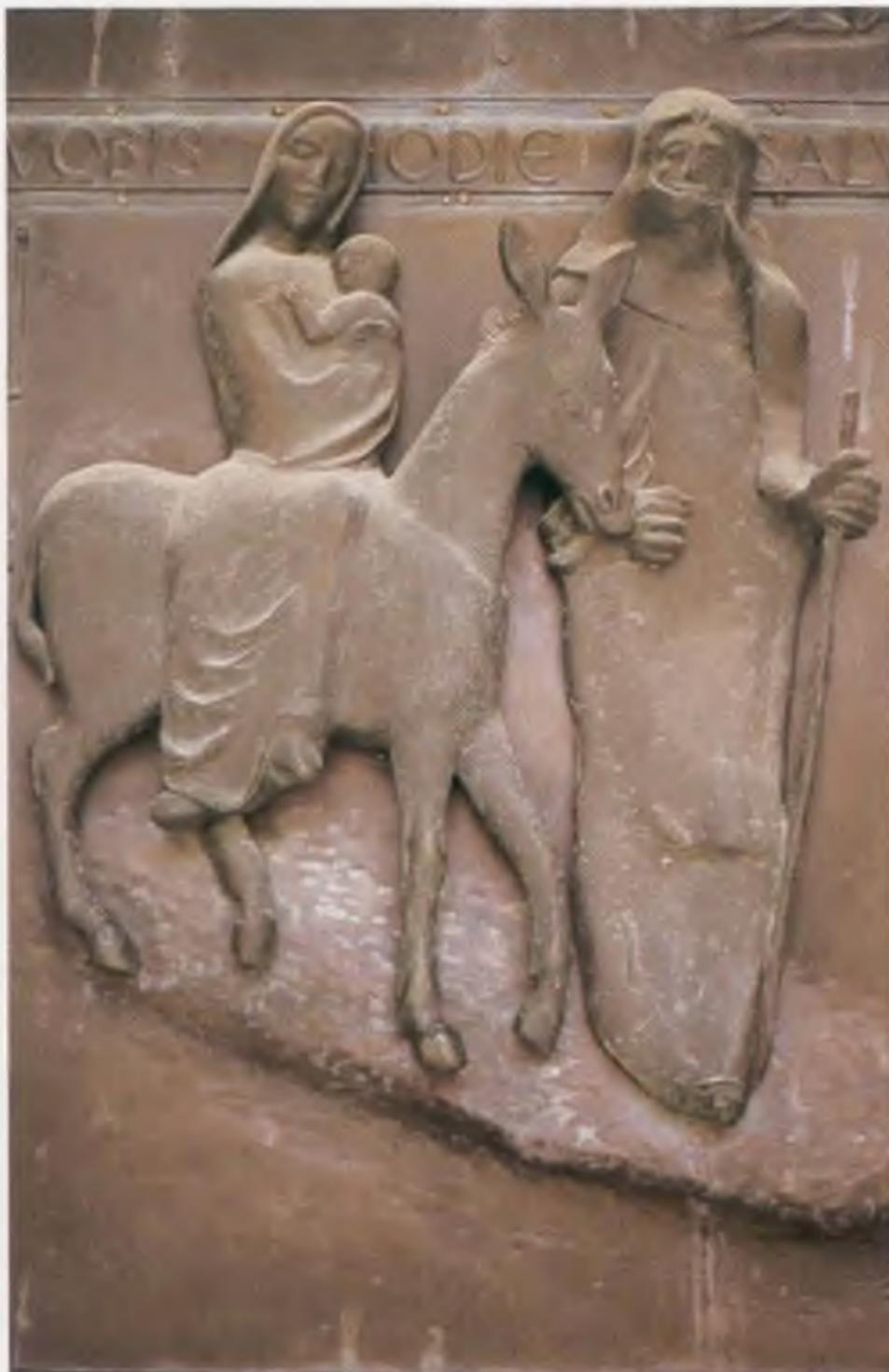
Mulheres

O papel da mulher sempre pareceu ser de submissão ao homem. Ela se mantinha fora da vista quando havia visitantes (Gn 18.9), servia primeiro aos homens da família antes de sentar-se à mesa, ia buscar água, costurava e cozinhava para a família, e andava a pé enquanto os homens montavam. Mesmo quando Ló e a mulher estavam fugindo apressadamente de Sodoma, ela caminhou atrás dele (Gn 19.26). Se José tivesse tomado a posição que lhe foi atribuída por muitos artistas, andando ao lado do jumento que levava Maria, teria sido objeto de riso dos seus contemporâneos. Isso se reflete claramente nos escritos de Paulo onde “o homem (é) o cabeça da mulher” (1 Co 11.3). Paulo dá razões teológicas para isso. Ele diz a Timóteo que o homem foi criado primeiro, mas que a mulher foi tentada primeiro a desobedecer à lei de Deus (1 Tm 2.13,14).

O papel tradicional não significava que a mulher não fosse amada ou desrespeitada ao cumprir o seu papel (Pv 31). Só ela podia ter filhos e esse aspecto da família era tão importante que se fosse infiel ao marido e à família, o castigo era a pena de morte (Lv 20.10). Mas quando o marido era infiel à esposa com uma moça solteira, esta passava a ser um membro da sua família (Dt 22.13; compare o v.22 com os vv.28 e 29).

A maternidade tinha tamanha importância que a posição da mulher era literalmente salva ao dar à luz uma criança (1 Tm 2.15). A mulher, junto com o marido, era considerada uma representante de Deus para ensinar as suas leis (Êx 20.12; Dt 6.7). Isso devia progredir até um plano de igualdade.

Nos dias do Novo Testamento, as mulheres eram ensinadas a submeter-se aos maridos, mas o amor que esses deviam mostrar pelas esposas (Ef 5.25) era em si mesmo uma espécie de submissão (v.21). (Isso é verdade, porque quando amamos alguém, nos submetemos ao que ele ou ela deseja, colocando positivamente o outro em primeiro lugar.) Era possível para o homem ter mais de uma esposa (Dt



Relevo de Maria e José fugindo da matança de crianças decretada por Herodes. Nos tempos bíblicos, nenhum homem andava ao lado de um jumento que transportava a mulher.

22.28,29), mas uma só mulher parece ter sido o ideal. Os rabinos judeus notaram que Deus produzira apenas uma mulher para Adão e Paulo esperava que os líderes da igreja de sua época se conformassem a esse padrão (1 Tm 3.2). A unidade familiar em si era o ponto-chave.

Escravos

Depois de estabelecidas, as famílias mais ricas podiam aumentar de tamanho com a aquisição de escravos. A maioria deles era capturada nas guerras (Nm 31.26; Dt 21.10) ou comprada nos mercados de escravos (Lv 25.44). Oséias comprou novamente sua mulher num desses mercados. Embora tais escravos

fossem considerados como propriedade (Lv 25,45), eles eram cuidadosamente protegidos pela lei. Não podiam ser maltratados (Dt 25,15,16) e tinham direito ao descanso sabático (Êx 20,10) e a comparecer às festas nacionais (Dt 16,10,11).

Os escravos eram freqüentemente bem tratados, como se fossem membros da família. Quando circuncidados, gozavam da maioria dos privilégios da sociedade judia, exceto que não podiam adquirir propriedades ou casar-se com escravos estrangeiros. A escrava da esposa de Naamã era bem tratada (2 Rs 5,2,3) e aparentemente o escravo romano Onésimo também o era, mesmo numa época em que a lei romana considerava a fuga de um escravo uma ofensa capital (Fm 17).

O judeu podia tornar-se escravo para pagar uma dívida ou roubo, ou até por achar maior segurança na casa de outro homem do que na sua. Famílias e filhos podiam ser vendidos desse modo (Êx 21,7; 2 Rs 4,1; Mt 18,25). Tal pessoa vendia normalmente seu trabalho durante sete anos (Dt 15,12-18), a não ser que desejasse ficar como membro da família (v.16), em cujo caso sua orelha era ceremonialmente furada no batente da porta (v.17).

Alguns escravos recebiam grande autoridade da parte dos senhores. Eliezer ficou responsável por procurar uma esposa para o filho de seu dono (Gn 24). A filha de um senhor podia casar-se com um escravo (1 Cr 2,34,35), mas se o gentio decidisse deixar a família, não podia levar consigo a esposa e os filhos (Êx 21,4). Os escravos eram geralmente libertados no ano do Jubileu, a fim de voltarem à sua herança, que ficava também livre na mesma ocasião (Lv 25,39-41). Os escravos podiam ser libertados a qualquer tempo, caso a sua dívida fosse paga por outro membro da família, ou até por ele mesmo (Lv 25,48,49); só as mulheres vendidas como servas permaneciam cativas a vida inteira.

As generosas regras israelitas em relação aos escravos contrastavam fortemente com as leis severas de outras regiões do Oriente Médio. As economias dos impérios grego e romano dependiam em grande parte da escravatura. O Novo Testamento aceitou a escravidão como um fato da vida (Ef 6,8; Cl 3,22; Fm 16), mas estabeleceu os fundamentos doutrinários que iriam finalmente acabar com ela (Gl 3,28).

Uma forma diferente de escravidão era conhecida em Israel — a “servitude” ou “pagamento de taxas por meio do trabalho”. Taxas eram cobradas pelas autoridades durante alguns meses do ano para a realização de obras públicas. A população cananita original que sobreviveu à conquista foi posta para trabalhar desse modo (1 Rs 9.21), mas os israelitas também tinham de trabalhar durante três meses do ano (1 Rs 5.13,14).

Ritos de passagem

Quatro grandes ocasiões marcavam o progresso da vida na família: nascimento, maturidade, casamento e morte. Em vista da importância dessas ocasiões, elas eram quase sempre marcadas por costumes sociais específicos. Todavia, quando as pessoas acreditam que Deus está envolvido no processo, os eventos importantes tomam um significado religioso e ritos religiosos são celebrados juntamente com os sociais. Essas cerimônias são conhecidas como *ritos de passagem*.

Filhos

Visto que os pais acreditavam que continuavam vivendo nos filhos, estes eram considerados uma grande bênção (Dt 28.4; Sl 128.3). Quanto mais filhos a pessoa podia ter, tanto melhor. “Feliz o homem que enche deles a sua aljava” (Sl 127.5a).

Quando a mulher não podia ter filhos, isso era considerado uma maldição de Deus, porque significava praticamente a extinção da família. Raquel disse a Jacó que se não tivesse filhos morreria (Gn 30.1). Ana acreditava que sua esterilidade era um castigo de Deus (1 Sm 1.16), e Isabel sabia que os olhares de censura que recebia das pessoas era por pensarem que havia feito algo para desgostar a Deus. Quando João nasceu, ela sabia que o Senhor fizera isso “para destruir o meu opróbrio entre os homens” (Lc 1.25).

Embora todas as crianças fossem causa de alegria, os meninos eram a verdadeira bênção. Os homens permaneciam na família e aumentavam assim seu tamanho e riqueza com esposas e mais filhos. As meninas, por outro lado, só eram valiosas pelo trabalho que faziam enquanto jovens e pelo dote que seria pago como uma forma de compensação quando elas se mudavam para outra família.

Nascimento

A mulher grávida não devia tomar banho quente para evitar o aborto e também não podia comer certas coisas: vegetais verdes, comida salgada e gordura, para não prejudicar o feto. A parteira local fazia o parto, que geralmente acontecia em casa (Êx 1.15-19; Jr 20.14,15). O recém-nascido era lavado e depois passavam sal em sua pele, na crença de que isso iria endurecê-la. A mãe judia pensava que os membros do filho cresceriam retos e firmes se fossem presos com tiras apertadas aos lados corpo com o que chamavam de “faixas”. Essas eram bandagens de 100 a 120mm de largura e cinco ou seis metros de comprimento (veja Ez 16.4; Lc 2.12).

Circuncisão

A criança do sexo masculino era circuncidada oito dias depois do nascimento pelo chefe da família ou por um médico. Uma bênção era dita: “Bendito seja o Senhor nosso Deus que nos santificou pelos seus preceitos e nos deu a circuncisão”. Havia geralmente algum tipo de celebração familiar durante os oito dias entre o nascimento e a circuncisão. É difícil saber o que a circuncisão significava a princípio. Antes de ser adotada pelos judeus, era provavelmente uma espécie de rito de iniciação em que o vigor e a sexualidade do jovem eram dedicados à sua divindade. Deus deu então essa celebração aos judeus como um sinal de que toda a nação estava dedicada a Ele desde o início (Gn 17.10).

Nome

O ato de dar um nome à criança acompanhava geralmente o da circuncisão. Isso aconteceu no caso de Jesus (Lc 2.21). Os nomes tinham normalmente um significado na família e é interessante examinar esses significados quando se encontram à margem da Bíblia. O nascimento e o nome eram tão importantes que o nome dos pais muitas vezes mudavam. Os pais passavam a ser chamados de “pai de x” e “mãe de y”.

A mãe permanecia em casa depois do nascimento: sete dias para um menino e quatorze para uma menina. Trinta e três dias depois (66 no caso de uma menina) ela estava pronta para fazer as ofertas costumeiras. Um pombo ou uma rola eram geralmente oferecidos como uma oferta pelos pecados para re-

conciliar a mulher com Deus (Lv 12). Quando a pessoa era pobre, outro pombo podia substituir o cordeiro. A oferta pelo pecado parece ter indicado que a mulher estava ritualmente impura, como durante a sua menstruação (Lv 15.19-24). A impureza ritual não era contaminação por causa do nascimento, mas um meio de proteger a mulher das relações sexuais em períodos de fraqueza e possível constrangimento. No caso de um primeiro filho, era necessário pagar cinco ciclos em dinheiro como resgate, pois todos os primogênitos pertenciam a Deus desde o dia da preservação dos primogênitos judeus na primeira Páscoa (Nm 18.15,16).

As crianças eram geralmente amamentadas pela mãe (ou, se necessário, por uma ama), e isso quase sempre durante vários anos (veja 1 Sm 1.24; Sl 131.2; Mc 7.27). Havia uma celebração no dia em que a criança era desmamada (Gn 21.8).

Entrada na idade adulta

O menino judeu era reconhecido como entrando na idade adulta aos treze anos de idade, mas não se sabe quando essa prática começou. Na época do Novo Testamento, o menino de treze anos se tornava um “filho da lei”. O relato sobre Jesus ter sido deixado para trás no templo, mostra que Ele estava deixando a infância (Lc 2.41-49). Essa foi a última vez em que Ele compareceu à uma Páscoa como criança. Só depois dos treze anos o menino se qualificava para tornar-se um dos dez homens que podiam formar uma sinagoga.

Poligamia

A poligamia não era comum nos tempos bíblicos, embora fosse permitido o casamento com mais de uma mulher ao mesmo tempo, como quando Jacó casou-se com Lia e Raquel e teve relações sexuais com as servas delas. Uma razão era que o marido tinha de ser muito rico para sustentar mais de uma mulher. Portanto, a realeza é que tendia a ter várias esposas. Davi tinha muitas, inclusive Mical, Abigail e Bate-Seba, e Salomão teve um número ainda maior durante o período mais próspero do seu reinado.

O sumo sacerdote só podia ter uma esposa (Lv 21.13,14) e outras figuras importantes do Antigo

Testamento eram monógamas — Noé, José e Moisés. Os rabinos afirmavam freqüentemente que mais de uma esposa criava problemas (Lia e Raquel, Gn 10; Ana e Penina, 1 Sm 1).

Casamentos arranjados

Os jovens geralmente não decidiam com quem iam casar-se. Era casar primeiro e amar depois. Embora houvesse, portanto, mais “vontade” do que “românce”, esse costume tendia a produzir um padrão estável de casamento (Gn 24.67). Esaú teve problemas por se casar contra o desejo dos pais (Gn 26.34,35). A prática dos casamentos arranjados não significa que os pais não consideravam os sentimentos dos filhos (Gn 24.58), ou que o amor não acontecia algumas vezes antes do casamento (Gn 29.10,20).

Um “amigo do esposo, que lhe assiste” (Jo 3.29) negociava a favor do noivo em perspectiva e seu pai com um representante do pai da noiva. Arranjos tinham de ser feitos para a compensação do trabalho (*o mohar*) a ser paga à família da mulher, e para um dote ao pai da noiva. Ele podia usar os juros do dote, mas não podia gastá-lo (veja Gn 31.15) porque devia ser guardado para a mulher no caso dela vir a enviuar ou divorciar-se. Quando tais somas em dinheiro não podiam ser pagas por causa da pobreza do pretendente, outros meios eram encontrados, tais como serviço (Gn 29.18) ou eliminação de inimigos (1 Sm 18.25).

Tornou-se costume que parte do dote fosse colocado na cobertura da cabeça da mulher, formando um círculo de moedas presas a ela. Isso se tornou um símbolo, como uma aliança, e portanto a perda de uma dessas moedas (Lc 15.8-10) seria a causa de grande ansiedade. Como parte do contrato nupcial, o pai da noiva dava um presente de casamento (dote) à filha (Gn 24.59-61; Jz 1.12-15).

Os casamentos eram arranjados, se possível, com membros da mesma parentela. Abraão enviou um servo para encontrar uma noiva para Isaque entre o seu próprio povo (Gn 24.3,4), e Jacó foi enviado ao mesmo lugar para achar esposa (Gn 28.2; 29.19). Os pais de Sansão ficaram desgostosos porque ele não escolheu uma esposa do seu próprio clã (Jz 14.3). Os

casamentos às vezes tinham lugar fora do clã (Gn 41.45; Rt 1.4), e isso geralmente acontecia por razões políticas (1 Rs 11.1; 16.1,31). Mas nunca era aprovado, porém, porque pessoas de outros clãs adoravam divindades diferentes e isso afetava toda a vida religiosa do povo (1 Rs 11.4). Casamentos entre membros muito próximos da família eram proibidos. As leis proibindo o casamento entre parentes próximos se encontram em Levítico 18.6-18.

Noivado

Uma vez feito o arranjo para o casamento, havia um noivado mais exigente do que os noivados na sociedade contemporânea. O homem assim comprometido com uma mulher, embora não estivesse ainda casado, ficava isento do serviço militar (Dt 20.7). Se uma moça noiva fosse estuprada por outro homem, não poderia tornar-se esposa deste, como seria normalmente o caso (Dt 22.28,29), por já pertencer ao seu futuro marido. Tal violação envovia a pena de morte (Dt 22.23-27).

As palavras formais do noivado eram provavelmente as ditas por Saul quando Mical e Davi se comprometeram para casar-se: “Agora, pois, consente em ser genro do rei” (1 Sm 18.22). O compromisso do noivado só podia ser dissolvido por uma transação legal (na verdade um divórcio) e a base para tal cancelamento era o adultério (veja Dt 22.24). O noivado durava cerca de 12 meses, durante os quais a casa era preparada pelo noivo e o enxoval preparado pela noiva. A família da noiva fazia os preparativos para a festa do casamento.

Maria e José estavam noivos quando foi descoberto que ela estava grávida. José não queria expô-la publicamente, porque, como suposta adúltera, Maria teria sido apedrejada até a morte. José deve ter amado muito Maria e confiado muito em Deus, quando ouviu a sua voz em sonhos para consentir no seu casamento com ela. Esse talvez tenha sido um reflexo do caráter que Deus procurava no homem que deveria criar Jesus (Mt 1.18-20). Nos dias do Novo Testamento, um homem como José ficava oficialmente noivo quando dava um presente à moça e dizia: “Com isso você é separada para mim, segundo as leis de Moisés e de Israel”.

O casamento

O casamento em si continha várias partes importantes. A cerimônia era essencialmente não-religiosa, a não ser por uma bênção pronunciada sobre o casal (“Ó nossa irmã, sejas tu em milhares de milhares, e que a tua semente possua a porta de seus aborrecedores! Gn 24.60). O casamento envolvia o preparo e a aprovação de um contrato legal. Isso continua existindo no casamento judeu até hoje. Alguns cristãos podem ficar surpresos ao saber que só recentemente foi exigida a presença de um rabino ou sacerdote nas bodas.

O casamento também envolvia os trajes a serem usados. A noiva era praticamente adornada como uma rainha (veja Ap 21.2). Depois de banhada, ela tinha os cabelos trançados com todas as pedras preciosas que a família possuía ou podia tomar emprestado (Sl 45.14,15; Is 61.10; Ez 16,11,12). As moças que a ajudavam a vestir-se, permaneceriam a seu lado como “companheiras”. O noivo também se vestia com elegância e se adornava com jóias (Is 61.10), sendo acompanhado pelo “amigo do noivo” (Jo 3.29). Os trajes das núpcias eram tão importantes que se tornavam inesquecíveis (Jr 2.32). A noiva e o noivo pareciam e agiam como rei e rainha.

Outro elemento importante do casamento era a procissão no fim do dia. O noivo saía de sua casa para buscar a noiva na casa dos pais dela. Nesse ponto, a noiva usava um véu. Em algum ponto o véu era retirado e colocado no ombro do noivo, e feita a seguinte declaração: “O governo estará sobre os seus ombros”. A procissão deixava então a casa da noiva e seguia para o novo lar do casal, e a estrada escura era iluminada por lâmpadas a óleo carregadas pelos convidados. Na história contada por Jesus, os noivos demoraram mais do que o esperado, de modo que o azeite nas lâmpadas começou a acabar. Só os que tinham levado um frasco de óleo de reserva puderam reabastecer suas lâmpadas e dar as boas-vindas aos noivos (veja Mt 25.1-13, esp. vv.8,9). Havia canções e música ao longo do caminho (Jr 16.9) e algumas vezes a própria noiva participava da dança (Ct 6.13).



A procissão sai da casa da noiva para o novo lar do casal. Os convidados levam lâmpadas a óleo para iluminar o caminho.





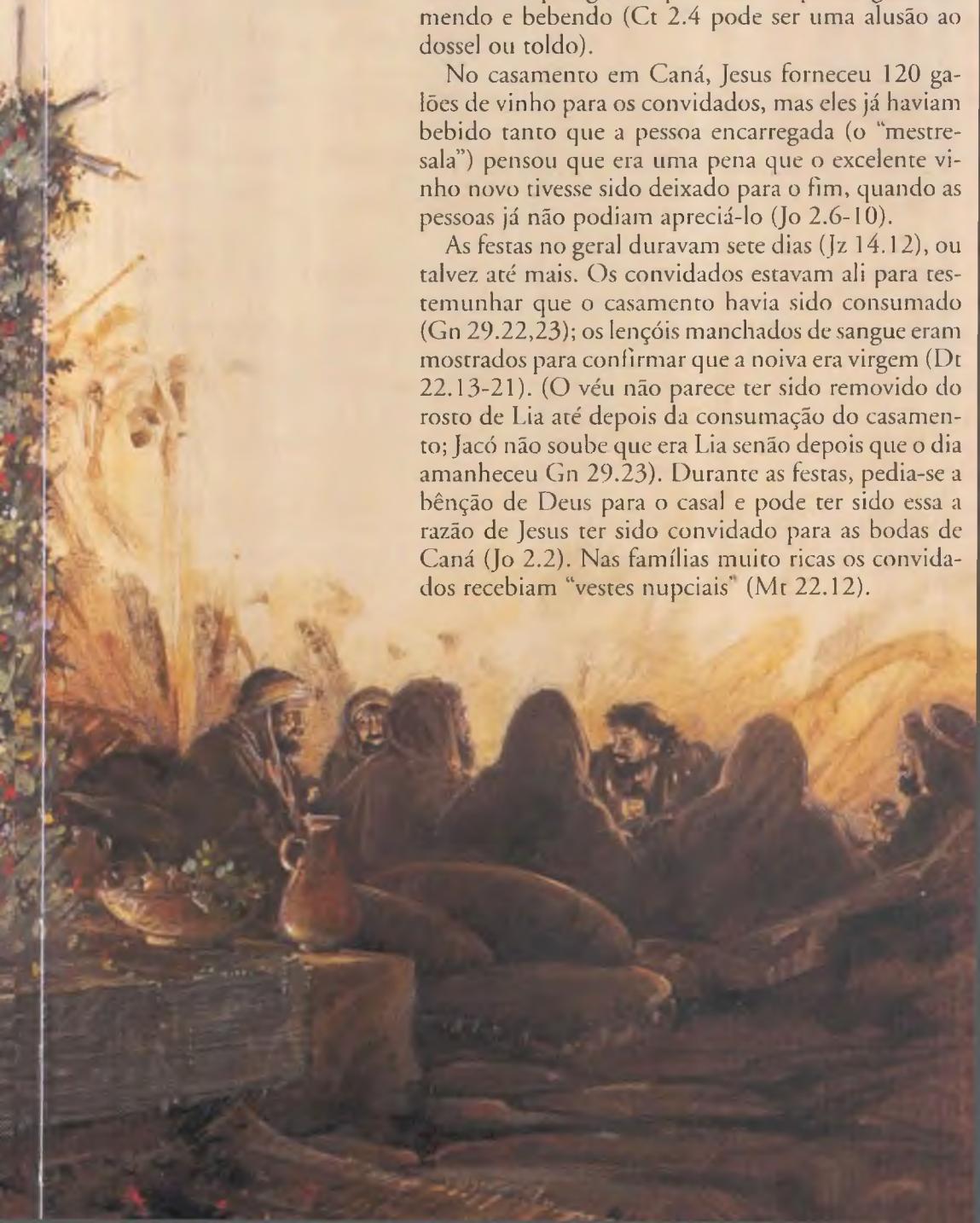
O noivo e a noiva sentam como rei e rainha sob um dossel decorado na festa do seu casamento.

A festa das bodas

O noivo e a noiva sentavam debaixo de um dossel ao chegarem à casa. Eles presidiam dali a festa do casamento, na qual grande parte do tempo era gasta comendo e bebendo (Ct 2.4 pode ser uma alusão ao dossel ou toldo).

No casamento em Caná, Jesus forneceu 120 galões de vinho para os convidados, mas eles já haviam bebido tanto que a pessoa encarregada (o "mestre-sala") pensou que era uma pena que o excelente vinho novo tivesse sido deixado para o fim, quando as pessoas já não podiam apreciá-lo (Jo 2.6-10).

As festas no geral duravam sete dias (Jz 14.12), ou talvez até mais. Os convidados estavam ali para testemunhar que o casamento havia sido consumado (Gn 29.22,23); os lençóis manchados de sangue eram mostrados para confirmar que a noiva era virgem (Dt 22.13-21). (O véu não parece ter sido removido do rosto de Lia até depois da consumação do casamento; Jacó não soube que era Lia senão depois que o dia amanheceu Gn 29.23). Durante as festas, pedia-se a bênção de Deus para o casal e pode ter sido essa a razão de Jesus ter sido convidado para as bodas de Caná (Jo 2.2). Nas famílias muito ricas os convidados recebiam "vestes nupciais" (Mt 22.12).



Divórcio

Os casamentos às vezes eram dissolvidos, podendo o homem divorciar-se da esposa se encontrasse “coisa indecente nela” (Dt 24.1). Os advogados judeus interpretavam essa frase de diferentes maneiras. Nos dias de Jesus, os seguidores da escola de Shammai acreditavam que ela se referia ao adultério ou má conduta sexual. Os seguidores da escola de Hillel acreditavam que a frase podia abranger até um jantar estragado. Na sociedade da época, o homem podia simplesmente avisar à mulher que se divorciara dela, mas os judeus eram obrigados a dar uma “carta de divórcio” por escrito, anulando o contrato de casamento original.

Parte da carta (ou documento) de divórcio permitia que a mulher se casasse de novo (Dt 24.1,2), mas uma moça que se casasse com um homem por ter sido antes estuprada por ele não podia ser mandada embora (Dt 22.28,29). O homem que acusasse falsamente a mulher de não ser virgem quando se casaram, não podia também divorciar-se dela (Dt 22.13-19). Se uma mulher divorciada voltasse a casar e seu novo marido morresse ou lhe desse carta de divórcio, o primeiro marido não podia casar-se de novo com ela (Dt 24.3,4); mas se não tivesse casado outra vez, ela e o primeiro marido podiam voltar a casar-se (Os 3). O povo judeu foi muito bem esclarecido, de modo a não restarem dúvidas de que o divórcio era inaceitável para Deus (Ml 2.16), e Jesus repetiu que aqueles que Deus uniu ninguém poderia separar (Mt 5.31,32; 19.6). Não era permitido que as mulheres dessem início ao divórcio.

Morte

O ciclo da vida humana se completava aos 70 anos (Sl 90.10). A maioria das pessoas morria antes disso, mas havia algumas exceções notáveis. A morte era o último evento para o qual existiam ritos de passagem. Não havia segurança de uma vida após a morte no início da história israelita. Acreditava-se que os pais continuavam vivendo nos filhos, de modo que o escritor aos Hebreus pôde dizer que quando Abraão pagou dízimos a Melquisedeque, Levi já estava nele; Levi pagou então dízimos ao rei de Jerusalém e seu sacerdócio foi portanto considerado inferior (Hb 7.9,10).

As pessoas criam que eram reunidas num mundo invisível (Sheol), onde passavam a ser sombras do



Ruínas de uma sinagoga em Cafarnaum, datada de vários séculos depois de Cristo. Restos de uma sinagoga anterior, possivelmente aquela dirigida por Jairo, foram descobertas por baixo.

seu passado. Só nos dias de Daniel houve a revelação de que ocorreria uma ressurreição — alguns para a vida eterna e outros para o castigo eterno (Dn 12.2). Nada ficou muito claro até que Jesus tivesse aberto o Reino dos Céus para todos os crentes e se tornasse “as primícias dos que dormem” (1 Co 15.20). O Novo Testamento não só teve de explicar isso aos cristãos contemporâneos, mas também informar que os que não praticavam a fé cristã eram “os mais miseráveis de todos os homens”, porque as suas esperanças estavam limitadas só a essa vida.

A partir do momento em que a pessoa morria, seguia-se um período de choro e lamentações. O choro era um anúncio à vizinhança de que houvera uma morte. Os egípcios tiveram tantos mortos na ocasião da primeira Páscoa que os lamentos podiam ser ouvidos em todo o país. A família se reunia então para lamentar — ocasião em que havia grande choro, quase como se os que ainda estavam vivos quisessem demonstrar à sombra do morto que tinham ficado realmente tristes. Miquéias disse que o ruído soava como o de chacais e avestruzes (Mq 1.8), e Jesus viu isso quando foi ressuscitar a filha de Jairo, o principal da



A entrada dessas tumbas cortadas na rocha era geralmente selada com uma pedra circular. Tais túmulos são conhecidos em Jerusalém como Tumbas dos Reis.

sinagoga de Cafarnaum (Mc 5.38). As expressões de lamento de Davi por Absalão foram típicas. As famílias ricas alugavam grupos de carpideiras profissionais que aumentavam o barulho com o seu choro (Jr 9.17,18; Am 5.16). Roupas feitas de couro de cabra (pano de saco) eram usadas para sentir desconforto; elas batiam no peito (Lc 23.48) e rasgavam as vestes para mostrar como estavam tristes (2 Sm 3.31).

Sepultamento

O enterro tinha de ser feito rapidamente porque o clima quente levava à rápida decomposição. Todavia, um enterro nunca era feito num sábado ou dia santo (Jo 11.39; 19.31). O corpo era geralmente lavado, envolto frouxamente num lençol de linho e levado ao túmulo numa padiola de madeira (Lc 7.14, onde a padiola ou esquife foi usado para um homem doente). O enterro tinha lugar numa caverna natural ou artificial (sepulcro) (Gn 49.29-32; Jz 8.32). As cavernas naturais eram alargadas e providas de nichos ou prateleiras, onde os corpos podiam ser colocados para descansar. Por haver um número limitado de cavernas, quando os corpos se decompunham os ossos eram removidos e colocados em recipientes de pedra chamados ossuários. Esses recipientes eram guardados num canto e os nichos ficavam disponíveis para novos sepultamentos. A entrada da caverna era fechada com uma pedra em forma de disco que corria numa canaleta inclinada na frente da caver-



Este ossuário, ou caixa de ossos, foi encontrado em Jerusalém. Ele contém a inscrição: "Ossos da família de Nicanor, o alexandrino, que construiu os portões".

na, ou com uma pedra que se encaixava no orifício de acesso. De qualquer modo, era extremamente difícil remover a pedra depois de colocada. As cavernas e sepulcros eram pintados de branco como uma advertência para os vivos de que os mortos estavam ali (Mt 23.27). A pessoa viva nem sempre podia adorar a Deus depois de ter tido contato com um morto.

Uma outra alternativa era fazer o funeral, colocando a padiola no chão e cercando o cadáver com pedras grandes, de cerca de 55cm de diâmetro cada, formando um oblongo irregular. O corpo era então coberto com terra e as pedras serviam de marco para a sepultura. (Sepultamentos assim não eram comuns em vista do solo ser muito duro.) Os cemitérios mais simples ficavam sempre fora da cidade ou povoado (Lc 7.12). Só a realeza era enterrada dentro da cidade (1 Rs 2.10).

Em alguns casos excepcionais, o corpo era coberto de ervas aromáticas e uma pasta especial, atadas ao corpo por camadas de “bandagens” brancas. A pasta endurecia e impregnava as ataduras, até que um molde ou casulo duro se formasse ao redor do cadáver para conservá-lo. Um barrete era freqüentemente colocado na cabeça e o queixo mantido no lugar por

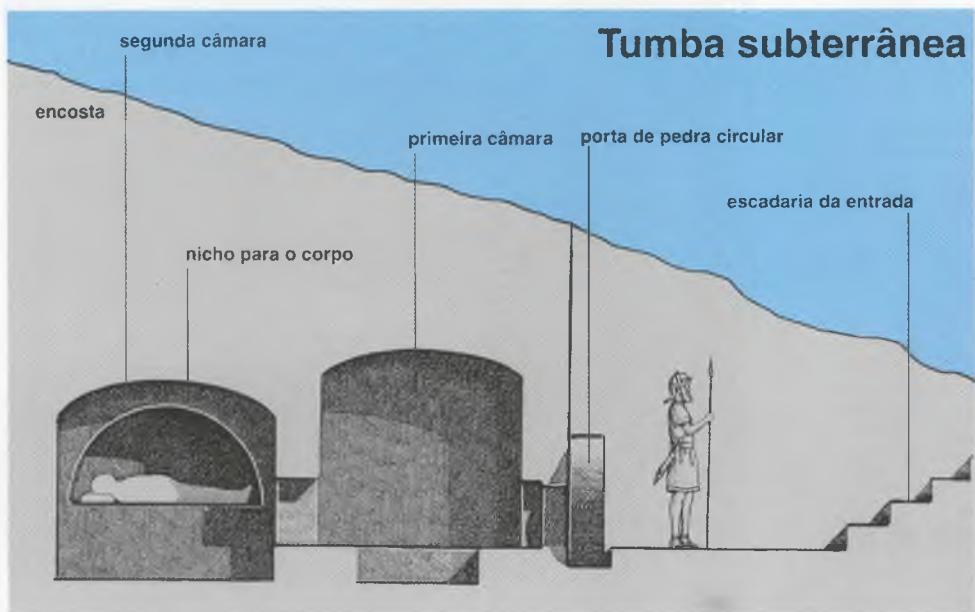


Diagrama mostrando uma tumba subterrânea aberta numa encosta. Só os ricos podiam fazer um sepultamento assim tão elaborado.

meio de uma faixa amarrada sob ele. Dois homens ricos fizeram isso para Jesus depois do sepultamento no lençol simples (Jo 19.40). No caso de Lázaro, suas mãos e pés parecem ter sido amarrados juntos antes que ele fosse coberto com o lençol. O queixo estava amarrado com uma faixa (Jo 11.44). No Egito se praticava o embalsamamento correto: os órgãos internos eram removidos, o corpo enchedo com pasta e os órgãos guardados num frasco (veja Gn 50.2,26). Em Israel havia uma refeição fúnebre depois do enterro para concluir o período de luto (Jr 16.7), no geral durando uma semana ou mais (Dt 34.8).

A mulher que sobrevivia ao marido ficava em posição bem difícil. Ela não tinha direito à herança dele. Podia permanecer na família do marido se o parente mais próximo se casasse com ela. No geral a viúva ficava sem sustento financeiro. A lei dizia, portanto, que as viúvas tinham de ser protegidas (Dt 10.18; 24.17-21). Na primeira igreja, dinheiro era posto de lado para cuidar das viúvas (At 6.1), porque na sociedade daquela época, a prostituição era quase o único meio das mulheres obterem dinheiro para viver. Paulo esperava que as viúvas fossem sustentadas por suas famílias (1 Tm 5.3,4,8). A igreja local devia colocar numa lista de caridade os nomes das viúvas cujas vidas haviam sido boas e que tivessem mais de 60 anos (1 Tm 5.9-11).

Leia agora a sua Bíblia

Nomes

O nome de Deus (*Yahweh* ou *Jah*) foi freqüentemente incorporado em nomes pessoais. *Abias* significa “Deus é seu pai”; *Elias* significa “meu Deus é *Yahweh*”. Outros nomes lembram as pessoas do seu nascimento. *Moisés* significa “retirado” porque foi tirado das águas do rio Nilo.

A infância de Jesus

Lucas 2.21-39. Maria e José fizeram circuncidar Jesus no oitavo dia. Depois de quarenta dias, eles foram a Jerusalém (cerca de 6km de Belém) para oferecer os sacrifícios requeridos e pagar o dinheiro do resgate (vv.22-24). Fica claro que Maria e José eram extremamente pobres porque só puderam oferecer dois pássaros. Logo depois disso eles voltaram a Nazaré com Jesus (v.39). Se os sábios chegaram quando Jesus tinha aproximadamente dois anos (Mt 2.16), eles poderiam ter ido a Nazaré. A riqueza dos presentes (que tinham grande valor simbólico) deve ter representado uma fortuna para Maria e José. Os presentes permitiriam que abrissem uma carpintaria, cuidassem de Jesus e mais tarde de uma família maior.

Infração das leis

Levítico 18. As leis de Levítico 18 nem sempre eram obedecidas nos tempos bíblicos. Sara era meia-irmã de Abraão (Gn 20.12) e Amnom queria casar com sua meia-irmã Tamar em 2 Samuel 13 (cf. Lv 18.11). Os pais de Moisés eram sobrinho e tia (Ex 6.20; cf. Lv 18.12,13); Jacó casou-se com duas irmãs (Gn 29.16-30; cf. Lv 18.18).

Fidelidade

Provérbios 5. O homem era exortado a ser fiel, sendo morto se violentasse uma mulher casada (Lv 20.10). Não era castigado se violentasse uma moça solteira, mas tinha de casar-se com ela (Dt 22.28). A mulher casada, por outro lado, era morta se tivesse relações sexuais com outro homem além do marido, a não ser que esse a perdoasse. Esse ato era chamado de “o grande pecado”. Isso se devia ao fato de a mulher ser o centro básico da família, e ser infiel seria destruir essa família. Isso não se aplicava ao homem.

O sepultamento de Jesus

João 20. Em vista de Jesus ter sido envolvido em uma mortalha, podemos compreender porque os discípulos viram e depois creram na ressurreição; e a razão do corpo não ter sido roubado. O corpo de Jesus passou por entre as bandagens impregnadas de ervas aromáticas, da mesma forma que atravessou a porta do cenáculo. Olhando rapidamente pela porta do túmulo, João pensou que o corpo ainda se achava ali, porque pôde ver as bandagens, e portanto não quis entrar. Só quando Pedro e João entraram e viram que havia um vazio onde o rosto deveria estar (se o barrete estava em outro lugar) é que compreenderam o que havia acontecido.

Luto

Salmos 119.136; Jeremias 9.1. Esses versículos refletem um tipo extremo de sofrimento, que se assemelhava muito ao da hora da morte. Rios de água correram dos olhos do salmista porque ele sabia quais as conseqüências de quebrar a lei.

Educação

A educação é necessária para que as habilidades e conhecimento adquiridos por uma geração possam ser transmitidos à seguinte. Esse tipo de educação é contínuo nas famílias; porém, à medida que as habilidades e conhecimento se tornam mais desenvolvidos e o dinheiro mais disponível na economia para pagar por ela, uma educação mais abrangente pode ser oferecida a um maior número de pessoas. Reflexos desse processo podem ser vistos na Bíblia.

Educação dos sumérios

Quando Abraão foi chamado por Deus para deixar a cidade de Ur, na Suméria, e foi para a terra que Deus lhe prometeu mostrar (Gn 11.11—12.5), sua ida foi um ato de fé. Ur era uma cidade altamente civilizada e Abraão recebeu um chamado para deixá-la rumo a algo desconhecido. As escolas de Ur eram usadas para preparar as pessoas para o trabalho religioso, comercial e governamental. O currículo incluía matemática, linguagem, geografia, botânica e desenho.

A escrita era feita com um estilo em forma de cunha, que gravava as letras em tabletas de argila macia. Foram encontrados tabletas na cidade de Mari, com exercícios dos alunos e correções dos professores. Um “pai” dirigia a escola com um assistente que preparava os exercícios. Havia também professores especializados nas diversas matérias. Um tablet recuperado conta o que o menino fazia na escola: “Li meu tablette, almocei, preparei meu tablette, escrevi nele e terminei-o”. Os problemas eram corrigidos com o auxílio de uma vara. Os pais tinham de pagar pela educação.

Não há evidência de que Abraão tenha freqüentado uma das “casas de tablettes”, como as escolas eram chamadas, mas ele certamente seguiu as leis dos sumérios. O costume de que a mulher estéril podia ter filhos por meio de uma serva (Gn 16.1,2) era um costume sumério. Fazia, porém, parte da lei que, depois de nascida a criança, a serva não podia ser maltratada pela esposa (Gn

O Antigo Oriente Próximo

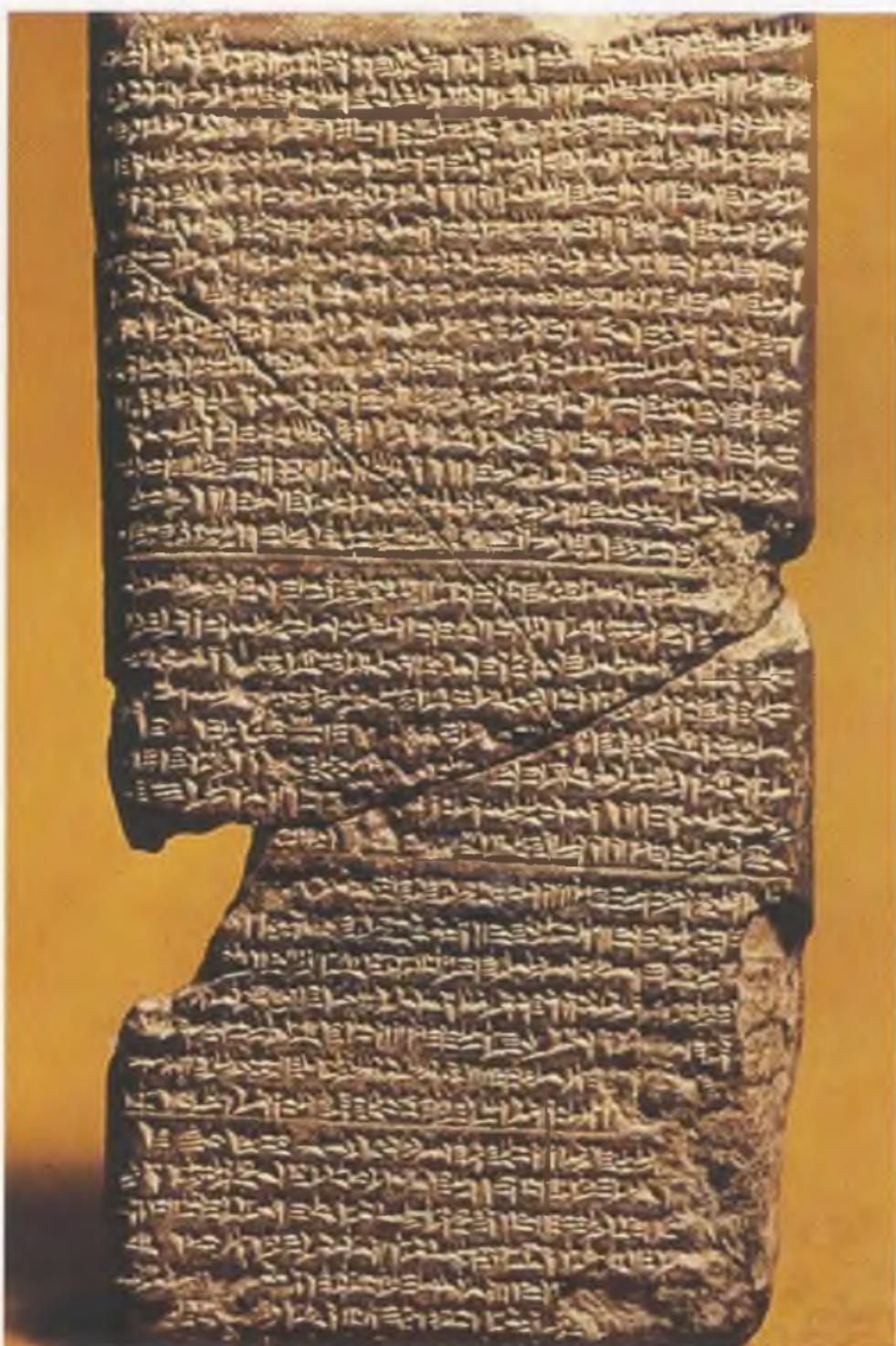


16.6). Quando Sara quis que Hagar e Ismael fossem expulsos da casa da família, Abraão ficou muito constrangido, e foi preciso que Deus lhe assegurasse que devia deixar que se fossem (Gn 21.10-12).

Educação egípcia

Por ter sido criado pela filha do Faraó, “Moisés foi instruído em toda a ciência dos egípcios” (At 7.22), e segundo a tradição egípcia isso incluía aritmética, geometria, poesia, música, astronomia e muitas outras matérias. As escolas no Egito eram ligadas aos templos e controladas pelos sacerdotes. A medicina e a religião eram temas importantes, caso o menino se tornasse sacerdote.

Moisés deve ter sido ensinado pelo “professor dos filhos do rei”, na corte real, e aprendido a escrever os hieróglifos egípcios com tinta sobre os papiros. Ele provavelmente aprendeu também a escrita cananita, porque Canaã era sócia do Egito na época. Quando Moisés recebeu ordem de ensinar a lei ao povo, isso foi feito por repetição e exemplo (Dt 11.19), leitura pública (Dt 31.10-13), e uso de música escrita (Dt



Esse tablet de argila é típico daqueles usados para escrever nos tempos antigos. Ele contém parte das "Crônicas Babilônicas", cobrindo a queda de Nínive.

31.19). Desde que era comum no Egito cantar as lições, isso reflete provavelmente a maneira como Moisés foi ensinado. Pode ser importante notar que Deus chamou Moisés para a liderança com base num forte ambiente educacional, assim como Paulo séculos mais tarde foi chamado para guiar a igreja.

Educação judaica

Quando o povo judeu saiu do deserto e entrou em Canaã, eles não tinham um sistema educacional organizado. Esse sistema desenvolveu-se à medida que a sua civilização progrediu, sofrendo as influências das práticas das nações circunvizinhas.

No início, portanto, a educação estava centrada no lar. Era responsabilidade da mãe educar tanto os filhos como as filhas durante os três primeiros anos (prova-

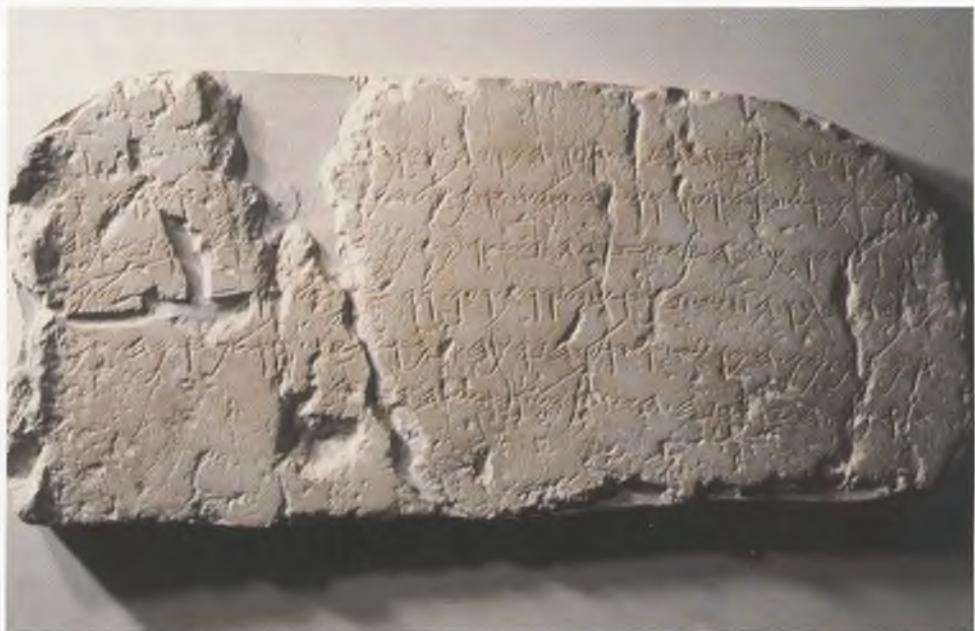
velmente até o desmame). Ela ensinava às filhas os deveres domésticos durante toda a infância delas.

A partir dos três anos de idade, os meninos aprendiam a lei com o pai, e os pais ficavam também responsáveis por ensinar um ofício aos filhos. Um rabino disse certa vez: “O pai que não ensina ao filho um ofício útil está educando-o para ser ladrão”. Jesus não era só o filho do carpinteiro (Mt 13.55), mas também o carpinteiro (Mc 6.3). Isso explica porque havia grupos de trabalhadores em linho e oleiros morando no mesmo lugar (1 Cr 4.21-23). As meninas podiam vir a ter uma profissão, trabalhando talvez como parteiras (Êx 1.15-21) e cantoras (Ec 2.8).

A educação era basicamente religiosa, capacitando as crianças a compreenderem a natureza de Deus pelo que Ele fizera e o que Ele exigia na lei. Deuteronômio 6 é uma passagem-chave: as palavras do *shema* (credo): “Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás pois o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu poder (vv.4,5), deviam ser ensinadas, discutidas, usadas na adoração para declarar simbolicamente que elas faziam parte da mente e da conduta, e usadas como um lembrete toda vez em que se entrava ou saía de casa (Dt 6.4-9; veja Sl 121.8). As crianças eram estimuladas a fazer perguntas sobre as festas (Êx 12.26; Dt 6.20-25), mostrando-lhes objetos que desconhece (Êx 13.14,15; Js 4.6). Dessa forma tornava-se natural ensinar a elas os atos de Deus.

Quando os santuários começaram a fazer parte da vida do povo judeu, é bem possível que as pessoas que trabalhavam neles tivessem começado a prover algum tipo de educação formal. Samuel estava sendo provavelmente ensinado por Eli, sacerdote de Siló (1 Sm 1.24). O próprio Samuel estabeleceu uma escola de profetas em Ramá (1 Sm 19.18-21), e algumas escolas teológicas vieram a surgir mais tarde (2 Rs 2.5-7; Is 8.16). Essa é a origem da prática de chamar o sacerdote de “pai”. Ele exercia o papel de pai ao ensinar as crianças (2 Rs 2.3,12).

Escrever história era importante nesses centros. Embora as pessoas ainda ouvissem a leitura da lei (Dt 31.9-11) havia agora um número considerável de indivíduos que sabia ler e escrever. Juízes 8.14 conta como um jovem pôde escrever uma lista de nomes para Gideão. Quando Ezequias construiu um túnel



Essa inscrição foi encontrada na parede do túnel de Ezequias, no ponto em que os operários que trabalhavam em direções opostas se encontraram. Ela diz: "Cuidado com o túnel. Essa é a história da sua execução. Enquanto os mineiros sacudiam suas picaretas, um em direção ao outro, e quando só faltava 1,50m a ser cortado, a voz de um homem chamando foi ouvida..."

de água sob a cidade de Jerusalém, os trabalhadores que fizeram o serviço souberam escrever uma inscrição na parede no lugar em que os operários vindos das duas direções se encontraram. A escrita era quase sempre feita à tinta, sobre pedaços de cerâmica (ostraco). As penas eram feitas de bambu aguçado para formar uma ponta (Jr 17.1). A tinta era feita de fuligem, resina, óleo de oliva e água.

Influências assírias e babilônicas

O exílio dos judeus para a Assíria e a Babilônia os levou a novos avanços na educação. Quando voltaram e sua terra tornou-se parte do império grego, houve novos progressos. Os reis assírios colecionaram milhares de tabletas de argila numa biblioteca em Nínive. Eles contêm todo tipo de conhecimento — botânica, geometria, química, astronomia, medicina, matemática, leis, religião — e indicam até que ponto o sistema assírio de educação havia progredido. O livro de Daniel, capítulo 1, conta como os membros da hierarquia israelita foram educados na corte babilônica. Eles deviam aprender a língua durante três anos e depois passar por um exame oral feito pelo rei (Dn 1.3-9,19,20).

A fim de preservar sua identidade como nação, era necessário que os judeus exilados conhecessem a fun-

do sua própria lei. Professores da classe sacerdotal e profética parecem ter, portanto, cuidado desse aspecto da educação e eles continuaram quando os judeus voltaram à sua terra.

Os escribas

Quando os judeus voltaram, Esdras, um sacerdote e escriba (intérprete da lei), recebeu do imperador persa a comissão de ensinar a lei ao povo judeu (Ed 7.12-26). Todos os que voltaram tiveram de ouvir a lei durante uma manhã inteira (Ne 8.1-8). Os professores passaram então a explicar a lei, andando por entre a multidão. Como resultado, os escribas se tornaram importantes na comunidade como professores da lei. O escriba também escrevia cartas para as pessoas e era reconhecido pelo tinteiro preso em seu cinto (Ez 9.2). Esses homens eram comparados aos primeiros profetas e chamados de “homens da grande sinagoga”.

A própria sinagoga parece ter passado a existir durante o Exílio, quando as pessoas se reuniam (lite-



Entrada da sinagoga de Corazim parcialmente reconstruída, provavelmente datada do século IV d.C.

ralmente “sinagogavam”) para aprender a Tora e outros escritos sagrados. Quando os judeus voltaram à pátria, eles continuaram a prática de ouvir a leitura e interpretação das Escrituras (veja Lc 4.16-22). Os prédios onde isso acontecia se tornaram também centros de adoração.

Alguns dos escribas diferiam em suas interpretações da lei. A escola de Hillel tendia a adotar a interpretação leniente da mesma (a mulher podia receber carta de divórcio por causa de uma falta menor, por exemplo), mas a escola de Shammai seguia uma linha mais estrita. Os ensinos dos escribas eram incluídos em grandes coleções e eventualmente escritos na Mishná.

A cultura grega

Não demorou muito para que os exilados que retornaram se deixassem influenciar pelo pensamento e cultura gregos, sob o governo alternativo de seu país pelos selêucidas (na Síria) e os egípcios. As famílias ricas e sacerdotais aceitaram a cultura, usando o idioma e a literatura gregos e até permitindo jogos gregos em Jerusalém. Da mesma forma que os gregos, elas rejeitaram as crenças tradicionais em anjos, na resurreição e na providência de Deus, e se tornaram conhecidas como helenistas. Houve uma forte reação contra esses conceitos, especialmente quando os jogos gregos foram introduzidos na cidade. Alguns reagiram para provocar um senso de orgulho nacional, mas outros, conhecidos como os *bassidim*, estavam muito mais preocupados em formar uma fé judaica sólida. As coisas chegaram a um clímax quando os helenistas concordaram em construir um ginásio (escola) em Jerusalém em 175 a.C. e muitos judeus ricos enviaram seus filhos para receber uma forma grega de educação.

A criança grega iniciava a escola aos sete anos, quando os pais podiam pagar as mensalidades. Ela estudava conhecimentos básicos (ler, escrever, contar), música (poesia, dança, instrumentos musicais), e habilidades físicas (luta livre, box, corrida, arremesso de dardos e discos (veja 1 Co 9.24-27). Aos dezesseis anos o menino ia para o ginásio estudar literatura, filosofia e política.

Os adultos interessados, que moravam na localidade, eram convidados para debates nas classes. Professores renomados abriram suas próprias escolas na ci-

dade de Atenas e os que desejavam iam à cidade para aprender com eles. Isso era feito sob a supervisão geral de um comitê educacional chamado de *Areópago*. Paulo utilizou o sistema ateniense e estabeleceu sua escola na cidade (At 17.16-34). Ele precisou então prestar contas ao Areópago (At 17.22). Em Éfeso, Paulo usou o salão de palestras de um professor chamado Tirano como base de pregação (At 19.9,10).

Os fariseus

O rei selêucida responsável pela escola grega em Jerusalém foi vencido numa batalha em 164 a.C. Os *bassidim*, ou fariseus, como estavam começando a ser chamados, sob a liderança de Simeão ben Shetah, insistiram em que dali por diante os meninos judeus deviam freqüentar a “casa do livro” para obter uma educação judaica. Ela era dirigida por um professor pago pela sinagoga. Os professores tinham de ser homens casados e de bom caráter. A educação superior era obtida numa “casa de estudo”. Essa escola era anexa ao Templo de Jerusalém e quando tinha doze anos Jesus foi encontrado nela (Lc 2.41-52).

Jesus deve ter ido à uma casa do livro em Nazaré na idade de aproximadamente cinco anos, e sentado com o grupo em semicírculo no chão, de frente para o professor. Grande parte do ensino era feita por repetição e a memorização levava à prática comum de ler em voz alta (veja At 8.30). A escrita era feita sobre cera num tablet de madeira (Lc 1.63) ou até no chão (Jo 8.6). O único livro didático era a *Taanach*: a Lei, os Profetas e as Escrituras que se tornaram o Antigo Testamento Cristão (2 Tm 3.15).

A lei tradicional era ensinada desde a idade de dez até quinze anos, e a lei judaica depois dessa idade. Os meninos mais brilhantes, como Paulo, podiam cursar uma das escolas da lei em Jerusalém. Eles sentariam aos pés de um dos grandes professores (At 22.3) quando estes compareciam às reuniões do Sinédrio, o conselho principal dos judeus. Só a partir de 65 d.C. a escola se tornou obrigatória para todos os meninos. O sumo sacerdote Gamala deu ordens para que todos os meninos, a partir dos seis anos, em todas as cidades, freqüentassem a escola; um grande número de meninos estava faltando às aulas sob o sistema voluntário. A primeira comunidade cristã era pobre demais para fornecer uma escola aos filhos.



Meninos judeus na casa do livro. Note os rolos na mesa baixa em frente ao professor.



Leia agora a sua Bíblia

Mais doce que o mel

Salmos 19.9,10. Quando o menino ia pela primeira vez à escola nos dias do Novo Testamento, ele chegava à sinagoga quando estava ainda escuro para ouvir a história de como Moisés recebera a lei. A seguir era levado à casa do professor para tomar a primeira refeição, onde ganhava bolos com letras da lei escritas neles. Na escola, o menino recebia uma lousa com passagens das Escrituras. A lousa era lambuzada com mel. Ele tinha de traçar as letras através do mel com a pena e era natural lamber a pena enquanto trabalhava. A idéia era que ele iria compreender que a sua ida à escola era para absorver as Escrituras. Essa prática de aprendizado parece ter sido baseada num velho costume ao qual Davi se refere no salmo.

Ensino mecânico

Isaiás 28.9,10. O povo está se queixando aqui da maneira como o profeta os ensina, porque é “mandamento sobre mandamento... regra sobre regra... um pouco aqui, um pouco ali”. Isso significa literalmente “s após s, q após q” e se refere ao método de ensino pela repetição. O professor dizia um s, e os alunos tinham de repeti-lo.

“Aio”?

Gálatas 3.24. O “aio” dessa passagem não é o professor, mas o escravo cujo trabalho era levar os filhos do dono para a escola e impedir que fizessem coisas erradas. Paulo diz que Jesus é o verdadeiro professor, a lei judia era simplesmente o escravo que levava os alunos com segurança para a escola.

Ganhando o sustento:

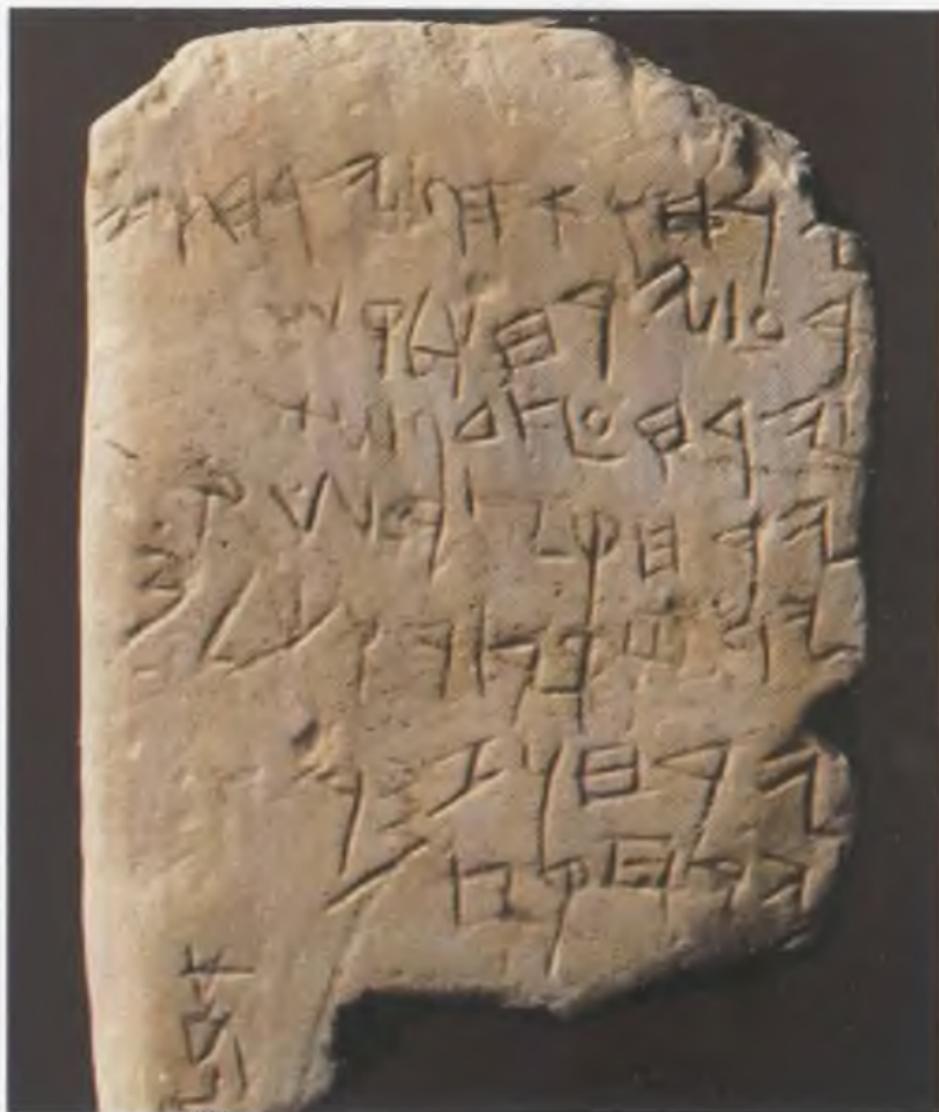
Agricultura

Quando o povo judeu entrou em Canaã e passou a cultivar a terra depois de quarenta anos de vida seminômade no deserto, eles começaram a fazer um trabalho que retrocedia em sua história centenas de anos e a um país extremamente rico em plantas. Ur dos caldeus, de onde Abraão partira, era sustentada por um sistema agrícola funcional baseado em canais de irrigação, pontas de arado de pedra e foices de pederneira. Com essa tecnologia os caldeus faziam duas colheitas por ano.

A agricultura era também uma característica do Egito. A cada ano o rio Nilo transbordava, e a terra

Os fazendeiros irrigam até hoje suas terras, levantando água do Nilo mediante um *shadoof* ou dispositivo de içamento.





**Calendário de Gezer —
exercício de um aluno
inscrito num tablete,
registrando o trabalho do
lavrador durante o ano.**

ficava coberta de um sedimento fino que enriquecia o solo para aquele ano. Na seção seca, era usada a irrigação. A água era tirada do Nilo e colocada em canais por meio do *shadoof* (dispositivo de içamento) e dirigida mediante o bloqueio de determinados canais com um sistema de paredes de barro que podiam ser removidas conforme necessário.

Agricultura cananita

Não havia tal regularidade ou certeza em Canaã; o sucesso da agricultura nesse país não dependia só das cheias dos grandes rios, mas também das chuvas de inverno, que variavam de ano para ano, e na conservação da água. Moisés advertiu o povo judeu de que o clima era incerto e que sua segurança estava em Deus, que proveria as chuvas anuais (Dt 11.10-15). As chuvas eram tão incertas que a religião cananita se baseava numa forma de magia que assegurava a fertilidade do solo. Baal era um deus da tempestade (veja Dt 11.16,17).

Os suprimentos de água caprichosos não eram as únicas coisas que tornavam a agricultura cananita incerta. Os ventos quentes do deserto, vindos do su-

deste secavam tudo que crescia (Jn 4.8; Lc 12.55). Outro problema sério eram os gafanhotos — uma grande variedade deles que enxameavam aos milhares (veja Jz 6.5; 7.12) e comiam tudo que fosse verde em seu caminho. Há uma descrição terrível de uma praga de gafanhotos em Joel 2. Eles atacaram o Egito motivados pela frase “Deixa ir o meu povo” (Ex 10.13-15). Quando os gafanhotos chegaram pareciam um exército vingador (Pv 30.27), embora se mantivessem nas sebes nos dias frios (Na 3.17). A erosão era outro problema. As chuvas de inverno tendiam a levar a cobertura do solo montanha abaixo. Muros de retenção tinham de ser preparados.

A agricultura começou quando o homem primitivo viu que em vez de colher cereais e vegetais silvestres, era possível colher sementes e plantá-las num lugar determinado. Os primeiros lugares usados para as safras foram aqueles onde cresciam as variedades silvestres — em pontos bem irrigados e drenados, com calor e solo adequados. Só com o desenvolvimento dos implementos agrícolas e com técnicas de irrigação é que a agricultura começou a avançar.

O Calendário Gezer

Na época em que o povo judeu expulsou os cananeus, já havia um número considerável de colheitas. Um menino daqueles dias escreveu um exercício do tipo “30 dias tem setembro”, descoberto em Gezer. Ele descreve o que estava sendo feito durante o ano na agricultura:

Os dois meses são a colheita de azeitonas	(Set/Out)
Os dois meses são o plantio de cereais	(Nov/Dez)
Os dois meses são o plantio tardio	(Jan/Fev)
O mês é a sega do linho	(Março)
O mês é a sega da cevada	(Abril)
O mês é a colheita e as festas	(Maio)
Os dois meses são de cuidar das vinhas	(Jun/Jul)
O mês é das frutas de verão	(Agosto)
(O plantio em janeiro e fevereiro era de painço, ervilhas, lentilhas, melões e pepinos.)	

Quando havia ovelhas, e talvez algum gado, em sua própria terra, o sistema de cultivo e criação poderia se chamado de fazenda mista auto-suficiente. Isto mudou nos primeiros dias da monarquia hebraica, à medida que a terra era acumulada pelos nobres às custas dos fazendeiros originais. Um sistema de inquilinos se desenvolveu e administradores foram designados para se encarregar dos vinhedos, plantações de oliveiras, celeiros e criação de gado (1 Sm 8.14). Os profetas protestaram contra este arranjo (Is 5.8) e Neemias forçou a devolução das propriedades aos proprietários originais (Ne 5) — cuja situação permaneceu até a conquista do país pelos exércitos da Grécia e de Roma, quando se tornou novamente possível acumular terra (Lc 12.18,19).

Fazendo uso do calendário feito pelo menino, vamos examinar agora algumas das coisas que eram cultivadas.

Cereais

Os dois cereais mais importantes eram o trigo e a cevada, embora o painço fosse também plantado (Ez 4.9). O trigo crescia na planície filistéia costeira, no vale do Jordão e no de Jezreel. A cevada podia ser cultivada em solo mais pobre e precisava de menos tempo para crescer, sendo menos valorizada que o trigo (Sl 81.16).

O ciclo de produção dos cereais começava quando as chuvas caíam em outubro/novembro e amaciavam suficientemente o solo para que fosse trabalhado. As chuvas continuavam então intermitentes e pesadas durante todo o inverno. Joel as chama de “chuvas temporâas” e “seródias” (chuvas do outono e da primavera) (Jl 2.23). Sem chuva o arado não podia ser usado porque o solo endureceria sob o sol do verão (Jr 14.4). O trabalho não era agradável porque as chuvas de inverno eram pesadas e frias, havendo sempre a tentação de esperar pelos dias mais quentes (Pv 20.4).

Aradura

A aradura e o plantio eram no geral uma única operação. O grão era espalhado por meio de um cesto aberto e reabastecido de um saco amarrado no lombo de um jumento. Eram necessárias cerca de 13k de sementes para meio acre, embora os babilônios tives-



Um lavrador beduíno usa o jumento para puxar o arado.

sem inventado uma distribuidora primitiva de sementes que estava em uso em alguns lugares e economizava mais as sementes. A semente era então plantada para que os pássaros não a comessem (Mt 13.4). Esse método de plantar sublinha a parábola do semeador em Mateus 13, onde havia um caminho endurecido e espinhos aguardando o semeador.

O arado era feito com dois pedaços de madeira unidos em forma de T. A parte horizontal do T formava o cabo para dirigir o arado e a extremidade pontuda para quebrar a superfície do solo. A seção vertical do T era presa ao jugo colocado sobre o pescoço dos animais. O jugo em si era simplesmente um pedaço de madeira colocado sobre o pescoço de um par de animais e mantido no lugar por duas varas verticais que desciam de cada lado do pescoço e eram amarradas por baixo (veja Jr 28.13).

Bois eram usados quando possível, e se era um touro tinha de ser castrado. A lei proibia mistura de animais, como um boi e um jumento (Dt 22.10), provavelmente por haver um puxão desigual que causaria sofrimento para o animal mais fraco. A regra proibindo a associ-

Um fazendeiro dos tempos bíblicos ara com uma parelha de bois. Note a lâmina do arado e o aguilhada pontuda do lavrador.

ação entre crentes e incrédulos em 2 Coríntios 6.14 ("Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis") não era simplesmente exclusivista, mas se baseava na experiência do sofrimento que poderia ser causado.

A quantidade de terra que um par de bois podia arar num dia tornou-se uma medida padrão (1 Sm 14.14; Is 5.10). Nos primeiros dias da agricultura, a extremidade aguçada o arado não passava de uma vara pesada e pontuda. Um grande avanço foi feito quando o cobre veio a ser derretido e um revestimento ou lâmina de cobre preso à ponta. Um avanço ainda maior foi feito quando os filisteus introduziram o ferro na terra, mesmo que isso significasse que os judeus tinham de mandar afiar as relhas de seus arados por filisteus (1 Sm 13.20).



Arados

Os primeiros arados eram leves. Embora fossem portáteis e pudessem ser levados durante algum tempo no ombro, eles só podiam arranhar a superfície do solo a uma profundidade de 70-100mm. A razão para o lavrador não olhar para trás (Lc 9.62) não era porque o sulco do arado não seria reto; mas pela necessidade de toda a sua concentração, a fim de empurrar com força e cavar suficientemente o solo. Ele tinha também de prestar atenção nas pedras e seixos, porque eles podiam quebrar facilmente uma ferramenta assim tão leve, apesar da leveza significar que podia levantar o arado por cima do obstáculo.

A aradura era feita às vezes em equipe, cada fazendeiro contribuindo com seu arado e bois até que os campos do povoado inteiro estivessem prontos. Eliseu estava arando com mais onze pessoas e 24 bois quando foi chamado para o seu ministério de profeta (1 Rs 19.19).





Martelo da época de Cristo. O martelo de mão era usado para quebrar o solo onde o arado não podia alcançar. Era fixado num cabo longo.

Os arados não podiam ser usados nas encostas, perto de árvores, ou numa terra excepcionalmente dura. Em tais casos era usado o martelo — uma ferramenta de mão como uma enxada, com uma lâmina fixada em ângulo reto com o cabo (Is 7.25). Havia um método alternativo de semear e arar, onde o solo era primeiro arado e depois semeado. Isso requeria uma nova aradura em ângulo reto com a primeira, puxando um arbusto grande atrás de uma parelha de bois.

Se os bois não quisessem mover-se ou fossem muito lentos para o lavrador, ele os incitaria a mover-se cutucando-os com uma vara pontuda ou aguilhada. Ela era suficientemente pesada para servir de arma (Jz 3.31). Jesus usou uma aguilhada simbólica para empurrar Paulo até o ponto de conversão. “Dura coisa te é recalcitrar contra os aguilhões” (At 9.5).

O trigo (muitas vezes chamado “milho” na Versão do Rei Tiago) era plantado primeiro, depois a cevada e as demais colheitas — painço, lentilhas, ervilhas, melões e pepinos. Era necessário manter o solo livre de ervas daninhas, capinando de dezembro até fevereiro. Essa era uma época em que, exceto nas regiões montanhosas, o movimento de um lugar para outro

era impossível porque as chuvas transformavam as planícies em verdadeiros pântanos. Quando as temperaturas começavam a subir no final de março e início de abril, as chuvas da primavera chegavam (veja Jl 2.23). Essas chuvas faziam os grãos incharem e no final de abril a cevada estava pronta para ser colhida.

Os campos para a sega eram divididos por caminhos e era permitido colher as espigas do trigo quase maduras junto ao caminho. Isto era particularmente apreciado na primavera, quando os grãos não haviam ainda endurecido. Os doze discípulos que estavam com Jesus comeram as espigas em amadurecimento num sábado (Lc 7.1,2). Eles não foram criticados por causa disso por ser permitido na lei (Dt 23.25). Alguns pensavam, porém, que até mesmo colher as espigas poderia ser considerado "trabalho" no sábado.

Colheita

O linho era colhido em março e abril, cortando as hastes com uma enxada junto do solo. Tão logo isto era completado, a cevada estava pronta para a colheita. Os grãos eram cortados com uma foice — um

Mulher árabe colhe o cereal usando uma foice manual.





Debulha do trigo, usando um trenó puxado por dois bois.

instrumento em forma de crescente com um corte afiado do lado interno. Nos primeiros tempos as ferramentas eram feitas de madeira ou até do osso maxilar de um animal, e pedras de pederneira fixadas do lado cortante interno. Mais tarde, foices de metal podiam ser adquiridas (Jr 50.16; Jl 3.13).

Os caules eram cortados perto do alto e o restante deixado no chão para as ovelhas pastarem (veja pág. 134). Eles eram amarrados em feixes (Gn 37.7 e Sl 129.7) e carregados nos lombos de jumentos (Gn 42.26,27), ou colocados num carrinho para serem levados para ser debulhados. O cereal era ocasionalmente arrancado do solo. O solo era normalmente cortado por um grupo de pessoas que trabalhavam juntas, mas os cantos do campo tinham de ser deixados para os pobres (Lv 23.22). Os pobres também podiam andar atrás dos ceifeiros para apanhar qualquer coisa que eles deixassem (Dt 24.19-22). A história de Rute é contada com esse pano de fundo. Ela pôde encher a parte de baixo de seu manto com o que havia colhido (Rt 2).

O grão estava bem seco na época da colheita e havia perigo de incêndio (veja Ex 22.6). Esse perigo era freqüentemente explorado pelos inimigos na guerra, por saberem que tal incêndio iria enfra-

quecer seriamente a condição dos donos das colheitas (veja Jz 6.1-6; 15.4,5).

Debulha

Usava-se a eira para separar o grão da palha. A eira podia ser qualquer superfície dura, compactada. Podia ser de pedra amaciada (como era provavelmente a eira de Ornã, o jebuseu, 1 Cr 21.18-26), ou de terra compactada. As eiras de terra eram muitas vezes cobertas de grama e acabavam sendo um lugar ideal para armar uma barraca. Estas eram chamadas de “eiras de verão”.

A debulha era feita batendo o grão com um mangual (uma vara longa e flexível) quando as quantidades eram pequenas. Rute usou este método (Rt 2.17) e Gideão fez o mesmo quando estava usando o fundo de pedra de um lagar (Jz 6.11). O salmista imagina fazer isto aos inimigos (Sl 18.42).

Os bois eram outro meio de debulhar os cereais. Um par era colocado num jugo único e o jugo preso a uma estaca vertical fixada no meio da eira. Eles giravam ao redor da estaca, dirigidos por um menino, e seus cascos aguçados faziam o resto. A lei dizia que os bois não deviam ser amordaçados enquanto trabalhavam desse modo, para que pudessem comer (Dt 15.4), e o Novo Testamento usa isso para estabelecer o princípio que os ministros do evangelho deveriam poder sempre viver do seu ministério (1 Co 9.7-9; 1 Tm 5.18). O significado original do termo hebraico para “debulhar” é “calcar aos pés”, que vem dessa segunda prática da debulha (Jó 39.15; Dn 7.23).

Num estágio posterior foi inventado o trenó para debulhar, que os bois puxavam atrás dele, como fariam com o arado. Os trenós eram feitos de pranchas de madeira compridas, fixadas lado a lado. Pedaços de pedra de pederneira eram afundados na madeira, na parte de baixo, e fixados nela com piche. O trenó passava por sobre os grãos até cerca de 50cm de profundidade, e fazia muito mais rapidamente o trabalho. O grão caía através da palha na superfície dura embaixo dela, mas a palha era cortada com esse método. A palha cortada servia otimamente como forragem para os animais, misturando-a com os grãos. Mais tarde, inventaram um trenó sofisticado, no qual conjuntos de rolos dentados substituíram as pedras de pederneira.

Joeirando (Separação)

À noite, quando a brisa vinha, o grão e a palha eram amontoados numa pilha no centro do eirado para o joeiramento. O lavrador usava um garfo de cinco pontas chamado de peneiro e uma pá, chamada de pá de joeirar. O garfo era usado primeiro, colocando-o no monte e atirando a mistura de grãos e palha para o ar. O grão mais pesado caía, enquanto a palha era soprada pelo vento. Quando o que restava era pequeno demais para ser apanhado pelo garfo, a pá era usada com o mesmo propósito. Era possível criar vento quando ele não aparecia, balançando um pedaço de tapete, no caso de pequenas quantidades. Os resíduos eram recolhidos e usados nos fogões domésticos; a palha reservada para os animais.

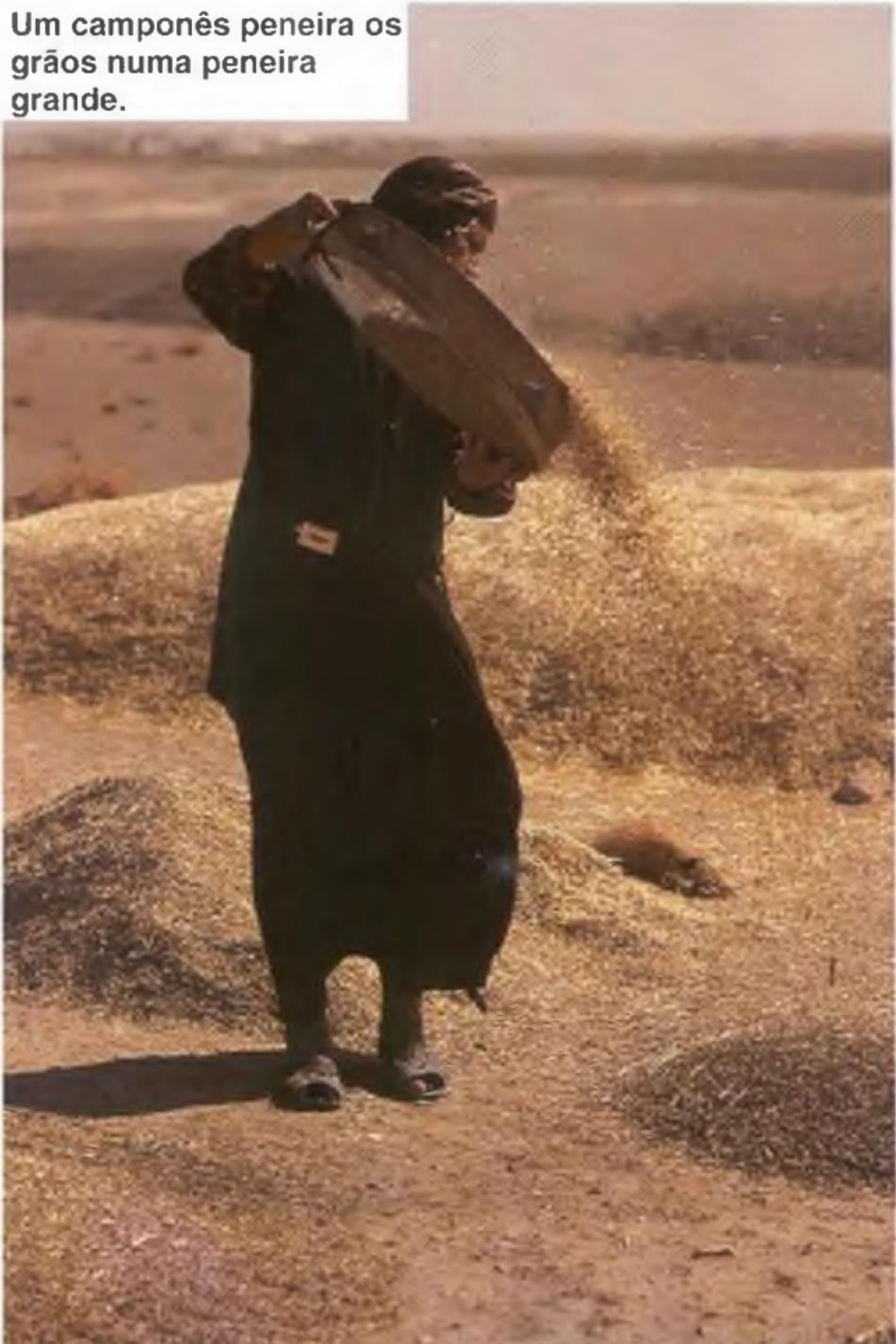


**Garfo de madeira usado
nos dias bíblicos para
joeirar os cereais.**

Um camponês joeirando cereal. Note que o trabalhador em segundo plano "cingiu os lombos".



Um camponês peneira os grãos numa peneira grande.



Os grãos tinham então de ser limpos por meio de peneiras. Os grãos de trigo e cevada ficavam misturados com todo tipo de fragmentos soltos que havia no chão da eira. Tudo era colocado em grandes peneiras que permitiam que o grão passasse, mas deixavam quase todos os detritos para trás. Era também necessário remover quaisquer grãos de joio nesse estágio. O joio é chamado de "praga" ou "erva daninha" no Novo Testamento. Ele parece idêntico ao trigo até que o grão amadurece, quando se torna negro e não amarelo (veja Mt 13.24-30). Os grãos são amargos e causam tontura e doença quando comidos.

A idéia de separar o bom do mau é usada como uma ilustração do que Deus fará quando julgar os povos (Sl 1.4; Jr 15.7). O processo inteiro foi usado por João Batista para ilustrar o trabalho de Jesus (Mt

3.12). Quando Jesus disse que Satanás queria peneirar Pedro como se fosse trigo (Lc 22.31), Ele estava provavelmente se referindo a sacudir fisicamente a peneira. Ao terminar essa parte do trabalho, o fazendeiro normalmente permanecia junto aos grãos durante a noite, acampando na eira para assegurar que a colheita não fosse roubada (Rt 3).

Armazenamento

No dia seguinte, os grãos eram medidos em receptáculos-padrão feitos de barro, que recebiam nomes de acordo com a sua capacidade. A maior quantidade possível era colocada numa dessas vasilhas, até transbordar (Lc 6.38). O grão era então estocado — as pequenas quantidades em receptáculos de barrro e as maiores num poço ou cisterna seco, num aposento anexo à casa, ou até num estábulo (Dt 28.8; Pv 3.10; Mt 13.30; Lc 13.18). Havia também graneleiros e silos públicos para armazenagem dos grãos (Gn 41.48).

Havia várias maneiras de evitar as pragas. Os depósitos eram construídos sobre tijolos e paredes grossas e a única maneira de entrar era mediante um ori-

Os cereais eram estocados em receptáculos de barro para se manterem secos.



fício no teto. As partes internas das paredes eram caiadas. Esses depósitos serviam também para receber as ofertas que sustentavam o ministério. Um décimo dos produtos da terra (frutas e colheitas) tinha de ser oferecido (Lv 27.30-32; Dt 14.22-29).

Nada sabemos sobre o uso de fertilizantes para as safras de cereais, embora esterco animal fosse algumas vezes usado em outros lugares. Ao invés disso, a terra recebia um descanso a cada sétimo ano ou ano sabático (Lv 25.1-7). Deus prometeu uma colheita farta no sexto ano, a fim de permitir que o povo sobrevivesse durante o sétimo (Lv 25.18-22). Tudo que crescesse no sétimo ano era propriedade dos pobres (Êx 23.10,11). Essa lei não foi obedecida nos primeiros anos do reino e o cronista viu o Exílio como o meio de dar à terra seus descansos sabáticos (2 Cr 36.21). Depois do Exílio, Neemias tentou restaurar a prática de dar descanso à terra (Ne 10.31), e isso estava em funcionamento durante o período grego. Em 163/162 a.C., os judeus ficaram sem provisões porque “era o ano sabático para a terra” (1 Mac 6.49,53).

Vinha em terraços perto de Hebron, Israel.





Vagens da alfarrobeira.
As favas da alfarrobeira
eram comidas pelo gado
e pelas pessoas mais
pobres. (Veja também
pág.56).

Vegetais e outros produtos

O linho era cultivado para produzir fio de linho. Os espiões que visitaram Jericó nos tempos de Josué se esconderam entre os talos do linho que secavam no teto de uma casa (Js 2.6). O fio do linho era usado para fiar (Pv 31.13), mas Isaías não gostava das “roupas de linho” que eram produzidas porque a sua transparência levava ao estímulo sexual (Is 3.16-24, esp. v.23). Pepinos, melões, alho-poró, cebolas e alhos eram provavelmente trazidos do Egito (Nm 11.5), e muitas plantas eram cultivadas para que suas folhas verdes pudesse ser comidas (malva, azeda e alcachofras). Feijões e lentilhas eram usados para engrossar os ensopados (Gn 25.34).

Vinhos

Segundo Gênesis 9.20, Noé foi a primeira pessoa a cultivar uvas depois do Dilúvio. Em nível pessoal, todo judeu queria ter sua própria vinha. Ela era plantada e crescia numa treliça ao longo da casa, proveniente sombra durante o calor do verão (1 Rs 4.25). Ter uma vinha fazia parte da vida estabelecida e, portanto, rejeitada pelos recabitas que queriam dar teste-munho do estilo nômade de vida (Jr 35).

Era bastante econômico para uma aldeia investir em sua própria vinha.



Abrigo provisório feito de ramos, folhas e pano de saco, usado por um lavrador para vigiar sua terra.

Na terra boa para o cultivo de uvas, porém, as pequenas vinhas eram compradas por proprietários ausentes e os pequenos fazendeiros se tornavam inquilinos, recebendo uma parte da produção como pagamento (1 Rs 21.6; Mt 20.1; Lc 20.9,10). O cultivo dos vinhedos se tornou então um empreendimento importante. Ele já estava bem desenvolvido quando Moisés enviou espiões a Canaã (Nm 13.23).

Cultivo da vinha

Isaías 5.1,2 descreve o processo de cultivar uma vinha:

O meu amado tem uma vinha num
outeiro fértil.

E a cercou, e a limpou das pedras,
e a plantou de excelentes vides;
e edificou no meio dela uma torre,
e também construiu nela um lagar.

(Veja também Mt 21.33). A vinha era colocada numa encosta onde houvesse boa drenagem e onde as uvas pudessesem apanhar sol. A terra era primeiro preparada em terraços para usar as pedras espalhadas pelo terreno e, ao mesmo tempo, para conservar o solo durante as chuvas pesadas. A propriedade era então cercada com um muro e um fosso, a terra removida do fosso formava a base do muro. Uma cerca de espinhos era colocada no alto do muro, a fim de evitar a entrada de quaisquer

animais que pudessem danificar a plantação (Pv 24.30,31; Ct 2.15). O Salmo 80.12,13 menciona seres humanos que poderiam invadir a vinha para roubar uvas, embora a lei permitisse que elas fossem apanhadas, desde que o indivíduo não as levasse num recipiente (Lv 19.10; Dt 23.24). O solo era preparado, afofando-o com uma enxada (Is 5.2).

Finalmente, foi construída uma torre que servia de casa de verão, um lugar para a família passar o verão enquanto as uvas estavam sendo colhidas. Construir não era coisa fácil. Jesus contou certa vez a história de um homem cujo dinheiro acabou enquanto construía uma torre (Lc 14.28-30). O andar de cima da torre era usado como um lugar de vigia (Is 5.2). Se o proprietário não podia construir uma torre, os trabalhadores usavam uma tenda.

As mudas eram plantadas a cerca de 3m entre si, para dar espaço aos ramos. Se a vinha estivesse em terreno plano, haveria espaço suficiente para passar o arado entre as fileiras. Algumas variedades eram deixadas no chão, mas outras apoiadas em treliças rústicas de gravetos na forma de forquilha.

Torre em ruínas nos campos perto de Samaria.





Mulher árabe colhendo uvas.

Uma vez que as vinhas cresciam, a poda era feita com uma pequena podadeira (Jl 3.10) durante os meses de inverno, a fim de remover os galhos fracos, quebrados ou doentes para que a vinha produzisse as melhores uvas possíveis. Esse processo era referido como “limpeza da videira”. Estamos sendo podados ou limpos pelo ensino que Jesus nos deu (Jo 15.3). Os ramos bons que não estão indo muito bem são removidos (Jo 15.2) e colocados em posição mais favorável para produzir bons frutos.

A vindima

A vindima começa em julho, mas dura até setembro. A aldeia inteira pode ir para as vinhas (como em Jz 9.27) porque o trabalho tem de ser rapidamente completado. Colher uvas era um trabalho árduo nos dias bíblicos, mas havia cânticos, danças e celebração. As celebrações faziam de tal modo parte da vindima que se estivessem ausentes, isso seria visto como um sinal do juízo de Deus (Is 16.10). Todos levavam grandes cestos (Jr 6.9) para colocar as uvas. Algumas delas eram comidas frescas ou espremidas para fazer suco de uva. O copeiro-chefe na interpretação do sonho por José,



Vinhos suspensas perto de Hebron.

espremeu um cacho de uvas no copo do Faraó (Gn 40.11). Suco de uva fresco era usado com fins laxativos. Parte do suco era também transformada em vinho, conhecido como “vinho doce” (Os 4.11).

Outras uvas eram secadas para fazer uva-passa. Eles as colocavam num canto da vinha, virando-as diariamente e aspergindo com óleo de oliva. Davi recebeu vários presentes de passas em várias ocasiões (1 Sm 25.18; 2 Sm 16.1; 1 Cr 12.40) por serem um alimento produzido em grande quantidade. Havia uvas demais para serem todas utilizadas para fazer passas. A maioria era espremida e transformada em suco.

O lagar

O lagar era uma cisterna cortada na rocha com um furo de saída no fundo. O suco corria pelo buraco e caía numa tina ou outras vasilhas coletores. Várias pessoas entravam ao mesmo tempo na cisterna e pisavam as uvas, provocando muitas risadas e alegria.

A primeira parte de Isaías 65.8 diz: “Como quando se acha mosto num cacho de uvas dizem: Não o desperdices, pois há bênção nele”, pode ter constado de uma das canções cantadas durante o processo. Da mesma

forma que Isaías, Jeremias vê juízo quando não há alegria ou cantos quando as uvas são pisadas (Jr 48.33). Isaías apresenta um triste exemplo de um homem que estava pisando uvas sozinho porque todos os seus companheiros tinham ido embora (Is 63.3). Uma ilustração ainda mais violenta do juízo é dada quando pessoas são colocadas no lagar de Deus e pisoteadas. As vestes divinas ficam cobertas de sangue em vez do suco das uvas vermelhas (Is 63.3-6; Ap 19.13,15).

Certa quantidade de suco de uva era fervido para fazer um xarope espesso chamado *dibs*. Esse pode ser perfeitamente o que é chamado de *mel* em muitas partes da Bíblia. Isso porque as abelhas não eram mantidas em colméias até os tempos romanos.

O mel comum era obtido de abelhas selvagens (veja pág.52). O mel que “jorrava” da terra está, portanto,



A parte superior desta lâmpada romana mostra dois homens pisando uvas.



**Jarro romano, ou ânfora,
usado para guardar vinho.**

mais provavelmente associado à uva. Ele é algumas vezes espalhado no pão e outras diluído com água para fazer uma bebida.

A maior parte do suco de uva era transformada em vinho. Isso não se devia simplesmente ao prazer, mas a uma necessidade. A água não servia para beber a não ser que viesse de uma fonte sadia e o suprimento de leite era limitado. Quando Paulo disse a Timóteo que devia beber um pouco de vinho por causa do seu estômago, não se tratava necessariamente do vinho fazer bem ao estômago, mas porque a água poderia prejudicá-lo (1 Tm 5.23).

Fabricação do vinho

O suco de uva ficava cerca de seis semanas nas vasilhas coletoras para fermentar. Um sedimento conhecido como *borra* se formava no fundo da vasilha. O vinho era então derramado delicadamente em jarros, sem perturbar o sedimento (veja Jr 48.11). Os jarros eram selados com argila, mas havia um pequeno orifício junto ao cabo, permitindo que os gases escapassesem durante o restante da fermentação. Quando o processo se completava, o orifício era fechado com um pouco de argila umedecida e o nome ou selo do proprietário era colocado na argila. O vinho podia ser colocado em odres (recipientes de pêlo de cabra), mas se o odre velho não se expandisse para receber os gases, ele então explodia e o vinho não podia ser apro-

Mulher egípcia lavando um odre no rio.



veitado. Esse é o ponto da ilustração de Jesus em Mateus 9.17.

Nos tempos do Novo Testamento, os vinhos eram importados de todo o mundo mediterrâneo para a Judéia. Os ricos tinham adegas em suas casas e estocavam o vinho em jarros estreitos com extremidades pontudas chamados ânforas. As pontas eram enterradas no solo para ajudar a manter os jarros frescos. Vinho era também produzido de tâmaras, romãs, maçãs e cereais. O vinho feito de cereais é provavelmente mencionado na Bíblia (Lv 10.9; Is 56.12) como “bebida fermentada”.

Havia vários usos para o vinho além do óbvio. Ele era empregado como desinfetante para limpar feridas antes de colocar o azeite curativo (Lc 10.14). O vinho barato (vinho dos soldados), produzido antes da fermentação

ter-se completado nas vasilhas de barro, era misturado com mirra ou galha para aliviar a dor (Mt 27.34).

O simbolismo da videira

A videira tinha grande importância na religião de Israel. Era usada como símbolo da vida religiosa do povo e uma escultura de um cacho de uvas com frequência adornava o exterior da sinagoga. O simbolismo se baseava em passagens tais como Salmos 80 e Isaías 51.1-5, onde Israel é a videira de Deus. A importância da vinha é a razão dos fariseus terem se enfurecido tanto quando Jesus contou a história dos lavradores maus na vinha (Mt 21.33-41,45,46). Jesus era a videira verdadeira (Jo 15.5-7), como cumprimento de tudo que Israel devia ser para Deus.

A videira era também importante porque destacava o ensino sobre o uso certo e errado das coisas. O vinho era uma das coisas boas que Deus deu (Gn 27.28; Jz 9.13) e como tal devia ser oferecido a Ele nas ações de graças (Êx 29.40). Quando o lavrador morava muito distante do santuário central para entregar o dízimo do vinho, este devia ser vendido e usado para comprar algo com que agradecer a Deus (Dt 14.22-26).



Cacho de uvas esculpido na alvenaria da sinagoga de Cafarnaum.

Devia haver, porém, abstenção do vinho com propósitos disciplinares. O nazireu não comia ou bebia absolutamente nada proveniente do fruto da videira (Nm 6.3). João Batista não tomava vinho (Lc 1.15) e ele era proibido para os sacerdotes (Lv 10.5-9) quando iam à presença de Deus. O vinho podia ser usado com bons propósitos (Gn 14.18; Is 5.11; 28.7). Os excessos de comportamento causados pelo vinho é que eram condenados na Bíblia, e não o ato de beber vinho em si (Rm 13.13; 1 Co 11.21; 1 Tm 3.8; Tt 2.3).

Cultivo das oliveiras

As oliveiras estavam associadas às vinhas; elas eram também um elemento vital do suprimento alimentar. O Salmo 128.3 fala da bênção de Deus sobre as famílias que confiam nEle:

“A tua mulher será como a videira frutífera aos lados da tua casa; teus filhos, como plantas de oliveira, à roda da tua mesa” (Sl 128.3).



Oliveira envelhecida pela
ação do tempo no Jardim
de Getsêmani em
Jerusalém.

A oliveira da família podia ser cultivada ao lado da herança familiar, mas com o passar do tempo bosques de oliveiras foram plantados ao longo das vinhhas e dos campos de cereais, quando o óleo era usado para pagar impostos. As oliveiras cresciam tão bem que a terra era chamada às vezes de “uma terra de óleo... de oliveira” (Dt 8.8).

O cultivo das oliveiras era feito colocando um enxerto de uma árvore cultivada em outra silvestre. A planta silvestre era então cortada pela base. As raízes da árvore se aprofundam muito no solo rochoso e este fato pode estar por trás de Deuteronômio 32.13, que se refere ao azeite sendo sugado da pederneira. A árvore leva cerca de quinze anos para chegar à maturidade e depois produz frutos durante séculos. As velhas raízes geralmente lançam novos rebentos, o que deu ao profeta a idéia do renovo de Jessé que fez brotar o Messias (Is 11.1). Os novos brotos eram enxertados nos troncos. Paulo diz que quando a cristandade seguiu o judaísmo do Antigo Testamento, era como se, contrário à prática normal, uma oliveira brava estivesse sendo enxertada num tronco cultivado (Rm 11.24).

A oliveira

A oliveira não é uma árvore atraente. Ela tem cerca de seis metros de altura quando adulta. A casca é nodosa e as folhas têm uma cor verde mortiça. Porém, ficam prateadas quando expostas ao sol, o que provavelmente fez com que a árvore parecesse bela aos olhos das pessoas nos tempos bíblicos (Sl 52.8; Jr 11.16; Os 14.6). A árvore se cobre de botões brancos na primavera, e quando eles caem dão a impressão de uma chuva de flocos de neve (Jó 15.33).

O fruto está pronto para ser colhido pelas mulheres e meninos em setembro/outubro. Um pedaço grande de pano é estendido debaixo da árvore e os ramos batidos para que as azeitonas caiam sobre o pano. Nos dias do Antigo Testamento, as que não caíam tinham de ser deixadas na árvore para serem colhidas pelos pobres (Dt 24.20; Is 17.6). As batidas nos ramos com certeza destruíam os brotos novos, de modo que a colheita do ano seguinte era pequena. Isso resultava em anos bons alternados com outros maus para a safra.

Um lavrador faz girar a roda de pedra em sua prensa de azeitonas. Esse trabalho era às vezes feito por um jumento.

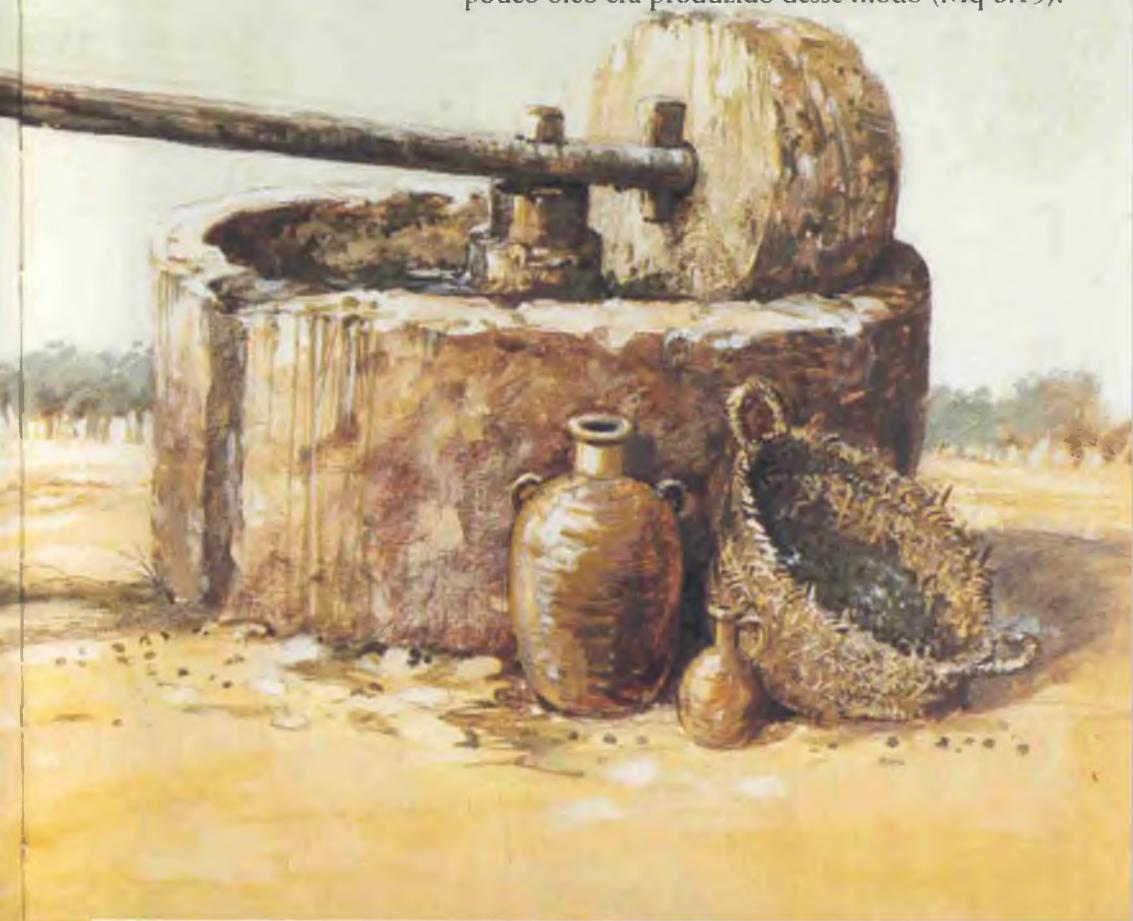
A prensa de azeitonas

Muitas azeitonas eram comidas com pão de cevada e isto constituía o desjejum normal do trabalhador. Era possível preservá-las, imergindo-as em água salgada. A principal importância da colheita era, porém, o seu óleo. A prensa de óleo consistia de uma grande pedra achatada, cilíndrica, escavada na parte de cima

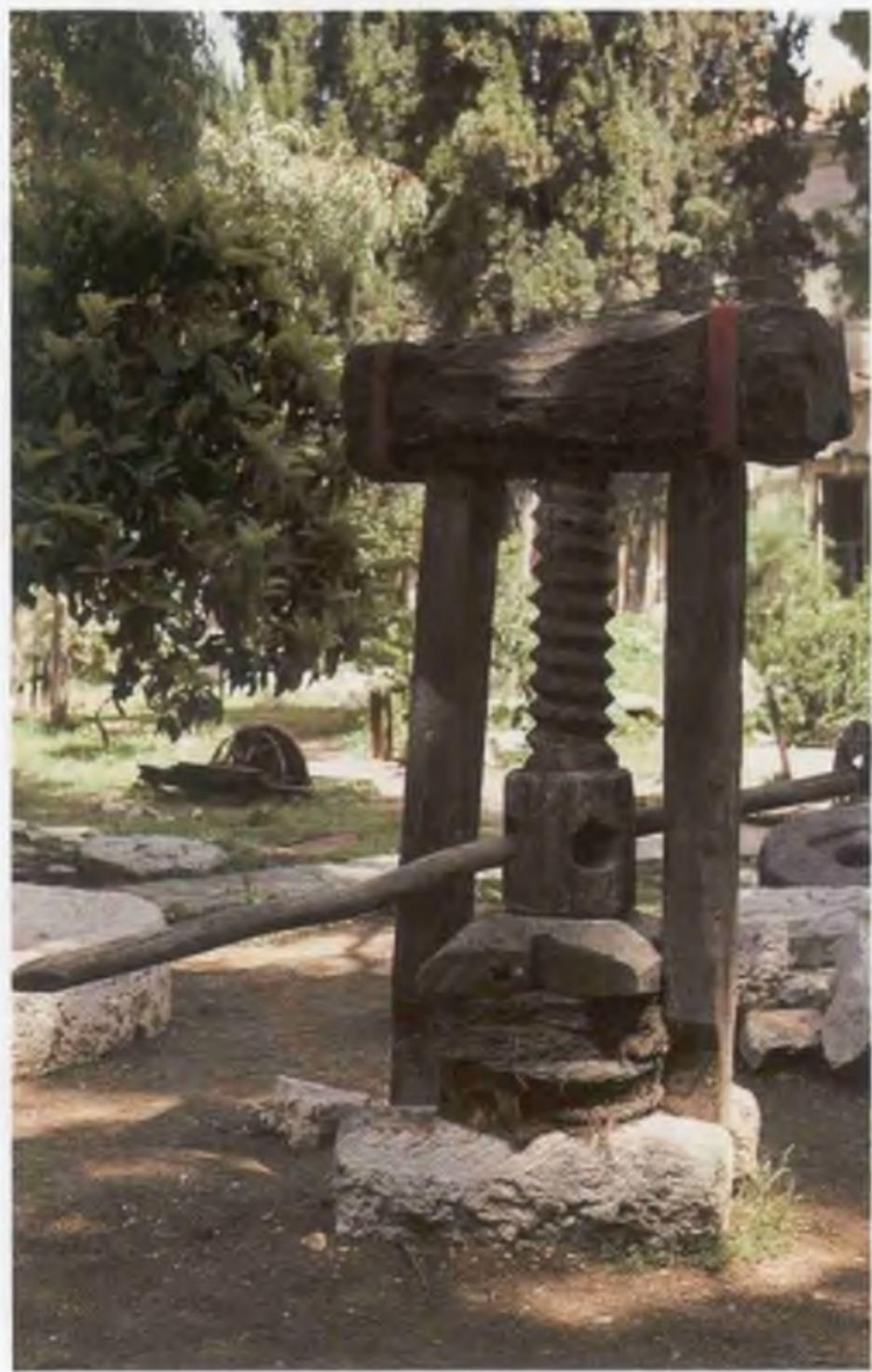


para formar uma espécie de bacia grande e rasa para conter as azeitonas. Outra roda de pedra era colocada na beirada, e, com a ajuda de um jumento era girada ao redor da bacia, esmagando as azeitonas. A polpa resultante era então tratada para extrair o óleo.

Um método de obter óleo era colocar a polpa em cestos, um por cima do outro, e espremê-los juntos numa prensa, seja por meio de um parafuso de rosca ou um pedaço de madeira que funcionava como uma alavanca quando empurrada contra uma estrutura de madeira. Outro método era colocar a polpa de azeitonas em sacos de tecido que eram depois pisados. O óleo saía através do tecido e era colocado em frascos até o sedimento assentar. O material produzido era depois tirado e guardado em lugar fresco. A colheita de uma só árvore rendia cerca de 20 galões de óleo. Getsêmani, no Jardim das Oliveiras, significa "presa de óleo" porque deve ter havido uma prensa ali. Era possível pisar as azeitonas como uvas na prensa, mas em vista delas serem muito mais duras do que as uvas, pouco óleo era produzido desse modo (Mq 6.15).



Este tipo de prensa usava um parafuso de rosca para abaixar um pedaço de madeira sobre o cesto de azeitonas, a fim de esmagá-las.



Óleo de oliva

O óleo de oliva tomou o lugar da manteiga e da gordura para cozinhar, sendo então crucial para a dieta. Ele fazia, portanto, parte da oferta de manjares (Lv 2.1). Era usado como combustível para as lâmpadas (Mt 25.3,4) e quando fervido com soda cáustica formava o sabão. O óleo era usado para esfregar na pele a fim dar-lhe brilho, e para ungir a cabeça para o cabelo brilhar também.

A beleza produzida pelo óleo pode sublinhar o seu uso na vida religiosa, porque os objetos consagrados ao serviço de Deus eram ungidos com óleo. O profeta (1 Rs 19.16), o sacerdote (Lv 8.12) e o rei (1 Sm 16.13; 1 Rs 1.34) eram ungidos com óleo por serem separados,

ou consagrados ao serviço de Deus. O uso ritual era tão importante que se considerava ofensa, levando à excomunhão, usar o óleo santo da unção para fins comuns (*Ex 30.32,33*) e a pessoa que tivesse recebido tal unção devia ser obedecida (*1 Sm 24.6*). O profeta falava ao povo da parte de Deus, o sacerdote representava o povo diante de Deus e o rei estabelecia a lei de Deus.

A palavra para “unção” é *Maseiah*, e o Messias é portanto “o ungido”. Jesus reuniu em si mesmo a tripla função de profeta, sacerdote e rei. Muito simbolismo é envolvido nisto. O óleo parece ter sido reconhecido como um dom de Deus; a oliveira que cresce num lugar rochoso produzirá abundância de óleo. O óleo é, pois, associado com o dom de Deus e com o derramamento do Espírito feito por Deus. Jesus disse que o Espírito de Deus estava sobre Ele porque o Senhor o havia ungido (*Is 61.1; Lc 4.16-21*).

A pessoa era consagrada a Deus pela unção porque acreditava-se que o próprio óleo era de Deus e porque o óleo na pele e no cabelo faziam as pessoas terem melhor aparência. Os cristãos também recebem uma unção (*1 Jo 2.27*), que deve ser também o Espírito Santo porque resulta em aprender a verdade de Deus (*Jo 14.26*).

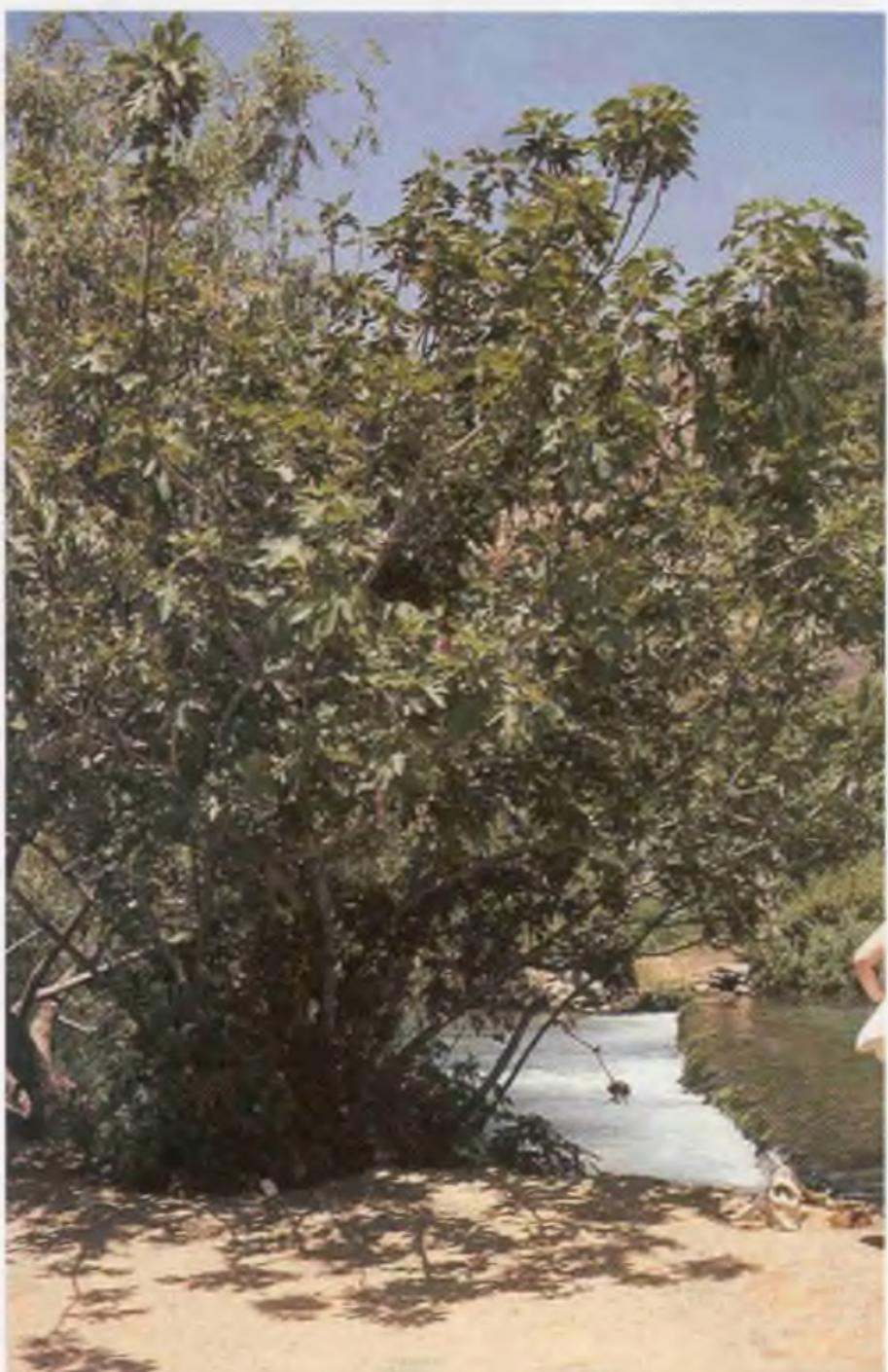
O óleo era igualmente usado para curar. Quando o Bom Samaritano ajudou o homem que havia sido atacado na estrada de Jerusalém a Jericó, ele derramou óleo e vinho sobre as feridas. Essa propriedade medicinal deveria estar por trás do uso do óleo nas curas divinas. Os primeiros cristãos receberam instruções para ungir o doente com óleo e orar por ele (*Tg 5.13-16*). Outros acreditam que a unção era um meio de consagrar ou entregar o doente aos cuidados de Deus. Marcos 6.13 diz que quando os Doze foram ministrar em pares, eles levaram óleo para curar.

A madeira da oliveira é usada para fabricar pequenas peças e para esculpir. O tronco nodoso torna impossível aproveitá-lo. A madeira é atraente, com veios escuros contra um fundo amarelado. Os querubins do templo eram feitos de madeira de oliveira juntamente com as portas internas e externas.

Os escudos eram lubrificados (*2 Sm 1.21*) para impedir que o couro rachasse. O óleo tinha a mesma função de conservar o couro como a graxa conserva os sapatos.

Figueiras

As figueiras eram apreciadas pelos seus frutos e pela sua sombra. Do mesmo modo que a videira, as figueiras se tornaram um símbolo de segurança e prosperidade (1 Rs 4.25; Mq 4.4; Zc 3.10). Quando Jesus encontrou Natanael pela primeira vez, ele estava sentado sob a sua figueira (Jo 1.48). Elas eram silvestres, e nesse estado selvagem os botões-fêmea da figueira tinham de ser polinizados por meio de uma vespa que se desenvolvia dentro dos figos não-comestíveis (*selvagens*), os quais cresciam várias vezes por ano. Depois da figueira ter sido cultivada por algum tempo (veja Lc 13.6-9), ela não precisava mais da polinização feita por insetos. A árvore cultivada era



Figueira em Banias, ao norte de Israel.

geralmente plantada numa vinha (Lc 13). Se fosse permitido que a árvore crescesse até sua plena estatura, ela podia alcançar dez metros, mas se estivesse em solo rochoso ou fosse cortada regularmente ficava limitada a um arbusto.

As folhas da figueira eram grandes o bastante para servir de cobertura para Adão e Eva (Gn 3.7). As folhas se desenvolviam no final da primavera, ou no final de abril e eram portanto um sinal de que o verão estava se aproximando (Mt 24.32). Era possível colher frutos da árvore durante cerca de dez meses no ano. Os primeiros figos maduros (Os 9.10) surgiam em junho, mas a colheita principal amadurecia em agosto. Havia uma pequena colheita de figos de inverno que no geral permanecia até a primavera. Os figos podiam ser comidos frescos, em compotas ou preservados secos (1 Sm 15.18; 1 Cr 12.40). Foi dessa forma que Ezequias usou os figos como emplastro (2 Rs 20.7).

O sicômoro

Outra forma de árvore frutífera, similar ao figo, era o chamado sicômoro. Nos dias de Davi os sicômoros eram suficientemente abundantes para que encarregasse alguém de cuidar deles (1 Cr 27.28). Foi de cima de uma dessas árvores que Zaqueu ouviu Jesus chamá-lo para descer, a fim de poderem comer juntos (Lc 19.1-4). A árvore tinha cerca de dez metros de altura e era plantada pela sua madeira leve e duradoura, assim como pelo seu fruto. As árvores novas eram cortadas para estimular o crescimento da madeira em múltiplas posições, sendo podadas depois de sete anos.

A Mishná permitia que o homem que alugasse um campo com um sicômoro só cortasse os ramos no primeiro ano depois de um arrendamento de sete anos. A importância econômica da árvore era tão grande que quando os egípcios perdiam suas árvores por causa da geada, isso significava um desastre (Sl 78.47). Amós era um cultivador de sicômoros assim como boieiro (pastor; Am 7.14,15). O fruto do sicômoro precisava ser furado e limpo com óleo para amadurecer e tornar-se suculento. O proprietário de uma plantação de sicômoros permitia que o pastor deixasse seu rebanho pastar sob as árvores em troca de ele fazer esse trabalho monótono.

Leia agora a sua Bíblia

Um sacrifício perfeito

Números 19.2. A lei dizia que bois só podiam ser sacrificados se não tivessem sido colocados sob o jugo. Isso porque o boi que trabalhava no arado sofria castração; sendo, portanto, imperfeito como sacrifício.

Espadas em relhas de arado.

Joel 3.10. Joel fala de pessoas se preparando para a guerra, as quais transformavam seus arados em espadas e suas podadeiras em lanças. **Isaias 2.4** e **Miquéias 4.3** falam de uma paz em que as pessoas transformam suas espadas em arados e suas lanças em podadeiras. O metal era tão escasso na época que era necessária a mudança de utilização.

O ciclo da vida das figueiras

Cantares 2.13; Jeremias 24.2; 29.17; Mateus 21.18. Não é fácil associar as referências bíblicas ao ciclo de vida da figueira. A referência no livro de Cantares é provavelmente aos primeiros figos maduros porque estão prontos na época em que as videiras florescem. Os figos bravos vistos por Jeremias podem ser os figos-macho (selvagens) não-comestíveis, que abrigam as vespas do figo enquanto elas crescem. Jesus talvez estivesse procurando os últimos figos do inverno ou os primeiros figos maduros. Qualquer deles que estivesse ausente indicava que a árvore era infértil e não daria uma safra no "tempo dos figos". Jesus confirmou a sua inutilidade fazendo-a morrer.

Ganhando o sustento:

Coletando alimentos

Pântano de papiros no Lago Huleh, Águas do Merom antigo, uma região bem conhecida por seus leões nos tempos bíblicos.

O homem primitivo habitava em cavernas, caçava ou apanhava seus alimentos; mas a fixação na terra só começou por ocasião da primeira revolução agrícola, quando ele percebeu que as sementes dos cereais podiam ser plantadas e a colheita ceifada. Era necessário morar junto aos campos, e os melhores campos nem sempre ficavam perto das cavernas onde moravam. Mais tarde a caça diminuiu, embora Ninrode (Gn 10.9) e Esaú (Gn 27.5) fossem ambos caçadores. Isaque disse a Esaú que levasse suas armas, sua aljava e seu arco, e fosse para os campos apanhar caça (Gn 27.3).

Quando o povo judeu ocupou Canaã, a caça parece ter sido uma necessidade porque eram tão poucos



que havia uma possibilidade dos animais se multiplicarem contra eles (Êx 23.29). Nas montanhas do Líbano e da Síria havia grande quantidade de vida selvagem, assim como no desfiladeiro do Jordão. O Vale dos Refains (*Rift*) do Jordão tem uma garganta escarpada em dois níveis. No nível mais baixo, o rio inundava as margens na primavera e isso, combinado com o calor intenso do verão, formava uma floresta tropical densa que abrigava vários animais selvagens. As águas de Merom (Lago Huleh) eram bem conhecidas pelos seus leões (Jr 49.19) e até o deserto parece ter sido uma guarida para as feras (Mc 1.13).

No Egito e na Assíria, tudo indica que a caçada tenha constituído um esporte. Os reis assírios mantinham grandes reservas de caça e havia muitas caçadas no vale do Nilo. Nos tempos romanos, os animais eram caçados para uso nas guerras e círcos.

Caçadas

A caçada não era uma ocupação fácil. Armadilhas eram construídas para prender os grandes animais. As covas eram cobertas com folhas e galhos e no geral se faziam vias de acesso para atrair os animais em direção a elas. Ezequiel conta como um leão foi apa-

Relevo assírio de uma caçada de leões.



nhado numa dessas armadilhas. Ele emprega a ilustração como um exemplo do que acontecerá aos príncipes de Israel (Jr 48.44; Ez 19.1-4). Em outros casos era usada uma rede, suspendendo-a algumas vezes sobre a armadilha e outras presa ao solo. Em alguns casos a rede provavelmente cobria o animal.

Jó 18.8-10 se refere a alguns dos métodos de prender animais — nesse caso com respeito a um homem perverso:

“Porque por seus próprios pés é lançado na rede e andará na boca de forje. A armadilha o apanhará pelo calcanhar, e o laço o prenderá. A corda está escondida na terra, e a armadilha, na vereda”.

Uma vez preso o animal, ele era morto com arco e flecha, lança ou faca (veja também Ec 9.12; Is 51.20; Ez 12.13; Am 3.5).

As leis de alimentação do Antigo Testamento proibiam que muitos animais fossem comidos (Lv 11) e outras leis estabeleciam como os animais deviam ser mortos antes de serem comidos (Lv 17.13; Dt 12.15). O sangue do animal tinha de ser escorrido. Se o caçador apanhasse algo que não tivesse matado, por ter morrido naturalmente ou sido morto por outro animal, ele se tornava ritualmente impuro (Lv 17.15,16).



Página oposta: A pesca continua sendo uma atividade importante no Mar da Galiléia.

Pesca

Os povos judeus primitivos não pareciam ser bons pescadores, embora gostassem de peixe (Nm 11.5). Os únicos navios que possuíam afundaram no porto numa tempestade em Eziom-Geber (1 Rs 22.49). Os filisteus navegavam de Chipre e os fenícios eram uma nação de navegadores, mas pouco se ouve falar da pesca.

Não foi senão nos dias do Novo Testamento que a pesca se desenvolveu, e isso no Mar da Galiléia. Magdala era um dos centros da indústria pesqueira; o nome *Magdala* significa na verdade “salga de peixes”. Havia um grande mercado nas circunvizinhanças da Galiléia.

É difícil visualizar, quando vemos fotos da Galiléia rural de hoje, que o lago era cercado por grandes cidades entremeadas de pequenas aldeias, e que não era fácil para Jesus encontrar um lugar deserto ao redor do lago onde pudesse descansar longe das multidões. Pedro, André, Tiago e João, sócios numa empresa de pesca, não eram homens pobres mas compartilhavam de uma indústria viável. A pesca nunca se desenvolveu no Mar Morto. A 400m abaixo do nível do mar, a evaporação da água no Mar Morto correspondia ao volume que entrava, e sua água se tornou cada vez mais impregnada de sais químicos. Só na área muito limitada em que as correntes de água fresca entram no Mar Morto é que alguns peixes podem ser encontrados.

Existem várias maneiras de pescar, como segue:

Pesca com vara e linha

Isaías profetiza que o rio Nilo vai secar como parte do juízo de Deus (Is 19.5-8) e se refere a “todos os que lançam anzol ao rio”. Temos um exemplo do Novo Testamento, quando Jesus disse a Pedro que usasse um anzol para pescar um peixe com uma moeda na boca, a fim de pagar o tributo do templo: “Vai ao mar, lança o anzol, tira o primeiro peixe que subir...” (Mt 17.24-27).

Pesca com lança

Deus perguntou a Jó qual o meio que usaria para pescar o leviatã, a grande criatura marinha: “Encherás a sua pele de ganchos, ou a sua cabeça de arpéus de pescadores?” (Jó 41.7). Homens saíam à noite com





**Pesca com rede
na Galiléia.**

uma lanterna pendurada na proa do barco. Os peixes eram arpoados quando saltavam atraídos pela luz.

Pesca com rede especial

A rede especial era circular, com cerca de cinco metros de diâmetro, com pesos nas bordas. Uma corda comprida ficava presa ao centro da mesma. Quando um cardume de peixes era visto na água rasa, jogavam sobre ele a rede. Os pesos faziam com que descesse e os peixes ficavam presos debaixo dela. A rede era então puxada para a praia. Pedro e André estavam usando esse tipo de rede quando foram chamados por Jesus (Mc 1.16,17). Essas redes eram também jogadas dos barcos e depois puxadas para a praia, desde que as águas não fossem profundas.

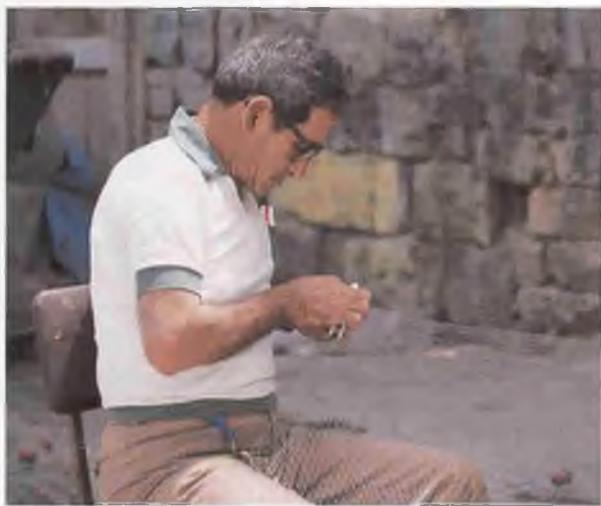
Quando a pessoa está acima da linha da praia, é muitas vezes fácil ver cardumes de peixes que ao nível da praia não podem ser vistos. Portanto, é possível que alguém dum ponto mais alto possa dizer ao pescador onde lançar a rede. Quem sabe foi isso que aconteceu quando Jesus disse aos discípulos de que lado do bote lançar a rede (Jo 21.4-6). Eles estavam pescando no raso, porque Pedro pôde andar até a praia para encontrar Jesus, e estavam ao alcance da voz dele.

A rede trazia tudo que se achava no leito do lago e, quando puxada para a praia, era necessário separar os peixes bons dos ruins, sendo estes então devolvidos à água (Mt 13.47,48).

O pescador lança a rede
para prender um cardume
de peixes no raso.



Um pescador remenda a sua rede.





Pesca com rede do tipo Seine

(Ez 26.5; Hc 1.15; Lc 5.4.) A rede *seine* tinha cerca de três metros de largura e vários metros de comprimento. Ela ficava suspensa na água como uma cerca, sendo mantida flutuando por meio de rolhas, e pedras eram colocadas nas beiradas para mantê-la na vertical. Um único barco fazia um círculo com a rede, ou dois barcos suspendiam a mesma entre eles e faziam uma varredura em direção à praia. Quando a rede ficava num círculo apertado, era possível puxar a corda inferior para que se formasse uma enorme bolsa, da qual os peixes não podiam escapar.

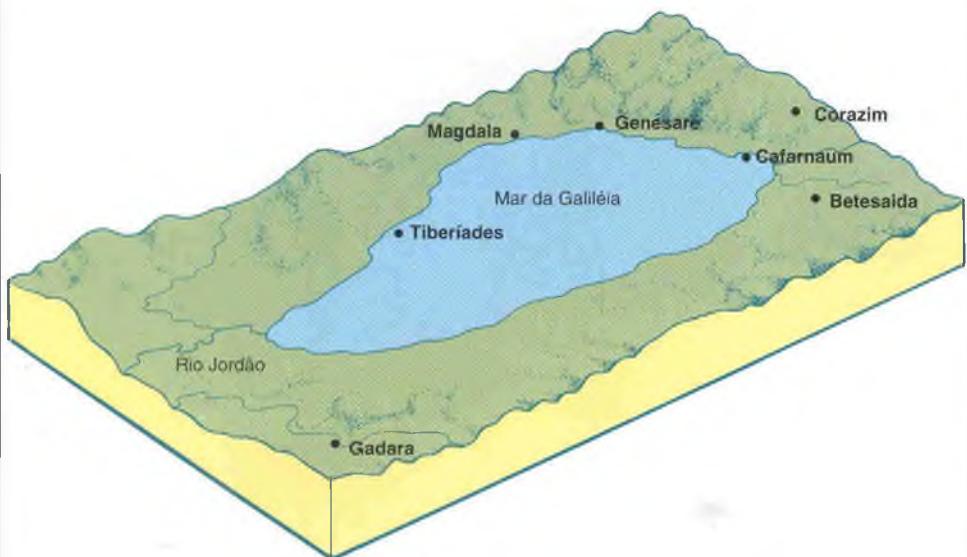
Os barcos usados para pescar não eram geralmente muito espaçosos, levando apenas cerca de quatro



Pescadores de dois barcos combinam forças para puxar uma rede *seine* suspensa entre suas embarcações. Note que a maioria dos pescadores está despida até a cintura.

homens confortavelmente. Uma grande vela triangular era presa num suporte de madeira e suspensa no mastro central para que pudesse apanhar o vento. O piloto do barco ficava na parte de trás, com um remo grande que servia de leme. Dois homens podiam pilotar um barco, e quase sempre trabalhavam em conjunto com outra embarcação. O barco usado por Jesus e os doze discípulos deveria ter o mesmo desenho básico, sendo, porém, maior. Quando os discípulos são citados em pares na Bíblia (Simão e seu irmão André; Tiago filho de Zebedeu e seu irmão João; Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus,

Galiléia



Cidades pesqueiras da Galiléia nos tempos bíblicos. Tempestades podem varrer subitamente o lago, vindas das montanhas que o cercam.

o cobrador de impostos; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu; Simão o zelote e Judas Iscariotes, que o traiu — Mt 10.2-4), os pares podem representar a maneira como se sentavam no barco e remavam juntos, como visto na posição de Jesus que se sentou na popa (Mc 4.38).

Em vista de os barcos serem muito pequenos, eram vulneráveis numa tempestade. O Mar da Galiléia fica a cerca de 200 metros abaixo do nível do mar e é cercado por serras. A água evapora sob o sol quente do verão. Se a corrente de ar vertical se encontra com o ar mais fresco do Mediterrâneo, há uma grande turbulência e uma tempestade inesperada se abate. Pode ser isso que aconteceu quando os discípulos foram apanhados em uma tempestade inesperada no lago (Mc 4.35-41). Quando o vento pára, o lago se acalma rapidamente por não ser uma faixa muito extensa de água (cerca de vinte quilômetros de comprimento e dez de largura na parte mais larga).

Quando a pesca terminava, as redes eram estendidas na praia para secar (Ez 26.5) e quaisquer estragos consertados.

Mel

Embora os egípcios mantivessem colônias de abelhas em colméias, os judeus não desenvolveram esse método até os dias dos romanos. Uma razão pode ser porque a terra estava cheia de mel das abelhas selvagens (Êx 3.8; 13.5), apesar de *mel* poder também referir-se ao xarope de uvas (veja pág. 108). Enxames de abelhas podiam fixar-se numa árvore ôca (1 Sm 14.25-27), um buraco na rocha (Sl 81.16; Dt 32.13), ou até na carcaça de um animal (Jz 14.8,9). João Batista encontrou mel no deserto (Mt 3.4).

O mel era usado como um adoçante natural na ausência de açúcar. As palavras de Deus são, portanto, doces como mel (Sl 19.10), as palavras agradáveis também são doces (Pv 16.24) e assim é a sabedoria para a alma (Pv 24.13,14). O mel era usado nos alimentos, assim como para adoçar. Jesus recebeu uma porção do favo, que fazia parte da refeição pouco depois da sua ressurreição (I.c 24.41-43).

Leia agora a sua Bíblia

O Peixe de Pedro

Mateus 17.24-27. O peixe em questão era uma tilápia (hoje chamada de "peixe de São Pedro"). A tilápia carrega os seus ovos e mais tarde os novos peixes na boca. Mesmo quando vão à procura de comida, os peixinhos voltam à proteção da boca da mãe. Quando a mãe-peixe quer que fiquem fora, ela pega um objeto (preferivelmente brilhante) e o segura na boca para evitar que retornem. Nesse caso o peixe pegou uma moeda de um siculo.

"Cala-te, aquietá-te."

Marcos 4.39. Quando Jesus disse essas palavras, ele usou o termo *phimothete*, que seria normalmente usado para exorcizar espíritos malignos. Jesus reconheceu a tentação do diabo sobre a sua vida na tempestade e falou de acordo com a situação.

Ganhando o sustento:

Pastoreando

Quando Abraão saiu de Ur e iniciou uma forma nômade de vida, ele deve ter transformado seus bens em rebanhos e gado, a fim de levá-los em sua companhia (Gn 13.2). O beduíno seguia seu rebanho de pasto em pasto, de água em água, e o seu estilo de vida era tão diferente do adotado pelo fazendeiro numa povoação que quase sempre ocorriam mal-entendidos, tensão e conflito entre os dois. Esse conflito pode ter-se refletido na história de Caim e Abel (Gn 4.2), e se torna explícito em Gênesis 43.32, onde José (como egípcio) não podia comer na mesma mesa que os pastores nômades.

Quando o grosso da população deixou a vida nômade e passou a viver nas cidades e aldeias, continuava havendo necessidade de pastores. O estágio nômade da vida jamais foi esquecido; em sua declaração de fé, o povo judeu dizia: “Arameu, prestes a perecer foi meu pai” (Dt 26.1-5 ARA).

Havia necessidade de ovelhas para fornecer lã, carne e vasilhas feitas de chifre. A lã era às vezes usada para fazer roupas. O escritor aos Hebreus lembrou de pessoas perseguidas no passado que peregrinavam vestidas de peles de ovelhas e cabras (Hb 11.37). A carne era comida em ocasiões especiais e nos dias de ofertas de sacrifícios, geralmente cozida, ou ocasionalmente assada; o cordeiro da Páscoa era sempre assado inteiro (Ex 12.9). As ovelhas também forneciam leite e até seus chifres eram usados como recipientes para óleo (1 Sm 16.1; 1 Rs 1.39) ou para fazer trombetas, ou buzinas (Lv 25.9; Nm 29.1; Js 6.4).

Ovelhas e cabras

A palavra *ovelha* na Bíblia pode significar uma ovelha ou uma cabra; a mesma palavra é usada para ambas em várias ocasiões. O leite de cabra não só era importante por causa da quantidade (cerca de três litros por cabra, por dia), mas também podia ser usado para



Mulher beduína trabalha com pêlos de cabra fora da tenda.

fazer um tipo de iogurte (*leben*) e queijo (Pv 27.27). Uma cabra era portanto deixada com a família, embora as outras fossem com o pastor, e ela no geral se tornava um animal de estimação. A carne pode não ter sido tão gostosa quanto a do cordeiro ou vitela (veja Lc 15.29), mas era substancial e muitas vezes comida numa refeição (Jz 15.29), sendo também usada para os sacrifícios (Lv 1.10).

O pêlo de cabra era tecido em pano de saco e utilizado para cobertura das tendas, assim como em roupas rústicas. As cortinas do tabernáculo eram feitas de pêlo de cabra (Êx 26.7; 35.23,26). Esse material era também empregado para encher artigos, tais como travesseiros (1 Sm 19.13), e a pele em si era uma fonte de couro excelente. Quando se matava uma cabra, sua pele era no geral impregnada de gordura e costurada para ser usada no transporte de água (recipiente de pele de cabra).

O problema com a fixação na terra é que as pessoas não podiam levar as ovelhas para o pasto. Um pastor era então empregado para cuidar das ovelhas da aldeia inteira. Não valia a pena vender as ovelhas



Beduino com suas ovelhas no deserto da Judéia.

porque havia mais segurança nelas do que parecia à primeira vista. Provérbios 27.23-27 mostra a sabedoria do beduino — a verdadeira riqueza não está nas jóias, mas nos rebanhos; as ovelhas fornecem roupas e as cabras fornecem alimento e dinheiro vivo.

Havia provavelmente várias raças antigas de ovelhas no rebanho da aldeia. Abraão levou o “moufflon” asiático da Suméria, e as ovelhas egípcias de pernas compridas fizeram parte do Éxodo. Uma das raças mais importantes tinha uma cauda larga e gorda, que era frita e comida (Êx 29.22; Lv 3.9).

A tarefa do pastor

Na primavera, depois das chuvas de inverno, havia muita pastagem perto da aldeia. Depois de o cereal ser colhido, as ovelhas tinham permissão para comer tudo o que restasse. Quando isso acabava, era necessário deixar a região e procurar a erva seca que permanecia sob o sol quente (1 Cr 4.39,40). Fontes de erva fresca onde houvesse suprimento de água (águas tranqüilas, quando disponíveis) tornavam esse movimento possível (Sl 23.2). Quando a água da superfície desaparecia, era preciso usar água de poço

para as ovelhas. Era costume cobrir o manancial com uma pedra tão pesada que exigia vários homens para levantá-la, protegendo assim os direitos à água. (A história de Jacó dá um exemplo desse fato. Gn 29.10 mostra a força incrível de Jacó, que também é mencionada em outras partes da sua história.)

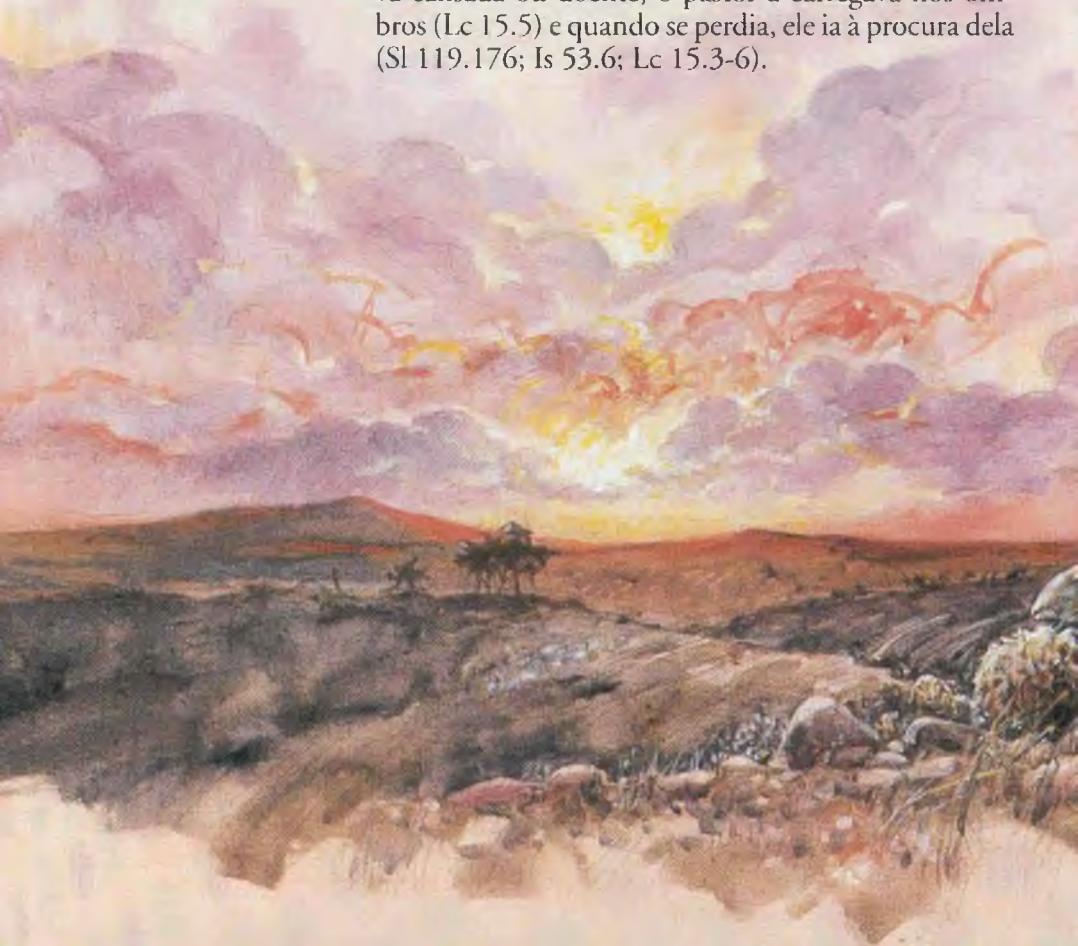
As ovelhas precisavam de constante proteção porque nos tempos bíblicos havia muitos perigos para o rebanho, da parte de animais selvagens saídos das florestas que ladeavam o desfiladeiro do rio Jordão. Leões e ursos eram comuns (Jz 14.8; 2 Rs 2.25), e as aventuras de Davi para proteger os seus rebanhos também eram comuns (1 Sm 17.34-36). Amós descreve um pastor que tentou tirar uma ovelha da boca de um leão (Am 3.12). Hienas e chacais também abundavam. Não foi accidentalmente que Jesus afirmou que o bom pastor tinha de dar a vida pelas ovelhas (Jo 10.11). O pastor tinha de lutar, porque era seu dever pagar aos proprietários por quaisquer perdas incorridas (Gn 32.39; Ex 22.10-13). Qualquer empregado que o pastor arranjasse não teria a mesma dedicação (Jo 10.12,13).

Ovelhas e cabras geralmente pastavam juntas.



A Funda

O pastor usava como armas um bastão pesado e uma funda. O bastão é referido no Salmo 23.4 como “cajado”, mas era uma arma pesada, e pedras de pederneira (mais tarde pregos) eram muitas vezes incrustadas na extremidade “funcional” para torná-la mais eficaz. A funda era composta de uma tira larga de couro que podia segurar com firmeza uma pedra de cerca de 40mm de diâmetro. A tira era presa a duas cordinhas feitas de tendões, corda ou couro de cerca de 60cm de comprimento. A pedra era colocada na bolsinha e a funda girada, de modo que a pedra não se desprendia por causa da força centrífuga. Quando um dos cordões era afrouxado, a pedra saltava com força tremenda. Nas mãos de um pastor que tivesse tempo para praticar, a funda podia ser usada com grande precisão. Ela era também usada para controlar as ovelhas. Uma pedra bem colocada, caindo à frente da ovelha desgarrada do rebanho, a fazia voltar. Quando a ovelha ficava cansada ou doente, o pastor a carregava nos ombros (Lc 15.5) e quando se perdia, ele ia à procura dela (Sl 119.176; Is 53.6; Lc 15.3-6).



O pastor guia o rebanho por terras desertas. Note o cajado e a vara do pastor. Seu rebanho inclui ovelhas e cabras.



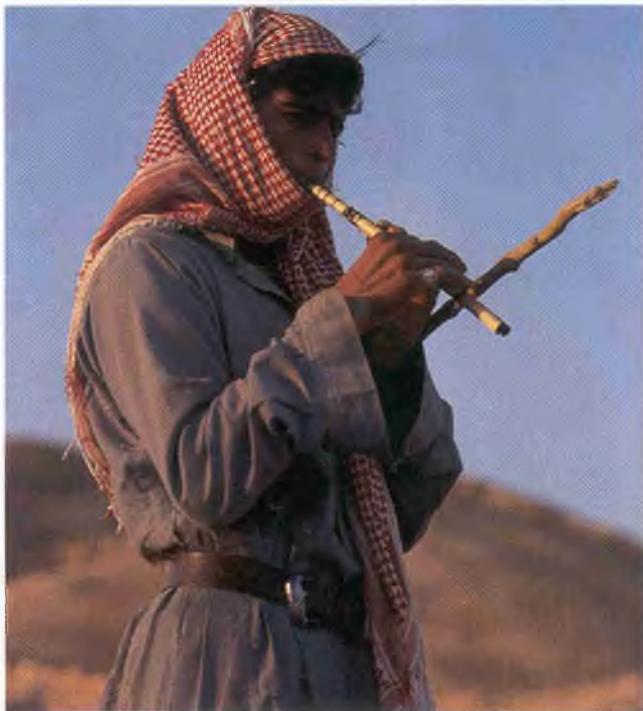
O cajado

O cajado também fazia parte do equipamento do pastor, mas não era uma arma, embora fosse usada como tal ocasionalmente. O cajado tinha cerca de dois metros de comprimento e algumas vezes uma curva na extremidade. Era geralmente usado para ajudar o pastor a andar com maior facilidade nos lugares montanhosos ou difíceis, assim como para guiar as ovelhas. Quando essas passavam por uma entrada apertada, como por exemplo ao entrarem no redil à noite, eram contadas debaixo da vara ou cajado. Ezequiel usa esse termo para dizer que Deus irá impedir os rebeldes de voltarem às suas casas depois do Exílio. Só os que forem leais a Ele passarão pela vara (Ez 20.37,38). Essa era também usada para marcar as ovelhas. A ponta era mergulhada em tinta, e quando as ovelhas passavam por sob a vara, cada décima era marcada e dada a Deus como dízimo (Lv 27.31-33).

O alforge

O pastor levava uma segunda bolsa de couro, consideravelmente maior do que a usada para a funda, conhecida como *alforge*. Ela servia para guardar ali-

Menino-pastor toca flautas em Palmira, a Tadmor bíblica, na Síria.





Redil feito de pedras perto do Monte Nebo, na Jordânia.

mento enquanto ele ficava longe da civilização. Davi já devia ter comido seus mantimentos quando encheu o alforge (surrão) de seixos, um dos quais foi usado para matar Golias (1 Sm 17.40).

Uma flauta feita de dois pedaços ocos de bambu fazia também parte dos bens do pastor. O som era obtido soprando numa das extremidades e as notas eram controladas bloqueando os orifícios com os dedos em cada tubo. Elas podiam fornecer música alegre nos desfiles dos dias santos (1 Rs 1.40) e também música triste (Jr 48.36). As flautas eram fáceis de fazer e também quebravam com facilidade. Quando se estragavam, o pastor jogava fora e fazia outras novas. Quando foi dito de Jesus que “não esmagará a cana quebrada” (Mt 12.20), o profeta estava afirmado que, contrário à prática, o método de Jesus era e é consertar o que está quebrado, em vez de jogá-lo fora.

O redil

Quando chegava a noite, o pastor recolhia o rebanho em um lugar seguro e ficava vigiando (Lc 2.8). Uma caverna rasa era um local seguro, e um muro era quase sempre construído no sentido da largura da caverna para formar um cercado, deixando uma pequena

abertura. O muro era feito de pedras locais com espinhos no topo. Foi numa dessas cavernas que o rei Saul entrou para dormir (1 Sm 24.3). Se não houvesse caverna, uma paliçada de pedras era feita ao ar livre, sendo os espinhos substituídos por pedras caso necessário (Ez 34.14). O pastor se deitava na frente da abertura, transformando-se praticamente na porta do redil (Jo 10.7). Era uma vida dura. Jacó descreveu a sede, o frio e a falta de sono (Gn 31.40). Embora o pastor levasse uma tenda com ele (Ct 1.8), nunca era uma simples excursão.

Os currais eram quase sempre construídos na aldeia, num lugar ensolarado, de modo que quando o rebanho voltasse pudesse ser mantido em segurança. O curral era um prédio baixo, com arcos e tendo um cercado anexo. O rebanho podia ser mantido dentro ou fora das portas conforme o tempo. Um vigia guardava o rebanho. Jesus se referiu a esse tipo de arranjo quando disse que os ladrões e saqueadores não usam a porta, mas pulam o muro (Jo 10.1-3,10). A prática do criminoso era saltar por sobre o muro, matar tantas ovelhas quantas possível antes de ser percebido e atirá-las para os cúmplices do lado de fora.

O bom pastor

Viver e trabalhar com ovelhas no isolamento leva a uma relação íntima entre pastor e ovelhas. Os pastores conhecem tão bem suas ovelhas que respondem à elas instantaneamente. O pastor dá um nome a cada ovelha e esse nome diz algo sobre o caráter e os maneirismos delas. Jesus disse que conhece as suas ovelhas (Jo 10.14a). Suas ovelhas também o conhecem (Jo 10.14b), de modo que quando são chamadas elas respondem à sua voz (Jo 4,5).

O conhecimento detalhado capacitava o pastor a separar as ovelhas em diferentes rebanhos, caso fosse responsável por mais de uma aldeia, e a saber devolvê-los às respectivas famílias. Em João 10.16, Jesus se refere ao fato de que Ele têm ovelhas que não são desse rebanho (talvez se referindo à nação judia), Jacó encontrou junto ao poço três rebanhos, esperando a remoção da pedra (Gn 29.1-3) da boca do poço. Chamando e atirando pedras com uma funda, o pastor conseguia manter as ovelhas reunidas (Ez 34.1-3), embora cães fossem usados por alguns (Jó 30.1).

Quando um pastor guiava o rebanho (Sl 23.3), os cachorros sempre ficavam na parte de trás, assegurando que as ovelhas não fossem atacadas por animais selvagens e que não se desgarrassem. (Is 52.2 vê Deus numa dupla relação com seu povo. Ele o precede e, ao mesmo tempo, o guarda por trás.)

Jacó viveu numa época em que o seu conhecimento de técnicas de criação foi utilizado. Ele sabia que ovelhas fortes produziam cordeiros fortes (Gn 30.41), mas não tinha idéia de que o fato das ovelhas serem completamente brancas (fornecendo a lã mais valiosa) ou malhadas dependia também da hereditariedade. Ele acreditava que o ambiente na época da concepção era responsável pela cor da ovelha (Gn 30.42). Felizmente para Jacó, Deus compensou sua ignorância, assegurando que a justiça fosse feita e que Jacó conseguisse as melhores ovelhas, apesar de ter feito um mau negócio (Gn 31.5b-9).

Cabras

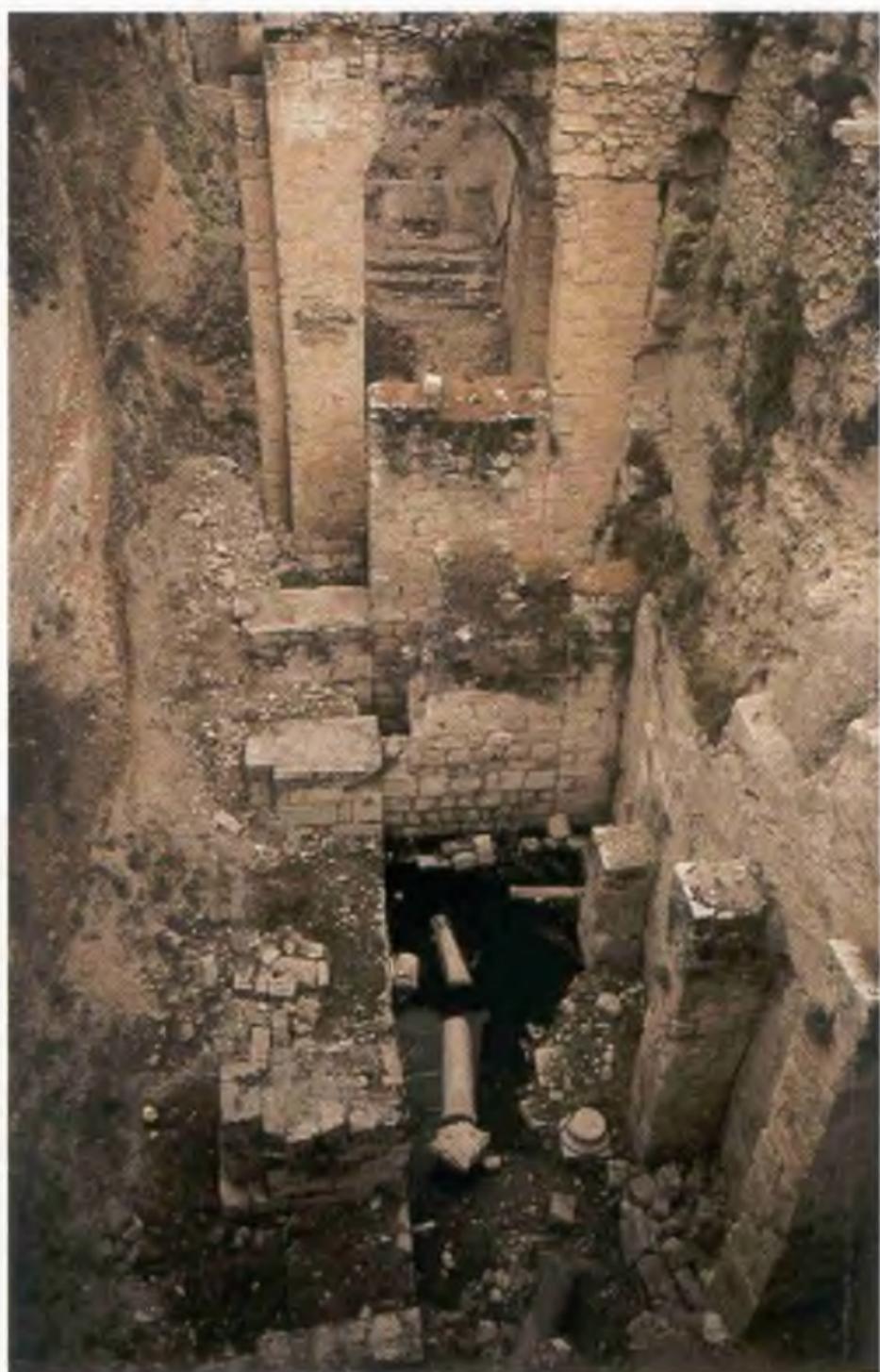
As cabras eram geralmente colocadas pelo pastor na frente das ovelhas. Portanto, uma cabra se achava na frente e deu a Isaías a idéia dos reis guiando o povo

Beduínos pechinchando no mercado de ovelhas em Berseba.



(veja Is 14.9; Dn 8.5; Zc 10.12). A relação entre ovelhas e cabras pode estar por trás das palavras de Jesus, de que Ele iria separar os homens como o pastor separa as ovelhas dos bodes (Mt 25.32). Um bordão era usado para separá-los, os bodes sendo enviados numa direção e as ovelhas em outra — “debaixo da vara”. As ovelhas e bodes eram mantidos próximos uns dos outros porque ambos precisavam pastar e por comerem mais ou menos a mesma coisa.

Há várias diferenças entre os dois animais. Os bodes são geralmente escuros e as ovelhas, brancas. Os bodes sobem montanhas e penhascos com facilidade, mas as ovelhas preferem os vales planos. Os bodes comem as folhas das árvores (no geral ajudados



Escombros do Tanque de Betesda, usado nos tempos bíblicos para dar banho nas ovelhas.

pelo pastor que derruba os galhos menores com sua vara), enquanto as ovelhas preferem pastar. Os bodes pastam o dia inteiro, mas as ovelhas deitam-se à sombra quando o sol está mais forte (Ct 1.7).

O bode sempre foi menos popular que a ovelha para a maioria das pessoas. Um desses animais se tornou o “bode expiatório”, levando os pecados do povo para o deserto (Lv 16.22). Os “bodes” foram reservados por Jesus à destruição, quando Ele descreveu a vinda do Filho do Homem (Mt 25.33,41). Essa impopularidade pode ser porque os bodes são destrutivos; eles comiam a erva mais perto do solo do que as ovelhas e destruíam a pastagem. Os gregos acreditavam em criaturas míticas, metade bode e metade homem, chamadas sátiros. Baco era metade bode e metade homem. A profecia de Isaías sobre o juízo da Babilônia menciona bodes (sátiros) (Is 13.21; 34.14).

Tosquia das ovelhas

Havia duas épocas importantes para o pastor: o nascimento dos cordeiros e a tosquia das ovelhas. O nascimento se dava geralmente em janeiro/fevereiro. A tosquia era feita depois da pastagem de verão, quando os lucros eram distribuídos e seguiam-se vários dias de festejos. Lemos em 1 Samuel 25 a história de uma tosquia em que todos os envolvidos nesse trabalho (nesse caso os que pertenciam a uma grande propriedade) foram convidados para a celebração. Houve tanta bebida e júbilo que a ocasião se tornou propícia para um assassinato (2 Sm 13.23).

O pastoreio nem sempre era em pequena escala. Grandes criadores de ovelhas empregavam pastores para cuidar de seus enormes rebanhos. Mesa, rei de Moabe, teve de pagar ao rei de Israel cem mil cordeiros e a lã e cem mil ovelhas como proteção (2 Rs 3.4). Jó tinha 14.000 ovelhas no final da sua história (Jó 42.12) e Salomão sacrificou 120.000 ovelhas na dedicação do templo (1 Rs 8.63). Uma porta especial foi construída na extremidade noroeste de Jerusalém, servindo de entrada das ovelhas que iam ser sacrificadas no templo. Era chamada de Porta das Ovelhas (Ne 3.1) e ficava perto do tanque conhecido por Tanque de Betesda nos dias do Novo Testamento. Esse tanque era usado para dar-lhes banho

(Jo 5.2). Nabal, com três mil ovelhas, era um criador relativamente pequeno (1 Sm 25.2,7).

O cuidado das ovelhas nem sempre era feito pelo pastor. As famílias mais pobres usavam os filhos menores para cuidá-las. Davi estava nessa posição quando Samuel foi à casa de Jessé ungir o futuro rei de Israel (1 Sm 16.1). As famílias mais pobres de todas tentavam comprar dois cordeiros na Páscoa. Um era comido de acordo com a lei, mas o outro mantido para engorda durante o verão. Ele se tornava o bichinho de estimação da família, de um modo que o bode jamais era aceito. O cordeirinho dormia, em geral, com as crianças, e até partilhava do mesmo recipiente para beber. Se tornava trágico para os filhos da casa o dia em que o cordeiro era sacrificado e preservado na gordura da sua própria cauda. Essa é a prática subjacente à parábola de Natã em 2 Samuel 12.1-7.

Leia agora a sua Bíblia

Reis-pastores

Miquéias 7.14. Miquéias esperava o tempo em que os reis iriam pastorear o seu povo como o pastor cuidava de suas ovelhas. "Apascenta teu povo com a tua vara, o rebanho da tua herança". A vara simbolizava a proteção do povo e foi eventualmente estilizada na forma de cetro.

Dois alforges

1 Samuel 25.29. Abigail fez um contraste interessante entre os dois alforges usados pelo pastor: "E, levantando-se algum homem para te perseguir, e para procurar a tua morte, então a vida de meu senhor será atada no feixe dos que vivem com o Senhor teu Deus; porém a vida de teus inimigos se arrojará ao longe, como do meio do côncavo de uma funda". O feixe dos que vivem é o alforge que guardava a comida; o côncavo da funda é a tira que prendia a pedra.

Cuidado das ovelhas

"Quando passares pelas águas estarei contigo, e quando pelos rios, eles não te submergirão", provavelmente se refere ao cuidado que o pastor tem de tomar quando o rebanho atravessa um curso d'água (Is 43.2). Isaías 40.11 utiliza o comportamento do pastor carregando os cordeiros, e não empurrando as ovelhas com muita força na época em que dão cria, para demonstrar o cuidado de Deus pelo seu povo: "Como pastor apascentará o seu rebanho; entre os seus braços recolherá os cordeirinhos, e os levará no seu regaço; as que amamentam, ele guiará mansamente". Qualquer ferida das ovelhas era untada com óleo de oliva (Sl 123.5) — o mesmo método era empregado nos ferimentos humanos (Lc 10.34).

O bode expiatório

João 1.29. Supõe-se quase sempre que quando João se refere ao "Cordeiro de Deus

que tira os pecados do mundo", ele estava mencionando Isaías 53.7: "como um cordeiro foi levado ao matadouro". Todavia, como as ovelhas e os bodes são semelhantes no que se refere à linguagem, ele poderia estar se referindo ao bode expiatório — Jesus tirando os pecados do mundo quando morreu e deixou o mundo.

O nascimento de Jesus

Lucas 2.8. Ninguém sabe a data exata do nascimento de Jesus. O dia 25 de dezembro foi escolhido como dia do aniversário "oficial" por coincidir com a festa judaica do Hanuká (chislev 25), que era a festa da luz, e com muitas das festas inventadas para compensar os invernos sombrios do hemisfério norte. O fato de haver ovelhas nas montanhas de Belém indica que Jesus nasceu perto da Páscoa, porque as ovelhas eram mantidas nos montes de Belém para fornecer os cordeiros para a Páscoa em Jerusalém. O fato de não haver lugar para Jesus nascer numa *kataluma*, um alpendre rústico que servia de abrigo (veja pág. 240), o qual era também armado para os peregrinos que não encontravam um leito na cidade na época da Páscoa, é evidência adicional. Em vista de Deus ter enviado seu Filho "na plenitude dos tempos" (Gl 4.4), e de toda a sua vida estar ligada à imagem das ovelhas, algumas pessoas acham que a Páscoa teria sido a época mais apropriada para o nascimento.

O pastor

Efésios 4.11. Esse verso descreve um dos líderes da Igreja como "pastor". O pastor tem uma ligação com o Sumo Pastor (1 Pe 5.4) como os pastores teriam com o chefe dos suprimentos do rei nos dias do reino de Israel.

Ganhando o sustento:

Artífices

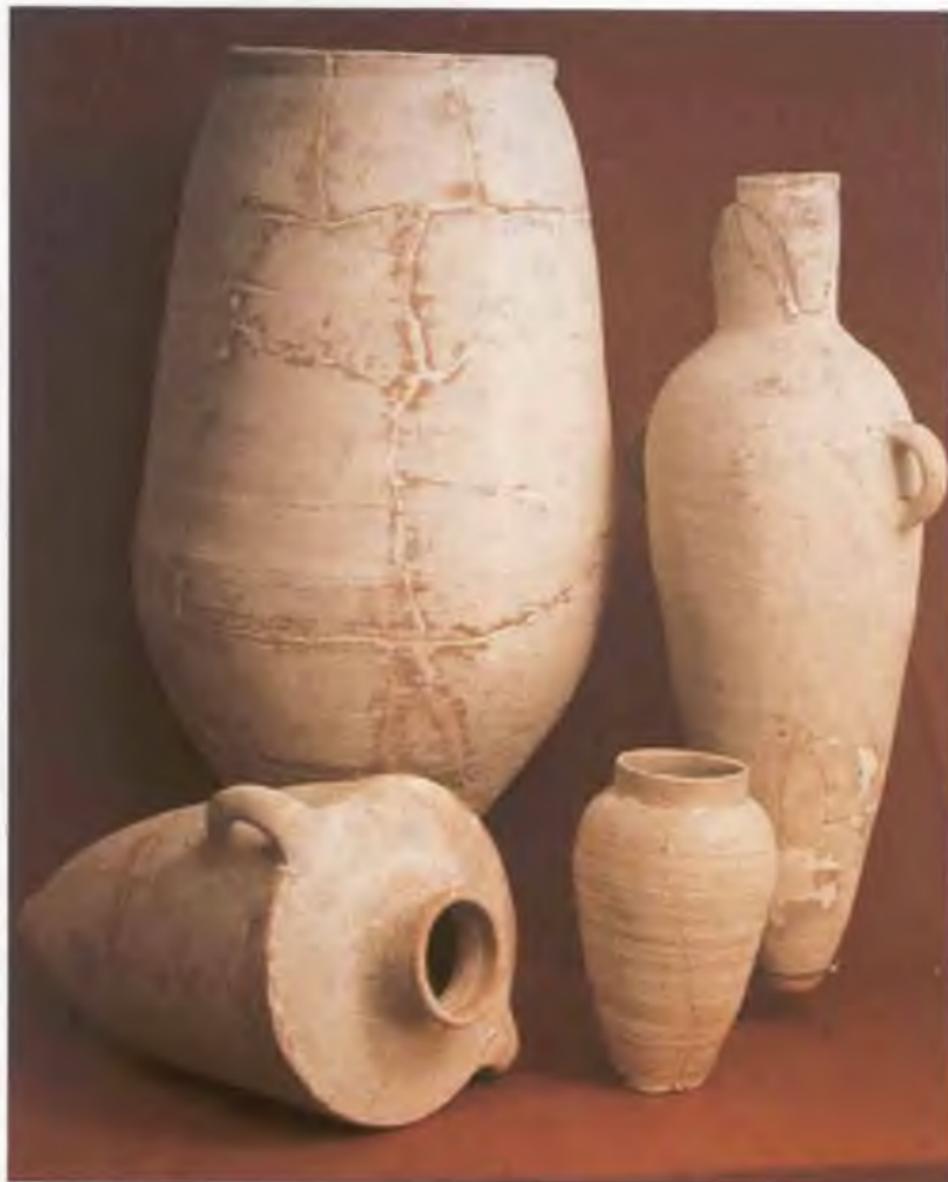
e comerciantes

Quando os judeus se estabeleceram em Canaã depois de uma vida seminômade, interrompida apenas durante o assentamento e cativeiro no Egito, eles tiveram de desenvolver várias habilidades que já existiam entre os cananeus que expulsaram da terra. Algumas habilidades foram difíceis de aprender. Os judeus nunca alcançaram a mesma perícia na fabricação de cerâmica como praticada pelas outras nações e, portanto, muitos artigos tinham de ser importados. As vasilhas judias eram suficientemente fortes, mas não chegaram a alcançar os padrões elevados de decoração que as de outras fontes.

A primeira cerâmica mencionada na Bíblia foi aquela encontrada por Davi ao atravessar para o leste do Jordão, quando fugia de Absalão. Os gileaditas e amonitas levaram para ele a roupa de cama, tigelas e artigos de barro que lhe eram necessários (2 Sm 17.27,28).

Depois de os indivíduos terem desenvolvido habilidades, eles as transmitiram às suas famílias e grupos, até que se tornou costumeiro encontrar grupos de artífices reunidos. Havia uma Porta do Oleiro em Jerusalém, que se abria para o vale do Hinom na época de Jeremias, possivelmente por haver oleiros nas vizinhanças (Jr 19.2). Quando o muro de Jerusalém foi restaurado nos dias de Neemias, havia ali uma torre dos fornos (Ne 3.11; 12.38), provavelmente porque estufas ou fornos de padeiros estavam ali instalados. À medida que a tecnologia e os materiais evoluíam e a população aumentava, a venda de mercadorias igualmente cresceu. Os artífices então se juntaram para oferecer métodos de produção em massa, protegidos por sindicatos de trabalhadores. Os centros de artesanato colocavam suas marcas registradas nos artigos produzidos. Na Éfeso do Novo Testamento, o sindicado dos ourives teve força suficiente para promover uma demonstração pública contra Paulo, cuja pregação estava afetando a venda dos modelos obscenos das deusas, feitos em prata (At 19.23-29).

Potes de barro dos tempos bíblicos.



Artesãos em barro

O barro era extraído na localidade e deixado exposto ao tempo até ficar pronto para uso. A seguir era misturado com água e pisado até transformar-se em lama plástica. Depois disso, o material era levado para uma bancada, onde mediante a adição cuidadosa de água, ele chegava à consistência certa para ser trabalhado. Aditivos como gesso moído eram às vezes adicionados ao barro para que o artigo acabado resistisse melhor ao calor e pudesse ser usado para cozinhar. Isaías descreve o pisotejar do barro em Isaías 41.25.

Quando os judeus aprenderam a fazer louça de barro, eles entraram numa arte com uma longa história. Mil e quinhentos anos antes, a primeira cerâmica tinha sido fabricada, formando uma longa "minhocas" de barro, espiral após espiral, até que uma vasilha ou jarro fosse completado. Os sulcos do lado externo eram então alisados e decorados. Não era nada fácil conseguir que o lado de fora da vasilha ficasse liso. Descobriu-se mais tarde que essas vasilhas podiam ser feitas num orifício circular no chão e giradas, pressionando-as contra o mesmo.

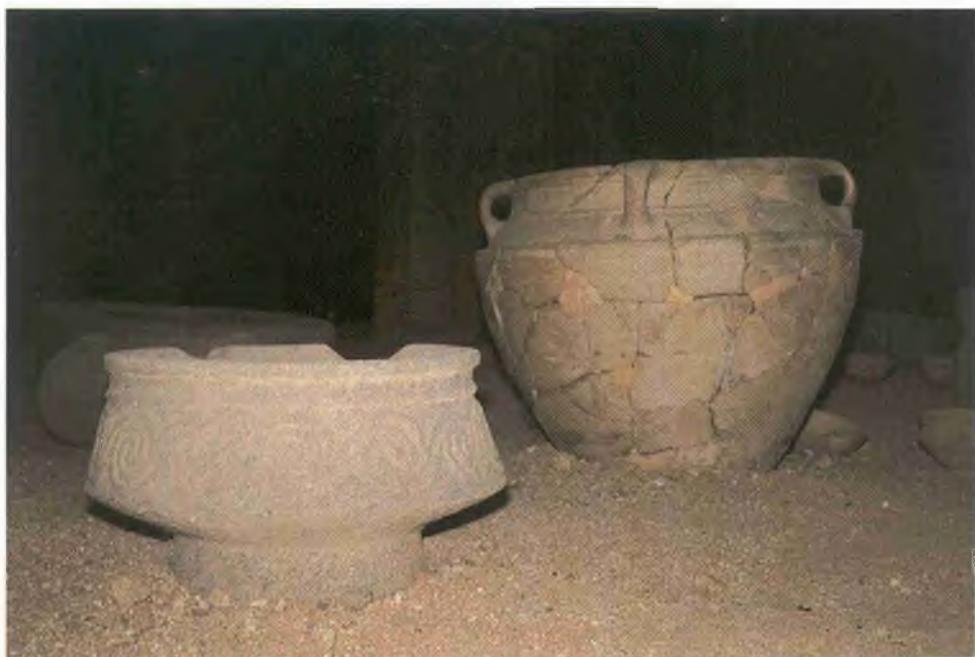


A roda do oleiro

O processo de rotação evoluiu ainda mais quando alguém teve a idéia de colocar o barro numa roda horizontal. Nos dias do Antigo Testamento uma roda achatada de madeira, barro ou gesso era girada horizontalmente numa bancada, à mão ou num eixo que atravessava a bancada. Uma pessoa empurrava a roda enquanto a outra moldava o barro sobre ela. Quando Jeremias foi à casa do oleiro e viu uma vasilha sendo fabricada e depois refeita por estar defeituosa, ele estava observando uma dessas rodas. Só em 200 a.C. ocorreu aos que trabalhavam nesse ofício que uma segunda roda podia ser acrescentada ao eixo sob o banco ao nível do pé, e empurrada pela mesma pessoa que fazia o pote. No livro apócrifo de Eclesiástico, escrito nesse período, temos uma descrição desse tipo de segunda roda: "O mesmo sucede com o oleiro que, entregue à sua tarefa, gira a roda com os pés...com o seu braço dá forma ao barro, torna-o maleável com os pés" (Eclo 38.32).

O oleiro gira a roda com os pés. Note os diferentes tipos de potes, vasilhas e lâmpadas em sua oficina.





Vasilhas decoradas de Hazor.

Vasilhas decorativas

Tigelas e jarros eram feitos na roda e colocados para secar. Depois de seca, era possível decorar a vasilha conforme o gosto da pessoa. Os métodos de decoração variavam. Alguns artigos eram decorados riscando sua superfície. Em certos casos isso era feito pressionando objetos como corda tecida contra a superfície antes que o vaso deixasse a bancada. Outros eram decorados acrescentando barro colorido do lado de fora, seja em faixas ou seguindo um padrão. No geral, barro vermelho ou branco era usado com esse propósito. Outro método de decoração era o “polimento”. O vaso voltava à roda e enquanto ia sendo girado, um pedaço de osso, metal ou cerâmica comprimia a superfície para dar-lhe um brilho que se destacava quando colocado no fogo. (Em outras terras, esmaltes de vidro líquido foram inventados. Soda cáustica, chumbo, estanho, cobre e prata eram então necessários, mas isso não foi utilizado pelos judeus.)

Qualquer dos métodos de decoração podia ser combinado numa peça. Havia muitas variações possíveis na forma e nos enfeites, a ponto de ser agora possível datar o período em que uma vasilha foi feita pelo seu modelo e ornamento. Isso foi usado pelos arqueólogos para datar a destruição de certos prédios, porque nenhuma louça — a não ser de um certo estilo — foi encontrada nas

ruínas. A cerâmica cananita que precedeu a ocupação judia era redonda e tinha enfeites pintados, mas depois da conquista, as formas passaram a ser muito mais angulares e o polimento foi substituído por desenhos coloridos. Depois da destruição do templo de Jerusalém por Nabucodonosor, a louça tornou-se muito pobre (o que é explicado por Jr 52.15,16: "Nebuzaradã, conselheiro do rei e comandante-geral do seu exército... levou como prisioneiros para a Babilônia os que haviam sido deixados na cidade... e o resto dos operários especializados. Mas deixou em Judá algumas das pessoas mais pobres e as pôs para trabalhar nas plantações de uvas e nos campos"). Ela ficou então pouco variada na forma e sem decorações, embora os oleiros tivessem começado a produzir vasos com bases pontudas, bastante diferentes. Quando Alexandre, o Grande, conquistou o país, a cerâmica adotou os padrões gregos; os jarros passaram a ter pescoços compridos e colocadas beiradas nos artigos, para receber tampas e rolhas.

Além do uso da roda, os oleiros usavam também moldes de madeira, nos quais o barro era comprimido. Os selos (Jó 38.14) eram feitos desse modo e as duas metades das lâmpadas de óleo eram preparadas em moldes antes de cimentadas juntas. Era também possível modelar o barro à mão livre. Brinquedos, figurinhas e

Lamparina da Judéia



ornamentos foram fabricados desse modo, assim como os fornos de barro maiores produzidos para uso doméstico. Os oleiros também consertavam peças de louça quebradas, usando arame e rebites para segurar uma junta que era depois selada com barro molhado.

Queima do barro

Depois de secos os objetos e decorados conforme o necessário, eles eram queimados em um dentre vários tipos de forno. Em um deles, um forno de barro na forma de cúpula, era colocado em um tanque raso, com cerca de 122cm de diâmetro. As vasilhas eram postas debaixo da cúpula e essa coberta com mato e gravetos nos quais se punha fogo. Em outros fornos, as vasilhas eram colocadas em prateleiras e o fogo aceso debaixo delas. O escritor de Eclesiástico descreve também essa parte do processo: “Empenha-se em aperfeiçoar o verniz, e limpa o forno com muita diligênciia” (Eclo 38.34). A louça produzida dessa forma tendia a ser muito quebradiça. Um cântaro colocado com força junto à fonte se quebrava com facilidade (Ec 12.6), e a finalidade da quebra era muitas vezes usada como uma figura da finalidade do juízo vindouro (Sl 2.9; Jr 19.10,11; Ap 2.27).

Os pedaços quebrados tinham sua utilidade. Eram usados para raspar, ou para escrever mensagens. Desse forma ficaram conhecidos como *ostraco*. As peças maiores serviam para carregar coisas. Isaías diz que o juízo será tão severo que peças grandes não vão ser encontradas — não poderão servir para apanhar água da cisterna ou tirar brasas de uma lareira (Is 30.14).

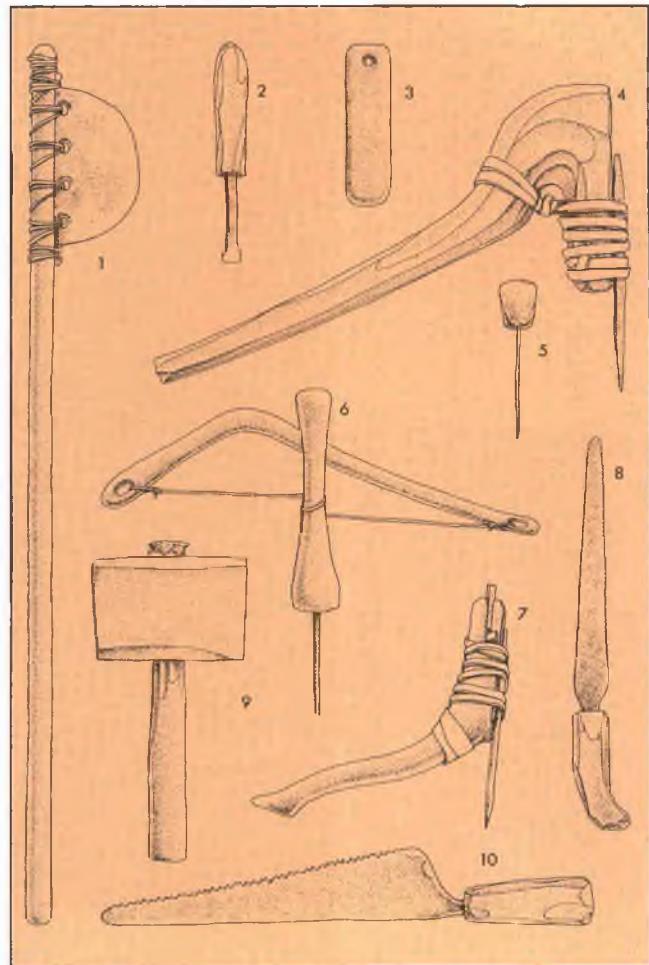
À medida que a arte do preparo da louça se desenvolveu, métodos de produção em massa foram utilizados. Os aprendizes faziam vasilhas rústicas que eram acabadas pelos artífices especializados. Grandes blocos de barro eram colocados em rodas e artigos feitos com a parte de cima do bloco. Os especialistas procuraram melhorar o preparo do barro e a manutenção da sua consistência, desenho, secagem e queima. Davi parecia estar organizando as coisas nesse sentido na época do seu reinado (1 Cr 4.23).

Trabalhadores em madeira

Jesus era carpinteiro (Mc 6.3) e, como resultado, o trabalho do carpinteiro nos dias bíblicos foi de alguma forma idealizado. A carpintaria era um trabalho pesado que

As ferramentas do carpinteiro:

1. Machado
2. Formão
3. Amolador de ferramentas
4. Enxó
5. Sovelha
6. Verruma
7. Enxó
8. Serra de mão pequena
9. Martelo
10. Serra



exigia bastante força física e resistência, assim como grande habilidade. O trabalho do carpinteiro tinha dois aspectos: primeiro a construção e segundo a fabricação de objetos menores, inclusive mobílias.

Até os romanos inventarem o telhado em arco, os telhados eram construídos colocando vigas de madeira, de parede a parede e enchendo as frestas com palha misturada com barro. O carpinteiro tinha de cortar as árvores e trabalhar as toras de modo a transformá-las em vigas. Isso era feito com uma enxó (ferramenta na forma de machado, usada principalmente para moldar madeira) ou serrando no sentido do comprimento com uma serra primitiva. Os dois métodos exigiam grande esforço físico.

As cabeças dos machados eram feitas de bronze (mais tarde de ferro) e presas num cabo. Quando o corte era embotado e o cabo não ficava bem preso, a cabeça se





desprendia regularmente do cabo. Isso foi dado como exemplo de assassinato em Deuterônômio 19.5. Se a cabeça se perdia era um desastre por causa do custo da substituição (2 Rs 6.5). As partes cortantes das serras eram inicialmente feitas de pedras de pederneira em forma de fita, ajustadas a uma estrutura de madeira; sendo necessário que dois homens trabalhassem, um de cada lado, para serrar um tronco de árvore. Mais tarde, lâminas de metal foram usadas e os dentes arranjados de modo a cortar como deviam. A serra é mencionada em Isaías 41.15, juntamente com o machado.

Em vista de os judeus serem um povo seminômade, a carpintaria não era muito praticada por eles. Então o padrão de qualidade da carpintaria em Canaã declinou bastante depois da ocupação israelita, até que os fenícios foram chamados para ajudar (1 Cr 14.1). Esses eram carpinteiros peritos e sua frota de navios para o comércio ficou conhecida. Ao empregarem sua habilidade na construção do Templo de Salomão e outros prédios públicos, eles transmitiram aos judeus muitos de seus conhecimentos, que incluíam colocação de painéis, revestimento e entalhes (1 Rs 5.18). Embora os judeus viessem a adotar a carpintaria, sendo o seu trabalho descrito por Isaías como envolvendo o uso de prumo, marcador, círculos (possivelmente planos) e compasso (Is 44.13), e chegasse a ser suficientemente especializados para que o enviado de Nabucodonosor os mandasse para o exílio depois da destruição do templo, a perícia deles nesse ofício continuou deteriorando ao terminar sua aliança com a Fenícia.

O carpinteiro também fazia muitos trabalhos menores, trabalhando no chão do lado de fora de sua casa; as bancadas não foram usadas até o período romano. Portas, batentes, venezianas e fechaduras eram feitas para as construções, e bancos, mesas baixas, e baús para o interior da casa. Ferramentas agrícolas, tais como jugs, arados e pás faziam também parte do trabalho do carpinteiro. O fato de as ferramentas serem relativamente rústicas, significava que um bom acabamento era uma tarefa altamente especializada. O martelo (Jz 5.26) era geralmente um pedaço de pedra. Os pregos usados para prender pedaços de madeira (Jr 10.4) foram feitos primeiro de bronze e mais tarde de ferro. Os furos eram feitos com uma so-

Oficina de carpinteiro.
Note muitas das
ferramentas mostradas
na pág. 153. O
carpinteiro está fazendo
uma roda de carroça,
enquanto seu jovem filho
trabalha numa seção de
um garfo para joeirar.

**Caldeireiro trabalhando
fora de sua oficina.**



vela, embora o seu uso na Bíblia fique confinado a furar orelhas (Êx 21.6; Dt 15.17).

Trabalhadores em metal

O caldeireiro tem uma longa genealogia. Caim significa “ferreiro” e um de seus descendentes, Tubalcaim, foi descrito como “mestre de toda obra de cobre e de ferro” (Gn 4.17, 22). Caim foi o pai da tribo midianita dos quenitas, que parece estar envolvida em muitos aspectos da história de Israel (veja Gn 15.19; 1 Sm 15.6). Há indícios de que tenham explorado o cobre do Sinai com os egípcios. Artefatos de metal quenita forneceram grande parte da informação arqueológica que conhecemos sobre o trabalho em metal na antigüidade.

O ouro foi um dos primeiros metais a ser extraído e usado por se encontrar num estado relativamente puro

e ter condições de ser derretido a baixas temperaturas e despejado em moldes. Ele era refinado (como a prata), aquecendo-o num cadrinho de barro e retirando a parte de cima do líquido com uma escumadeira, para remover as impurezas (Zc 13.9). Era também preparado em folhas finas para ornamentação (Jr 10.3,4) e as folhas cortadas em tiras suficientemente finas para serem usadas na forma de fios de ouro (Ex 39.3). A arte e o artesanato israelita tinham boa aceitação em vários pequenos objetos tais como jóias, e os ourives eram então importantes como grupo (Ne 3.8).

O cobre era extraído do minério por meio de aquecimento. O metal era então batido e moldado com marteladas a frio. Sua extração se fazia tanto na entrada das minas como em lugares mais profundos (chegando até a 50m de profundidade) e a descrição da mineração feita em Jó 28.2-11 parece ter sido escrita com base em certa experiência. O minério era quebrado em pedaços pequenos, usando pilões de pedra, e derretido em uma fornalha simples aquecida com madeira de acácia. A fornalha consistia basicamente de uma cova no solo, onde o lingote de cobre era finalmente recolhido, cercada por três paredes baixas de pedra e barro. O terceiro lado dava acesso a um fole e ao vento predominante. Restos de pilões, fornalhas e montes de escórias são encontrados em abundância ao longo do Golfo de Ácaba.



**Jóias de prata
encontradas na cidade
bíblica de Siló.**

**Jarro e lâmpada de óleo
israelitas, feitos de metal.**



Cerca de 2000 a.C., os que trabalhavam com metal descobriram que ao adicionarem até quatro por cento de estanho ao cobre, eles obtinham um metal mais duro com um ponto de fusão mais baixo, que podia ser despejado em moldes e que veio a ser o bronze. No idioma hebraico não existe distinção entre bronze e cobre. Em vista de o bronze ser atraente e mais barato do que o ouro, ele foi algumas vezes usado como um substituto decorativo (veja 1 Rs 14.27). A indústria do cobre extinguiu-se no sul por causa da falta de combustível; todas as árvores de acácia foram queimadas. Não houve um reavivamento da indústria até os dias dos romanos.

O ferro era originalmente removido como uma impureza do cobre. Só depois de certos avanços na tecnologia é que o ferro pôde ser extraído do seu próprio minério. Isso exigia mais calor, tanto para a extração como para a moldagem (Is 44.12; Jr 6.28,29). Os hititas foram os primeiros a desenvolver o ferro e o exportaram juntamente com as noções de fabricação correspondentes para os cananeus e filisteus. Desde que o ferro era muito mais forte do que o bronze, e os cananeus tinham peças de ferro em seus carros (Jz 1.19), os judeus enfrentavam problemas nas batalhas. Num período posterior, os filisteus, que não tinham muita força numérica, conseguiram dominar os judeus por causa do seu monopólio do ferro (1 Sm 13.19-22). Em 1500 a.C., o ferro era tão novo que estava sendo usado para fabricar jóias, mas em 1000 a.C. já era empregado na fabricação de armas. Davi tinha ferro suficiente para fornecer materiais de construção para o templo (1 Cr 22.3).

Armas da Era do Bronze
em Israel

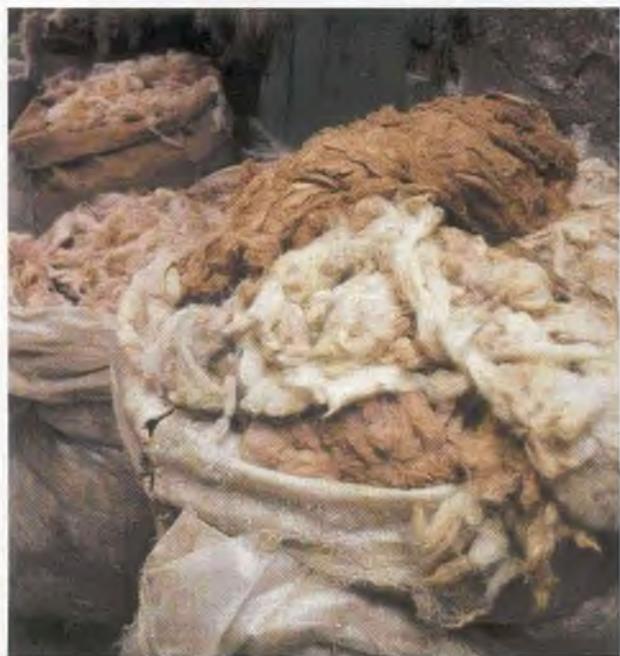


Artesãos em couro e tecidos

As tendas eram originalmente feitas de peles; só mais tarde essas foram substituídas por pêlo de cabra. Portanto, o tendeiro era alguém que trabalhava com couro e o nome ficou (At 18.3), embora o couro fosse usado para fazer recipientes, cintos e equipamento militar, tal como capacetes, escudos e fundas. Um tendeiro (ou artesão em couro) tinha de tirar primeiro a pele do animal, remover depois o pêlo, torná-la macia para o uso e algumas vezes tingi-la. Os pêlos eram removidos raspando, molhando e aplicando cal. As peles eram então mergulhadas em água contendo cascas de carvalho e folhas de sumagre, esfregados com estrume de cachorro e depois marteladas. O trabalho era tão malcheiroso que o curtidor tinha de trabalhar fora da cidade e na direção do vento predominante, e era tão desagradável pessoalmente que podia tornar-se causa de divórcio. Quando os servos de Cornélio foram procurar a casa de Simão, o curtidor, em Jope, não devem ter tido dificuldade em achá-la (At 10.6).

Os tecidos de linho e de lã se desenvolveram muito cedo. Entre os judeus, a roupa de lã era a norma.

Página ao lado: Curtidor fazendo sandálias fora da oficina, note as ferramentas especiais em sua bancada.



À esquerda: Lã crua e peles de ovelha fora da oficina do mercador em Hebron.





Pesos para tecer de Kadum, Israel. Veja os mesmos em uso num tear na pág. 165.

Depois da lã da ovelha ter sido lavada, ela era penteada a fim de prepará-la para ser tecida. A fiação era feita usando uma vareta de madeira ou fuso, que tinha um chanfro ou gancho em uma das extremidades. Na outra extremidade havia um peso, uma pedra com um furo no centro. O peso era feito de barro, pedra ou osso e dava movimento à vareta quando ela era girada. A fiandeira puxava alguns fios da lã penteada presa debaixo do braço esquerdo e prendia os fios no chanfro ou gancho. Ela torcia então o fuso e o deixava cair até quase chegar ao chão. Ao cair e girar, o fuso puxava um fio de lã que era então enrolado em torno da vareta antes que o processo fosse repetido várias vezes. Embora cores naturais fossem usadas na tecelagem, era possível tingir o fio. Este era limpo com salitre e sabão (Jr 2.22) antes de ser tingido.

Tingimento

A tinta vermelha (Êx 25.4) era feita de ovos de insetos (tipo cochonilhas) pulverizados. A cor azul escuro (índigo) era obtida da casca da romã. O corante púrpura era preparado com o molusco murex (At 16.14). As cascas eram esmagadas, cozidas em sal e deixadas ao sol para que a secreção tomasse a cor púrpura (veja também Nm 15.38; Et 8.15). O azul era também feito com o murex, mas acrescentava-se outra substância

Abaixo: Beduína torce a lã, preparando-a para ser fiada.

durante o cozimento. O amarelo era feito no Egito com o açafrão, e os romanos o extraíam das flores da açafroeira. Os corantes eram fabricados preparando-se uma solução de água, potassa e cal. Depois de dois dias acrescentavam os pigmentos, e o tingimento se fazia em vasilhas de cerâmica ou bacias de pedra. O fio ou pele depois de tingido era então lavado em água limpa e pendurado para secar.



Tecelões

A tecelagem se desenvolveu durante todo o período do Antigo Testamento. No princípio foi usado um tear horizontal, preso no chão. Mais tarde, um tear vertical foi desenvolvido, embora houvesse épocas e lugares em que ambos os tipos de tear foram usados lado a lado. O tear horizontal era preso no chão e os fios da urdidura tinham o comprimento da peça de roupa a ser tecida. O processo era facilitado com o uso de uma peça de madeira plana, já passada através de fios alternados. Quando essa peça era colocada na extremidade, os fios eram separados de modo a haver espaço suficiente para que a linha da trama passasse através deles. Na volta, a vareta era passada por cima e por baixo de cada fio sucessivo.

Foi finalmente compreendido que se os mesmos fios da urdidura empurrados para baixo pela peça de madeira, pudessem ser puxados de volta, prendendo-os com laçadas à outra peça de madeira, a vareta podia ser então passada rapidamente também na outra direção. Isso tornou possível substituir a vareta por uma lança-deira. A lança-deira estava certamente em uso nos dias de Jó (Jó 7.6), e o tear horizontal estava sendo usado nos dias dos juízes porque Dalila fez uso dele para tecer os cabelos de Sansão num pedaço de tecido (Jz 16.13). O "pino" usado nessa história foi usado para bater a trama para que os fios ficasse firmes.

Mulher tecendo em tear vertical. Note os pesos do tear pendurados nos fios da urdidura.





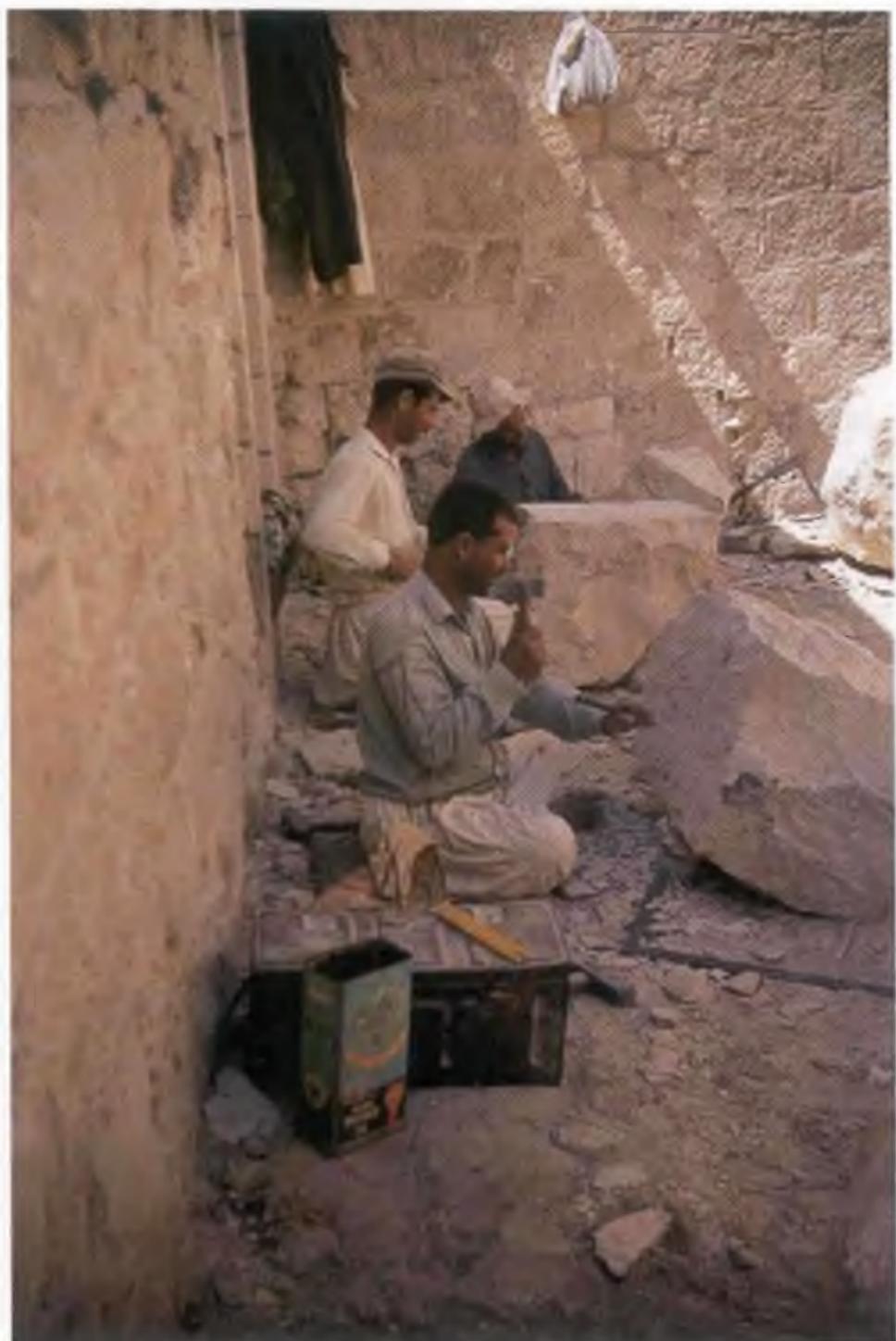
O problema com o tear horizontal era que a largura do tecido ficava limitada ao tamanho dos braços do tecelão, porque este tinha de sentar ou ficar agachado para trabalhar. A invenção do tear vertical permitiu que o tecelão ficasse em frente ao tecido. Nesse caso, uma estrutura pesada de madeira (veja 1 Sm 17.7) era construída com uma arcada quadrada, e os fios da urdidura eram pendurados no alto e firmados por uma barra horizontal. Os fios eram mantidos esticados por pequenos pesos de pedra ou cerâmica, conhecidos como pesos do tear. O material era então feito de cima para baixo e o pino usado para juntar os fios da trama no alto do tear.

O avanço final do tear foi aquele em que os pesos foram substituídos por um rolete que rematava o tecido acabado. A fiação era então feita de baixo para cima. Esses teares não se prestavam para fazer modelos coloridos e complicados, e até “tecido bordado” pode referir-se a diferentes tecidos costurados juntos (Jz 5.30; Ez 26.16). Significava, porém, que o tecido podia ser formado nos teares, variando o número requerido dos fios da urdidura.

Beduínas tecendo numa aldeia perto de Hebron.



Pedreiros trabalhando em Jerusalém.



Trabalho com pedras

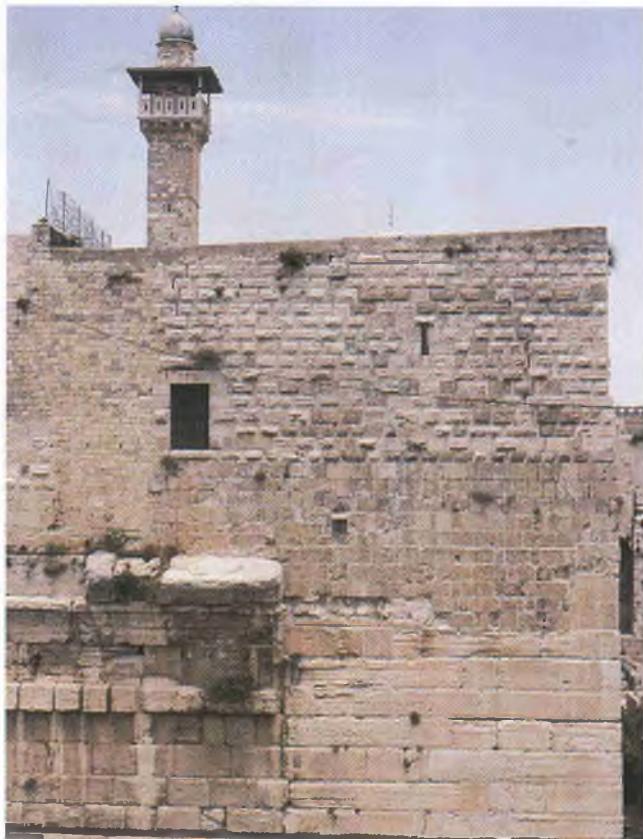
Os pedreiros eram sócios dos carpinteiros na construção. O trabalho de pedreiro foi outro ofício que o povo judeu teve de aprender. Os judeus destruíram as grandes cidades fortificadas dos cananeus (Nm 13.18) e não sabiam como reconstruí-las, até que foram ajudados pelos fenícios. O trabalho do pedreiro começava pelos alicerces, onde uma canaleta era enchida com pedras e argamassa e deixada para assentar (Lc 6.48). Levantavam-se então as paredes sobre os alicerces. A afirmação de Paulo, de que ao pregar ele não construía sobre o fundamento de outro homem, se baseia provavelmente num costume contemporâneo de que o homem que construía os alicerces também construía as paredes (Rm 15.20).

Página Oposta: Aqueduto romano em Cesareia Marítima.

Num prédio de boa qualidade, pedras angulares, grandes e quadradas eram colocadas em cada canto. Em vista de as pedras grandes não servirem para uso no resto da construção, os construtores as deixavam às vezes de lado; mas descobriam no final que essas pedras eram necessárias para dar solidez e direção ao edifício (Sl 118.22). Tais pedras de esquina ou “chefes” se tornaram metáforas para os homens proeminentes e estáveis da comunidade (Jz 20.20; 1 Sm 14.38).

Quando um prédio de alta qualidade estava sendo construído, blocos de pedra calcária eram cortados na pedreira. A pedra calcária era sempre mais mole quando cortada no subsolo; ela endurecia em contato com o ar. A prática geral era então cortar na pedreira os blocos do tamanho requerido e depois acabá-los, raspando a superfície no canteiro de obras. Quando o Templo de Salomão foi construído, os blocos foram acabados na própria pedreira, onde era possível fazer um acabamento melhor porque eles ainda estavam macios (1 Rs 6.7).

Parte do trabalho maciço ao redor do Domo da Rocha. As grandes pedras que formam a parte inferior do muro datam da época de Herodes.





As paredes eram mantidas retas por meio da cana e do prumo. A cana de medir era reta e tinha cerca de sete metros de comprimento (Ez 40.3). O prumo consistia de um cone de chumbo invertido, preso por uma linha a uma vareta do mesmo diâmetro que a base do cone. Quando a vareta era levantada na lateral do prédio, a extremidade da base do cone devia apenas tocar de leve na parte de baixo da parede caso ela estivesse reta (Am 7.8). Uma linha ia de canto a canto e uma camada de pedras era colocada até a altura da linha antes de passar para o curso seguinte (2 Rs 21.3).

Nem todas as casas eram feitas de pedra. Amós considerava as casas de pedra como um luxo tornado possível pela exploração dos pobres (Am 5.11). Só estruturas públicas como o templo, muros da cidade e as cidades-armazéns como Megido, eram geralmente construídas de pedra. Os construtores fenícios provavelmente ajudaram em todos esses projetos. A qualidade do edifício ficava bem à vista.

“Pedras ao comprido” e “testeiras” (tijolos travados) eram usados para fortalecer as paredes, sendo as pedras às vezes tão bem ajustadas que não ficavam frestas entre elas e não havia necessidade de argamassa. Nos tempos bíblicos os pedreiros tinham, porém, problemas para colocar janelas numa parede de pedra. Jeremias considerava as janelas como luxos inaceitáveis (Jr 22.14).

A maioria das casas era construída de tijolos de barro, feitos de barro e palha em moldes de madeira e deixados para endurecer ao sol. O barro era então usado como argamassa e como emboço para o lado de dentro e de fora do trabalho. Casas mais simples eram construídas com uma mistura de pedras e barro. O pedreiro construía também silos, poços, cisternas, prédios públicos, arcos, estradas e aquedutos (os últimos três nos dias dos romanos). Com o desenvolvimento do arco, a pedra fundamental de formato irregular é que sustentava o arco. É possível que Simão Pedro tivesse esse conceito em mente quando considerou Jesus como aquele que irá sustentar a fé judia e impedir que ela desmorone (At 4.11).

Profissionais de saúde

Os judeus tinham promessa de saúde se obedecessem às leis de Deus (Ex 15.6). Eles receberam também várias leis com relação à saúde (descanso e relaxamento regulares, comida adequada, evitar a água contaminada, regras para o casamento, limpeza, separação das

doenças contagiosas), as quais, quando seguidas, promoviam um alto nível de boa saúde. Quando as leis eram desobedecidas, a doença surgia (Dt 28.60,61). Ninguém chamava um médico e os que recorriam a eles eram criticados por contrariarem a vontade de Deus. Isso aconteceu ao rei Asa em 2 Crônicas 16.12. O procedimento correto no caso de doença era a oração a Deus (Nm 21.7; 2 Rs 20; 2 Cr 6.28-30; Sl 6; 107.17-21).

No entanto, a atitude em outros países era diferente. No Egito e na Babilônia, a doença era considerada como resultado da atividade de espíritos malignos e os médicos chamados para agir contra ela. Embora o trabalho dos médicos fosse às vezes uma espécie de prática da magia, eles também promoveram a cirurgia e o desenvolvimento da medicina mediante o uso de ervas. Havia até leis controlando o trabalho desses profissionais. O Código de Hamurabi dizia que se um homem operasse o olho de outro usando uma lanceta de cobre e esse perdesse a vista, o olho do médico deveria ser também arrancado com uma lanceta de cobre.

Os egípcios eram hábeis em cirurgia craniana. Eles perfuravam orifícios no crânio, para “deixar sair o espírito maligno”, mas ao fazer isso aliviavam a pressão interna, o que levava algumas vezes à cura; em Laquis havia também essa prática. Os egípcios eram igualmente adeptos da odontologia, e alguns dos fenícios tinham dentes de ouro.

Apesar da atitude teológica dos judeus, grande parte da atitude das nações vizinhas parece tê-los influenciado. Em nível popular, as pessoas parecem ter usado amuletos para afastar os maus espíritos e havia médicos, como sabia o rei Asa. Êxodo 21.9 parece indicar o uso de uma muleta quando um membro estava machucado e Ezequias fez um emplastro para tratar seu furúnculo (2 Rs 20.7). Quando o livro de Jó foi escrito, o comportamento estava mudando, porque um dos pontos importantes do livro é que a doença de Jó *não* resultou do pecado. No segundo século antes de Cristo, o livro de Eclesiástico diz que embora Deus seja o médico, Ele dá dons de cura aos homens. Isaías disse que a condição de Judá exigia purificação, curativos e ungüento (Is 1.6); vinho misturado com mirra era usado para tirar a dor (Mt 27.34); as raízes de mandrágora eram consideradas como servindo para ajudar a concepção (Gn 30), e as parteiras eram conhecidas durante todo o período bíblico (Êx 1.15; Ez 16.4).

A medicina nos dias de Jesus

Quando Jesus nasceu, a atitude em relação à medicina era portanto hesitante. Marcos 1.32-34 parece indicar que a doença era um grande problema. As enfermidades incluíam a lepra, problemas de alimentação e poluição (disenteria, cólera, febre tifóide, beri-beri [hidropsia]), cegueira (por causa do excesso de pó), surdez e doenças que causavam paralisia. A epilepsia e outras desordens nervosas se achavam também presentes. Referência a essas moléstias pode ser encontrada em 2 Samuel 12.15; 1 Reis 17.17; 2 Reis 4.20; 5.1-14; Daniel 4.33. Ao observar essa situação, vemos que os judeus continuavam hesitantes quanto aos médicos. Eles acreditavam que havia uma ligação entre a doença e o pecado (Jo 9.2) e citavam frases como “Médico, cura-te a ti mesmo” (Lc 4.23). Mas, apesar de tudo isso, toda cidade tinha obrigação de ter um médico (sendo essa a razão da mulher com hemorragia poder consultar vários deles, Mc 5.26) e havia sempre um médico no templo para cuidar dos sacerdotes que pegavam doenças por causa do seu hábito de andar descalços. Marcos não tinha claramente os médicos em bom conceito (veja acima, Mc 5.26).

A atitude de Jesus não contradisse o Antigo Testamento. Ele parecia considerar a doença como resultado da atividade maligna de Satanás neste mundo e que, como tal, devia ser combatida. Todavia, Jesus não acreditava que a doença fosse necessariamente resultado do pecado do indivíduo. Isso fica claro em João 9.2-4a, se mudarmos a pontuação da sentença:

“E, passando Jesus, viu um homem cego de nascença. E os seus discípulos lhe perguntaram, dizendo: Rabi, quem pecou, este, ou seus pais, para que nascesse cego?” Jesus respondeu: “Nem ele pecou nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus”.

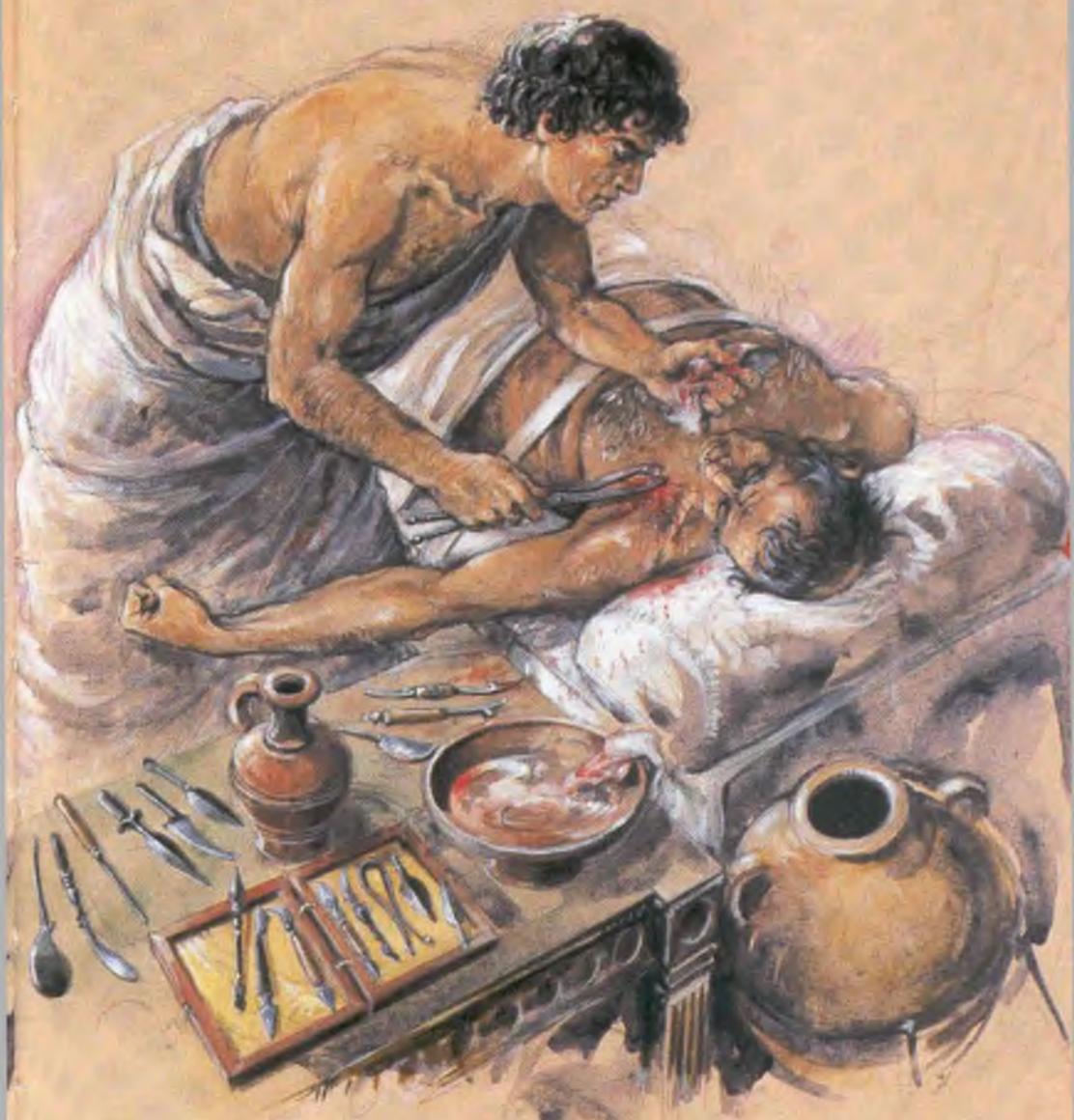
Jesus aceitou o fato de que algumas enfermidades eram devidas à possessão demoníaca e tratou delas nessa conformidade (por exemplo, Mt 12.27), mas Ele não tratou *todas* as doenças por esse método. Foi essa atitude para com as moléstias que acelerou a aceitação dos médicos entre os cristãos da primeira igreja. Lucas acompanhou Paulo em suas viagens na condição de médico (Cl 4.14). Ele era, naturalmente, um médico grego, e na Grécia a medicina se desenvolvera de forma considerável. Depois de ensinados por Hipócrates, os médicos faziam um juramento de que a vida do paciente vinha



Abaixo: Cirurgião romano cuidando de um ferimento. Note seu conjunto de instrumentos especializados, que incluem uma pequena serra.

em primeiro lugar, que eles nunca abusariam das mulheres, que nunca fariam deliberadamente abortos e que jamais revelariam informações confidenciais. Havia uma grande escola de medicina em Alexandria.

Poucos judeus tinham, portanto, probabilidade de se tornarem médicos, mas geralmente apreciavam os serviços desses profissionais apesar das muitas apreensões.



Comércio em dinheiro e mercadorias

Os comerciantes se preocupavam com medidas e dinheiro. Antes de examinarmos seu método de trabalho e como viviam, vamos ver o que diz a Bíblia sobre as medidas e o dinheiro.

Medidas Lineares

As medidas lineares foram desenvolvidas de acordo com as proporções do corpo humano, o dedo, a palma da mão, a envergadura (distância entre o polegar e o dedo mínimo), o côvado (distância do cotovelo até o dedo médio), e o cordel ou braça era a distância da ponta do dedo médio até o outro dedo médio, com os braços estendidos. Isso resulta numa tabela de comprimento como segue:

4 dedos	= 1 palmo
3 palmos	= 1 envergadura
2 envergaduras	= 1 côvado
4 côvados	= 1 braça

Esse sistema tinha os seus problemas. As medidas do corpo variam de indivíduo para indivíduo e há evidência de que havia comprimentos diferentes para o côvado, de aproximadamente 45cm a 52cm. Havia um "côvado real" longo, de 7 palmos ou 28 dedos (todas as medidas reais eram maiores do que as padrão), havia também côvados antigos (2 Cr 3.3) e novos (Ez 40.5). No geral, porém, o sistema era facilmente compreendido e as medidas aproximadas podiam ser calculadas.



Siclo



Meio-Siclo

As distâncias mais longas eram calculadas vagamente, em termos de um dia de caminho (por exemplo, Gn 30.36). Muito mais tarde, os gregos usaram uma medida chamada *estádio* (*stadion*, plural *stadia*), que era pouco maior do que 40m. mencionada no livro de Macabeus. A distância não era usada para cálculos de área como fazemos hoje em nosso sistema. Um acre era a quantidade de terra que podia ser arada pelo boi num dia (Is 5.10). A máxima distância que o judeu podia andar no sábado (jornada de um dia de sábado, At 1.12) era 2.000 passos, ida e volta de uma milha romana (1.000 passos).

Capacidade

A capacidade era originalmente medida de um modo similar, doméstico, e o nome do receptáculo dava nome também ao peso. A maior medida de capacidade para secos era o ômer (*issarion*), que significa "carga de um jumento" e era usado para cereais (Lv 27.16). O efa era um grande recipiente com tampa e, segundo Zacarias 5.6,7 tinha tamanho suficiente para que uma mulher coubesse nele. Valia um décimo do ômer (Ez 45.11) e era também usado para medir cereais (Rt

2.17). O ômer ("feixe") era a menor medida para cereais e valia um décimo do efa (Ex 16.33). Ele tinha provavelmente o mesmo tamanho de um him, que na verdade significa "décimo" e era usado para medir carne (Ex 29.40). O equivalente líquido do efa era o bato. Isso fornece uma tabela numa base de dez.

$$\begin{array}{ll} 10 \text{ ômer/him} & = 1 \text{ efa/bato} \\ 10 \text{ efa/bato} & = 1 \text{ ômer} \end{array}$$

Sem qualquer relação com essa tabela decimal estava o him, usado para medir as ofertas de óleo e vinho (cerca de 7 pintas: 0,437gr). Um sexto de um him era a quantidade mínima de água necessária a cada dia (Ez 4.11).

Parece ter surgido maior exatidão no decorrer do tempo. Os assírios desenvolveram um sistema numa base de seis. Como segue:

$$\begin{array}{l} 6 \text{ qa (cabo)} = 1 \text{ situ (sato)} \\ 30 \text{ situs (sato)} = 1 \text{ gur (coro)} \end{array}$$

As palavras soavam muito próximas das hebraicas *qab*, *seah*, e *kor* (*sato*, *bato*, *coro*). É então possível que os judeus tenham adotado o sistema e feito uso dele em conjunto com o antigo. Isso significaria:

6 qab (cabo)	= 1 sato
30 sato	= 1 coro

O cabo é mencionado no cerco de Samaria, em que a quarta parte de um cabo de esterco de pombas (ou sementes) foi vendido por cinco siclos de prata (2 Rs 6.25). O sato era usado para medir farinha e cereais (2 Rs 7.1) e o coro media grandes quantidades de líquido e era o equivalente do ómer (Ez 45.14). Não pudemos encontrar os correspondentes exatos, mas a carga de um jumento ou coro é calculada em cerca de 220 litros (aprox. 58 galões).

Peso

O verbo "pesar" é *shaqual* (siclo) em hebraico e por essa razão o "siclo" se tornou a medida básica. O cabelo de Absalão media 200 siclos (2 Sm 14.26). Dos números dados em Exodo 38.25,26, podemos calcular que um *beca* era a metade de um siclo. Mais tarde, outra medida foi adotada, chamada *mina*, que valia provavelmente cinqüenta siclos. Isso nos dá a seguinte tabela:

2 becas	= 1 siclo
60 siclos	= 1 mina
60 minas	= 1 talento

Os nomes da tabela precedente foram adotados em outros países, mas os múltiplos e as medidas reais eram diferentes. Além disso, existe a complicação de que os comerciantes provavelmente usavam dois conjuntos. Um conjunto leve era usado para comprar e outro mais pesado para vender (Dt 25.13). Isso dava ao comerciante uma porcentagem de lucro legítima e o seu uso não consistia em fraude. Os pesos mistos é que constituíam o problema, ou o uso deliberado de pesos falsos para enganar as



Esquerda: Moeda do procurador Pôncio Pilatos, 30 d.C.
Direita: Moeda do procurador Antônio Félix, 59 d.C.

pessoas (Lv 19.35,36; Mq 6.10,11). Os pesos em si eram quase sempre pedras moldadas, esculpidas na forma de animais e outros temas, e marcadas com o seu peso. Eles eram usados em balanças (Is 40.12). Calcula-se que o talento pesava entre 3 e 4k. Ele tomou o seu nome da tampa grande e pesada de um receptáculo.

Cunhagem

Nos primeiros dias da Bíblia, o comércio era feito mediante trocas, mas em breve foi reconhecido que era mais conveniente trocar algo que por sua vez pudesse ser trocado por outra coisa. Isso veio a ser praticado, pesando quantidades de metal. Abraão, portanto, pesou 400 siclos de prata em pagamento de uma sepultura para sua família (Gn 23.16). Os metais usados nas transações eram feitos segundo uma forma padrão, tais como discos, barras e anéis, mas a verdadeira cunhagem não começou até o século VII a.C. A marca do rei era então colocada num pedaço de metal para garantir seu peso e pureza e, portanto, o seu valor.

As moedas não são mencionadas até bem tarde na Bíblia. Só nos dias de Neemias é que lemos sobre "dáricos de ouro" (Ne 7.71),

cunhados por Dario da Pérsia e que tomaram o seu nome. As moedas surgiram em maior quantidade nos dias do Novo Testamento, mas havia tantos tipos que o dinheiro gerava muita confusão. Três sistemas de cunhagem estavam em uso. A cunhagem romana era aceita internacionalmente e consistia de moedas de cobre, bronze, prata e ouro. Quando Jesus disse aos discípulos para não levarem ouro, prata ou cobre em seus alforges (Mt 10.9), Ele provavelmente se referia à cunhagem.

Moedas romanas

4 quadrantes	(maravedis = 1 asse (moedas de cobre)
4 asse	= 1 sestércio (bronze)
4 sestércios	= 1 denário (prata)
25 denários	= 1 áureo (ouro)

As moedas romanas são muito familiares no Novo Testamento. Jesus disse que se formos enviados à prisão por um adversário, não sairemos dela até que tenhamos pago o último quadrante (Mt 5.26). (Ceitil na ARC — N.d.oT.) Mateus 10.29 nos conta que dois pardais eram vendidos por um sestércio. (Ceitil na ARC.) Os trabalhadores da



Duas moedas (lepton) do período da Revolta Judia (66-70 d.C.).

vinha em Mateus 20.1-16, receberam um denário cada um, que era o salário-padrão do dia de trabalho. Dois denários foram pagos pelo bom samaritano ao hospedeiro (Lc 10.35) e Jesus pediu que lhe mostrassem um denário quando foi questionado sobre o dinheiro do tributo (Mc 12.15).

Moedas Judaicas

Os romanos permitiram que as moedas locais circulassem além das suas. A cunhagem judia era muito limitada. Moedas parecem ter sido feitas por Neemias, provavelmente para pagar o imposto do templo. Nada mais foi mencionado sobre cunhagem até que um dos descendentes dos macabeus conseguiu esse privilégio dos senhores sírios (1 Mac 15.6). No período do Novo Testamento, a única moeda judia era o *lepton* de cobre, que significa "pequeno, fino". A viúva as colocou no tesouro (Mc 12.42). [A leitura da ARC é: "pequenas moedas, que valiam cinco réis" — N.d.o.T.] O *lepton* equivalia a meio quadrante. As primeiras moedas "verdadeiras" dos judeus foram produzidas em épocas de revolta, entre 66 e 70 d.C. e entre 132 e 135 d.C.

Cunhagem grega

A outra cunhagem em uso era o dinheiro grego, originalmente da casa das moedas estabelecida em Aco por Alexandre, o Grande, e subsequentemente cunhada em vários centros. Veja a tabela abaixo:

2 dracmas	= 1 didracma
2 didracmas	= 1 tetradracma (ou estáter)
2 tetradracmas	= 1 mina
Grande número de minas	= 1 talento

A dracma equivalia a um denário. O estáter, portanto, correspondia a quatro denários. Essas moedas são mencionadas no Novo Testamento. Foi uma dracma que a mulher da história de Lucas 15.8 deixou cair do turbante. A didracma equivalia ao meio-sículo que os judeus precisavam para pagar o imposto do templo. Pelo fato de a moeda não ser muito comum, uma tetradracma foi usada para duas pessoas. Pedro encontrou essa moeda na boca do peixe para pagar o seu tributo e o de Jesus (Mt 17.27). Foram provavelmente 40 tetradracmas que Judas recebeu por trair Jesus (Mt 26.15). A mina foi a moeda entregue as servos pelo seu rei (Lc 19.13). O

Denário do Imperador Tibério.

talento era uma grande quantidade de dinheiro e não uma moeda. Foi usado para descrever uma dívida impossível (10.000 talentos, Mt 18.24) e na parábola à qual empresta o seu nome (Mt 25.14-30).

Câmbio

As pessoas que trabalhavam com dinheiro tinham muitas oportunidades de emprego. Os cambistas eram chamados quando havia necessidade de moedas específicas e cobravam dez por cento pela troca. O mais importante era o dinheiro usado no templo, onde se pagava o tributo e o sacrifício de animais considerados ritualmente puros. Alguns acreditam que Neemias mandou fazer uma cunhagem especial com esse propósito (Ne 10.32) e que esta prática continuou. Doze por cento era cobrado por essas transações.

Quando Jesus expulsou os cambistas do templo, Ele parece ter agido de acordo com duas profecias messiânicas (Sl 69.9; Ml 3.1-4; veja Jo 2.17). Não se trata dos cambistas terem feito algo criminoso, mas por não ser essa uma atividade suficientemente boa para a casa de Deus (Mt 21.13).

Os cambistas também faziam empréstimos (de fato a mesa sobre a qual o dinheiro passava era chamada de “banco”). Jesus sugeriu em sua história do dinheiro confiado aos servos do rei, que ele poderia ter sido investido de modo a render juros (Mt 25.27; Lc 19.23). Há uma questão aqui que precisa ser esclarecida. No período do Antigo Testamento, a vida dependia de uma economia agrícola simples. Ninguém precisava de empréstimos para fazer investimentos; eles eram necessários apenas para ajudar o indivíduo em épocas difíceis. Por essa razão, não era permitido cobrar juros porque isso seria lucrar com as dificuldades de um irmão (Êx 22.25; Lv 25.53; Dt 23.19). Lucros provenientes de juros podiam, no entanto, ser recebidos de um estranho (Dt 23.20). Nos dias do Novo Testamento, a economia havia mudado e era possível emprestar dinheiro para começar um negócio e esperar um retorno desse empréstimo, como nas parábolas. Mesmo assim, Jesus reprovava empréstimos particulares com pagamento de juros (Lc 6.34).

Tributação

Pessoas eram empregadas na cobrança de impostos. Nos primeiros dias da história de Israel, os tributos só serviam para sustentar o Tabernáculo e o Templo (Dt 14.22-27; 18.1-5). Quando o povo pediu um rei, Samuel os advertiu de que teriam de pagar novos

tributos (1 Sm 8.15) e foi o que aconteceu. O programa de construção e o estilo de vida de Salomão (1 Rs 4.22-28) exigiam impostos elevados. Cobradores de impostos foram nomeados pelo rei para doze distritos (1 Rs 4.7-19) e o peso dos tributos ficou tão alto que provocou uma revolta, a qual dividiu o reino logo depois da morte de Salomão (1 Rs 12.4).

Existe evidência de que esta forma de tributos continuou no reino de Judá e Israel. Ostracos encontrados num armazém samaritano incluíam recibos para óleo e vinho e as alças dos jarros descobertos em Judá indicavam que eles continham óleo e vinho enviados ao rei. Até a primeira sega da erva parece ter sido taxada nos dias de Amós (Am 7.1).

A forma de tributo mais rejeitada era o pagamento de dinheiro para receber proteção. Essa era uma prática dos reis poderosos para forçar seus vizinhos a pagar-lhe impostos. Qualquer infração seria considerada como rebelião, seguindo-se a ela uma expedição punitiva do exército do Estado mais poderoso. Tiglate-Pilneser da Assíria extraiu esse tributo de Israel durante o reinado de Menaém (2 Rs 15.19-20) e Neco do Egito fez a mesma coisa a Joacaz de Judá (2 Rs 23.33-35).

Nos dias do Novo Testamento, o tributo por meio de impostos tinha de ser pago ao império romano. Os oficiais romanos vendiam o direito de cobrar taxas numa determinada área a quem pagasse melhor. O cobrador-chefe de impostos (chefe dos publicanos) teria então de entregar uma certa quantidade de dinheiro. Ele empregava pessoas do local como cobradores (publicanos) e tanto o chefe como os cobradores cobravam em excesso, de modo que tiravam um bom lucro embora entregando o que era requerido pelo governo. Zaqueu, como cobrador-chefe, admitiu sua fraude devolvendo quatro vezes o que recebera (Lc 19.8). Levi deve ter sido um cobrador local (Lc 5.28). Os judeus odiavam os publicanos, não só porque eles extorquiam dinheiro, mas também por serem considerados traidores e aliados do poder de ocupação. O nome publicano era, portanto, desprezado. Os líderes judeus não podiam aceitar a amizade de Jesus com tais pessoas (Mt 9.11; 11.19; 21.31). A rejeição dos publicanos não era inteiramente injustificada. João Batista falou de modo geral da necessidade de os publicanos não serem gananciosos (Lc 3.12,13).



Comércio

As pessoas também ganhavam seu sustento mediante os lucros do comércio. Isso não aconteceu nos primeiros dias porque a economia agrícola simples não só não dava margem de lucro para possibilitar o comércio, como também a atitude predominante era que a vida simples era a vida reta (Pv 31.10-17). Todavia, na época em que Ezequiel 27.17-24 foi escrito, já havia um amplo comércio de produtos agrícolas com Tiro — aveia, azeitonas, figos, mel, azeite e bálsamo. O óleo e o vinho eram também exportados para o Egito, onde havia excesso de cereais. A lã e roupas de lã eram exportadas para muitas regiões e, em troca, importavam madeira, metais (estanho, chumbo, prata e cobre) e mercadorias de luxo (especiarias, seda, jóias e ouro). Esse comércio passou a existir conforme o reino de Salomão foi se ampliando. A expansão tornou possível ao rei cobrar impostos sobre as mercadorias que cruzavam o seu território e tributo dos estados-vassalos.

A rota mais importante era o “Caminho do Mar”, que seguia a costa do Egito até o que fora antes território filisteu. Ela se dirigia depois para Megido e Hazor a nordeste e alcançava Damasco. A estrada pelas montanhas do Egito passava por Berseba,

Hebrom, Jerusalém, Betel e Siquém, e depois se dividia, seja na direção de Bete-Seã e Damasco, seja na direção de Samaria e Megido. Essa era, porém, uma rota difícil, usada apenas na época de chuvas, quando as outras estradas ficavam intransitáveis.

A leste do Mar Morto e do Rio Jordão, a “Estrada do Rei” ligava o Golfo de Ácaba com Amom e Damasco. As rotas marítimas eram controladas pelos fenícios, aliados de Salomão.

Como as principais estradas comerciais cruzavam áreas controladas pelos judeus, era possível para aqueles que possuíam capital para investir importarem e exportarem mercadorias. Salomão parece ter importado cavalos da Cilícia e carros do Egito e exportado ambos (2 Rs 10.28). Arranjos foram também feitos de modo que os reis tivessem um mercado aberto para as suas mercadorias nas cidades circunvizinhas. O rei Acabe tinha um arranjo desse tipo com Damasco (1 Rs 20.34).

O problema com esse comércio é que os capitalistas tendiam a adquirir cada vez mais riquezas, enquanto os outros ficavam relativamente mais pobres. Ao que tudo indica, isto acontecia em nível individual e nacional. Indivíduos foram condenados por Amós, especialmente onde este tipo de riqueza era associado à opressão dos menos abonados (Is 5.8-12; Am 6.1-7; Mq 2.1,2). Tiro foi condenada por não acudir às nações mais pobres que necessitavam de suas mercadorias (Ez 28.2; veja também Is 23). Nos dias do Novo Testamento, o comércio era um estilo de vida, e a *Pax Romana* (a paz e unificação que os romanos haviam introduzido no Mediterrâneo) aumentou a possibilidade do comércio pelo fato das viagens serem muito mais seguras. Roma se tornou o centro da riqueza e do comércio, e “todas as estradas levavam a Roma”. Nesse período, quantidades maiores de óleo de oliva foram exportadas da Judéia, enquanto vinhos, vidro, maçãs, linho e algodão gregos se tornaram comuns no país.

O mercado

Sabemos pouco sobre como o comércio era feito localmente. Havia quase sempre um lugar aberto dentro do portão da cidade, que servia como praça do mercado e os comerciantes moravam nas ruas

que saíam dessa praça. Nos dias de Jeremias (37.21) havia uma rua dos padeiros e o vale entre as serras a leste e oeste de Jerusalém era conhecido como vale dos queijeiros. É claro que deveriam existir barracas para servir aos moradores da cidade, porque alimento fresco tinha de ser comprado todos os dias. Um mercado semanal ficava à disposição do povo das aldeias vizinhas para comprar e vender seus produtos. Neemias teve de regulamentar as coisas de modo a tais mercados não funcionarem no sábado (Ne 13.15-22).

No mercado, as mercadorias eram dispostas ao nível do chão, enquanto o vendedor se sentava entre elas. Mercados especiais tinham de ser montados quando uma caravana chegava. Os preços raramente eram fixos, de modo que cada compra exigia uma certa pechincha. Provérbios 20.14 descreve a pessoa que resmunga por causa do preço que tem de pagar, mas quando chega em casa se gaba da pechincha que adquiriu. Mercadorias em espécie eram aceitas como troco, assim como quantidades já pesadas de metal ou moedas (veja Lc 16.5-7). A medida era sempre cheia. Quando Jesus explicou como uma medida devia ser recalculada, sacudida e transbordante de cereais, Ele estava descrevendo a prática comum para produtos secos no mercado (Lc 6.38; “regação” nas versões antigas significa “colo”).

Leia agora a sua Bíblia

Os primeiros ferreiros

Gênesis 4.15. O trabalho em metais foi introduzido entre os judeus, de modo que os ferreiros se tornaram a elite entre os demais artesãos e foram levados cativos pelos babilônios (2 Rs 24.15,16). Salomão usou seus ferreiros para criar os implementos em uso no templo (1 Rs 7.45-47). Não fica claro, porém, onde os judeus aprenderam esse ofício. Alguns eruditos acreditam que eles aprenderam nas viagens com os ferreiros da tribo quenita, cujo povo viajava por toda a terra com seus foles amarrados aos lombos dos jumentos. O ferreiro itinerante era reconhecido por uma cruz de metal presa na testa. Foi sugerido que esta era a "marca de Caim" dada por Deus para indicar que os descendentes de Caim (que significa "ferreiro") deviam ser artesãos e não chefes das tribos.

Leis de saúde

Deus deu ao povo judeu numerosos mandamentos e seu significado médico só foi apreciado recentemente. Deuteronômio 23.13 ordenava que o soldado carregasse uma pá, de modo que todo excremento humano fosse enterrado. Levítico 13 ordenava o isolamento dos leprosos. Foi sugerido que a insistência na circuncisão levou a uma incidência muito baixa de câncer da cerviz entre as mulheres judias e que as proibições de casamentos consangüíneos foram dadas para controlar o número de enfermidades hereditárias.

Fabricação de jóias

Êxodo 28.9-14. Os judeus desenvolveram a arte de fabricar e gravar jóias. O marfim era esculpido e usado como decoração (1 Rs 10.22; 22.39; Am 3.15). Pequenos cilindros eram gravados e usados como selos pessoais. Essa arte desenvolveu-se naturalmente porque, como nômades, não era possível carregar muito material nos trajetos.

Vasilhas não-vitrificadas

Mateus 10.42. As vasilhas não-vitrificadas eram extremamente importantes. À medida que a água evaporava através do barro, ela esfriava o líquido no interior. Isto explica a descrição da água como água fria.

Designação do dinheiro

Os termos usados para o dinheiro no Novo Testamento ilustram os problemas que os tradutores bíblicos encontram hoje. Se usarem o termo original, o leitor talvez não compreendesse. Se o substituíssem pelo nome de uma moeda corrente, ou um valor monetário, a inflação poderia tornar o substituto completamente obsoleto em curto prazo. "Peças de prata" ou o "salário de um dia" nem sempre indicam o valor da moeda porque as quantias variam nas diferentes sociedades.

Escultura israelita de marfim de Samaria. Os judeus desenvolveram a arte de fabricar jóias e esculpir marfim.



Segunda Parte

Instituições e Costumes Nacionais

Cidades e aldeias 186

Um olhar para Jerusalém 216

Jornadas e viagens 225

Hospitalidade 241

**Agrupamentos sociais
e políticos 251**

Governo e sociedade 264

Guerra 286

Lazer 301

**Lazer para turistas
em Israel hoje 317**

Religião 331

Cidades e aldeias

Quando os homens saíram das cavernas e começaram a cultivar a terra, eles se estabeleceram em lugares onde a terra era fértil e onde houvesse um suprimento fácil de água. Isso levou algumas vezes a conflitos entre os grupos nômades que queriam compartilhar a água. Esse conflito exigiu que os novos fazendeiros vivessem perto uns dos outros para mútua proteção, e foi esse o motivo para a origem da aldeia.

Se a aldeia fosse vulnerável, ela era construída de modo que as paredes detrás (em branco) das casas formassem um muro defensivo para a aldeia, tendo acesso apenas por uma brecha ou porta. Se a aldeia estivesse num local de fácil defesa e se encontrasse numa rota comercial, então, na época em que o arado de bronze tornou possível cultivar mais intensivamente a terra e produzisse mais riqueza, a aldeia era rodeada por uma proteção defensiva. Era isso, em lugar do tamanho, que transformava a aldeia em cidade (veja Lv 25.29-31). “Mas as casas em aldeias que não têm muros em roda serão estimadas como campo da terra...”). Até cidades importantes como Jerusalém e Megido tinham apenas cerca de 30 acres de extensão nos dias do Antigo Testamento. Se a proteção fosse substituída — por um muro sólido, ela se tornava conhecida como “cidade fortificada” (Jr 34.7).

Havia uma dupla ligação entre as cidades e as aldeias. Em tempos de guerra, os aldeões fugiam para as cidades por causa da proteção de seus muros. No verão, o povo da cidade gostava de ir para o campo, onde se envolvia na colheita e tinha assim “trabalho nas férias”. As cidades e as aldeias ficavam, portanto, agrupadas (Js 15.32,36,41).

O centro da aldeia

O “centro” da aldeia era o suprimento de água. As pessoas iam ao poço buscar água, levando seus baldes e cãntaros de couro (veja Jo 4.11) e ali encontravam outros habitantes da aldeia para conversar e descontrair-se no início e no fim do dia. O poço nem sempre era um orifício profundo com uma nascente. Ele se achava na maioria das vezes no leito seco de um rio. Com cerca de um metro quadrado e um metro de profundidade, ele se enchia de água e era conhecido como cisterna (significado literal de Jr 14.3, “cavas”). As chuvas de inverno sempre enchiam o leito seco. Quando havia brigas, as cisternas eram às vezes enchidas com terra (Gn 26.15).

Muros da cidade

A característica mais importante da cidade era o seu muro. No início, os muros das cidades importantes parecem ter sido feitos de pedra. Os antigos muros de Jericó tinham dois metros de espessura e torres de dez metros de altura — e isso em 5000 a.C. Na era do bronze, quando os prédios se tornaram maiores e a agricultura mais intensiva, as bases dos muros eram feitas de pedra, mas os muros propriamente ditos, de tijolos de barro. Os muros tendiam a seguir um contorno especí-

Poço antigo em Berseba.



Pág. oposta: Parte do muro de sete metros datado do século VIII a.C., Jerusalém. Esse é o muro mencionado por Isaías em suas palavras ao rei Ezequias: "Derribareis as casas, para fortalecer os muros" (Is 22.10).

Escombros do muro da cidade jebusita de Jerusalém, datada do século XVIII a.C.

fico, de modo que, embora a cidade tivesse uma forma irregular, a entrada era sempre ladeira acima.

Os tipos de muro eram variados. Alguns eram em declive, de baixo para cima, com bases de até nove metros de espessura. Alguns eram muros de casamata — dois muros paralelos com cômodos construídos no espaço entre eles. Outros eram muros duplos, enchidos com escombros. Os muros nem sempre mantinham os invasores afastados. Portanto, depois de as cidades terem sido tomadas e destruídas, era necessário reconstruir sobre as ruínas da anterior, porque inevitavelmente a antiga tinha sido construída no melhor sítio da área. Isto aconteceu tantas vezes em algumas cidades que, quando os arqueólogos cavam num sítio, eles encontram níveis sucessivos como camadas num bolo, correspondendo às épocas de destruição e reconstrução. Um sítio desses é chamado de *tell* e, datando cuidadosamente cada camada, o arqueólogo pode muitas vezes escrever a história da cidade.

Em termos práticos de edificação, o desenvolvimento de um *tell* significa que a parte inferior do muro de defesa teve de ser construído como um muro de re-







Tel-Berseba. Essa região foi ocupada desde o quarto milênio a.C.

tenção para manter o nível mais alto dentro dele. Um *glacis* (declive) foi, portanto, formado — uma ladeira íngreme de terra batida e pedras, até o nível da linha do novo prédio. O *glacis* era muitas vezes precedido de um fosso largo, que tinha a vantagem adicional de suprir mais solo e tornar o *glacis* ainda mais alto. O muro era então erigido em cima do *glacis*.

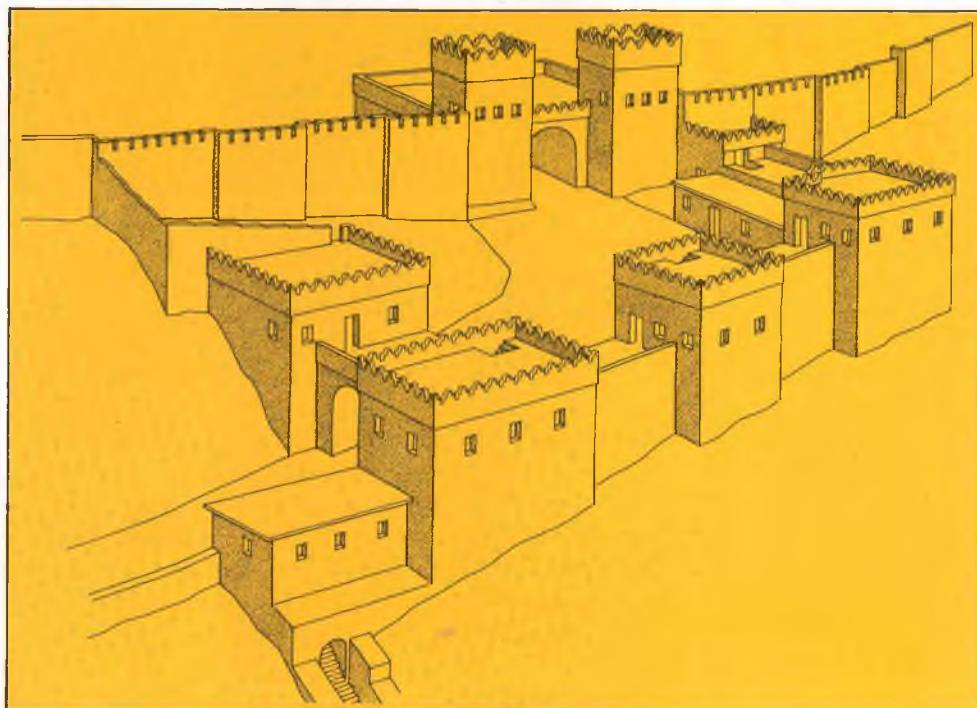
À medida que as técnicas de cerco durante a guerra avançaram, os muros de casamata foram substituídos por muros sólidos. Sistemas engenhosos de saliências e recessos eram colocados nos muros e as torres cuidavam da defesa (2 Cr 26.25). Os defensores podiam então atirar nos que estavam atacando os muros. Em alguns casos, como em Láquis, dois muros separados foram construídos, um dentro do outro, para oferecer uma linha dupla de defesa. Não sabemos ao certo como era a parte superior dos muros. A casa de Raabe pode ter sido construída no alto, porque os espiões se esconderam no telhado, mas pode ter sido também a moradia de cima num muro de casamata (Js 2.15). Existem indicações de que escudos eram pendurados no alto dos muros (Ct 4.4; Ez 27.11).

A porta

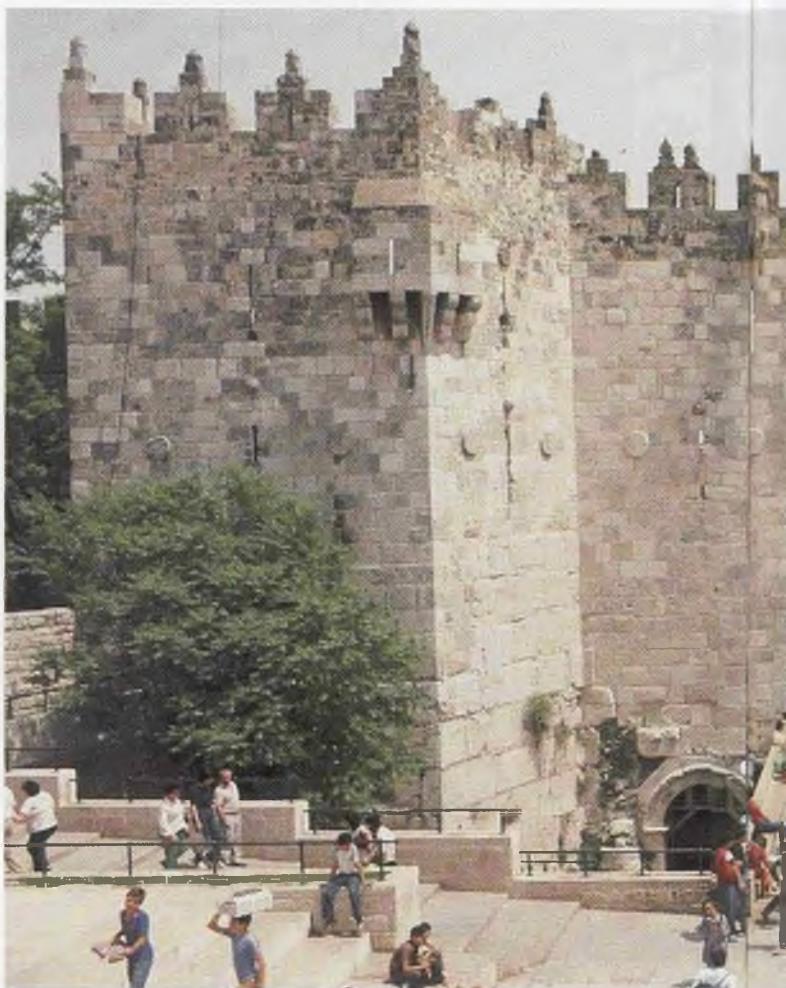
Na antigüidade, a porta era o provável ponto fraco da defesa e tornou-se, portanto, um ponto especial de preocupação. Possuir a porta era possuir a cidade (Gn 22.17). Uma prática comum entre os cananitas era oferecer um sacrifício humano ao colocar uma porta. Parece haver uma referência a isto em 1 Reis 16.34 quando o filho de Hiel, Segube, morreu na ocasião em que seu pai reconstruiu Jericó. Josué havia predito que quem reconstruísse a cidade perderia o filho.

As folhas da porta eram feitas de madeira revestida de metal (Sl 107.16). Barras de ferro seguravam a porta no lugar (1 Sm 23.7; Is 45.2). À medida que as técnicas de guerra se tornaram mais sofisticadas, essas portas passaram a não oferecer proteção suficiente. Um dos primeiros planos para prover tal proteção requeria paredes sobrepostas com duas portas, formando um pátio entre elas. Outro era construir muros em ângulo reto com os muros principais, formando igualmente um pátio. Se a porta externa fosse invadida, haveria ainda outra e, enquanto isso, os defensores podiam despejar líquidos e atirar coisas nos atacantes no pátio lá em baixo. Ambos os tipos de porta torna-

Porta fortemente protegida da fortaleza de Megido.



A movimentada Porta de Damasco, na cidade de Jerusalém.



ram possível que os defensores fizessem súbitas incursões contra o inimigo.

As portas eram pesadamente defendidas e providas de torres para servir como postos de vigia. Em 2 Samuel 18.24-26, Davi estava sentado entre as duas portas em Maanaim, e a sentinelha na torre pôde ver um mensageiro que vinha correndo dar as notícias da batalha contra as forças de Absalão.

As portas se tornaram ainda mais aperfeiçoadas quando os dois pares de portas foram postos em ângulo de 90º uma em relação à outra, de modo que os soldados atacantes tinham de fazer uma volta. As portas eram arranjadas de maneira que os inimigos tivessem de virar para a esquerda. Isso expunha aos defensores na parte de cima o seu flanco direito, que não estava coberto pelo escudo. Desenhos mais com-

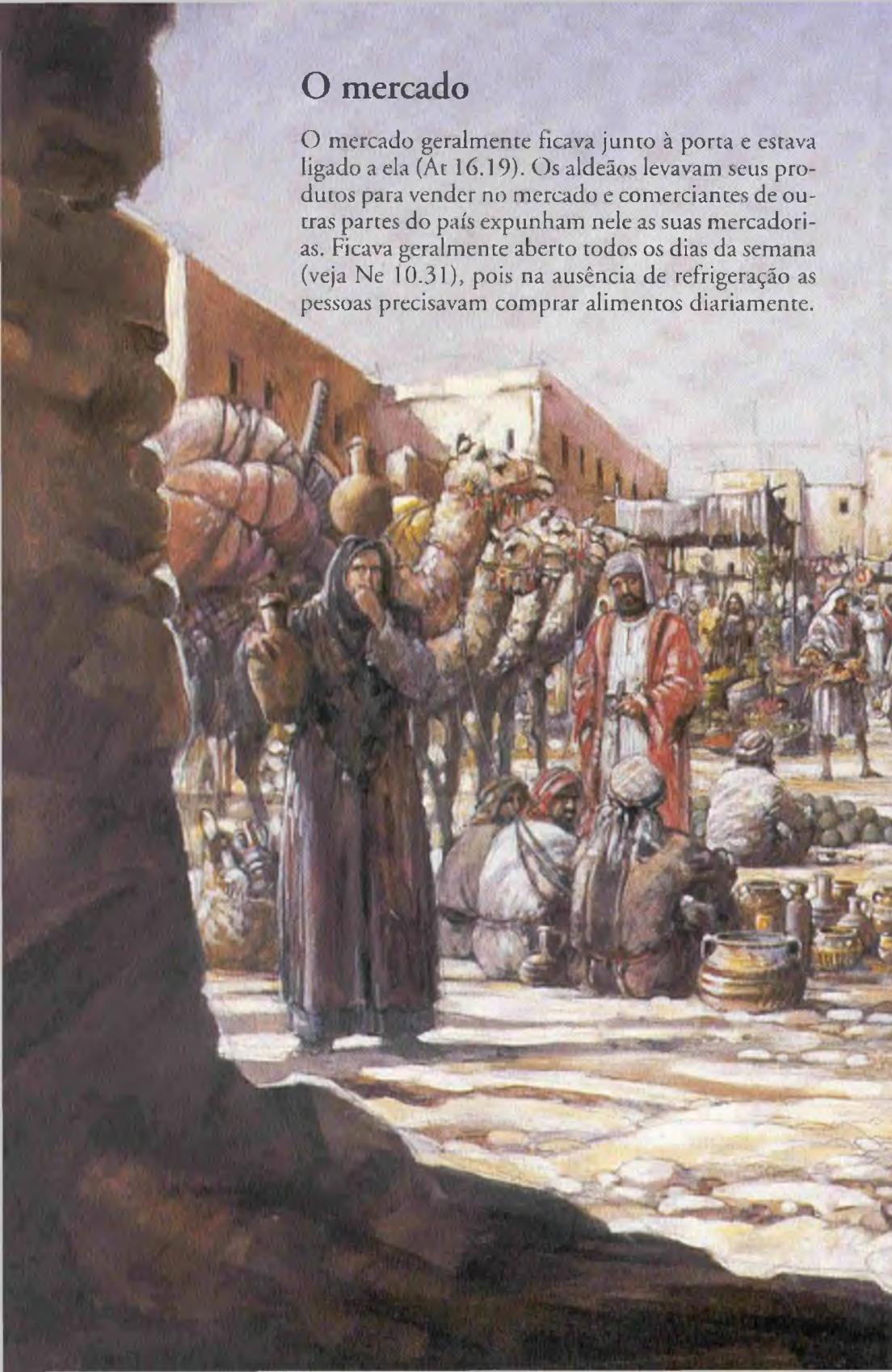


plexos de entrada em ziguezague e de três portas em vez de duas foram também preparados.

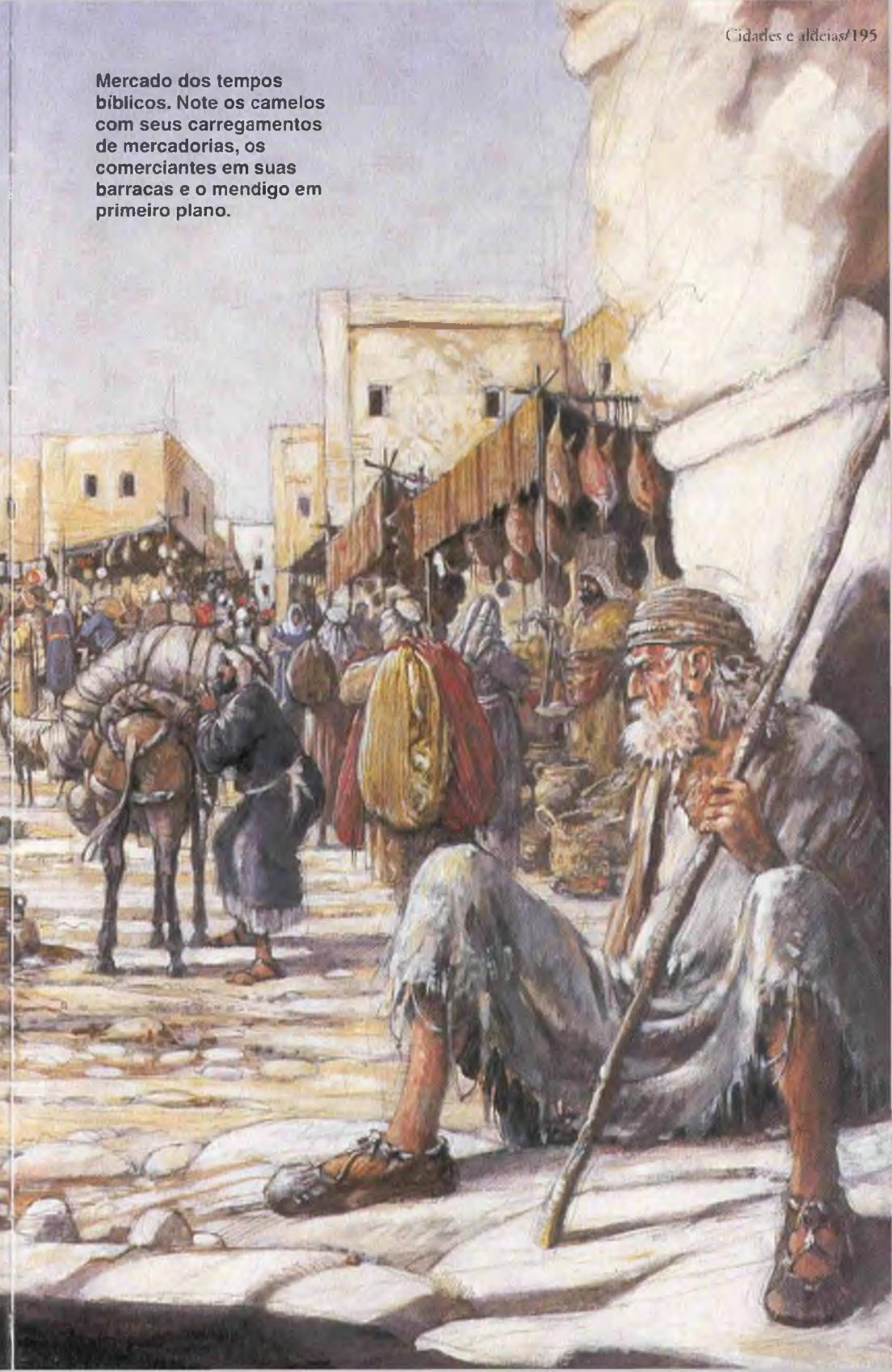
A construção elaborada da porta era útil nos tempos de paz. Os muros eram providos de quartos para estadia dos mercadores e os muros altos ofereciam uma boa sombra para as reuniões. A porta era, portanto, um lugar adequado para a realização de preleções públicas, onde os ouvintes ficavam sentados em bancos de pedra (Pv 1.21; 2 Cr 32.6; Jr 17.19), e para simples conversas (Sl 69.12). As pessoas iam descansar junto dela (Et 2.21) e a justiça local era ali dispensada (Rt 4.1-21), ou pelo menos deveria ser (Am 5.15). As portas eram sempre fechadas à noite, o que provoca alegria por não haver noite na Nova Jerusalém — as portas estarão sempre abertas (Ap 21.25).

O mercado

O mercado geralmente ficava junto à porta e estava ligado a ela (At 16.19). Os aldeões levavam seus produtos para vender no mercado e comerciantes de outras partes do país expunham nele as suas mercadorias. Ficava geralmente aberto todos os dias da semana (veja Ne 10.31), pois na ausência de refrigeração as pessoas precisavam comprar alimentos diariamente.



Mercado dos tempos bíblicos. Note os camelos com seus carregamentos de mercadorias, os comerciantes em suas barracas e o mendigo em primeiro plano.





Mercador árabe em dia de mercado, em Berseba.

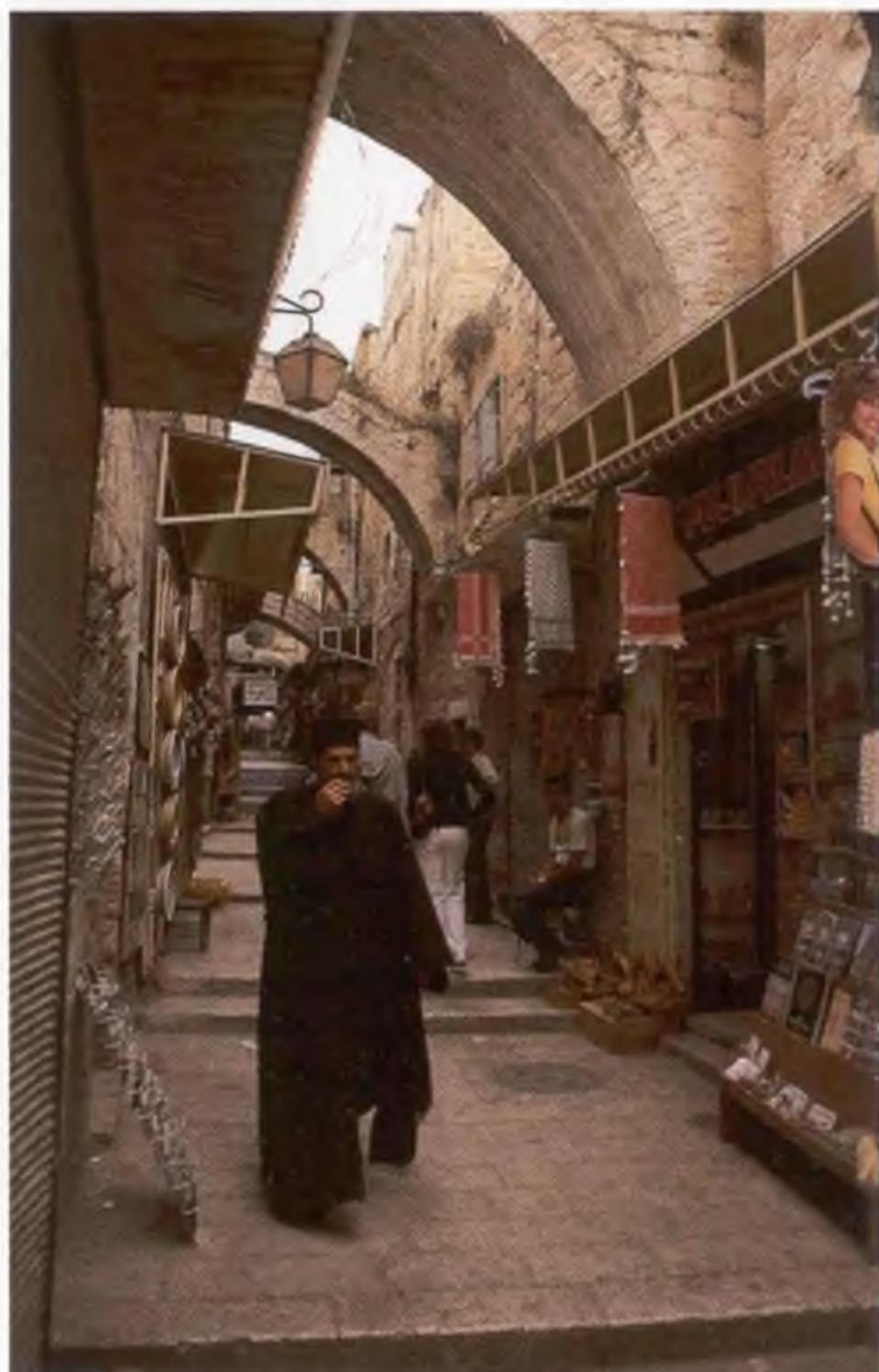
Havia outros “dias de mercado” especiais e ocasiões quase festivas quando chegava uma caravana. Em muitas portas não era permitido entrar com veículos ou até camelos, e o carregador era quem levava então as mercadorias ao mercado. Jesus usou os grandes pesos transportados pelos carregadores como uma ilustração do peso do legalismo que os advogados colocavam sobre o povo de sua época, sem levantar um dedo para ajudá-los (Lc 11.46). Paulo pode ter tido a mesma prática em vista quando nos disse para levar as cargas uns dos outros (Gl 6.2).

O mercado era geralmente um lugar movimentado e alegre, pois havia muita gente circulando nele. Era, portanto, um lugar onde discursos e ensino público podiam ser feitos (At 17.17), e onde os desempregados iam na esperança de conseguir trabalho (Mt 20.3). As casas que rodeavam o mercado serviam muitas vezes para veicular as novidades (Lc 12.3) e para os artesãos trabalharem e venderem seus produtos. O forno público era colocado em algum lugar dessa área.

As ruas da cidade

Nos dias do Antigo Testamento, as ruas começavam no mercado. Eram tão estreitas que as pessoas tinham de andar por elas em fila india. As casas eram construídas umas contra as outras e a "rua" era o espaço que sobrava. Vielas estreitas saíam igualmente das ruas, a fim de dar acesso às áreas que ficavam atrás das casas (Pv 7,8). Esse sistema criou uma rede tão complexa que era praticamente impossível para um recém-chegado chegar sozinho a algum lugar. As ruas não eram calçadas e ficavam entulhadas de lixo — tijolos de barro, fragmentos de cerâmica, e refugo — um monte no geral mais alto do que o nível do chão das casas.

Durante o inverno todo o sistema se transformava



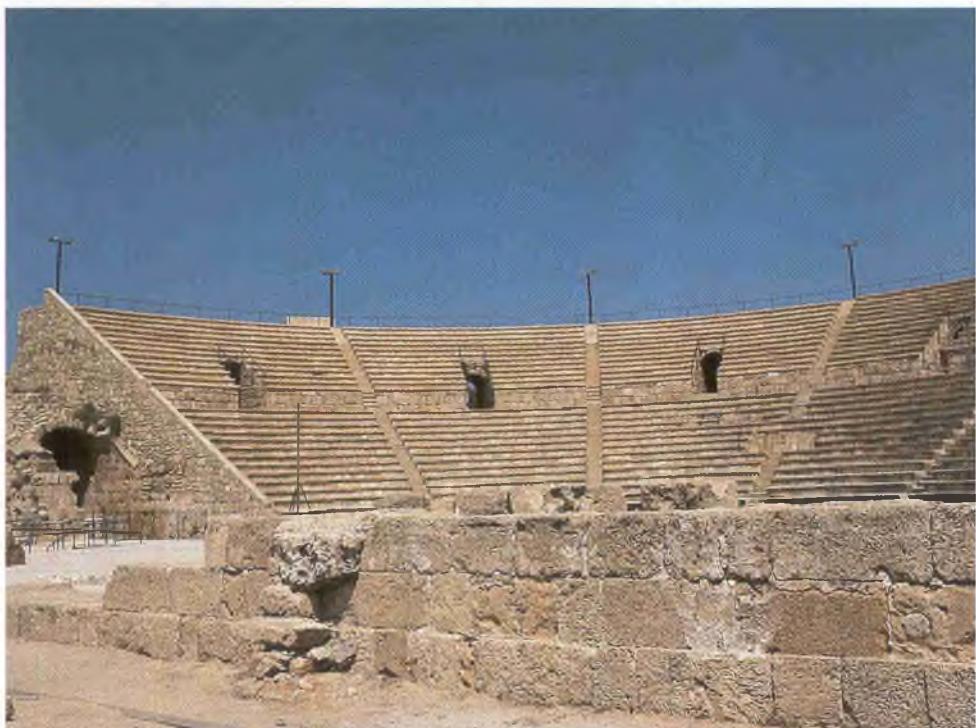
Rua estreita na velha
cidade de Jerusalém.

num verdadeiro pântano e no verão o mau cheiro obrigava as pessoas a trabalhar fora da cidade (veja Sl 18.42; Is 10.6). Não é de admirar que uma das delícias da cidade da Nova Jerusalém seja o seu calçamento (Ap 21.21).

Em vista das ruas serem tão estreitas e escusas, além das esquinas peculiares, as cidades se tornaram centros de violência (Sl 10.8) e cães, selvagens como lobos, vagavam por elas. Davi ouvia os cães latindo à noite (Sl 59.6) e Jesus sabia que eles viriam comer as migalhas debaixo da mesa (Mt 15.27; Lc 16.1). Os cães não eram populares. O preço de um cão jamais constituía uma oferta monetária (Dt 23.18) e chamar uma pessoa de cachorro era um insulto (Ap 23.15).

As cidades construídas pelos gregos e romanos, em contraste, tendiam a ser bem planejadas e com ruas calçadas. As praças se formavam onde havia cruzamentos de ruas importantes e muitas praças foram construídas na frente dos prédios públicos. Cesaréia, o porto construído por Herodes para levar os romanos à Judéia, tinha uma rua principal, com lojas de cada lado, além de banhos e teatros. As casas eram construídas em blocos de quatro e havia prédios importantes de administração e lazer. Antioquia, que Paulo escolheu

Teatro romano em Cesaréia Marítima. Uma inscrição foi encontrada em suas ruínas com o nome de Pôncio Pilatos.



**A Cidadela de Jerusalém.
A parte inferior dessa
torre data dos dias de
Herodes e fazia parte do
seu palácio.**

Cidades e aldeias/199



como sua base, tinha até iluminação pública nas ruas. Surge então a pergunta sobre a razão de tamanho contraste. Como razão básica podemos dizer que, quando os judeus começaram suas construções, eles o fizeram sobre os fundamentos das cidades cananéias, e houve poucos grandes construtores entre eles do tipo de Salomão, Onri e Acabe.

A fortaleza central

Em algumas cidades foi construído um castelo central para residência do rei e como derradeiro meio de defesa para o restante da população, caso os muros externos fossem penetrados. Onri parece ter feito isso na cidade de Samaria (1 Rs 16.24). A Acra, palácio de Herodes e o Castelo Antônia eram construções desse tipo em Jerusalém. Um templo também podia ser usa-



Entrada para o sistema de suprimento de água em Hazor, que data do reinado de Acabe.

do como defesa. A “torre” de Siquém parece ter sido deste tipo (Jz 9.46). Quando Jerusalém caiu diante dos exércitos romanos em 70 d.C., o templo serviu de última defesa. Tornou-se prática comum acrescentar muros adicionais na área do castelo, a fim de ter uma “cidade alta” e uma “cidade baixa”.

O suprimento de água

A provisão de água era uma necessidade caso a cidade devesse enfrentar um cerco. Algumas cidades tinham fácil acesso à água. Jericó tinha uma fonte, e a água usada por Maria em Nazaré ainda corre na cidade hoje. Outros lugares tinham alguma dificuldade em prover um suprimento adequado e seguro de água. Em alguns casos, a provisão era feita cavando até o nível da água, como aconteceu em Jerusalém. Em Megido e Hazor, enormes cisternas que chegavam ao lençol de água foram cavadas dentro da cidade. Um túnel era então construído até a fonte de água fora dos muros da cidade.

As cisternas supriam grande parte das necessidades de água para uso doméstico. Existe ainda uma muito grande em uso no túmulo do jardim em Jerusalém, que nos dias de Jesus ficava na zona norte da cidade.

Ela ainda fornece toda a água necessária para o jardim durante a estação seca. As cisternas de Belém eram famosas pela sua água fresca. Quando foi inventada a argamassa, a água pôde ser retida ainda mais tempo.

Cisternas e tanques eram também providos publicamente. Os açudes de Gibeom (2 Sm 2.13) foram escavados. Um é retangular (12x18m) e outro tem dez metros de diâmetro e 20 de profundidade. Havia um tanque em Samaria (1 Rs 22.38), e outros em Jerusalém (2 Rs 18.17; Is 22.11). Um dos sistemas mais notáveis de água é o túnel de Ezequias, construído para levar água de uma fonte subterrânea para um tanque dentro dos muros da cidade, o tanque de Siloé. À medida que foram aperfeiçoados os padrões de engenharia para o sistema de provisão de água, aquedutos e canos de barro passaram a ser usados a fim de extrair água dos Tanques de Salomão, perto de Belém, e levá-la a Jerusalém. Dois aquedutos foram igualmente construídos para levar água a Cesaréia.

Os tanques de Salomão, perto de Belém, serviam como reservatórios para a cidade de Jerusalém.

O desenvolvimento da cidade de Jerusalém

Jerusalém oferece um bom exemplo do progresso de uma cidade, e por ser tão importante na Bíblia,

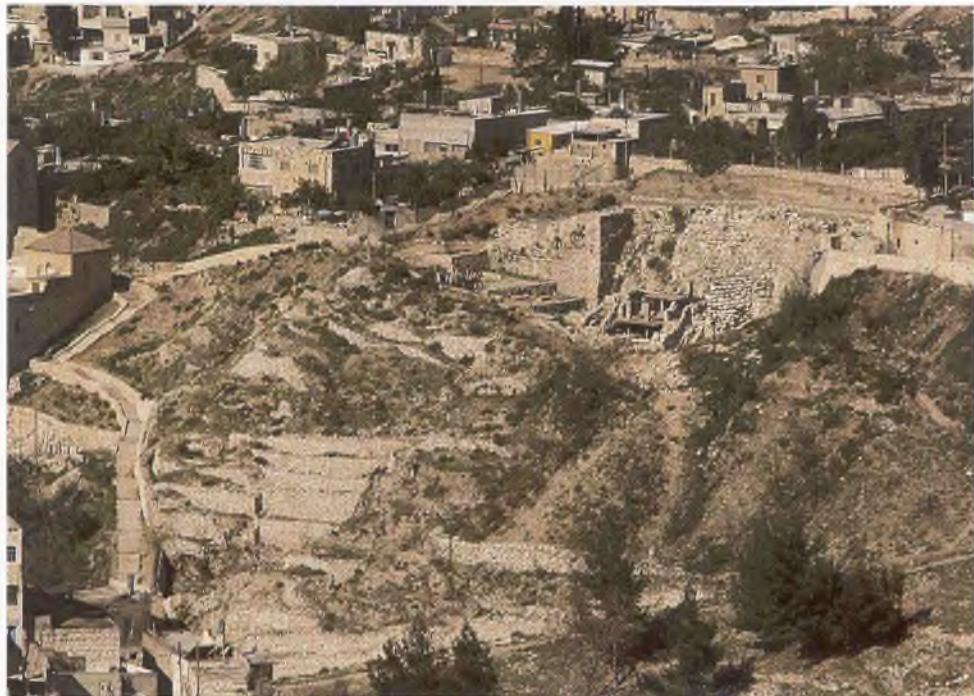


vamos examinar o seu desenvolvimento durante os tempos bíblicos. Ela foi primeiramente construída pelos jebuseus, uma tribo cananéia, para obterem proteção nas montanhas da Judéia. Ficava situada na rota de comércio do inverno, que passava no sentido norte-sul ao longo da linha divisória de águas entre o vale do Jordão e os rios que desciam em direção ao Mediterrâneo. A primeira aldeia foi construída na extremidade sul de uma montanha íngreme, limitada pelo rio Cedrom a leste e outra pequena corrente a oeste. Um muro defensivo ao norte da aldeia e cruzando a montanha era a única linha de defesa artificial necessária.

Embora a cidade ficasse na estrada montanhosa norte-sul, não havia razão geográfica para ela ter-se tornado importante. Não tinha um suprimento de água notável, um grande rio, ou uma grande rota comercial. Algumas vezes é chamada de Jebus e outras de Jerusalém (Yara-Salém), que significa (fundada por Salém). Salém era um deus cananita, da aurora ou do crepúsculo, e a referência pode ser à beleza do lugar à luz da madrugada ou da noite.

Jerusalém nos dias de Davi





Ruínas datadas da cidade jebusita e da Jerusalém de Davi podem ser observadas nesta vista do monte Ofel.

Na época de Abraão, ela era governada por um “rei” (Meleque) tido como representante na terra (Zedeque) de El Elyon — o Deus Altíssimo. O Melquisedeque dos dias em que Abraão resgatou Ló de seus captores foi ao encontro dele para oferecer-lhe hospitalidade (Gn 14,18). Se Moriá é a região imediatamente ao norte da cidade, Abraão voltou então a Jerusalém para obedecer à ordem de Deus para sacrificar Isaque (Gn 22,2; 2 Cr 3,1). Na ocasião em que os judeus entraram em Canaã após a conquista, provavelmente cerca de 500 anos mais tarde, o rei de Jerusalém era ainda considerado um rei-sacerdote, então chamado Adoni (Senhor) Zedeque (Js 10,1).

A capital de Davi

Jerusalém nunca teria progredido em importância se não fosse pelo fato das tribos israelitas terem se dividido em dois grupos na época da ocupação de Canaã. As tribos que se estabeleceram no sul tinham o seu centro em Hebron e vieram a ser fortes aliadas de Davi. As tribos estabelecidas ao norte se aliaram a Saul. Quando o filho remanescente de Saul, Isbosete, foi assassinado (2 Sm 4), as tribos do norte pediram que Davi fosse seu líder. Não interessava à unidade

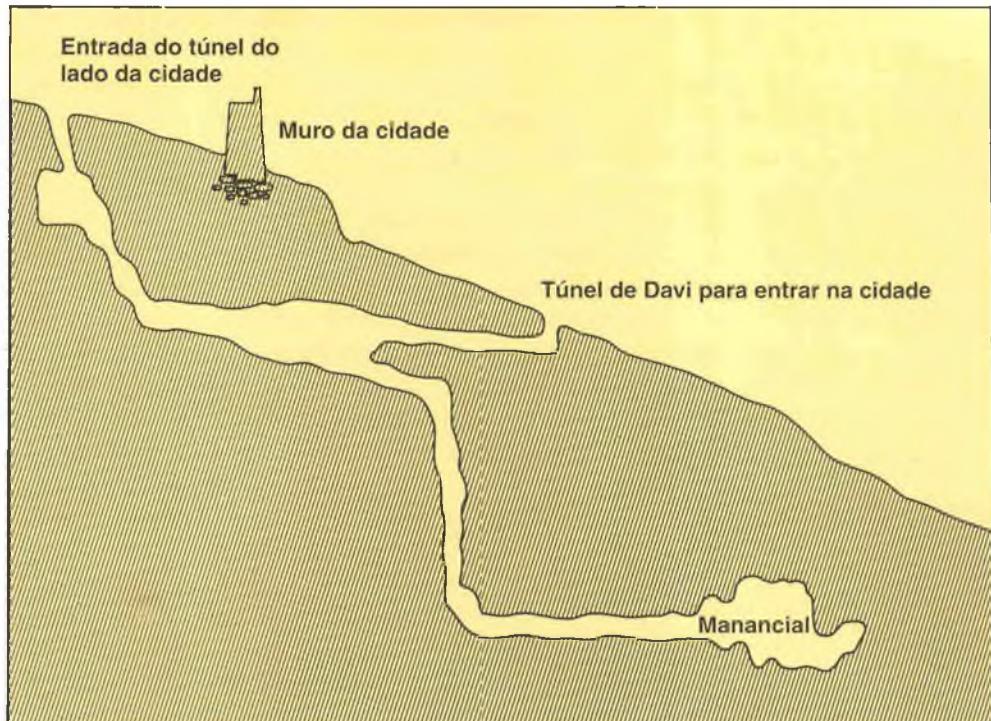


O monte Ofel, sítio da primeira cidade, fica à esquerda nessa vista de Jerusalém do monte Escopos.

nacional escolher uma capital ao norte ou ao sul, ou selecionar uma que já estivesse associada com qualquer das tribos.

Jebus/Jerusalém era uma escolha lógica. Ela se achava entre os agrupamentos norte e sul das tribos, e não estava ligada a nenhum dos grupos. O rei de Jerusalém fora derrotado na batalha (Js 10.1) e embora o lugar tivesse sido tomado por algum tempo por uma tribo de Judá (Jz 1.8), recuperara a sua independência como cidade cananita (Jz 19.11,12).

Davi decidiu então conquistar a cidade e torná-la sua capital. Ele realizou a conquista de duas maneiras espetaculares — desafiando a maldição e vencendo uma barreira natural aparentemente intransponível. Os jebusitas haviam levado seus cegos e coxos como parte de um ritual para amaldiçoar as tropas de Davi com cegueira e aleijões, caso atacassem a cidade. Os jebusitas haviam também removido os degraus de madeira que levavam do interior da cidade para o suprimento de água abaixo dela (2 Sm 5.6-8). Essas ações não detiveram Davi e suas forças. Guiados aparentemente por Joabe (1 Cr 11.6), eles continuaram o ataque através do estreito canal de água



Davi parece ter capturado a cidade jebusita de Jerusalém, enviando homens através de um túnel que dava acesso ao açude de Giom.

e mostraram não temer a maldição, matando os cegos e os coxos.

Davi construiu então Jerusalém, ampliando sua área por meio de muros de retenção e terraços estreitos (2 Sm 5.9; 1 Cr 11.8), que hoje conhecemos por “milo” (1 Rs 9.15,24). Pode ter sido nessa época que os judeus reinterpretaram o nome da cidade, de maneira que se tornou conhecida como “Cidade da Paz”, Ieru-shalom, uma noção que permaneceu desde então em relação a ela. Jesus referiu-se a esse nome quando, sabendo dos conflitos que sobreviriam à cidade, disse: “Ah! se tu conhecesses também, ao menos neste teu dia, o que à tua paz pertence!” (Lc 19.42).

Não bastava, porém, usar uma cidade neutra como capital. Era necessário fazer de Jerusalém um centro religioso. Davi conseguiu isso levando a Arca da Aliança para a cidade (1 Cr 13.25,26) e fazendo planos para construir um templo para guardá-la (2 Sm 7; 1 Cr 21,22). Ao norte de Jerusalém ficava uma eira onde o anjo de Deus impedira uma praga de continuar (1 Rs 9.15,24). Os judeus acreditavam que naquele lugar Abraão quase havia sacrificado Isaque. Parecia ser o lugar ideal para um templo. Davi devia

deixar esse empreendimento com seu filho Salomão, mas ele parece ter expandido a cidade na direção norte onde ficava o terreno do templo. Isso envolveu a tomada da torre fortificada ou fortaleza real conhecida como Ofel (2 Cr 27.3).

O templo de Salomão

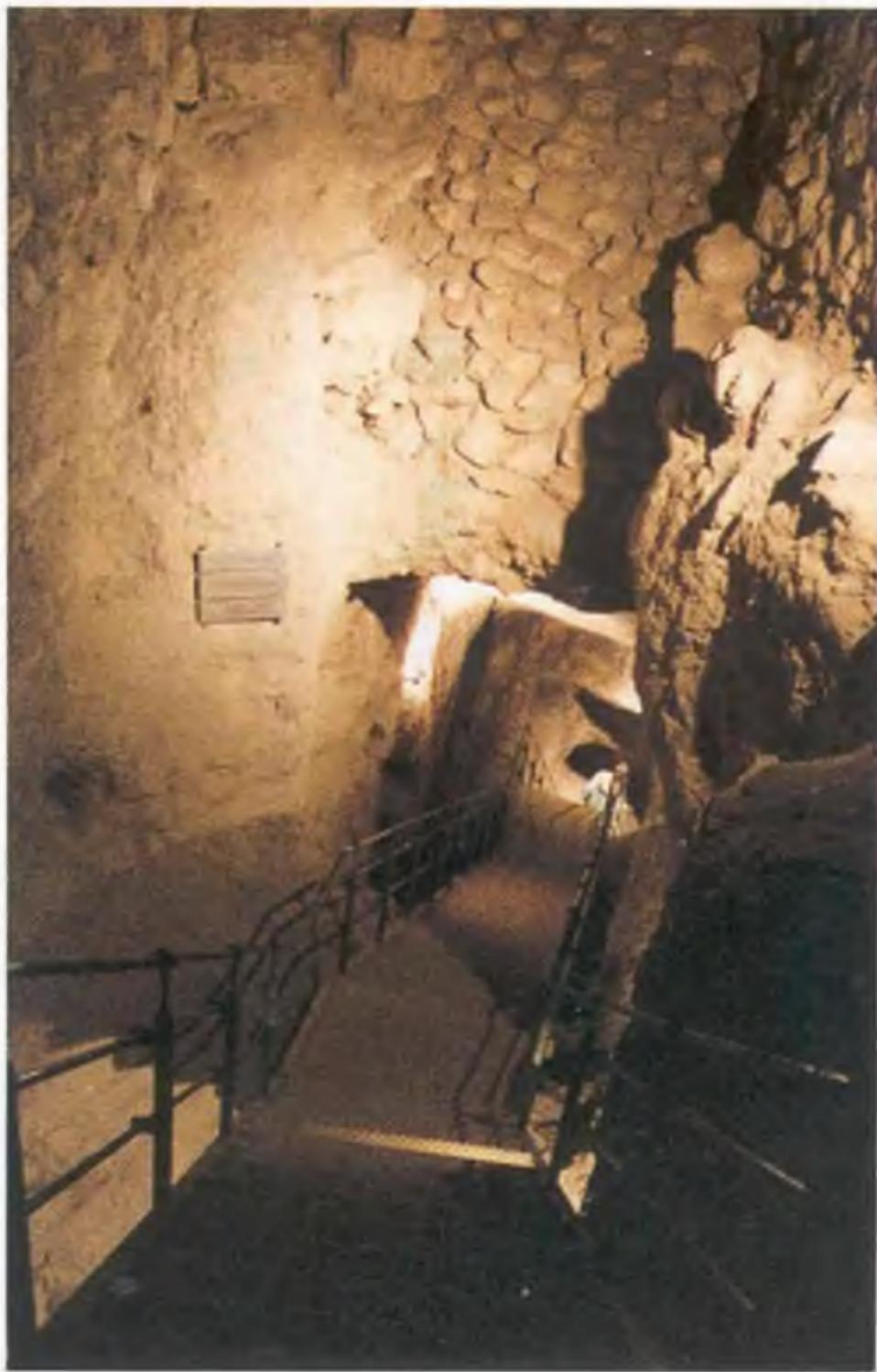
Quando Salomão começou a construir o templo, ele descobriu que não era tão fácil assim edificar num monte tão íngreme. Davi construíra na extremidade sul, levantando uma série de muros e terraços, mas Salomão tinha de fazer muito mais que isso. Ele resolveu o problema criando grandes terraços. Esses terraços eram sustentados por arcos e estes fixados à encosta do monte, e por muros de retenção maciços nas extremidades. Os terraços desciam do ponto mais alto para o sul, na direção de Ofel e da cidade principal (1 Rs 6; 7). O templo foi erigido no ponto mais alto e edifícios administrativos e reais foram construídos nos terraços inferiores. Durante a construção, grande número de empregados foi admitido e houve necessidade de enormes quantidades de material de construção. Como resultado disso houve desenvolvimento do comércio. O país foi dividido em doze distritos, cada um responsável pelo sustento da corte real durante um mês do ano, inclusive a provisão de trabalhadores para as construções e os impostos. Jerusalém, Belém e Hebron não pagavam impostos, provavelmente por causa dos elos históricos com a família de Davi. Os altos níveis dos impostos, as isenções, e a velha história da divisão entre o norte e o sul levaram a uma divisão permanente do reino. O influxo de trabalhadores e comerciantes ajudou no crescimento das aldeias na grande e plana colina a oeste da cidade.

O tanque de Ezequias

Devido à divisão do reino, seria de esperar que a cidade declinasse em importância depois do período de Salomão. Dez tribos declararam sua independência e estabeleceram uma capital primeiro em Siquém (1 Rs 12.25) e depois em Samaria (1 Rs 16.23-24). Jerusalém continuou sendo a capital das tribos de Judá e Benjamim. Porém, continuou tendo grande importância por causa dos prédios do templo, apesar

de santuários rivais terem sido estabelecidos no reino do norte, em Dã e Betel (1 Rs 12.29).

Durante esse período, quando houve uma guerra civil entre Israel e Judá e a deportação dos cidadãos mais qualificados de Israel (712 a.C.) e Judá (586 a.C.) para a Assíria e a Babilônia, dois notáveis empreendimentos de construção foram realizados em Jerusalém. Um deles para assegurar o suprimento de água, que na época ficava fora dos muros da cidade, na fonte de Giom. O rei Ezequias mandou fazer perfurações subterrâneas, a fim de que a água corresse para um novo tanque construído dentro dos muros da cidade. Ele parece ter então bloqueado o acesso ao manancial situado fora dos muros (2 Cr 32.30).



**Poço de Warren,
Jerusalém:** o poço vertical
cavado pelos jebuseus
para dar acesso à água
quando a cidade foi
sitiada. É provável que os
homens de Davi tivessem
entrado na cidade por
meio desse poço.

O outro empreendimento durante esse período foi fechar com um muro de defesa a colina a oeste da cidade, onde houve povoamento em grande escala. Esse projeto teve o efeito de mais que duplicar o tamanho da cidade de Jerusalém (2 Cr 32.5). É difícil ter certeza da posição exata do muro ou de seu construtor. Sabemos, no entanto, que a cidade fora destruída por Nabucodonosor e Neemias foi enviado da Pérsia para reconstruir seus muros; a linha do muro que ele consertou incluía o vale profundo a oeste da cidade de Davi e as colinas do outro lado.

A reconstrução de Jerusalém

Jerusalém teria permanecido uma montanha de ruínas depois da destruição pela Babilônia, se não fosse o rei persa, Ciro, dar um fim ao império babilônico e querer restaurar a vida religiosa dos povos sujeitos a ele. Permitiu ele então que um contingente voltasse a Jerusalém sob a liderança de um homem chamado Zorobabel, a fim de restaurar o templo. Esdras ofereceu-se para restaurar o conhecimento da lei e a prática religiosa do povo, e Neemias, mediante contato pessoal com o imperador persa, teve permissão para reconstruir os muros como governador da cidade.

Os muros foram reconstruídos pelo trabalho do povo local, apesar de grande oposição dos de fora, que fizeram tudo para desanimar os construtores. O templo foi restaurado e o povo voltou a morar na cidade, mas os edifícios reais e terraços permaneceram em ruínas, de modo que o templo era, com efeito, um prédio isolado no meio de um enorme pátio. Jerusalém tornou-se assim o centro espiritual de uma pequena província persa na periferia do império.

Jerusalém sob os selêucidas

Da mesma forma que a Babilônia deixara de ser um grande poder em 538 a.C., o império persa teve o mesmo destino em 332 a.C., sendo conquistado pelos gregos sob Alexandre, o Grande. Isso não teve um grande efeito político sobre os judeus de Jerusalém, mas teve um profundo efeito religioso. A fidelidade à Pérsia foi substituída pela fidelidade à Grécia, e as idéias e filosofia gregas passaram a influenciar muitas das idéias religiosas dos judeus. Desenvolveu-se, por exemplo, um partido helenista que negava a resurreição do corpo. O problema mais formidável na vida

Jerusalém reconstruída por Neemias



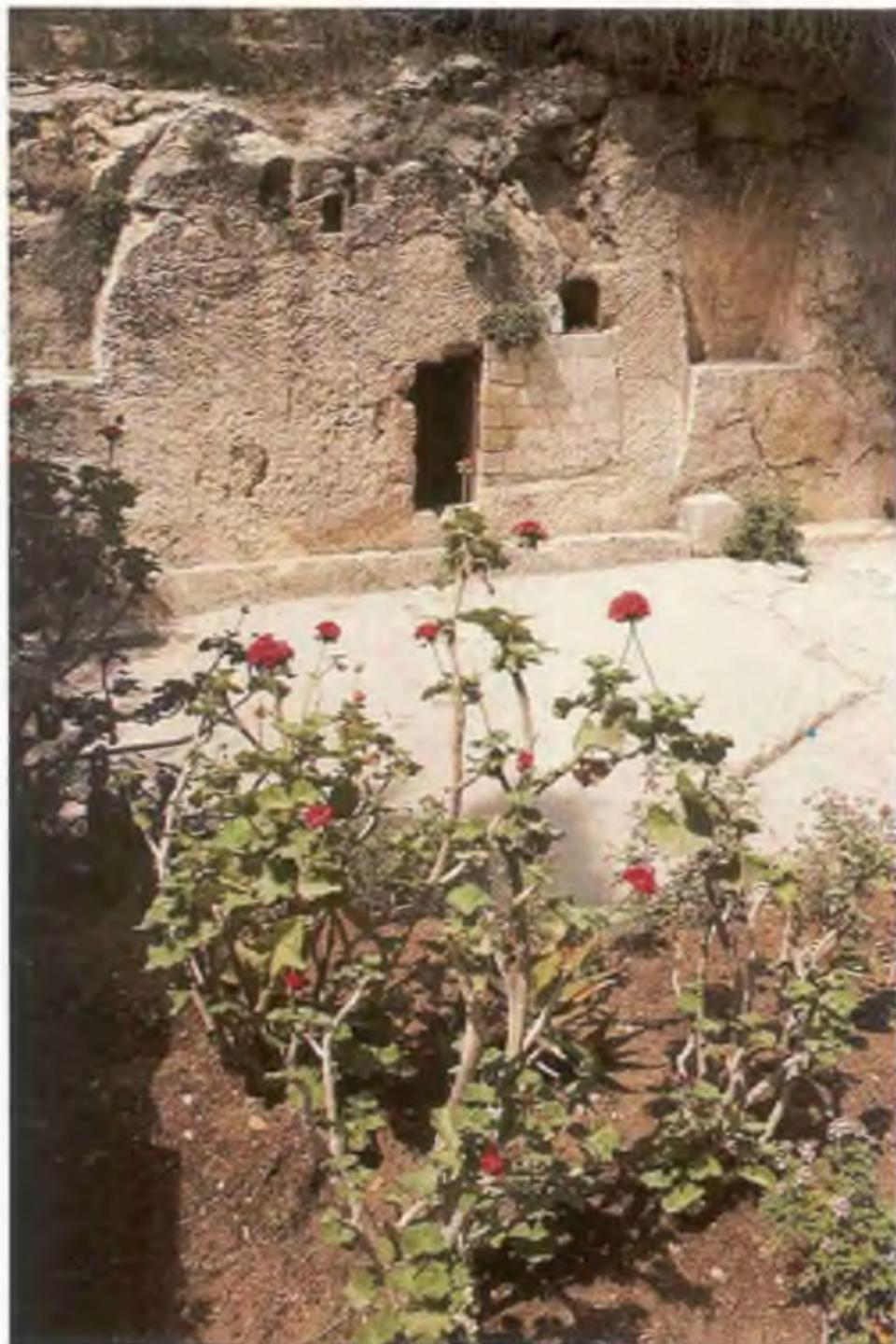
política dos judeus, porém, surgiu mais tarde, depois da morte de Alexandre e da divisão do império entre os seus generais. O Egito passou a ser controlado por Ptolomeu, a Síria, por Selêuco e Jerusalém ficou entre os dois.

Enquanto Jerusalém esteve sob o domínio de Ptolomeu, o problema era um caso a debater, exceto que grande número de judeus foram exilados para Alexandria e se tornaram os mais importantes na comunidade judia fora de Jerusalém. Porém, em 198 a.C., Jerusalém passou finalmente para o controle do rei selêucida, Antíoco.¹ Um de seus sucessores, Antíoco Epifânio, decidiu que chegara o momento de todos os judeus se converterem à religião grega. Ele saqueou e profanou o templo, construiu uma fortaleza chamada Acra a oeste do monte — agora deserto — e procurou destruir sistematicamente a fé judia. A reação dos judeus levou a uma revolta

sob os macabeus, um nome tomado do apelido (macabeu significa “martelo”) de um dos líderes da resistência. Foram necessários muitos anos de conflito e morte de toda liderança rebelde antes que a Acrá fosse conquistada e o cargo de sacerdote e rei combinado na sucessão da família.

A reconstrução dos asmoneus

Os novos reis, conhecidos como asmoneus, por reterem o nome da família de Hasmom, conseguiram expandir o seu território até ocuparem uma área antes mantida por Judá e Israel. A cidade de Jerusalém tornou-se próspera mediante o comércio. Um novo elemento veio a afetar a sua prosperidade: havia agora muitos judeus dispersos em todo o Oriente Médio e estes, quando iam ao templo para tomar parte



Túmulo do Jardim,
Jerusalém.

Jerusalém nos dias de Cristo



nas festas dos peregrinos, levavam consigo grande parte da sua riqueza e bens.

Ao reconstruir a cidade, os asmoneus novamente fecharam a colina a oeste e cavaram um fosso profundo com 20 metros de profundidade e oitenta metros de largura, depois do muro que ficava ao norte do templo. Eles construíram o seu próprio palácio do lado oposto do monte Ofel, na área que se tornou conhecida como Vale de Tiropeom. O "túmulo do jardim" se encontra hoje ao sul, do lado norte do fosso. Ele é reverenciado pelos cristãos como um lugar semelhante àquele em que Jesus foi sepultado e do qual ressuscitou dentre os mortos.

A Jerusalém herodiana

A história de Jerusalém entre o estabelecimento dos sacerdotes-reis asmoneus e os dias de Jesus é particu-

larmente trágica. Os asmoneus brigaram entre si e ao buscar poder se associaram a forças estrangeiras, de modo que Jerusalém ficou sujeita à invasão de romanos, partos e herodianos. Durante o período em que os exércitos romanos ficaram na região, Antipátride, rei dos edomitas, fez aliança com os romanos para apoiar um pretendente ao trono judeu e se tornou desse modo administrador efetivo da área sob os romanos (63 a.C.). Antipátride foi expulso pelos partos, que apoiavam outro pretendente, e Jerusalém ficou finalmente sob o controle de seu filho, Herodes, que recebeu legiões de Roma para retomar a cidade. Herodes, o Grande, tornou-se então “rei dos judeus”.

Herodes, o Grande, tinha um problema permanente de insegurança por ser odiado pelos judeus. Uma solução desse problema foi o suborno. A fim de ganhar o favor dos judeus, ele decidiu reconstruir o templo. Mandou limpar todo o local do templo de Salomão e dos palácios reais, estendendo as obras para o sul, a fim de produzir uma plataforma de 360m de comprimento e 270m de largura. Sobre ela construiu um templo duas vezes maior que o de Salomão. O pátio era cercado por magníficas colunatas e todo

Herodes, o Grande, construiu seu palácio “Herodion” num pico semelhante a um vulcão entre Belém e o Mar Morto.



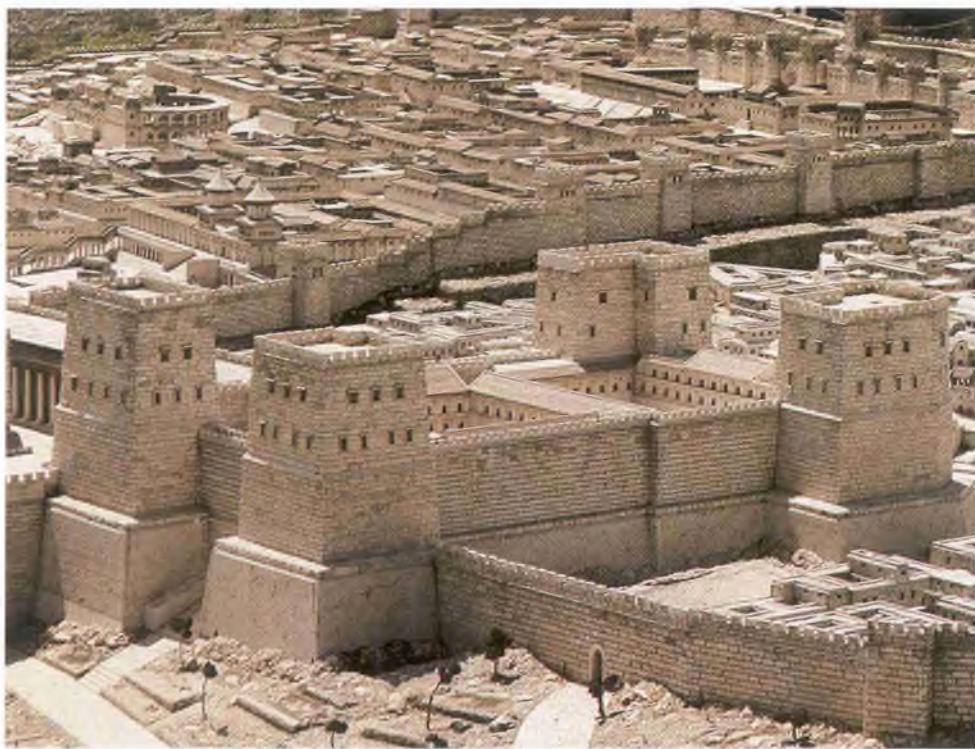


Fortaleza de Herodes, o Grande, em Masada. A ladeira em forma de cone no centro é a rampa artificial construída pelos romanos para forçar a entrada em 74 d.C.

o lugar tornou-se uma das maravilhas arquitetônicas da antigüidade. Esse era o templo tantas vezes mencionado na vida de Jesus.

A outra estratégia de Herodes foi construir palácios fortificados. Masada e Herodion foram construídos no campo e a própria Jerusalém foi fortificada com dois grandes castelos. Um deles, o Castelo Antônio, que recebeu esse nome para honrar Marco Antônio, foi construído a noroeste do novo templo e ficava em posição mais elevada. Nesse lugar Jesus compareceu diante de Pilatos (Jo 18.33) e dele desciam degraus para o templo, formando um púlpito para Paulo falar às multidões ali presentes (At 21.37,40). Um outro palácio fortificado foi construído sobre o muro ocidental, na extremidade oeste da colina. Ele rodeava três torres e foi ali que Herodes recebeu Jesus na manhã da crucificação (Lc 23.7).

Finalmente, Herodes construiu um grande muro que ia do Castelo Antônio até sua própria cidadela, o muro se arqueava para na direção noroeste ultrapassando a cidade existente. Ele circundava estabelecimentos, mercados, o tanque de Betesda e moradias. O muro tinha de fazer uma volta para evitar uma



Modelo do Castelo Antônia, Jerusalém.

pedreira antiga — agora transformada em jardim. Essa pedreira, com uma elevação no centro, veio a ser o local usado para as crucificações em público. No muro da pedreira havia um túmulo ainda não ocupado, que passou a constituir o símbolo da vitória de Jesus.

Mais tarde outro muro foi construído para encerrar outras casas ao norte da cidade. Ele ligava novamente a cidadela ao Castelo Antônia; mas o fato de ter incluído ou não o muro de Herodes ao norte, ou se este ficava ainda mais a noroeste, continua sendo acaloradamente discutido.

Jerusalém foi destruída pelo general romano Tito em 70 d.C., depois de uma rebelião comandada pelos zelotes. Após outra revolta em 135 d.C., o imperador Adriano mandou preparar a terra ao sul do templo e reconstruiu uma nova cidade no sentido norte, à qual chamou de Aelia Capitolina. Jerusalém havia então se movido para o norte, com o templo agora a sudoeste, posição que mantém até hoje.

Leia agora a sua Bíblia

Água para o rei Davi

2 Samuel 23.13-18. Davi estava com sede e queria água da cisterna de Belém. Três de seus homens atravessaram corajosamente o arraial dos inimigos a fim de ir buscá-la. Em lugar de beber a água, Davi a derramou "perante o Senhor". Essa história nem sempre é compreendida. Ela se baseia em duas coisas. Primeira, é algumas vezes possível dar a uma pessoa algo tão dispendioso que ela se sente obrigada a dizer: "Sinto muito. Não posso aceitar". Davi teve esse sentimento sobre os riscos que seus homens haviam corrido e o sangue que poderia ter sido derramado. A água era preciosa demais para que a aceitasse. Segunda, as coisas mais preciosas do indivíduo eram oferecidas a Deus. Davi estava dando a Deus a coisa mais preciosa que possuía.

Uma cidade entre os montes

Salmos 121.1. Jerusalém fica numa elevação do terreno cercada por outras elevações. Era fácil para os defensores de Jerusalém pensar que a sua cidade estava segura por causa delas. O salmista desafiou essa atitude ao escrever: "Elevo os meus olhos para os montes: de onde me virá o socorro?" O escritor sabia que a sua ajuda vinha de Deus e, portanto, escreveu: "O meu socorro vem do Senhor". Um dos morros que ficava acima de Jerusalém, a oeste, é conhecido como Quiriate-Jearim. Foi para ali que Davi levou a arca e deixou-a descansar, a fim de que pudesse vigiar Jerusalém lá de cima. Naquela ocasião, ele estava com medo de levar a arca para a cidade porque o templo não fora ainda construído e por causa dos problemas que ela

causara no caminho ao sair do território filisteu. Acima de Jerusalém, para o oeste, fica o Monte das Oliveiras. Foi dali que Jesus olhou para a cidade e chorou, e onde contou aos discípulos sobre o fim do mundo que se aproximava.

O jugo de Jesus

Mateus 11.28. Supõe-se geralmente que Jesus falava nesse ponto sobre o jugo que prendia juntos os animais quando puxavam o arado ou uma carga. Porém, Ele estava se referindo a um pedaço de madeira colocado sobre os ombros, de modo a pendurar cargas nele. O dispositivo era semelhante ao usado pelas leiteiras de antanho quando carregavam dois baldes. A referência em Mateus 11 é a um carregador. Esse era freqüentemente solicitado a carregar cargas impossíveis para um ser humano, mas quando lhe davam um jugo a tarefa se tornava bem mais fácil. Jesus não diz que vai tirar os nossos fardos, mas que nos dará os meios para carregá-los, de modo que não fiquem pesados demais para nós.

Seguindo Jesus

Mateus 16.24. Em nossa cultura, "seguir após" uma pessoa significa colocar-se numa posição secundária, mas a frase não tinha esse sentido nos tempos bíblicos. As ruas eram tão estreitas que se duas pessoas estivessem andando juntas, elas teriam de caminhar uma atrás da outra. Seguir uma pessoa era ir com ela. Diríamos então: "Se alguém vier comigo".

Um olhar para Jerusalém

Um número cada vez maior de pessoas tem visitado Jerusalém e outras iriam se soubessem que as coisas a serem vistas faria a Bíblia viver novamente para elas. As seguintes sugestões são feitas para quem estiver desejando visitar Jerusalém, a fim de que ele ou ela possa tirar o máximo proveito da sua viagem.

O local do Templo

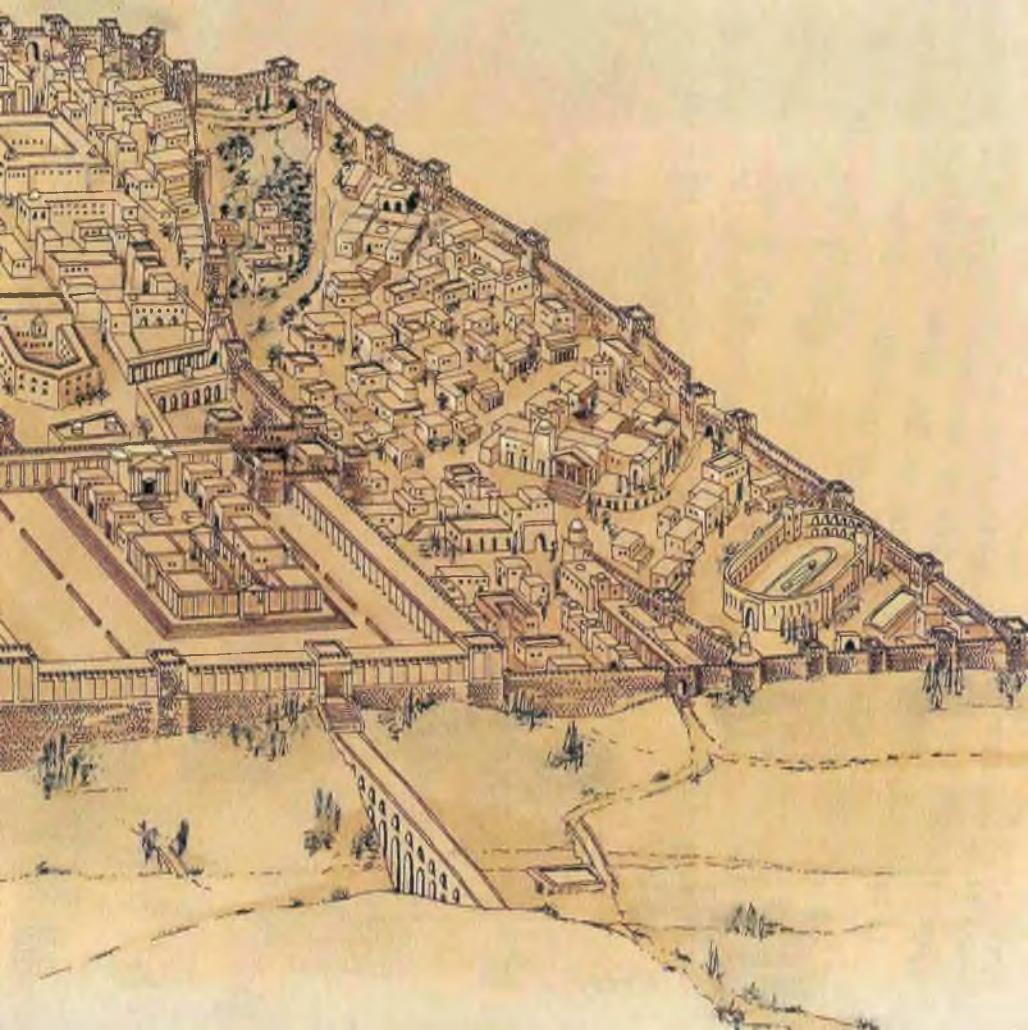
Você pode explorar o local do templo. Do lado externo, na extremidade sudeste, verá onde Herodes



**Reconstrução de
Jerusalém dos dias de
Jesus por um artista.**

ampliou o muro de retenção construído primeiramente por Salomão e reparado por Zorobabel.

O tombo da colunata construída no alto do muro era tão grande que o diabo tentou Jesus para atirar-se dela (isto é, do pináculo). Mais ao norte fica a Porta de Ouro, construída na entrada ocidental do templo e atualmente bloqueada até a volta do Messias. O muro de retenção a oeste, que Tito permitiu deliberadamente que continuasse de pé quando destruiu a cidade, flanqueia uma praça que é hoje o centro de adoração judaica. Os pátios que a dividem são similares aos dos tempos bíblicos. É possível aos homens entrarem numa sinagoga do lado norte e ficar sob a arcada de um viaduto construído por Herodes para





Jerusalém e o Domo da Rocha vistos do Monte das Oliveiras.

cruzar o Vale Tiropeom. O local do templo propriamente dito é um centro muçulmano de adoração. As autoridades ocasionalmente permitem uma visita sob a plataforma, a fim de que os arcos que a suportam possam ser vistos. Eles são conhecidos como “estrebarias de Salomão”. É possível ver também a eira de Araúna, a rocha de Moriá, que fica no interior do Domo da Rocha.

O lugar da crucificação

Você pode visitar os lugares da crucificação, sepultamento e ressurreição de Jesus. Muitos cristãos não gostam de visitar esses pontos por causa das mudanças feitas no decorrer dos anos. A projeção de rocha original, onde se deu a crucificação de Jesus, foi cortada, se transformando num cubo de aproximadamente quatro metros coberta por ornamentos elaborados. Cortaram também a rocha que antes cercava o túmulo, deixando esse isolado e igualmente coberto de ornamentações. Os dois lugares sagrados estão no interior de uma grande igreja dos cruzados, a Igreja do Santo Sepulcro, onde a adoração ortodoxa predomina. Porém, esse é o lugar.

Muitos cristãos preferem visitar a Igreja do Santo Sepulcro e logo depois o Túmulo do Jardim, que fica a cerca de 360m ao norte da Porta de Damasco. O jardim já existia no tempo de Jesus e recria a atmosfera do Dia da Páscoa.

O Monte das Oliveiras

Você pode tomar um ônibus para o lado oriental do Monte das Oliveiras, até a aldeia de Betânia e depois voltar a Jerusalém pelo caminho do monte. Em Betânia, há uma igreja moderna para lembrar as pessoas da casa onde Jesus ia visitar Maria e Marta e onde Lázaro cresceu. Do lado de fora, os moradores irão mostrar um túmulo marcado com o nome de Lázaro, embora seja improvável que se trate da verdadeira sepultura dele. É permitido visitar o seu interior.

No alto do monte íngreme fica Betfagé. Chegar lá é seguir o caminho feito por Jesus. Ali se encontra uma igreja simples, comemorando a procissão do Domingo de Ramos. A descida de Betfagé leva a uma vista surpreendente da parte leste de Jerusalém. Vale a pena parar na igreja Dominus Flevit ("O Senhor chorou"), na descida. A igreja é pequena e delicada,

Igreja do Santo Sepulcro, por tradição o lugar da crucificação e sepultamento de Jesus.





Monte das Oliveiras visto dos muros de Jerusalém.

construída na forma de uma lágrima para lembrar que perto dali Jesus chorou. Na base do monte fica o vale do Cedrom e o Jardim de Getsêmani. No interior da Igreja de Todas as Nações fica a pedra onde, tradicionalmente, Jesus orou no jardim. Do lado externo há um jardim simples cuidado por franciscanos, que contém oliveiras muito antigas.

Lugares associados ao Julgamento

Você também pode visitar os lugares associados com as últimas doze horas da vida de Jesus. No Monte Sião encontra-se uma bela igreja construída sobre as ruínas do palácio de Caifás. Além da igreja ficam os antigos degraus que levavam ao palácio, degraus que Jesus deve ter subido. A igreja é chamada de St. Peter Gallicantu — “São Pedro do canto do galo”.

É quase possível ficar no pátio onde Pedro aqueceu as mãos e ver a cisterna onde Jesus ficou certamente preso durante a noite depois do seu primeiro julgamento. Pode-se também andar até o Castelo Antônio, onde Jesus esteve diante de Pilatos. Parte das ruínas foi usada no convento Ecce Homo. Você pode ver as grandes cisternas de água que supriam o castelo, ir ate a Via Dolorosa original — o caminho dos sofrimentos e ver o Gábatá (Jo 19.13).



O "Muro Ocidental" da área do templo é hoje um centro de adoração judaica.

O mais comovente de tudo nesse lugar é ver as marcas no chão onde os soldados romanos costumavam jogar o jogo do Rei (boliche) e lembrar que foi ali que Jesus recebeu o cetro, a coroa de espinhos e o manto, enquanto substituía a bola naquele jogo cruel. É possível também colocar-se no *playground* elevado de uma escola cristã do lado oposto e olhar os pátios do templo lá embaixo, como fez Paulo quando se defendeu perante os judeus. É permitido também andar até o palácio de Herodes. A Cidadela se tornou mais tarde um forte turco e é agora um museu, sendo, porém, construída sobre as ruínas do palácio fortificado de Herodes, e os fundamentos de uma das três grandes torres podem ainda ser vistos.

O túnel de Ezequiel

Desde que tenha sapatos de praia, calção, toalha e uma lanterna, assim como uma muda de roupa de baixo, você pode andar pela água no túnel, indo da fonte de Giom até o tanque de Siloé. Deixando a cidade pela porta do estrume, acima do vale do Hinom (Gar Hinnon deu seu nome à Geena, o depósito de lixo da Velha Jerusalém onde o fogo nunca se apagava), a pessoa pode descer até a fonte. Andando pelo túnel, pode-se ver o poço que Joabe escalou e o lugar onde os tra-

balhadores de Ezequias se encontraram, escavando de extremidades opostas. Depois de cerca de um quilômetro chega-se ao atual tanque de Siloé.

Outros sítios

Existem outros sítios espalhados por Jerusalém que são também de interesse bíblico. Na zona oeste da antiga cidade, perto do Hotel do Rei Davi, existe um jardim que era o cemitério da família de Herodes. Com o auxílio de uma lanterna, pode-se descer o pequeno túnel e ver as prateleiras onde os mortos eram colocados. Na zona norte da cidade, sob as ruínas de uma igreja antiga fica o tanque de Betesda. Só um de seus terraços foi descoberto, mas é possível descer alguns degraus íngremes e chegar até a água, agora lodosa. Nesse ponto, fora dos muros, estão as pedreiras de Salomão, de onde grande parte das pedras do templo foi retirada, e em alguns dias o mercado de ovelhas fica aberto, como acontece há três mil anos.

No Monte das Oliveiras fica a Igreja Paternoster, assim chamada por causa da oração Pater Noster — Pai Nosso — feita ali em todas as línguas concebíveis.

Igreja Paternoster, no Monte das Oliveiras.



**Túmulo da família de Herodes em Jerusalém.
Note a grande pedra circular que serve de porta.**

Cidades e aldeias/223



veis. A igreja foi construída sobre as ruínas de outra existente no século IV. Ela marca o lugar — uma caverna em sua cripta — onde Jesus contou aos discípulos sobre o fim de Jerusalém e o fim do mundo. Fora do muro, na direção sul, ficam sepulturas erigidas pelos asmoneus.

Belém

Você pode tomar um ônibus local até Belém (dez minutos) para ver, sob a Igreja da Natividade, a caverna onde os primeiros cristãos acreditavam que Cristo nascera. A igreja é uma das mais antigas do mundo e a caverna está na cripta. As decorações e a multidão de pessoas dão a ela um ar de irreabilidade para muitos cristãos. Vale então a pena pedir a um taxista que o leve até os dois sítios dos campos dos pastores. Um fica na Y.M.C.A., onde existem caver-

Esta caverna sob a Igreja da Natividade em Belém é tida como sendo o lugar do nascimento de Cristo.



nas de pastores antigas, e a outra é uma bonita igreja com pinturas igualmente belas, para lembrar as pessoas da história do Natal. Vale também a pena pedir ao taxista que continue e vá até Herodion, o palácio fortificado de Herodes fora de Jerusalém e onde se acredita que ele tenha sido sepultado.

Existem inúmeras outras coisas de interesse para ver em Jerusalém. Algumas são sítios associados com a vida de Cristo — a Via Dolorosa, o Cenáculo (casa onde se realizou a Última Ceia), e a Igreja da Ascensão, por exemplo; mas não são sítios autênticos. Há outros locais de interesse arquitetônico, artístico e histórico, assim como lugares sagrados para os judeus e muçulmanos. Uma estada na cidade é uma experiência inesquecível. Um guia útil (que está algumas vezes disponível) é *This is Jerusalém (Isto é Jerusalém)* de Herbert Bishko, publicado pela Heritage Publishing Company, em Israel.

Jornadas e viagens

Viajar nos dias bíblicos era bem difícil, e nunca um prazer. Quando as pessoas viajavam era em virtude de assuntos do governo, negócios ou necessidade. Os viajantes que estavam em viagem de negócios eram protegidos (At 23.31) e os ricos negociantes que podiam fazer essa despesa mandavam outros em caravana para substituí-los. Eles tinham de aceitar um risco calculado no sentido de as mercadorias chegarem e voltarem em segurança. Paulo resume (2 Co 11.26,27) os problemas enfrentados em suas viagens: “Em viagens muitas vezes, em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos dos da minha nação, em perigos dos gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar”.

As dificuldades eram tão grandes que as pessoas punham sua vida em ordem antes de iniciar uma viagem. Era mais seguro ficar em casa ou, caso uma viagem fosse absolutamente necessária, viajar em grupo. O grupo de doze discípulos não era simplesmente uma questão de amizade ou ensino; era uma necessidade. O mesmo poderia ser dito para o grupo de peregrinos que viajou para Jerusalém quando Jesus tinha doze anos, grupo suficientemente grande para impedir que Maria e José o encontrasse no curso de um dia (Lc 2.44).

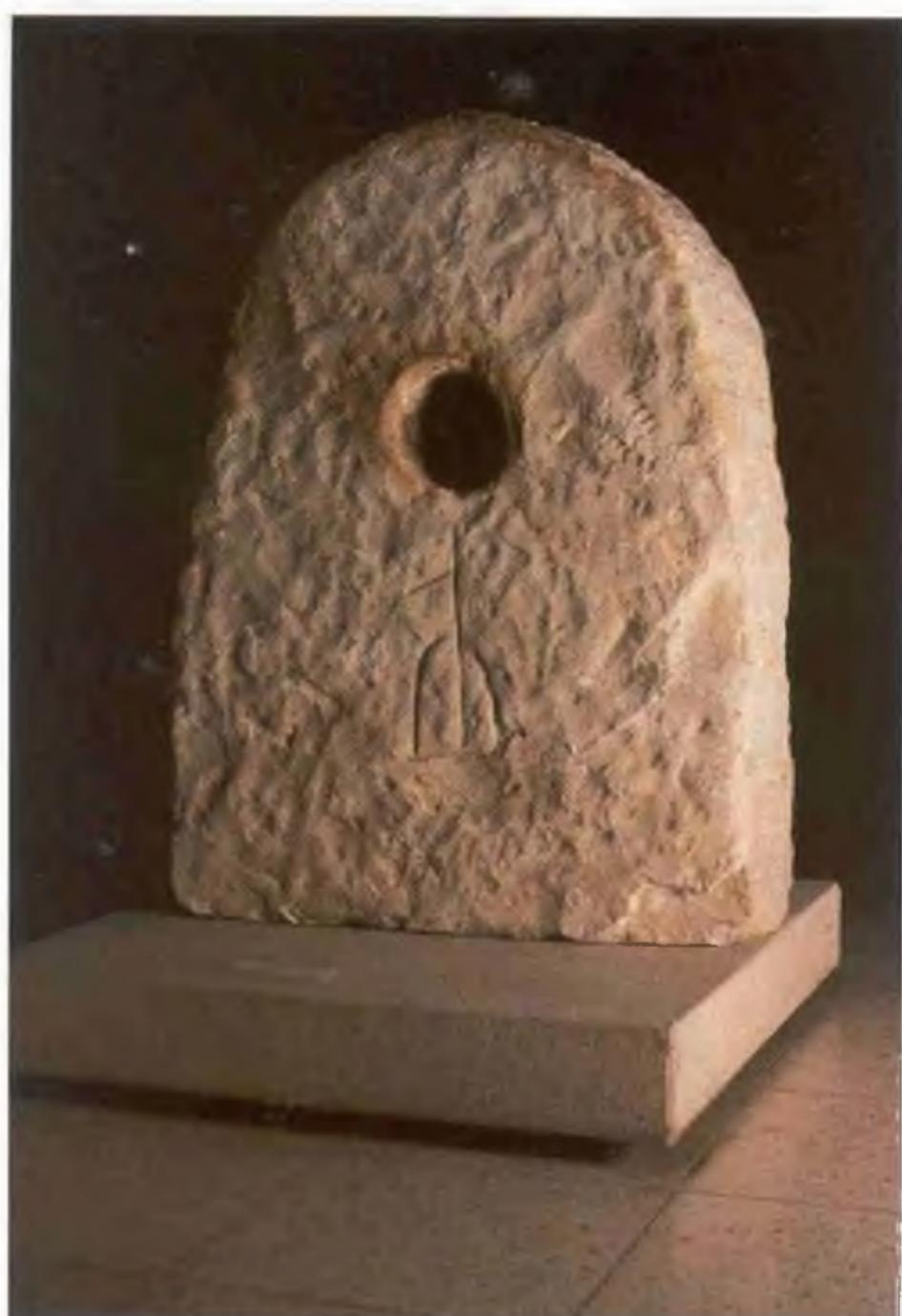
Viagem por mar

A viagem por mar era perigosa. Até mesmo nos dias do Novo Testamento, os barcos dificilmente seriam chamados de “navios”, e não havia mapas de navegação nem compassos primitivos até esse período. Os egípcios tinham barcos para usar no rio Nilo. A correnteza levava os barcos para o norte, na direção do delta, e uma vela única, grande, aproveitava o vento norte predominante e os levava novamente para o

sul. É verdade que barcos feitos de papiro entravam no Mediterrâneo e pelo menos um chegou a cruzar o Atlântico, mas a fabricação de barcos era principalmente para navegação nos rios e para uso numa planície inundada e não para o comércio.

Israel não tinha portos naturais na costa do Mediterrâneo, exceto ao norte do Monte Carmelo, onde Haifa se encontra hoje, e a passagem do Mar Vermelho nem sempre estava nas mãos dos israelitas. Os judeus eram, portanto, maus navegadores e precisaram da ajuda dos fenícios (1 Rs 9.17-28). Quando os judeus quiseram agir sozinhos, sua frota afundou no porto durante uma tempestade (1 Rs 22.48).

Mesmo quando navios melhores foram construídos no período grego e romano e um farol construído em Alexandria, as viagens continuaram difíceis. Os



Essa grande pedra foi usada como âncora de navio nos dias bíblicos.

Navio mercante romano é retratado no alto desta lâmpada de óleo feita de cerâmica.

Jornadas e viagens/227



passageiros eram adições às mercadorias transportadas. Tinham de prover sua própria alimentação e dormir em terra todas as noites, desde que não havia acomodações a bordo (veja At 21.3,7,8). Em certas épocas do ano nenhum navio saía do porto. A lei romana proibia viagens entre 10 de novembro e 10 de março. O único período "seguro" era de 26 de maio até 14 de setembro. Os períodos intermediários eram considerados perigosos. Uma viagem de barco podia ser feita numa emergência ou caso um comerciante quisesse se arriscar. Atos 27.9 se refere ao "dia de jejum" em que era arriscado viajar — 10 de novembro; Atos 28.11 se refere a um barco que foi apinhado no mar em um período perigoso. Ele passou o inverno em Malta.

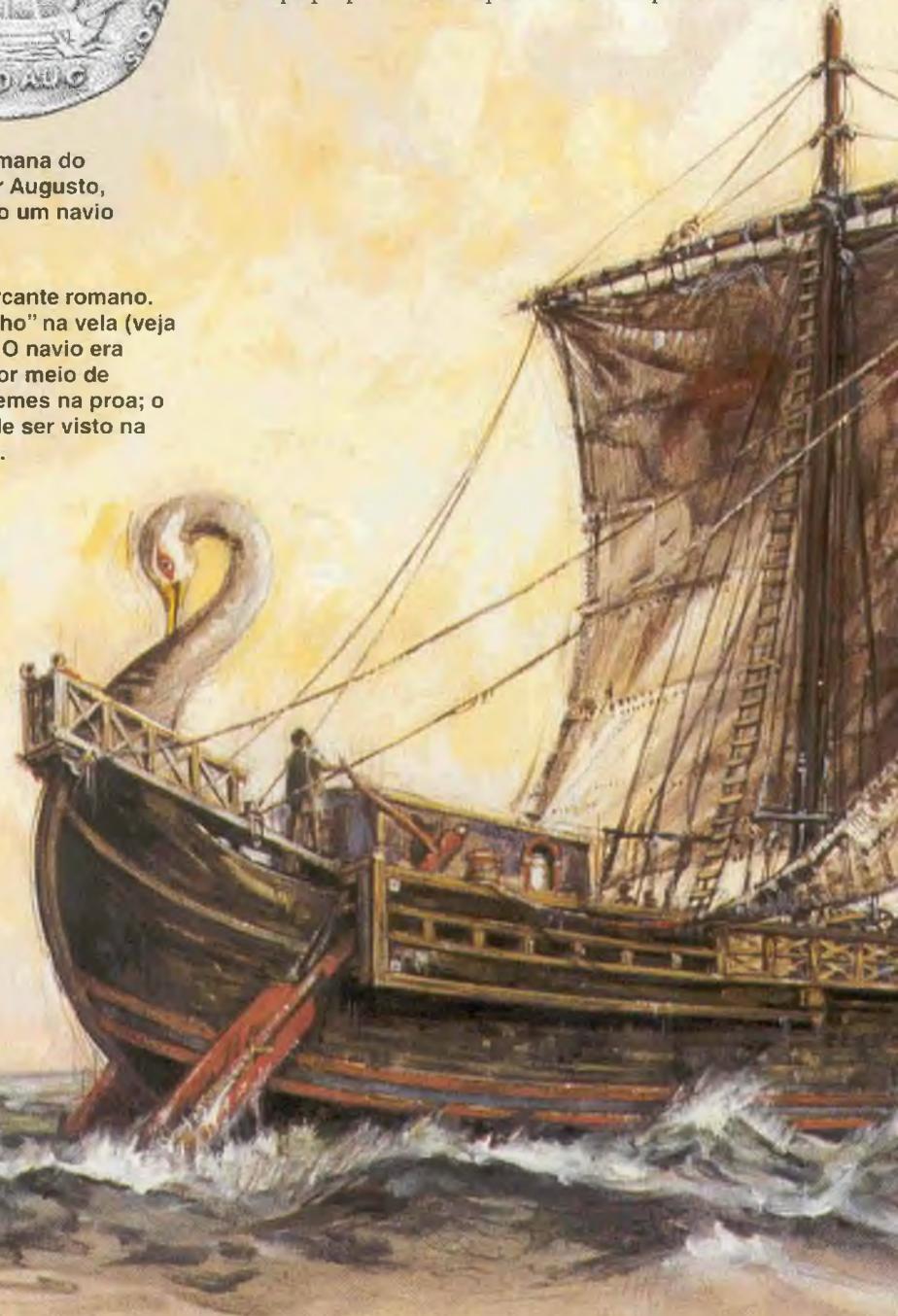
Pode-se avaliar como as viagens por mar eram perigosas pelo exemplo do que aconteceu com Paulo. Ele estava viajando num graneleiro alexandrino, car-



Moeda romana do imperador Augusto, mostrando um navio mercante.

Navio mercante romano.
Note o "olho" na vela (veja pág. 240). O navio era dirigido por meio de grandes lemes na proa; o piloto pode ser visto na ilustração.

regado e a caminho de Roma (At 27.6). O barco foi apanhado numa tempestade com ventos do noroeste e, a fim de tentar salvar o barco, os tripulantes desceram a vela principal e usaram uma pequena vela na proa, atiraram os cereais, passaram um cabo da proa até o popa para evitar que o navio se partisse, e final-



mente passaram outro cabo por cima e por baixo do navio para manter unidas as tábuas.

Os graneleiros não eram de pequeno porte. Tinham 70m de comprimento e deslocavam 1200 toneladas. Os barcos mais velozes, de guerra, impelidos por remadores, eram muito mais leves e não podiam sobreviver a uma tempestade.

Mesmo depois de os romanos terem dispersado os temidos piratas do Mediterrâneo, a viagem marítima continuava insegura. Paulo viu-se obrigado a tomar grande cautela quando levou o dinheiro das ofertas para os pobres de Jerusalém. Ele partiu num barco de peregrinos judeus que iam para Jerusalém para a festa da Páscoa. Descobriu então que havia uma conspiração (para matá-lo e roubar o dinheiro, At 20.3) e teve de passar a festa da Páscoa em Filipos (At 20.6). Era fácil alguém desaparecer pela borda (Jn 1). A viagem por mar era, portanto, tão desagradável que deve ter sido um alívio para os primeiros cristãos lerem sobre um novo céu e uma nova terra, onde o mar já não existiria (Ap 21.1).



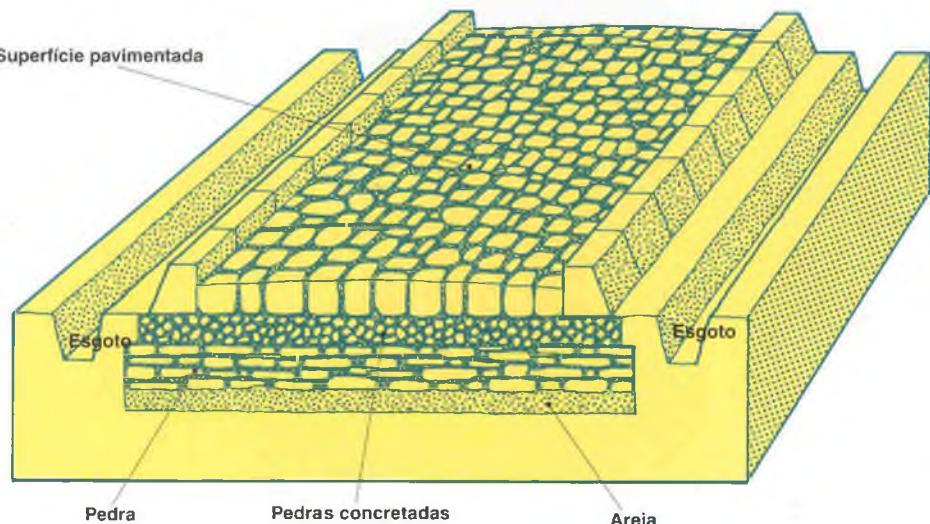
Viagens por terra

Se a viagem por mar era perigosa, a por terra não era muito melhor. Havia boas razões para *não* viajar. Em primeiro lugar, as estradas eram más para o viajante comum. A estrada era tão indistinta que ficava difícil segui-la (o Salmo 107.4-7 descreve um grupo que se perdeu, orou pedindo ajuda a Deus e foi levado por Ele a uma cidade), ou sua superfície era cheia de altos e baixos desconfortáveis.

A roda fora inventada na Mesopotâmia. Não passava de um disco pequeno e pesado de madeira, e substituía o patim num trenó. O desenvolvimento da roda levou à necessidade de estradas, para que as rodas não se desintegrasssem nas pedras grandes ou nos buracos profundos, pois elas não podiam rodear os obstáculos como faziam os pés do animal. Mesmo com a necessidade de boas estradas, houve pouco progresso nesse sentido. Inicialmente, a estrada não passava de uma trilha onde as pedras haviam sido removidas, as lombadas diminuídas e os buracos enchidos. Quando alguém importante estava para chegar, era prática “preparar o caminho do Senhor”. Todas as montanhas (solavancos) eram aplainadas, todos os vales (sulcos e buracos na estrada) exaltados (veja Is 40.3,4; Mt 11.10).

Os persas é que finalmente desenvolveram um bom sistema viário, porque sem ele não poderiam manter comunicações e governar todo o império. Porém,

Corte de uma estrada romana. O nível inferior era de areia, depois vinham pedras e rocha concretadas, a seguir pedras esmagadas em concreto e finalmente a superfície pavimentada.





embora as estradas construídas fossem largas e houvesse postos de muda com cavalos descansados para que as mensagens importantes pudessem passar, mesmo assim eram necessários três meses para cobrir os 2.576km de Sardes até Susã.

Estradas romanas

Os romanos eram os melhores construtores de estradas — “Todas as estradas levavam a Roma”. As estradas romanas eram retas e niveladas, sendo construídas com quatro camadas. A primeira era de areia, seguida de pedaços de pedras e rocha concretados. Pedras esmagadas eram acrescidas no concreto e finalmente uma superfície pavimentada. Havia drenagem e onde as estradas iam para as cidades, eram providas calçadas para os pedestres.

Eles colocavam marcos ao longo das estradas (1.478m para a milha romana). Essas pedras davam

Trânsito movimentado numa estrada romana dos tempos bíblicos. Note o oficial romano a cavalo, os vários carros puxados por cavalos e o jumento com sua carga.

uma indicação da distância, mas as jornadas continuavam sendo contadas em “dias de caminho” como se fazia há séculos (Gn 30.36; 31.23). As pedras serviam também a outro propósito. A lei romana permitia que um soldado obrigasse um civil a carregar sua mochila de um marco para outro. Jesus tinha isso em mente quando disse que se alguém obrigar você a andar uma milha, deve estar disposto a andar também a segunda (cf. Mt 5.41). Cinquenta mil milhas de estradas foram construídas dessa forma através do império romano, e mapas rodoviários passaram a ser vendidos nas lojas de Roma.

Um correio podia cobrir 121km em um dia, mas as distâncias eram tão grandes que mesmo assim levava 54 dias para ir de Roma a Cesaréia. O serviço postal progrediu muito e se utilizava de veículos, cavalos e postos de muda. As estradas eram mantidas continuamente por supervisores locais.

Os carroções eram puxados por bois e veículos mais leves podiam ser alugados fora das portas da cidade. O *cisio* era um carro leve e aberto com duas rodas. Podia levar duas pessoas — o cocheiro e o passageiro. O *essedo* era dirigido por quem o alugava e tinha um par de cavalos. Alguns dos carroções conhecidos como *reda* eram cobertos e providos de assentos para passageiros. Havia também carruagens (At 8.29), assim como liteiras, essas apenas para uso das pessoas mais importantes. A liteira era carregada por mãos humanas ou colocada sobre um suporte e puxada por animais. O sistema romano de estradas talvez não pareça muito mau, mas se a pessoa não fosse um oficial ou um cidadão romano, não podia aproveitar-se praticamente dele.





Carro puxado por cavalos num relevo grego.



Acomodação

Outra razão para as pessoas não gostarem de viajar — tanto nos dias do Antigo Testamento quanto do Novo — era o risco que corriam por causa dos bandidos (Jz 9.25; Lc 10.30). Ainda outra razão era ficarem completamente à mercê da população local (Jz 19.15; Jó 31.32). Postos de muda para o viajante comum só se desenvolveram no período persa, sendo no geral lugares duvidosos. A estalagem, *khan* ou caravansará era construída em volta de um pátio central. A estrebaria para os animais ficava no próprio pátio e as outras acomodações num nível superior. Esse era o equivalente do hotel na antigüidade.

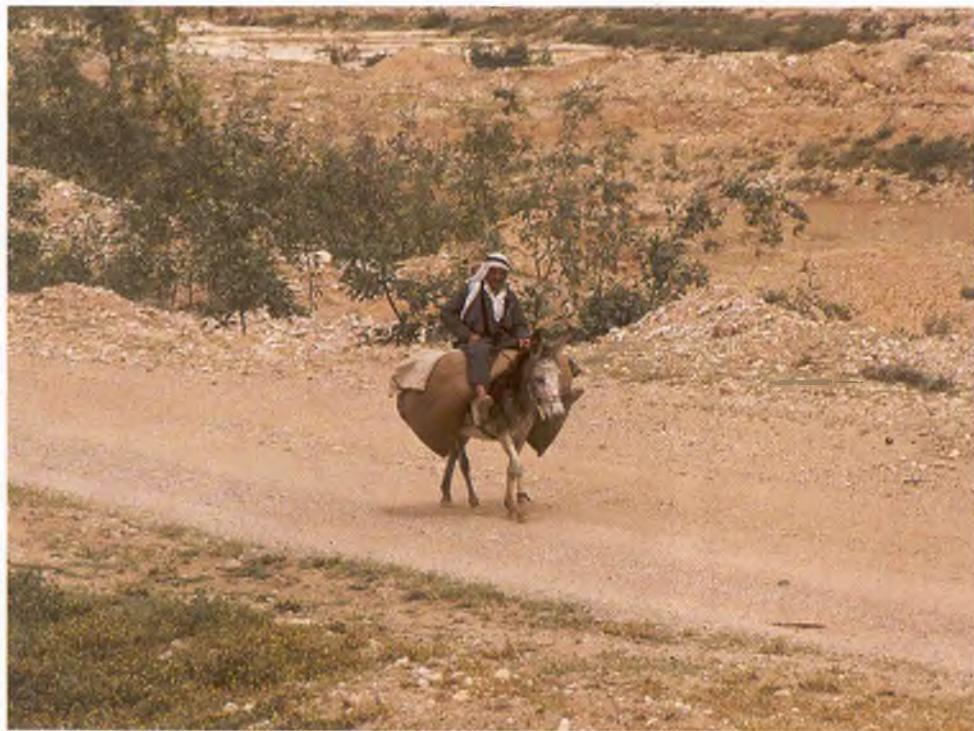
Embora em teoria as estações de muda oferecessem acomodações gratuitas, a alimentação, forragem e outros serviços eram pagos (Lc 10.35). Uma característica da maioria das estalagens era que a prostituição fazia parte do sistema. Isso explica porque Jesus disse aos discípulos para arranjarem acomodações em casas particulares (Mt 10.11) e porque era tão importante que os cristãos do primeiro século fossem hospitaleiros (Rm 12.13; 1 Tm 3.2; 1 Pe 4.9).

Como os serviços eram bem duvidosos, se fazia necessário levar mantimentos para a viagem (Js 9.4-6; Jz 19.19). Isso seria geralmente pão, cereais torrados e frutas secas para cerca de dois dias. Foi, portanto, pouco usual Jesus enviar os discípulos numa viagem sem tais provisões (Mt 10.10) Por outro lado, quando percebeu que as multidões o seguiam há já três dias, soube imediatamente que não tinham nada para comer (Mt 15.32).

Impostos

Outro problema eram as taxas a serem pagas numa jornada. É possível que houvesse uma só língua para comunicação (o grego) e nenhuma fronteira a cruzar, mas o pagamento de taxas sobre as mercadorias, rodas, eixos e pessoas tinha de ser feito quando o indivíduo passava pelos vários distritos.

Outro problema era o calor. As temperaturas no verão eram extremamente altas, sendo então evitado viajar ao meio-dia (At 26.13). A viagem era mais confortável pela manhã e à noite, e os sábios do oriente aproveitaram o seu conhecimento das estrelas para viajar à noite (Mt 2.9).



O animal de carga mais usado nos tempos bíblicos era o jumento.

Outro problema surpreendente era o tempo gasto em saudações. As saudações durante uma viagem tomavam tempo desmesurado. Não se considerava educado passar simplesmente pelas pessoas. Era necessário fazer e responder perguntas tais como: “Para onde está indo?... De onde vem?... Como se chama?... Quantos filhos tem?” e assim por diante. Jesus considerava essas saudações um problema tão grande que disse a seus discípulos: “A ninguém saudeis pelo caminho” (Lc 10.4). Ele também censurou o tempo que alguns dos líderes religiosos da época gastavam com as saudações (Lc 11.43; 20.46). Jesus certamente se impacientaria com as conversas fúteis nas reuniões convencionais de hoje.

O jumento

O último e talvez maior problema era o cuidado dos animais durante a viagem. O animal de carga mais usado era o asno ou jumento. Esse foi o primeiro animal utilizado pelos povos nômades e fazia com que nos primeiros dias os viajantes nunca ficassem longe dos centros povoados. O animal de carga era

usado para levar pessoas e mercadorias. A sela era feita de três camadas: feltro, palha e tecido de crina. Sacos eram amarrados juntos e jogados sobre a sela, presos na parte de baixo por segurança (Gn 42.25-28), ou pendiam de uma armação (espécie de berço) colocada sobre a sela. Caixas ou cestos pendiam também dessa armação (1 Sm 16.20; 25.18), e crianças eram algumas vezes carregadas nas caixas.

Os jumentos às vezes serviam também para puxar o arado (Is 32.20), mas não podiam ser emparelhados com um animal maior, tal como um boi (Dt 22.10). Os jumentos serviam igualmente para girar moinhos de cereais e rodas d'água. Embora algumas espécies de jumentos fossem exclusivamente para uso real (Jz 5.10) e também para transportar pessoas importantes (Gn 22.3; 1 Sm 25.23), eles foram substituídos pelas mulas como símbolo de status e o cavalo tornou-se a montaria para ir à guerra. O jumento veio a tornar-se gradualmente um símbolo de trabalho e paz, embora continuasse sendo sempre a montaria das pessoas comuns (Zc 9.9; Jo 12.15).

O camelo

O camelo foi domesticado por volta de 2000 a.C. e deu às tribos nômades independência dos povoados. Ele possibilitou que vivessem no deserto, longe dos oásis, porque o camelo podia acumular água por vários dias. Abraão viveu numa época em que houve uma transição do uso dos jumentos para os camelos (Gn 12.16; 24.35; 30.43), e usou camelos para as grandes distâncias (Gn 24.3,64. O mesmo fez Jacó Gn 31.17). Os camelos estavam freqüentemente em uso em épocas posteriores por tribos nômades, como os midianitas (Jz 6.5) e os amalequitas (1 Sm 15.3). Ele se tornou o animal para as viagens de longa distância.

Não só o camelo fazia viagens prolongadas, como era também o meio de levar as notícias internacionais de lugar para lugar (Pv 25.25), sendo de igual modo um excelente animal de carga. A carga do jumento, ou efa, era a maior unidade de volume, mas o camelo podia carregar mais, e havia uma medida informal conhecida como *carga de camelo* (cf. 2 Rs 8.9). Os camelos viajavam em caravanas de até 1500 animais; os grupos eram presos uns aos outros com cordas e guiados por um cavaleiro ou um jumento a cerca de

cinco quilômetros por hora. O jumento não era simplesmente utilizado para deixar mais espaço de carga no camelo — pois este animal não era uma montaria confortável. É fácil subir no camelo quando ele fica de joelhos (em repouso), mas quando a pessoa está lá em cima, o movimento ondulatório do animal provoca mal-estar.

Um camelo era um investimento considerável, sendo portanto muito bem cuidado. Os apetrechos do camelo — sela, alforjes e rédeas — tinham muito valor e eram guardados em tendas (Gn 31.43). Os ornamentos das rédeas tinham valor suficiente valiosos para serem tomados como despojos de guerra (Jz 8.21). Em troca da palha esmagada da eira, que constituía seu principal alimento, o camelo fornecia carne (embora os judeus não tivessem permissão de comê-la, Lv 11.4); leite (Gn 32.15); e pêlo, que era transformado em um tecido rústico, porém macio, e depois usado para roupas como as vestidas por João Batista (Mt 3.4). A pele era também útil. Quando curtida podia ser transformada em bolsas e calças.

O tipo mais comum de camelo era o de uma única corcova, algumas vezes conhecido como *drome-*

O camelo era um animal de carga importante nos tempos bíblicos.



dário. Ele tinha pernas compridas e fibrosas, e pouca gordura para guardar água. O que faltava em resistência era compensado pela velocidade. O animal tinha condições de viajar quase 16km por hora.

A mula

As mulas não foram muito usadas até os dias de Davi, porque o animal gerado por duas espécies diferentes era contrário à lei (Lv 19.19). Os judeus da época provavelmente supunham que desde que não eram eles que os criavam, era permitido comprar os animais. A mula foi inicialmente rara para servir de montaria real. Os filhos do rei as possuíam em 2 Samuel 13.29, e quando Salomão montou a mula de Davi foi um sinal de que era o herdeiro do trono (1 Rs 1.33,44). Mulas foram dadas de presente a Salomão quando se tornou rei (2 Cr 9.24) e Acabe se preocupou com suas mulas durante um período de seca (1 Rs 18.5); mas nos dias de Isaías elas se haviam tornado muito mais comuns (Is 66.20).

O cavalo

Os cavalos da Bíblia eram similares aos cavalos árabes de hoje, sendo usados para a guerra (veja Ap 19.111,19), não para prover uma cavalaria montada, mas como um meio de puxar carros (Gn 41.43; Ex 14.9). Os cavalos chegavam a ser usados nos trabalhos agrícolas quando havia necessidade (Is 28.28). Os judeus foram advertidos quanto à aquisição de cavalos (Dt 17.16). Os vizinhos tinham carros, e ainda que Deus tenha ajudado os judeus a vencê-los, os israelitas estavam ansiosos para ter carros próprios (Js 11.6,9; Jz 4.3). Portanto, Davi usou cavalos e carros (2 Sm 8.4), mas foi Salomão quem realmente ampliou o seu uso (1 Rs 4.28; 2 Cr 1.14; 9.25). A posse desses animais fez com que o povo confiasse mais nos carros do que em Deus (Is 31.1).

Um carro era uma caixa semicircular sobre rodas, aberta atrás. O chão era feito de cordas para dar molejo, e duas pessoas ficavam de pé nele — o cocheiro e o soldado. Mas os cavalos também tinham seu espaço nos tempos de paz. Tornou-se um símbolo de posição ter um cavalo, especialmente quando a pessoa também possuía um carro onde atrelá-lo. Na época romana, havia corridas de carros nos jogos. Os



Lavrador árabe usa um cavalo para arar.

cavalos se tornaram então um símbolo de poder (Sl 147.10). Por mais caros que fossem o carro e o cavalo, o cocheiro dependia muito de boas estradas. As rodas estreitas do carro atolavam facilmente na lama (Êx 14.28; Jz 5.21,22), e isso explica porque Acabe estava ansioso para voltar a Jezreel (1 Rs 18.44).

Leia agora a sua Bíblia

A Sunamita

2 Reis 4.24. O fato da sunamita ter mandado selar um jumento para visitar Elias é pouco usual, desde que geralmente era o homem que montava e a mulher ia a pé. Isso nos dá uma idéia da posição dela. Se Maria tivesse montado o jumento e José andasse a seu lado, como é tradicional na arte cristã, José teria sido motivo de riso para os outros viajantes.

O buraco da agulha

Mateus 19.24; 23.24. Muitas histórias foram contadas para indicar que o "fundo de uma agulha" é uma pequena porta traseira que era aberta à noite quando o portão da cidade já se encontrava fechado, e que um camelo podia passar por ela desde que estivesse completamente descarregado. Essa é uma história interessante, mas falsa em termos bíblicos. O buraco da agulha é uma agulha de cirurgião. Tanto em Mateus 19 como em Mateus 23, o ponto era que o camelo representava o maior animal familiar às pessoas da época. Jesus usou o termo da mesma forma que usariamos a palavra *elefante* para indicar a maior criatura em nossa experiência. Jesus pode ter usado também o camelo como uma ilustração por tratar-se de um animal ritualmente impuro.

O cômodo na estalagem

Lucas 2.7. A "estalagem" — onde não havia acomodação para Maria e José — não era um *khan*. A palavra grega é *kataluma*, que significa "abrigó temporário". Os romanos levantavam grandes barracas para servir de abrigo, quando não havia acomodação e as pessoas necessitavam abrigar-se. Em Jerusalém, por

exemplo, as barracas eram armadas nos dias da Páscoa. A *kataluma* era um lugar barulhento, movimentado, cheio de animais e pessoas e algumas vezes havia uma fogueira para cozinhar. Os "estalajadeiros" não faziam parte do cenário. Desde que não havia acomodação para Maria e José, é bem provável que Jesus tivesse nascido do lado de fora (a idéia do escritor da música "Lá Fora na Manjedoura": "As estrelas no céu contemplam o lugar em que Ele está deitado") ou numa caverna de pastor. Essa última sugestão é mais provável. Uma caverna assim foi mostrada desde a antigüidade como lugar de nascimento de Jesus. Ela se encontra agora sob a Igreja da Natividade, em Belém.

Os olhos de um navio

Atos 27.15. Os navios eram freqüentemente personificados e pintavam olhos de cada lado da proa. Isto parece ter sido feito no navio em que Paulo se encontrava, porque o sentido literal da frase original era "quando não podíamos olhar o vento de frente".

Hospitalidade

Receber outros para comer e para pernoitar era importante para os povos da Bíblia; a insistência na hospitalidade parece estar arraigada na experiência da vida nômade. Os povos nômades tinham consciência da solidão do deserto e de que a provisão de alimento é quase sempre uma questão de vida e morte. Em vista de estar fraco demais para preparar uma refeição ao voltar da caçada, Esaú cedeu seu direito de herança ao irmão Jacó (Gn 25.29-34). Não se permitia sequer que um inimigo morresse de fome. Paulo escreveu: “Portanto, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer” (Rm 12.20), ele estava na verdade repetindo o que o povo nômade sempre fizera.

Quando alguém chegava à uma tenda ou casa, ficava em absoluta segurança sob a proteção da família (Gn 19.8). Ao referir-se a esse tipo de segurança e proteção, Davi escreveu: “Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos” (Sl 23.5). O costume foi usado por Deus ao dar a lei, tendo sido então reforçado pela sanção divina. Em vista de o povo judeu ter recebido a proteção de Deus, ele deveria proteger outros. Portanto, era pecado a pessoa comer sozinha (Jó 31.17) ou recusar-se a compartilhar sua refeição com os pobres e necessitados (Is 58.7). Os amonitas e moabitas foram condenados por tal falta de hospitalidade (Dt 23.4).

Os anjos disfarçados

Os judeus acreditavam que Deus enviava às vezes anjos disfarçados para verificar se as pessoas estavam de fato obedecendo à lei da hospitalidade. Eles sabiam que isso acontecera com Abraão (Gn 18.2-13) e com Gideão (Jz 6.17-22), e criam portanto que a mesma coisa poderia acontecer-lhes (Hb 13.2). Esse modo de pensar fez surgir problemas e também abriu o caminho para a revelação. Muitos judeus pensavam que se

estivessem na casa de Deus, estariam sob a proteção divina e, como resultado, tornavam-se negligentes em sua vida diária (Jr 7.14). Eles não compreendiam que a glória de Deus havia deixado o templo e que esse não era mais a casa de Deus (Ez 11.23).

A hospitalidade era tão importante que os judeus consideravam a bênção final como um grande banquete dado pelo próprio Deus (Sf 1.7) e o mesmo tema foi usado por Jesus na parábola: “O reino dos céus é semelhante a um certo rei que celebrou as bodas de seu filho” (Mt 22.2-14).

Nos dias do Novo Testamento, a recusa em dar hospitalidade eqüivalia a uma rejeição (Mt 10.14), e tornou-se então essencial que os cristãos fossem hospitaleiros (Gl 6.10; 1 Pe 4.9). Embora tal prática desse proteção moral devido ao caráter de várias estalagens (veja pág. 234), e em vista de muitos cristãos terem de deixar suas casas por causa da perseguição, era ainda mais que isso: “hospitalidade” é *philoxenia*, ou seja, “amor pelos outros”. Esse aspecto tornou-se particularmente importante para os pregadores daqueles dias, que haviam desistido do seu sustento para pregar o evangelho (3 Jo 5-8). Eles deveriam receber hospitalidade por vários dias e depois serem encorajados a se mudar para outro lugar (por exemplo, At 9.43; 16.15; Rm 16.2). O indivíduo não era reconhecido como líder da igreja se não fosse hospitaleiro (1 Tm 3.2; Tt 1.8).

Saudações

As saudações pouco mudaram no decorrer dos séculos. Então, como agora, havia três tipos de saudação que correspondiam à intimidade com a outra pessoa. Primeiro, vinha o cumprimento face a face, que podia ser verbal, embora isso não fosse necessário, e que envolvia um gesto com a mão, sem contato físico. Algumas vezes a palavra usada era “Alegre-se!” ou “Saudações” (Mt 28.29) e outras vezes “A paz seja convosco” (Jo 20.21). Essa palavra foi usada como zombaria pelos soldados quando colocaram a coroa de espinhos em Jesus (Mc 15.18). “Paz seja nesta casa” era a primeira saudação que os setenta faziam ao entrar na casa de um estranho (Lc 10.5).

Segundo, havia um beijo formal parecido com o que damos a um amigo ou convidado. As pessoas colocavam as mãos nos ombros uma da outra, de-

pois se abraçavam e davam um beijo, primeiro na face direita e depois na esquerda. Samuel beijou Saul quando o ungiu (1 Sm 10.1). Simão, o fariseu, deixou de cumprimentar Jesus desse modo ao receber-l-o em sua casa (Lc 7.45) e Paulo escreveu: “Saudai-vos uns aos outros com santo ósculo” (Rm 16.16).

Havia também o beijo na boca para demonstrar afeto (Gn 29.11). Este parece ter sido o tipo de beijo que Judas deu a Jesus, porque as palavras gregas indicam que Judas beijou Jesus várias vezes. Foi essa saudação que suscitou a pergunta de Jesus em Lucas 22.48.

Outra forma de saudação era a reverência, feita a alguém ou a um convidado especialmente digno de honra (Gn 18.2,3; 23.12). Podia ser uma inflexão de cabeça ou um movimento de cintura; podia ser até o prostrar-se aos pés do convidado (Mt 18.26). Havia perigo nisso — podia parecer adoração. Em um certo sentido tal atitude era apropriada por ser um reconhecimento do grande valor da pessoa, usamos a palavra *adorar* nesse caso quando dizemos: “Ele adora o chão que ela pisa”. Porém, se nossos pensamentos ultrapassarem esse uso convencional do termo, estaremos dando ao homem o que pertence de direito a Deus (Ap 19.10). Quando Cornélio prostrou-se diante de Pedro para saudá-lo desse modo, Pedro apressou-se em impedir-lo para que não parecer adoração (At 10.25,26). Em Apocalipse 3.9, a expressão “prostrados” é usada, mas se refere a uma prostração de respeito.

Acomodação dos hóspedes

Nos tempos do Novo Testamento havia vários tipos de acomodação onde as pessoas podiam ficar, além da estalagem. Um estranho iria geralmente para a porta ou esperaria junto ao poço até receber um convite de alguém do local para ficar em sua casa (Gn 19.1,2; 24.13,14; Jz 19.15). Quando a pessoa era convidada para dormir, no geral não ficava sozinha. Outros membros da família dormiam com ela, porque achavam descortês deixar o visitante sozinho durante a noite. Na casa simples dos camponeses, de um único quarto, só havia um lugar para dormir e o hóspede era acomodado na plataforma elevada com a família, ou no teto quando o tempo permitia (1 Sm 9.26). No caso de uma tenda beduína, o visitante era convidado para dormir na entrada aberta da

mesma junto com os homens. Nunca se permitia que ele entrasse no interior da tenda, na parte fechada, que era território das mulheres.

Muito tempo depois, numa casa maior, um quarto de hóspedes era oferecido, algumas vezes no canto silencioso de um pátio interno ou perto da entrada. Quando os proprietários com casas menores não tinham um quarto de hóspedes mas queriam ser hospitaleiros, várias famílias se juntavam para prover essa acomodação e empregavam um servo para mantê-la preparada. O hóspede da família dormia e era alimentado nesse quarto. Tais quartos, porém, só eram oferecidos a homens; quem quer que viajasse acompanhado dos familiares, tinha de dormir numa casa de família (Jz 19.4). Isso provavelmente era devido ao fato de o quarto de hóspedes ser usado como centro social masculino quando não havia visitas. A experiência de Eliseu foi incomum. Ele ganhou um quarto bem mobiliado na parte de cima, afastado do resto da família, embora houvesse várias coisas extraordinárias associadas com a “famosa mulher” de Suném (veja pág. 240 e 2 Rs 4.20).

Festas

As refeições eram uma parte importante da hospitalidade. Quase qualquer motivo era desculpa para uma festa — o desmame de uma criança, a chegada de um hóspede e, com toda certeza, os aniversários. Isso porque a vida e a alimentação são no geral coisas tediosas e monótonas, explicando também porque a palavra hebraica para “festa” é a mesma que para “beber” — eles queriam divertir-se!

Quando um amigo chegava à meia-noite e o anfitrião não tinha alimento para satisfazer as necessidades dele, acordava insistente o vizinho e lhe pedia comida, não só porque o vizinho era amigo, mas porque a obrigação de oferecer uma refeição a um hóspede era muito grande naquela cultura (Lc 11.8).

As refeições eram um aspecto importante da amizade. Comer na companhia de alguém era estar em paz com ele (Gn 26.28-30). O sal tinha uma função particular como parte da refeição. “Comer sal” era estar em paz — talvez porque ele curasse ferimentos (Mc 9.50; quando Jesus nos diz para sermos “salgados”, ele está então nos dizendo para estarmos em paz com outros).

Quando o hóspede tinha uma tarefa a cumprir, a qual o hospedeiro talvez não aprovasse, era necessário falar sobre ela antes da refeição começar (Gn 24.33). Uma aliança de paz feita numa refeição assim era um pacto (Js 9.14,15) e, portanto, a refeição era um meio de reconciliação (Gn 31.53,54). Foi provavelmente por isso que Jesus apareceu a seus discípulos depois da crucificação e comeu com eles; era um meio de reassegurá-los de que mesmo que tivessem falhado em relação a Ele, sua amizade com eles continuava a mesma (Lc 24.30; 24.41-43; Jo 21.9).

As festas religiosas eram também grandes ocasiões sociais. Depois de feito um sacrifício, a família se sentava para comer parte do sacrifício que se achava queimando no altar. Eles estavam literalmente fazendo uma refeição com Deus como um sinal de paz (Dt 12.5-7).

O convite para uma refeição formal nos dias do Novo Testamento seguia um procedimento estabelecido. Os convites eram sempre duplos. Inicialmente, era praxe recusar um convite formal (“Não terei condições de ir; Não sou digno.”) Depois, os convidados eram instados, até que aceitassem o convite (Lc 7.36; 14.23; At 16.15). Mais tarde, chegava a mensagem avisando que a refeição estava pronta (Et 5.8; 6.14).

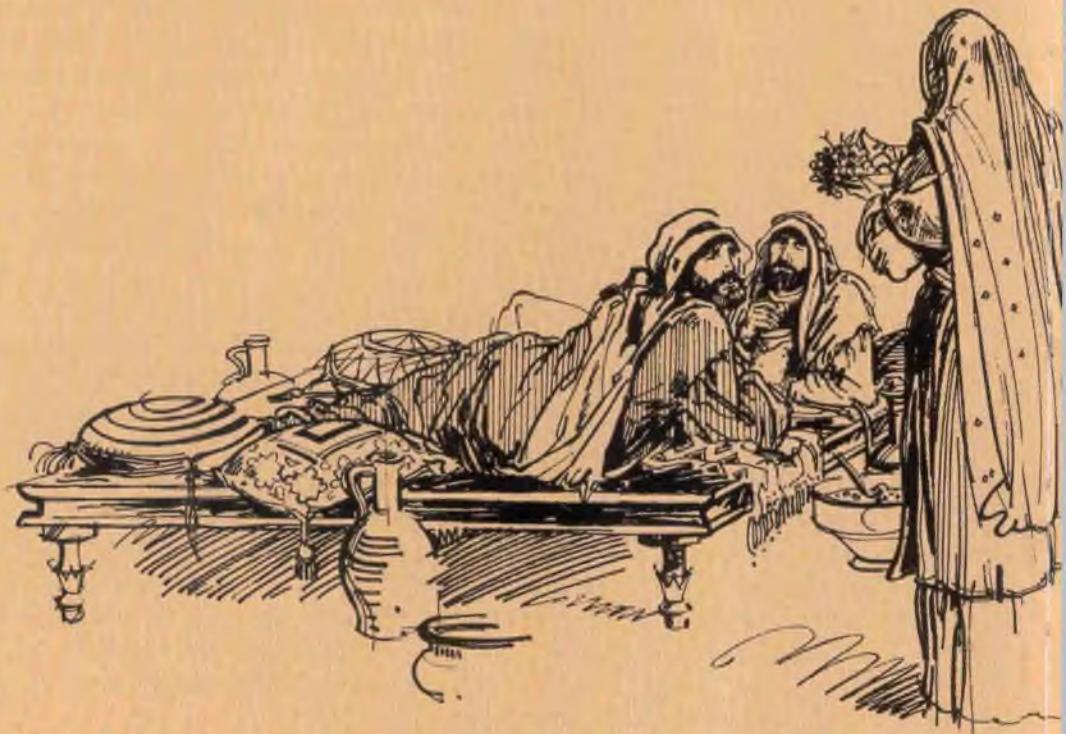
Depois que o hóspede que chegava para a refeição era cumprimentado, um escravo removia suas sandálias em preparação para o lava-pés e para que as sandálias não trouxessem o pó apanhado ao longo do caminho para dentro da casa. Os pés eram então lavados por um servo, que derramava água sobre eles, os esfregava com as mãos e secava com uma toalha (Gn 18.4; 19.2. 24.32; 1 Sm 25.41; Jo 13.3-5; 1 Tm 5.10). A seguir, a cabeça do hóspede era ungida com azeite de oliva, perfumado com especiarias. Davi se refere a esse costume no Salmo 23.5. Essa foi outra cortesia que Simão, o fariseu, negligenciou quando Jesus compareceu ao banquete em sua casa (Lc 7.46). Água era então oferecida para beber, indicando que o convidado era digno de uma recepção pacífica; pedir água para beber era ser bem recebido (Gn 24.17). A mulher samaritana não conseguiu compreender porque Jesus, um judeu, pedira água para ela, quando geralmente havia tanta animosidade entre judeus e samaritanos (Jo 4.9).

Uma refeição formal nos dias do Novo Testamento. Note os divãs dispostos nos três lados de um quadrado aberto.

A refeição formal

A disposição dos lugares à mesa era extremamente importante. Nas casas grandes havia uma plataforma elevada para a "mesa principal", onde os convidados mais honrados eram recebidos (Mt 23.6; Lc 14.8-10). O hóspede principal sentava-se à direita do dono da casa e o segundo em importância à esquerda (veja Mc 10.35-37). Os pratos maiores e melhores de comida eram sempre dados a esses hóspedes.

Nos primeiros tempos do Antigo Testamento, os convidados no geral sentavam com as pernas cruzadas em cima de um tapete; mas quando os reinos de Israel e Judá foram estabelecidos, os hóspedes já sentavam em mesas ou cadeiras e até em divãs. Nos dias do Novo Testamento o triclínio começava a ser usado. Esse era um arranjo de três mesas arrumadas ao redor de um quadrado, com acesso ao centro pelo lado aberto do quadrado, de modo que os servos podiam ir e vir a fim de servir os alimentos e retirar as sobras. Os divãs ficavam do lado externo das três mesas, próximos uns dos outros para o convidado



poder reclinar-se para comer. Ele recebia uma almofada e se apoiava sobre o braço esquerdo, com a cabeça para o lado da mesa, deixando o braço direito livre para pegar o que quisesse. Isso permitia que os servos lavassem os pés dos convivas enquanto continuavam a banquetear-se. Jesus estava, portanto, provavelmente usando um divã num triclínio quando seus pés foram lavados (Lc 7.46).

O arranjo do triclínio significava que, embora fosse relaxante, não tornava as conversas necessariamente fáceis. Quando a pessoa queria falar com alguém à sua esquerda, era preciso inclinar-se para trás e quase deitar-se a fim de falar. A pessoa iria, portanto, "reclinar-se" sobre o "peito" de alguém (Jo 13.23-25; veja também Lc 16.22).

Nas refeições formais havia um "aperitivo", feito de vinho diluído com mel. Seguia-se então o curso principal da refeição, chamado *cena*. Essa era composta de três cursos arranjados em bandejas ricamente decoradas. Os convidados comiam com os dedos, exceto quando sopa, ovos ou frutos do mar eram incluídos, em cujo caso usavam colheres. Não havia





Relevo de um banquete romano

garfos. Finalmente vinha uma sobremesa de bolo e frutas. Podemos começar agora a ter uma idéia do que Marta estava tentando fazer e porque Jesus disse que “só uma” coisa era “necessária” (Lc 10.42). O hóspede mais honrado recebia um alimento-símbolo do hospedeiro. Um pedaço de pão era molhado na comida e usado como colher. A “colher de pão” e seu conteúdo eram colocados na boca do convidado especial. Era o “bocado”. Foi isso que Jesus deu a Judas durante a Última Ceia (Jo 13.26), representando um apelo final e amoroso feito a ele.

Entretenimento

Durante e depois dos cursos da refeição era provido entretenimento na forma de leitura de poesias e prosa, assim como música e dança (Am 6.4-6). A dança era geralmente individual — homens e mulheres ainda não dançavam juntos na época — e ocasionalmente havia uma exibição como uma performance numa casa de espetáculos (Mc 6.22). Pode ter sido essa a razão de ser possível às pessoas do local assistirem o que estava acontecendo. Foi provavelmente

desse modo que a mulher que derramou ungüento nos pés de Jesus conseguiu aproximar-se dEle (Lc 7.37). Essas ocasiões eram fartamente iluminadas, de modo a poderem ser vistas nitidamente da escuridão exterior. Ser atirado do aposento iluminado para a escuridão poderia levar ao desespero e, portanto, ao “ranger de dentes” (Mt 8.12; 22.13; 25.30).

Quando a diversão terminava e a mesa era tirada, havia um período longo para as conversas. Histórias tradicionais eram contadas de memória. As fofocas locais eram outro aspecto da conversa, e havia advertências suficientes na Bíblia contra elas (Mt 12.36; Ef 5.4) para reconhecermos que se tratava de uma ocorrência freqüente. Ditados proverbiais eram também compartilhados. As despedidas se prolongavam o mais possível, pois uma vez aceita a hospitalidade, constituía uma ofensa retirar-se cedo, como se a visita não tivesse sido suficientemente agradável (veja Jz 19.5-10).

Leia agora a sua Bíblia

Remoção dos sapatos

Êxodo 3.5. Quando alguém entrava numa casa, era costume tirar os sapatos, porque de outro modo o pó das ruas e caminhos não-pavimentados iria contaminar a casa. Se o assoalho era coberto por tapetes, estes ficariam arruinados. A remoção dos sapatos era, portanto, marca de consideração e respeito e, desde que não se pode mostrar menos respeito a Deus, tirar os sapatos era um sinal de respeito para com Ele. Essa prática continua nos lugares de adoração muçulmanos na sociedade contemporânea.

Entrada nos aposentos das mulheres

Juízes 4.17-22. A história é geralmente contada como um exemplo da traição de Jael, pois quando um inimigo estava descansando numa tenda, supunha-se que estivesse completamente seguro. Porém, pode haver mais na história do que parece a princípio, e provavelmente não conhecemos todos os detalhes. O hóspede numa tenda dormia na varanda, e nunca tinha permissão para entrar dentro dela, onde ficavam as mulheres. A invasão desse espaço era castigada com a morte.

O levita e sua concubina

Juízes 19—21. Esse é um dos dois apêndices ao livro de Juízes que ilustra o caos espiritual em que o povo cairá. O livro trata de um período em que as doze tribos de Israel estavam unidas em sua lealdade a Javé — relacionamento esse chamado de *anfictionia*. Quando o levita voltava com a concubina para casa, eles pararam em Gibeá — território da tribo de Benjamim — a fim de procurarem um lugar onde passar a noite, mas a casa foi

invadida e a mulher seqüestrada e assassinada por sucessivos estupros. A divisão do corpo da mulher em pedaços representou um chamado para as doze tribos se reunirem no santuário central. Ficou claro para a assembleia que a atitude dos homens de Gibeá não era apenas luxúria, mas uma afirmação de independência por parte de toda a tribo. Benjamim queria retirar-se da *anfictionia*. Em vista das tribos crerem que a proteção de Deus dependia da sua lealdade mútua, eles agiram drasticamente contra essa exibição de independência.

O copo d'água

Marcos 9.41. Uma das primeiras coisas feitas para o convidado era dar-lhe um copo de água fresca para beber. Isso representava um penhor de amizade (Eliezer, servo de Abraão, ficou à espera do oferecimento de um copo d'água para indicar que teria boa acolhida Gn 24.17,18). Quando Jesus disse: "Porquanto qualquer que vos der a beber um copo d'água, em meu nome, porque sois discípulos de Cristo", Ele estava afirmando que se empenharmos nossa amizade a alguém por causa de Cristo, não perderemos o nosso galardão.

O azulejo partido

Apocalipse 2.17. Cristo diz ao anjo da igreja de Pérgamo: "Ao que vencer...dar-lhe-ei uma pedra branca, e na pedra um novo nome escrito, o qual ninguém conhece senão aquele que o recebe". Essa afirmação pode ser uma alusão a uma prática comum entre amigos. Um azulejo era partido pelo meio e um dos amigos escrevia seu nome numa das metades e o outro na outra. As duas metades eram então trocadas. No geral os pedaços eram passados de pai para filho. Mostrar a metade de um azulejo à pessoa que possuía a outra metade, mesmo anos mais tarde, era garantia de amizade e hospitalidade.

Agrupamentos sociais e políticos

Embora muitos não adotem uma “linha partidária” específica, seja em religião ou política, outros se tornam membros de um grupo de pressão ou um partido político e se envolvem nele. Isso se aplicava à vida nos tempos bíblicos, tanto no período em que os judeus voltaram do exílio na Babilônia e reconstruíram o templo de Jerusalém, como nos dias em que Jesus viveu. A fim de compreender os agrupamentos do Novo Testamento, temos de fazer um retrospecto dos eventos que tiveram lugar após a queda de Jerusalém e o Exílio em 586 a.C.

Os Samaritanos

Os samaritanos tomaram o nome da cidade de Samaria, capital do Reino do Norte de Israel, a partir do período dos reis Onri e Acabe (1 Rs 16.24). A cidade de Samaria foi destruída pelos assírios em 721 a.C., e cerca de 27.000 pessoas das classes governantes e dos artesãos mais hábeis foram deportados para a Assíria e dispersos (2 Rs 17.24). Como parte da política assíria, a liderança da cidade passou a outros povos vassalos, a fim de que a falta de comunicação com os trabalhadores locais, combinada com a gratidão que os novos administradores sentiam pelos assírios por dar-lhes uma posição de autoridade resultassem numa situação estável e pacífica.

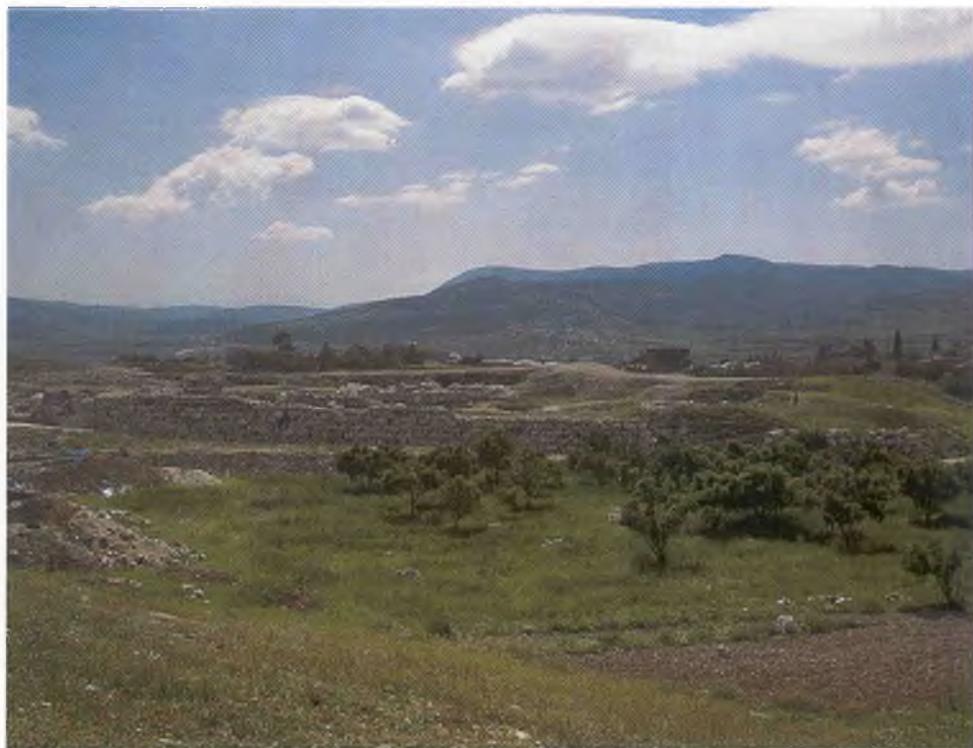
As coisas porém não deram muito certo — o número de animais selvagens aumentou na região numa taxa alarmante, causando a morte de muitas pessoas. Os recém-chegados acreditavam que esses ataques significavam que eles não estavam adorando o Deus de Samaria da maneira adequada. Um dos sacerdotes no exílio foi enviado de volta para ensinar a fé judia e ele estabeleceu um santuário religioso em Betel. Como resultado, formou-se uma religião sincretista entre a adoração de Javé e a adoração dos

deuses locais dos novos governantes de Samaria (2 Rs 17.25-34).

Alguns indivíduos do Reino do Norte — que não haviam sido levados para o exílio — adoravam em Jerusalém onde eram bem recebidos (2 Cr 35.17), e esse vínculo continuou quando a cidade de Jerusalém foi destruída pelos babilônios (Jr 41.5). Quando o império persa sucedeu o babilônio e foi permitido aos judeus que restaurassem a sua religião — o templo e eventualmente os muros de Jerusalém — a recepção por parte dos samaritanos foi mista. Alguns quiseram juntar-se à obra para que a adoração de Javé pudesse ser renovada (Ed 4.2), mas foram fortemente rechaçados pelos exilados que voltaram, os quais consideravam os samaritanos impuros por causa da natureza sincretista da sua religião (Ed 4.3). Outros samaritanos ficaram alarmados com a idéia de Jerusalém estar sendo reconstruída, pois a cidade sempre fora rival de Samaria. Esses samaritanos fizeram todo o possível para impedir a reconstrução de Jerusalém (Ne 4.1,2).

Toda a velha antipatia entre o Norte e o Sul reviveu. Esses sentimentos eram de longa data, reportando-se ao tempo em que as doze tribos haviam ocupado originalmente o país montanhoso de Canaã depois do Éxodo. As tribos do norte se separaram das do sul mediante uma linha de fortalezas cananitas, e quando Davi tornou-se rei, ele devia reinar sobre dois reinos unidos, e não sobre um único reino (veja pág. 268). Quando o reino de Davi e subseqüentemente o de Salomão foi dividido entre seus sucessores, a divisão seguiu a antiga linha histórica. Os samaritanos foram considerados não só inimigos políticos, como também um povo impuro, cuja presença contaminaria os judeus que haviam voltado recentemente do exílio (veja Ne 13.23-30).

Numa época subsequente, parece ter havido um grupo de samaritanos que, tendo sido impedido de adorar Javé em Jerusalém, e desejando dissociar-se das lutas internas contínuas, retiraram-se para estabelecer um ponto de adoração em Siquém (veja Jo 4.19,20), centralizado no Monte Gerizim, que tivera grande importância na história e religião do povo judeu (Dt 11.29; Js 8.33). Um templo foi construído no Monte Gerizim e uma fé distinta desenvolveu-se gradualmente. Os samaritanos aceitaram os cinco livros de Moisés em sua própria língua como



Tel-Baiata (Siquém bíblica). O Monte Gerizim pode ser visto ao fundo.

autoridade (o Pentateuco Samaritano) e essa posição foi refletida no seu credo: Só há um Deus; Moisés foi o seu profeta e voltará um dia como Taheb (“restaurador”, algumas vezes chamado “Messias”; veja Jo 4.25); haverá um Dia do Juízo, e o Monte Gerizim é o lugar apontado por Deus para o sacrifício. O último elemento era o décimo mandamento do Decálogo no Pentateuco Samaritano (1 Jo 4.20).

Pelo menos alguns samaritanos se apegaram à crença tradicional de que Moisés havia escondido os vasos sagrados na montanha, pois em 36 d.C. um samaritano reuniu uma multidão no monte com a promessa de que lhes mostraria os vasos. O grupo inteiro foi massacrado por Pôncio Pilatos.

Por causa da diferença de credo, existia forte desconfiança religiosa entre os que adoravam no Monte Gerizim e os que adoravam no templo restaurado em Jerusalém. Em 128 a.C., um dos reis asmoneus judeus (João Hircano) capturou Siquém e destruiu o templo. Entre 6 e 9 d.C. um grupo de samaritanos profanou o templo de Jerusalém durante a Páscoa, espalhando ossos no local.

Existem diferenças explícitas e implícitas para a hostilidade entre judeus e samaritanos no Novo Testamento (Jo 4.9,33). Jesus esforçou-se para salientar o lado bom dos samaritanos (Lc 17.16), mas Ele mesmo seguiu a tradição judaica e não passou geralmente por Samaria quando viajava da Galiléia para a Judéia. A rota normal dos judeus que não queriam contaminar-se era cruzar o rio Jordão em Bete-Seã (ao norte) e Jericó (ao sul), viajando pela margem oriental do rio (Lc 18.31,35). Muitos samaritanos se tornaram cristãos (At 8.25).

Os helenistas e os hassidim

Os helenistas e os hassidim se separaram durante o período da cultura grega, quando os gregos controlavam o país. Após a conquista do leste por Alexandre, o Grande, deve ter provavelmente havido forte influência grega sobre Israel. O assentamento de soldados gregos, o uso do idioma grego e a ênfase no estilo de vida e diversões dos gregos levaram à apropriação do pensamento e idéias provenientes da Grécia. A civilização grega não havia levado a uma conquista e cultura sem precedentes?

Desde que os líderes dos povos judeus entraram em contato com os governantes gregos em Antioquia da Síria, e desde que tinham riqueza suficiente para subornar esses governantes para que lhes dessem apoio armado quando necessário, as autoridades de Israel passaram geralmente a aceitar o modo de vida grego. Um ponto crítico para o povo judeu foi quando apoiou os reis greco-egípcios contra os greco-sírios na esperança de obter alguma independência.

O rei greco-sírio — que desejava estabelecer a paz no império mediante centros culturais gregos — decidiu ir muito além disso no caso dos judeus e tentou eliminar a oposição ao helenismo, eliminando o próprio judaísmo. Os governantes judeus concordaram em tese com isso. Aceitaram um sumo sacerdote chamado Jasão, que construiu um ginásio na cidade e encorajou os jovens a usarem roupas gregas. Depois da revolta dos macabeus, quando houve necessidade dos reis-sacerdotes entrarem num compromisso político com os sírios, os governantes helenistas continuavam numa posição de poder e influência.

O povo comum, entretanto, reagiu fortemente

contra o processo de helenização. Eles criam que as idéias gregas estavam corrompendo sua fé religiosa e, de acordo com seu conservadorismo inato, rejeitaram instituições como o ginásio, jogos e trajes gregos. Acreditavam também que os jovens estavam sendo atraídos para o estilo de vida decadente da Grécia. A maior parte da revolta contra a helenização provinha da zona rural, onde se concentravam várias famílias da classe média conscientes da sua posição. Esses indivíduos se tornaram conhecidos como hassidim, que significa “piedosos” ou “graciosos”. Os hassidim eram escarneados e chamados de “os sensíveis”, por terem uma consciência sensível em relação às novas abordagens.

Quando os macabeus se revoltaram contra os sírios, os hassidim se prepararam para participar da luta pela liberdade religiosa. Porém, no momento em que os sucessores asmoneus dos macabeus se envolveram num conflito pelo poder e trabalharam com os helenistas em sua própria comunidade e com os gregos em Antioquia, eles foram abandonados pelos hassidim, que desejavam manter-se fiéis à sua fé religiosa. Os asmoneus necessitaram então do apoio dos helenistas e continuaram, portanto, a se mover nessa direção. O Novo Testamento não menciona os helenistas e os hassidim, mas os seus sucessores são bastante familiares.

Os Saduceus

Os saduceus foram os sucessores dos helenistas e mantinham-se ainda como a classe rica e reinante, identificando-se com o sumo sacerdócio e com o pensamento grego. O nome do grupo, saduceus, pode ter-se derivado de Zadoque, para indicar sua ligação com o sumo sacerdote. Eles achavam o mundo um lugar bom para se viver e estavam mais interessados no aqui e agora do que em crer na ressurreição, juízo e vida após a morte. Rejeitavam as idéias de ressurreição em favor da idéia grega da imortalidade da alma, e criam na sua possibilidade de mostrar que uma ressurreição corporal era ridícula. Limitaram o cânon das Escrituras aos cinco livros de Moisés, sendo essa a razão de Jesus ter-se confinado a esses livros ao refutar os argumentos deles contra a ressurreição (Mt 22.23-32). Os saduceus rejeitavam qualquer crença em anjos ou espíritos e seguiam a moral do

“bom senso” — o bem e o mal, criam eles, resultavam dos atos pessoais.

Nos dias de Jesus, os saduceus eram o partido majoritário do Sinédrio e a intensidade do conflito entre eles e os fariseus sobre a ressurreição seria explorada por Paulo quando se apresentou diante do Sinédrio (At 23.6-10). Os saduceus teriam se oposto a Jesus por reconhecerem que os seus ensinos eram contrários aos deles. Foi depois do ensino sobre a ressurreição e o ressurgimento de Lázaro que os principais sacerdotes (saduceus) decidiram que Jesus devia morrer (Jo 11.45-53). Eles o teriam considerado um agitador que poderia perturbar sua vida (da classe reinante) e que devia ser detido a todo custo (Jo 11.48-50).

Os herodianos, os fariseus (com seus escribas), os essênios e os zelotes parecem ter-se derivado dos hassidim. Quando esses grupos enfrentaram o fato de o país continuar dominado, dessa vez por Roma, eles reagiram de formas diferentes.

Os herodianos

Os herodianos apoiaram a família dos Herodes como reis. Os Herodes eram originalmente uma família edomita e governavam o país para os romanos. Os edomitas tinham afinal certa afinidade com os judeus por serem descendentes de Esaú, e os judeus acreditavam que o governo intermediário dos Herodes era melhor do que a autoridade direta de Roma. Os herodianos aceitavam o bem que Herodes, o Grande, fizera por Jerusalém, ao prover um novo templo, apesar de apoiarem os fariseus em sua objeção ao pagamento de impostos a Roma (Mc 12.13,14). Eles reagiram contra Jesus quando Ele curou o homem com a mão ressequida no sábado (Mc 3.5). Como os saduceus, a oposição dos herodianos a Jesus deveu-se principalmente ao fato de acreditarem que Ele poderia perturbar o *status quo* e porque o seu claro ensino moral era um desafio tão grande ao seu estilo de vida como o fora o de João Batista.

Os Fariseus

Os fariseus seguiam uma linha direta a partir dos hassidim. Seu nome significa “os que separam”. Havia cerca de seis mil deles nos dias de Jesus. Acima

de tudo o mais, eles se preocupavam com a sua fé religiosa e criam que o Exílio resultara da quebra da Lei de Deus por parte de seus ancestrais. Queriam ser legalmente puros, separados de qualquer forma de contaminação. Acreditavam que a diferença entre “puro” e “impuro” era a obediência à Lei; o que era “impuro” significava desobediência à Lei.

Essa posição referente à Lei criou problemas, porque apesar de haver 630 mandamentos na Torá (os livros de Moisés), eles nem sempre são específicos. Se o dia de sábado tem de manter-se “santo”, então o que exatamente pode ou não pode ser feito? As discussões sobre alguns assuntos, tais como se era legal (ou “impuro”) comer um ovo posto no sábado eram infindáveis.

Os fariseus inventaram um conjunto de regulamentos destinados a impedir que as pessoas quebrassem a lei e tentaram aplicar a lei antiga às novas situações. Era necessário contar histórias para ilustrar os princípios da Lei (o Hagadá) e as decisões sobre a Lei deviam ser transmitidas a outros. A responsabilidade por esse aspecto do trabalho foi dada aos escribas e havia várias escolas diferentes de interpretação. A escola de pensamento estrito era dirigida por Shammai, que descendida de uma família rica e aristocrática. A escola tolerante de pensamento era dirigida por Hillel, que vinha da classe média e compreendia o povo. As diferenças de interpretação se tornaram problemas graves, de modo que pediram a Jesus que desse sua opinião sobre as conflitantes leis do divórcio (Mt 19.3-12).

As interpretações da Lei tinham pouca importância para o povo comum, que se recusava a juntar-se aos fariseus, havendo portanto bastante má vontade entre os dois grupos. Os fariseus acreditavam nas doutrinas históricas do judaísmo — na unidade, santidade e providência de Deus; na ressurreição, na alma imortal trazendo o reavivamento do corpo; e no juízo final e eleição de Israel. Eles davam o dízimo de tudo que possuíam e prezavam por uma vida de boa moral. Os fariseus sobreviveram a todos os outros grupos e, à medida que suas tradições progrediram, se tornaram os fundadores do judaísmo moderno.

É difícil compreender porque havia tanto conflito entre os fariseus e Jesus. Jesus era popular junto ao

povo comum, enquanto os fariseus não avançaram muito nesse sentido (Mc 12.37; Jo 12.19). O ponto essencial parece ser que na sua ânsia de viver segundo a Lei, os fariseus deixaram de entender qual o verdadeiro propósito da Lei.

Quando Deus deu originalmente a Lei, Ele o fez como um ato de graça suprema. O povo estava na escuridão, sem saber o que Deus queria. A Lei dizia: “Este é o meu padrão; se viverem de acordo com ele, vou salvá-los”. (Veja por exemplo a história do jovem rico em Mt 19.16). Os fariseus parecem ter tomado a Lei e transformado a mesma de um ato de graça em um grande fardo — “É isso que você tem de fazer; se falhar, Deus vai castigá-lo; se não falhar, então é suficientemente justo e Deus tem de recebê-lo”. Isso era tão diferente do que Deus pretendia que Jesus atacou a idéia. Uma linha de ataque foi mostrar que até os fariseus que viviam retamente não conseguiam guardar a Lei. Eles eram corruptos (Mt 23.27; Lc 11.39), atores (Mt 23.23-26) que não agiam de acordo com o espírito da Lei (Lc 11.39; 18.9-14). Em vista dessa falsa espiritualidade ser o centro da sua fé, eles se voltaram contra Jesus juntamente com os outros grupos.

Os Essênios

Os essênios se afastaram do mundo em comunidades próprias — cerca de quatro mil deles ao todo. O último golpe que precedeu sua retirada veio quando um determinado rei-sacerdote foi considerado tão mau que um “Mestre da Justiça” afastou o povo do “Sumo Sacerdote Perverso”. Os essênios se dedicaram à agricultura básica e passavam muito tempo juntos no estudo de questões religiosas e morais, e na interpretação de livros sagrados. Todas as propriedades eram mantidas em comum, e eles seguiam um programa que assegurava a pureza ritual; não eram casados e rejeitavam o sacrifício animal.

Quando possível, os essênios formavam comunidades particulares e viviam de um modo reminiscente dos monges nos mosteiros da Europa medieval. Quem desejava afastar-se da sociedade se unia às suas comunidades. Havia um noviciado de dois estágios. No final do primeiro período (um ou dois anos) faziam um ritual de purificação e no final do segundo (um ou dois anos), o noviço se tornava um membro



Os Rolos do Mar Morto foram encontrados em cavernas nesses penhascos perto de Qunrā.

pleno da comunidade, tinha permissão para fazer vários juramentos e, mais importante, para participar da refeição em comum.

Os essênios acreditavam que Deus faria cessar a era perversa em resposta às suas vidas boas e suas orações e que o final que tanto almejavam seria marcado pela aparição de um príncipe da linhagem de Arão, um príncipe guerreiro (o Messias davídico) que derrotaria as forças do mal, e um profeta revelaria a vontade de Deus. A comunidade estabelecida nos mosteiros na extremidade noroeste do Mar Morto era provavelmente uma comunidade essênia.

Foi sugerido que, além de serem importantes na preservação dos textos antigos do Velho Testamento (os Rolos do Mar Morto), eles podem ter tido uma outra influência. João Batista nasceu de pais já avançados em idade (Isabel e Zacarias) e muitos acreditam que ele foi criado na comunidade de Qunrā quando os pais morreram. Parte das obras de caridade deles era cuidar dos órfãos e dos sacerdotes.

Existem reflexos dos conceitos essênios na mensagem de João — a necessidade de arrependimento e

Mosteiro de Qunrā



Plano dos prédios da comunidade no mosteiro de Qunrā.

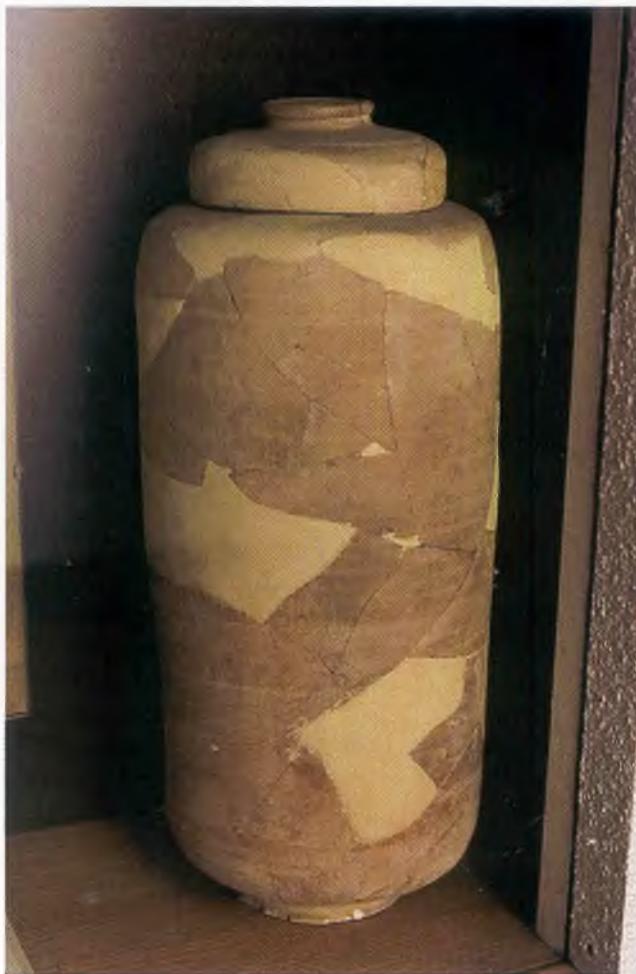
do lavar ritual (batismo) e a espera da vinda do Messias. É improvável que se trate de um acidente o fato de que o sítio tradicional do batismo de João fique à vista do mosteiro de Qunrā. O mosteiro foi destruído pelos romanos na campanha que se seguiu à rebelião de 66 d.C. A comunidade essênia escondeu os manuscritos mais valiosos que possuíam em cavernas quase inacessíveis na região, onde foram descobertos no século XX.

Os Zelotes

Os zelotes reagiram à influência estrangeira procurando destruir o inimigo. Eles criam que Deus só remiria o seu povo quando os romanos fossem expulsos do solo. O grupo dos zelotes foi fundado por Judas da Galiléia em 6 d.C. Eles afirmavam que o pagamento de impostos aos romanos era traição contra Deus. Tiraram seu nome do zelo mostrado pelos macabeus quando lançaram de si o jugo da Síria. Os romanos se referiam aos zelotes como “sicários” ou “homens do punhal”, porque agiam constantemente com essa arma.

Alguns acreditam que os zelotes tentaram estimular Jesus a chefiar uma revolta popular. Segundo esse ponto de vista, Judas Iscariotes trabalhou com os zelotes a fim de colocar Jesus numa posição impossível, na qual Ele teria de usar o seu poder divino para salvar-se. Ao ver tal demonstração de poder, o povo imediatamente o seguiria. Judas arranjou supostamente a derrota enquanto enchia os bolsos de dinheiro. Os que mantêm essa opinião consideram Judas cego em lugar de perverso. Eles afirmam que só vendo Judas desse modo podemos entender como ele poderia ter dado um beijo afetuoso em Jesus na ocasião em que este foi preso ou compreender o suicídio subsequente de Judas. Por outro lado, Jesus referiu-se a Judas como o filho da perdição (Jo 17.12).

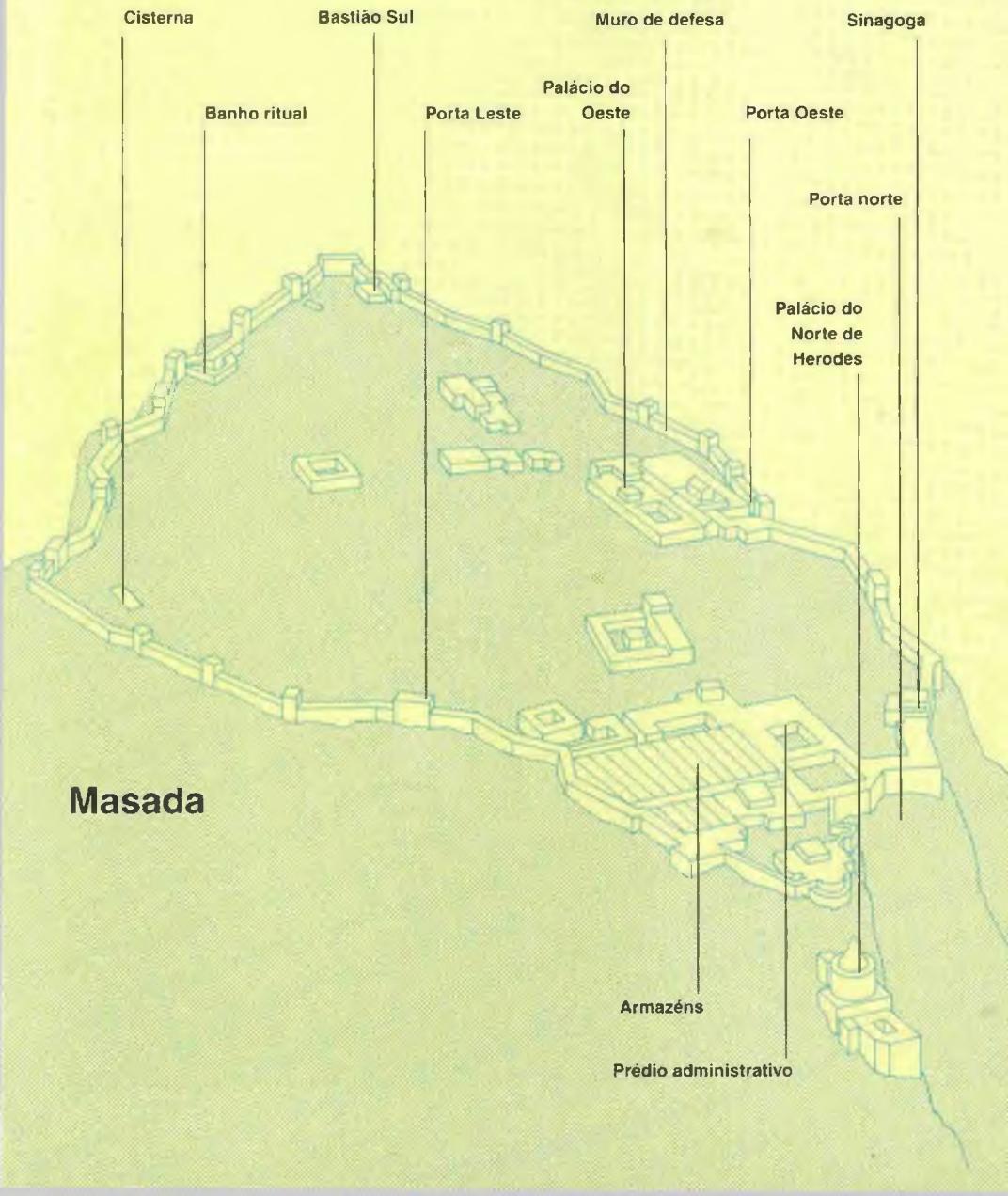
**Os Rolos do Mar Morto
foram descobertos em
vasos como este.**



Página Oposta: Herodes, o Grande, acreditava ter encontrado um sítio inexpugnável para o seu palácio em Masada.

Fortaleza de Herodes em Masada, acima do Mar Morto

Os zelotes se envolveram na revolta que provocou a destruição de Jerusalém em 70 d.C. Eles recuaram para a fortaleza que haviam tomado dos romanos logo no início, e finalmente pereceram quando Masada caiu em 74 d.C. Os zelotes continuavam ativos na época da rebelião final de Bar Cochba em 135 d.C. que levou à expulsão dos judeus de sua própria terra e à destruição final de Jerusalém.



Masada



Governo e sociedade

O governo varia de país para país, e até no mesmo país no decorrer de um certo período de tempo. Pode ser uma democracia ou uma ditadura, ou a forma de governo talvez mude de acordo com uma nova situação. Embora isso seja verdade no século XX, também se aplica aos tempos bíblicos. O governo variou entre o povo judeu desde a liderança familiar patriarcal nos dias de Abraão à união dos clãs sob Moisés, à monarquia do rei Saul em diante, aos reis-sacerdotes do período intertestamentário. Ao mesmo tempo, os reinos de Israel e Judá estiveram no centro de grandes impérios — Egito, Assíria, Babilônia, Pérsia, Grécia e Roma. Não é possível no escopo deste livro tratar com todas as formas de governo em detalhe; a bibliografia terá de ser consultada. Mas existem duas formas de governo que têm importância-chave para uma compreensão da Bíblia — o período da monarquia e o período em que os judeus fizeram parte do império romano.

Divisão na sociedade

Não houve divisões na sociedade durante o período dos patriarcas (Abraão, Isaque e Jacó) porque todos eram membros da mesma família. Até os escravos eram considerados membros da família; portanto, Abraão podia esperar que seu escravo Eliezer herdassem seus bens (Gn 15.2,3). Mesmo quando se desenvolveram clãs na famílias não houve divisões sociais, porque um clã é simplesmente uma família que se estabeleceu para formar uma aldeia. Em tal sociedade as leis eram mantidas pelos anciãos do clã, setenta e sete anciãos em Sucote nos dias de Gideão (Jz 7.14). Na época da monarquia o termo *ancião* era usado para a classe reinante. Os servos de Amom, que o mataram, eram anciãos (2 Rs 21.23) e Zedequias se preocupou em que Jeremias não re-

petisse a conversa deles para os príncipes, ou anciãos (Jr 38.24,25).

Outro grupo na sociedade nos dias da monarquia era formado pelos ricos. Acreditava-se que a fortuna de alguns ricos era uma bênção do Senhor (Sl 1.3; Pv 10.15,16), mas outros ganharam a sua riqueza de maneiras condenáveis. Deuteronômio 10.17 parece comparar a justiça de Deus, que é imparcial e não aceita suborno, com os que mostram parcialidade e aceitam ser comprados. Provérbios 22.22,23 adverte contra a opressão dos pobres e aflitos. Embora as terras mudassem de mãos porque os proprietários originais eram melhores artífices do que lavradores, outras mudaram de dono por causa de falsas acusações e confisco (1 Rs 21.10-16). Essas pessoas se tornaram proprietários ricos e o rei Menaém cobrou impostos deles para ajudá-lo a pagar pela proteção dos assírios (2 Rs 15.19,20).

Além dos anciãos e dos proprietários de terras, havia o “povo da terra”. Esses eram os homens livres do país com direitos civis básicos e os encontramos em todo o Antigo Testamento (2 Rs 16.15; Jr 1.18; 37.2; Ez 22.29). Uma distinção foi feita entre as ofertas pelo pecado que tinham de ser levadas por alguém da nobreza (Lv 4.22-26) e as ofertas obrigatórias do povo da terra (vv.27-31). A nobreza tinha de oferecer um animal macho e o povo da terra uma fêmea.

Além dessas classes de judeus havia um número considerável de residentes estrangeiros que eram livres, mas não possuíam terra. Era então necessário para eles oferecer-se como escravos para ganharem o seu sustento. Essas pessoas tinham permissão para colher as uvas caídas na vinha (Lv 19.10) e as espigas que ficavam no chão depois da sega (Lv 23.22). Era fácil aproveitar-se de alguém assim, mas Exodo 22.20 proibiu isso porque os próprios judeus haviam sido estrangeiros no Egito. Em outros aspectos, porém, os estrangeiros residentes eram como o povo da terra (veja Lv 25.47; Nm 35.15; Dt 14.29).

Além dos libertos havia várias classes de escravos. Os escravos pessoais faziam quase sempre parte de uma família por terem sido capturados numa guerra (Jz 5.30; 2 Rs 5.2; Jl 3.6). O rei Peca de Israel chegou a escravizar parte do povo de Judá até que o profeta Obede protestou fortemente (2 Cr 28.8-15). Era

aceitável que os judeus fizessem escravos de outras nações (Dt 21.10-14), embora fosse também possível para eles comprar escravos no mercado de escravos (Lv 25.44,45).

Os judeus nunca deveriam se tornar escravos, mas podiam vender seu trabalho para restituir o produto de um roubo (Ex 22.3) ou para ganhar dinheiro suficiente para pagar uma dívida (Lv 25.47-53). Eles tinham de ser libertados no Jubileu, ou depois de sete anos (Lv 25.40; Dt 15.12-18). Além dos escravos pessoais, havia escravos do Estado conhecidos como netinins e usados nas obras de construção (2 Sm 12.31), na manutenção da frota mercante (1 Rs 9.27), e, em alguns casos, para trabalhar no templo como auxiliares dos levitas (Ed 8.20). Ezequiel disse que Deus não aprovava essa terceira prática (Ez 44.7-9), mas ela teve início quando Josué escravizou os gibeonitas com esse propósito (Js 9.27).

A anfictionia

Antes de ser instituída a monarquia, a relação entre os clãs poderia ser melhor descrita como uma anfictionia, ou uma associação de vizinhos para defender um centro religioso comum. Havia um acordo formal em Siquém sob a liderança de Josué (Js 24). Ele envolvia a adoração do mesmo Deus em um santuário comum e a observância de um código de lei comum inscrito numa pedra e deixado no santuário. Quando Josué morreu, os clãs aceitaram a liderança de qualquer pessoa que, como Josué, fosse claramente dotada com o Espírito de Deus para fins militares (Jz 13.5) e algumas vezes com propósitos pacíficos (Jz 10.3). Alguns exerciam sua autoridade numa pequena área, mas outros eram líderes nacionais. Só Samuel parece ter sido reconhecido por todos os clãs (1 Sm 7.15).

O governo não era então propriamente organizado e havia pouca unidade política. Não era fácil viver assim quando os judeus se achavam constantemente oprimidos por outros poderes militares. O reconhecimento de um líder dotado do Espírito de Deus implicava disposição de esperar que Deus agisse e a capacidade de exercer discernimento espiritual. Muitos criam, porém, que seria mais fácil se eles



Durante o período dos Juízes, Siló tornou-se o lugar de repouso permanente da Arca da Aliança.

tivessem um rei como as outras nações. O rei estaria sempre à mão para guiá-los, e seu filho e herdeiro poderia ser facilmente identificado. Essa idéia foi reforçada quando houve uma insatisfação geral com os filhos do próprio Samuel (1 Sm 8.5) e o povo pediu um rei.

Saul tornou-se o primeiro rei, mas não foi rei no sentido de afirmar-se como um monarca propriamente dito. Ele serviu de transição entre os juízes e um verdadeiro rei. Como acontecia com os juízes, ele foi indicado por Deus (1 Sm 9.16), recebeu o Espírito (1 Sm 10.6) e livrou o seu povo (1 Sm 11.1-11). Porém, ao mesmo tempo, foi reconhecido por todos, recebeu uma coroa e esperava que seu filho Jônatas o sucedesse (1 Sm 11.15; 20.31). Quando Davi veio a suceder Saul, não foi aceito por ser parente do rei, mas porque foi reconhecido como pessoa escolhida por Deus (2 Sm 5.2). Tinha sido ungido (1 Sm 16.1) e recebera o Espírito (1 Sm 16.13). Davi continuava ainda num estágio anterior ao do verdadeiro monarca, embora recebesse mais benesses da monarquia do que Saul.

Davi e Salomão

O reinado de Davi e Salomão é único na história de Israel. Primeiro, eles foram na verdade reis de dois reinos em lugar de um. Davi foi primeiro feito rei de Judá (2 Sm 2.4) e veio mais tarde a ser chamado rei de Judá e Israel (2 Sm 5.5; 1 Rs 1.35) e não de um único reino. O mesmo pode ser dito de Salomão, que é a razão pela qual os dois reinos se separaram depois da sua morte (1 Rs 12.16,17). Todavia, na ocasião, Davi e Salomão reinaram sobre um império que exigia considerável administração (2 Sm 20.23-26). Numa época de debilidade geral entre as grandes potências, foi possível para Israel-Judá preencher o vácuo de poder (2 Sm 8.1-14).

Depois do reinado de Davi e Salomão, quando os dois reinos tinham perdido a maior parte do seu império, eles se separaram ainda mais de um modo muito importante. Em Israel não houve monarquia hereditária, mas uma série de dinastias. Como os juízes, o rei podia ser escolhido individualmente por Deus (1 Rs 11.31; 19.16). Em Judá, os reis eram todos membros de uma dinastia específica (a de Davi), que fora escolhida por Deus (2 Sm 7.11,12). Quando a monarquia chegou ao fim e os reinos de Israel e Judá passaram a ser simples províncias de um poder maior, os judeus formaram uma comunidade religiosa por não haver possibilidade de uma comunidade política. Deus era o seu rei (Is 41.2; 43.15) e o sumo sacerdote o seu representante na terra. Dentro desse desenvolvimento do reino havia várias linhas de administração.

A coroação

O reinado começava com uma coroação. A primeira cerimônia da coroação tinha lugar no templo, sobre uma plataforma elevada (2 Cr 1.10) sendo apresentado algum tipo de documento, ou “testemunho” (2 Rs 11.12), que dizia que ele era o rei e declarava como deveria exercer sua soberania (Sl 2.7-9). O rei era então ungido (1 Rs 1.39; 2 Rs 23.30) para separá-lo para Deus (veja 1 Sm 24.6).

Deus podia dar do seu Espírito para que o soberano desempenhasse o seu papel. Uma trombeta soava e todos gritavam: “Vida longa ao rei!”, em reconhecimento da autoridade real (1 Rs 1.34; 2 Rs 11.12,14).

Israel nos dias de Davi e Salomão

MAR MEDITERRÂNEO



O segundo estágio da coroação tinha lugar no palácio real onde o rei se sentava em seu trono (1 Rs 1.46; 2 Rs 11.19). O rei pode ter então recebido um nome especial na coroação. Eliaquim teve seu nome mudado para Joaquim (2 Rs 23.34), Matanias tornou-se Zedequias (2 Rs 24.17), Salum veio a ser Joacaz (1 Cr 3.15; cf. 2 Rs 23.30) e o primeiro nome de Salomão pode ter sido Jedidias (2 Sm 12.24,25).

Canções especiais eram cantadas. O segundo salmo pode ter sido usado na coroação — a ocasião em que Deus passou a ver o rei como seu filho (Sl 2.7) — embora profeticamente o Salmo 2 fale do Messias. O Salmo 72 era uma oração pelo rei e o Salmo 110 um salmo de entronização, que também era uma expectativa do Messias. Tratava-se, portanto, de uma cerimônia tanto religiosa quanto civil porque o rei devia ter um lugar especial na religião do povo judeu (veja 2 Sm 24.25; 1 Rs 3.4; 12.28,29; 2 Rs 16.12-16).

A casa real

Havia elementos importantes na casa real, embora isso pareça ter-se desenvolvido mais em Judá do que em Israel. O harém era um símbolo destacado de posição. Até mesmo Saul tinha um pequeno harém (2 Sm 3.7; 12.8) e Davi parece tê-lo ampliado (2 Sm 15.13; 15.16), o harém de Salomão era o maior de todos (1 Rs 11.3). O harém não era só uma questão de status. Era também politicamente útil, porque um rei podia fazer muitas alianças ao receber as filhas de outras famílias reais no seu harém (1 Rs 3.1; 16.31).

A posse de um harém era o símbolo do direito ao trono, sendo essa a razão das reivindicações sobre o harém serem consideradas como traição (1 Rs 1.5; 2.13-22). O harém era administrado até sua morte pela *gebirah*, a “grande senhora”, quando o filho subia ao trono (1 Rs 15.13). É por isso que o nome da mãe do rei é freqüentemente mencionado em conexão com os reis de Judá (veja por exemplo, 2 Cr 20.31). As filhas ficavam no harém sob os cuidados das mulheres até que se casassem, mas os príncipes deixavam a tutela das mulheres para estabelecer casas próprias (2 Sm 13.7).

Servidores da corte

Havia muitos servidores da corte — nobres e servos. Havia também cantores (2 Sm 19.33-35; Ec 2.8) e pessoas encarregadas da provisão de alimentos (1 Rs 10.4,5), destinados no geral a um grande número de indivíduos que comiam no palácio (1 Rs 18.19). O rei tinha um escudeiro, ou pajem de armas (1 Sm 16.21), que o acompanhava no carro de batalha (2 Rs 7.2; 9.25), um “amigo” que não tinha uma função determinada mas que ficava à disposição do rei para conversar com ele e ouvir suas opiniões (2 Sm 15.32), pessoas que cuidavam dos seus bens (2 Sm 9.10), e um guarda-costas.

Além desse pessoal, o rei tinha também vários oficiais de alto nível. Listas desses oficiais são dadas em 2 Samuel 8.16-18; 20.23-26 e 1 Rs 4.1-6. Elas incluíam o comandante do exército, o capitão da guarda, um arauto, um secretário, alguém que controlasse os doze prefeitos (veja abaixo), o “chefe da arrecadação” e o mordomo do palácio.

Alguns desses oficiais do estado eram extremamente importantes. O arauto ficava encarregado das funções cerimoniais do palácio e apresentava as pessoas que pediam uma audiência com o rei. Joá era o arauto ou chanceler (ou escrivão) na época de Ezequias (2 Rs 18.18; veja também Is 36.3,11,22). O secretário era o responsável por toda correspondência e recebia o dinheiro para os reparos do templo (2 Rs 12.10). Quando Safã era secretário ele descobriu o livro da lei que leu ao rei Josias (2 Rs 22.10). O mordomo do palácio era o superior do secretário (Sebna foi demovido de mordomo do palácio para secretário, Is 22.15; compare 36.3). Ele era uma espécie de vizir, como José fora no Egito, governando literalmente o reino para o rei. Obadias ocupava essa posição na corte de Acabe (1 Rs 18.3).

Cada prefeito ficava encarregado de um distrito administrativo, o qual supria a quantidade mensal alimento para os seres humanos e a forragem para os animais da corte (1 Rs 4.7-9). Em certa época, dois dos prefeitos eram genros do rei Salomão (vv.11,15). Os doze prefeitos eram controlados por um oficial. Um posto paralelo era mantido por um oficial que organizava o recrutamento, no qual os homens capazes eram forçados a trabalhar nos pro-

jetos de construção durante parte do ano (2 Sm 20.24).

Finanças

Fica claro que tal organização exigia muitos gastos. Todavia, as finanças durante a monarquia eram organizadas de modo muito diferente das de hoje. As despesas do rei eram as despesas do reino. O rei pagava pelo exército, mas recebia a receita (2 Cr 17.5). Havia pouca ou nenhuma distinção entre o tesouro civil e o do templo. O rei colocava dinheiro no tesouro do templo depois de uma campanha militar bem-sucedida, como fizera Josué (Js 6.14), mas fazia uso do dinheiro do tesouro do templo quando necessário (1 Rs 15.18; 2 Rs 12.18).

O sistema legal

Uma das instituições notáveis dos tempos bíblicos era o sistema legal judaico. Ele não se assemelhava a nada existente em qualquer sociedade contemporânea da época. Não havia absolutamente lei escrita no Egito, e os sistemas legais da Babilônia e de outras nações não eram documentos aos quais se fizesse referência judicial; pelo contrário, eram coleções dos julgamentos do rei para uso do povo. O julgamento cabia ao rei, que não só fazia a lei mas era na verdade a lei. Nenhuma outra nação tinha um sistema de leis, ao qual os reis e governantes tivessem de sujeitar-se e ao qual houvesse necessidade de se fazer referência.

Os pronunciamentos legais dados ao povo judeu eram de dois tipos. Um tinha a estrutura “Se... e... então...”, que é algumas vezes conhecido como lei casuística (leis de conduta e solução de questões de certo e errado). Por exemplo: “Se um homem ferir a seu servo e este morrer sob a sua mão, certamente será castigado” (Êx 21.20). Quase todas as leis desse tipo eram similares, caso não fossem idênticas, a muitos dos juízos feitos pelos governantes na sociedade circunvizinha. Deus estava, com efeito, tomando a lei costumeira que o povo entendia e dando sua aprovação às leis específicas, de modo a formarem um código legal.

O outro tipo de lei era o direto. “Não matarás” e “Lembra-te do dia do sábado para o santificar” —



O rei Jeú de Israel paga tributo a Salmaneser III, da Assíria; detalhe do Obelisco Negro de Salmaneser.

sendo chamado de lei *apodíctica* (da verdade absoluta). Essa forma de pronunciamento não é encontrada em qualquer outro sistema legal, apenas nos tratados contemporâneos de suserania usados pelos hititas. Um tratado de suserania era feito quando o rei que efetuara a conquista (o suserano) impunha a sua vontade sobre um povo vassalo. Sua forma era padronizada, contendo uma descrição do rei e das boas coisas feitas por ele. Isso era seguido de um conjunto de declarações do relacionamento que deveria existir entre o povo conquistado e o rei e entre o povo conquistado e outros povos. Seguia-se então um conjunto de leis casuísticas e uma lista de bênçãos e maldições para os que obedeciam e os que deixavam de cumprir o tratado.

Um exame cuidadoso dos Dez Mandamentos em Exodo 20 vai revelar que eles fazem parte dessa estrutura, começando com “Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito” (Ex 20.2) e terminando com bênçãos e maldições (Ex 23.20-33). Embora a forma seja familiar, o conteúdo é único. Trata-se de uma lei religiosa e ao mesmo tempo um material de ensino.

O sistema legal judeu também se destacava da lei contemporânea dos tempos bíblicos de várias outras maneiras:

1. Justificações são dadas para algumas das leis. Êxodo 23.9 diz que os judeus não deviam oprimir os estrangeiros por terem sido eles mesmos estrangeiros no Egito. Êxodo 20.5 diz não devem ser feitos ídolos porque Deus é um Deus zeloso.
2. Penalidades severas são impostas por crimes contra Deus (idolatria, blasfêmia) e contra as coisas que prejudicavam as relações entre as pessoas e Deus (brutalidade, sodomia, incesto). A pena de morte era aplicada para tudo isso.
3. Os castigos aplicados eram em geral humanos. Não havia mutilação física e os açoites se limitavam a 40 golpes. Arranjos especiais eram feitos para os casos de homicídio. O vingador, ou *go'el*, ficava limitado ao que podia fazer mediante a justiça particular. Cidades de refúgio eram separadas, onde o caso podia ser apresentado aos anciãos. Se o réu fosse considerado assassino, era morto; porém, caso o homicídio fosse não-premeditado, ele ficava solto na cidade, embora não pudesse sair dela (Nm 35.9-34; Dt 4.41-43; 19.1-13). O santuário de Deus, quer o tabernáculo ou o templo, era também um lugar em que a pessoa podia ficar a salvo da vingança de sangue ao cometer um crime (Êx 21.12-14).
4. O rei não decretava a lei, de modo que não havia lei de estado. Embora fosse juiz (veja 2 Cr 17.9; 19.5-7), ele também tinha de ficar sujeito à lei.

A lei do Antigo Testamento era, de fato, um dom da graça de Deus.

Os juízes

Nos dias antes da monarquia, cada chefe tribal era um juiz (Js 7.19-26) e durante a época da anfictionia, havia juízes locais e até “itinerantes” a quem apelar (1 Sm 7.15-17; 12.3-5). A justiça, porém, geralmente permanecia nas mãos dos anciãos locais, que trata-

vam dos assuntos na porta da cidade (Am 5.10). Eles podiam pronunciar uma sentença de morte caso necessário e a execução era feita pelas testemunhas (Dt 21.18-21). Esse sistema local prevaleceu durante toda a história de Israel. O rei era sempre um “juiz de apelação” (2 Sm 12.1-6; 15.2-4; 1 Rs 3.16-18), e quando a tarefa se tornava grande demais, como aconteceu com Moisés, ele delegava parte do trabalho a juízes profissionais (Êx 18.13-27; Dt 16.18-20; 2 Cr 19.5-11).

Parece ter havido um tribunal em Jerusalém composto por sacerdotes, levitas, e os chefes de famílias, que tratava dos casos legais na cidade, mas também agia como corte de apelação. O sumo sacerdote presidia os assuntos religiosos e o chefe da casa de Judá, as questões civis. Esse pode ter sido o modelo para o Sinédrio, que encontramos nos dias do Novo Testamento (veja, por exemplo, At 4.5-7). Se o tribunal não conseguia tomar uma decisão, era pedido a Deus que decidisse (Êx 22.8). Isso podia significar uma maldição sobre a pessoa, julgamento pelo juízo de Deus (Nm 5.11-31), ou revelação pelo lançar de sortes (Js 7.14,15; Pv 18.18). Algumas vezes, as sortes sagradas, o Urim e o Tumim, presas no peitoral do sacerdote, eram provavelmente usados com esse propósito.

O império romano

O império romano foi um segundo período de grande importância para os povos das terras bíblicas. O nascimento de Jesus é claramente estabelecido nos dias dos romanos: “Naqueles dias, foi publicado um decreto de César Augusto, convocando toda a população do império para recensear-se. Este, o primeiro recenseamento, foi feito quando Quirino era governador da Síria” (Lc 2.1,2). Roma acabara de adquirir um imperador. Durante centenas de anos ela fora uma república, governada por um senado de indivíduos que haviam provado suas qualificações em cargos públicos. Dois magistrados principais eram eleitos para governar a república em base anual, depois do que voltavam ao Senado. Eles representavam os dois principais agrupamentos sociais do povo romano.

A medida que a república começou a expandir-se por meio de guerras e conquistas, os comandantes

O Império Romano nos dias de Cristo





Efígies do imperador Augusto (no alto) e do imperador Tibério (em baixo) cunhadas em moedas.

do exército, apoiados por suas tropas leais, se tornaram os homens mais poderosos da república.

Cerca de cinqüenta anos antes do nascimento de Jesus, três generais poderosos dominavam a política romana e o Senado não ousava desconsiderá-los — Pompeu (que, entre outras coisas, fora responsável por submeter o povo judeu ao domínio romano), Crasso e Júlio César. Era então inevitável que eclodisse um conflito pelo poder e uma guerra civil.

Júlio César foi o derradeiro vencedor e tornou-se o único governante. Antes de ser assassinado no tribunal, ele havia determinado que seu sobrinho Otávio tomasse o seu lugar. Houve novamente uma luta pelo poder entre os que apoiavam a república (e que haviam planejado a queda de Júlio César) e Otávio. Otávio (Otaviano) venceu e o povo, agradecido pela paz, concedeu-lhe o título de “Augusto” quando ele se tornou imperador.

Governo provincial

A fim de controlar o império, ficou combinado que Augusto deveria governar aquelas áreas onde havia inquietação entre o povo local ou uma ameaça de invasão externa. Esse plano foi feito porque o imperador tinha controle absoluto sobre o exército. Isso significava com efeito que ele governava mediante os comandantes do exército, ou legados, que mantinham seus cargos durante períodos de cinco anos. Quirino era um legado (Lc 2.21). No caso de áreas menores serem envolvidas, eram nomeados procuradores que prestavam contas aos legados. A Síria (que incluía a Judéia) estava sob o controle do imperador por haver muita inquietação entre o povo e porque os partos eram uma ameaça contínua na fronteira oriental do império. Nas províncias onde não havia esse risco, o Senado nomeava um procônsul (anteriormente um cônsul) a cada ano como governador.

Os reis-vassalos tinham permissão para governar em algumas regiões, se obedecessem à política romana. Herodes, o Grande, governou de 40 a.C. até 4 d.C. como rei-vassalo (Mt 2.1). Quando Herodes morreu, seu reino foi dividido entre seus filhos. A Galiléia e a Peréia passaram a ser governadas por Herodes Antípaso; Herodes Filipe recebeu a Ituréia e a Traconítide; e Arquelau governou Samaria, Judéia e Iduméia (Edom).



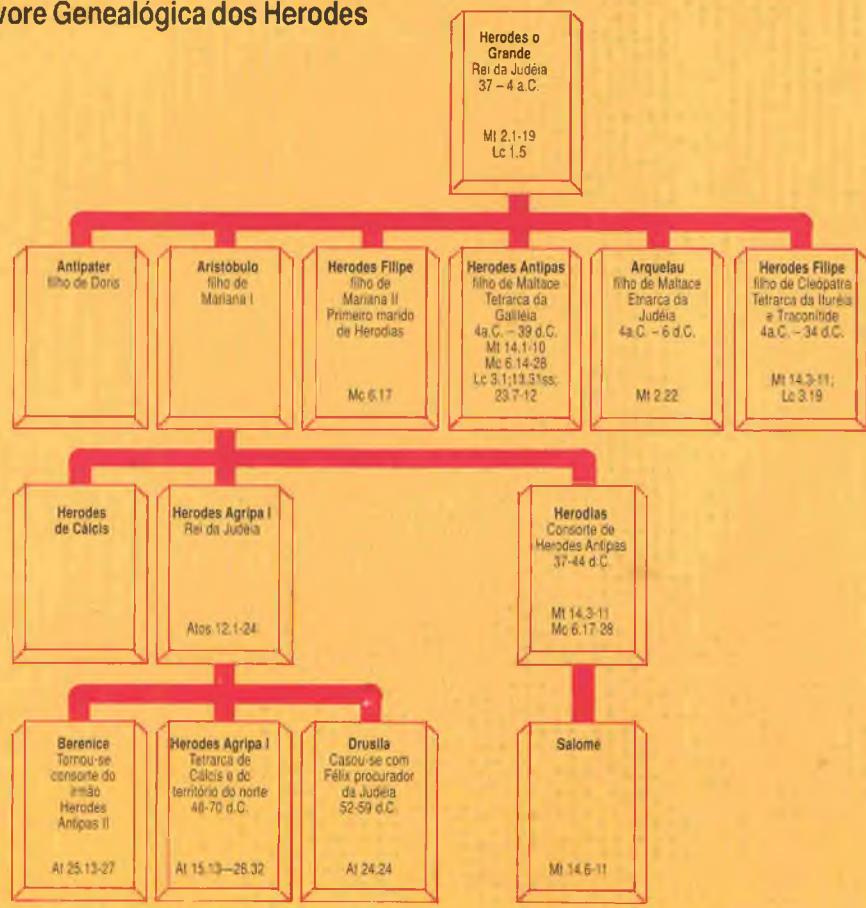
Colunas romanas de um prédio público em Cesaréia Marítima, capital da Palestina durante seiscentos anos.

Arquelau (Mt 2.22) não conseguiu manter a ordem e um procurador romano (inicialmente chamado prefeito) foi nomeado, ficando sujeito ao legado da Síria. Pôncio Pilatos foi o quinto procurador e controlou a região antes governada por Arquelau, mas não tinha jurisdição sobre a área da Galiléia e Peréia pertencente a Herodes Antipas (veja Lc 23.5,6).

Esse não foi o fim da interação entre a família dos Herodes e os procuradores romanos. Quando os Herodes, Filipe e Antipas, foram depostos, outro membro mais jovem da família, Herodes Agripa I, recebeu a Galiléia, Peréia, Ituréia e Traconítide. Em vista de Agripa I ter crescido na corte de Roma, foi-lhe permitido tornar-se rei dos judeus como seu avô Herodes, o Grande, e dominar também a área procuratorial. Tudo isso o tornou presunçoso e arrogante e, além de perseguir os primeiros cristãos (At 12.1-5), ele começou a imaginar que era um deus, e por causa dessa blasfêmia foi exterminado (At 12.20-23).

Seu filho, Herodes Agripa II, não teve o apadrinhamento de Roma como acontecera com o pai. Coube-lhe governar a Ituréia e Traconítide, mas os procuradores Félix (At 24.2) e Festo (At 24.27—25.1) toma-

Árvore Genealógica dos Herodes



A Cidadela, Jerusalém,
sítio do palácio de
Herodes.



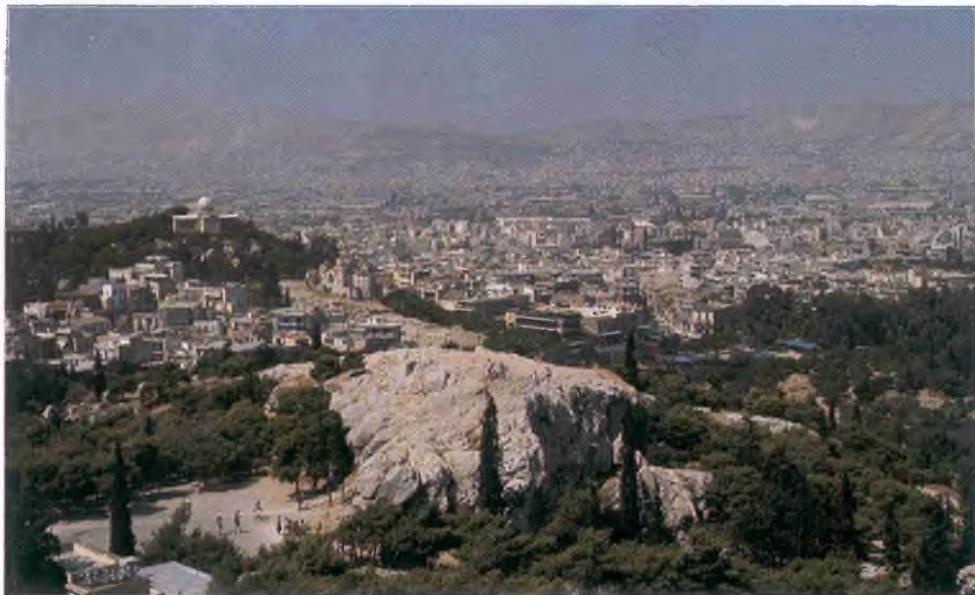
Governo da Palestina

Herodes, o Grande (40—4 a.C.)

Iduméia/Judéia/Samaria	Galiléia/Peréia	Iduméia/Traconítide
Arquelau (4 a.C.-6 d.C.)	Herodes Antipas (4 a.C.-39 d.C.)	Herodes Filipe (4 a.C.-34 d.C.)
Procuradores		
Copônio (6-9)		
Anfibulo (9-12)		
Anio Rufo (12-15)		
Valério Grato (15-26)		
Pôncio Pilatos (26-36)		
Marcelo (36-38)		
Mariilo (38-44)		
		Procurador (34)
		Herodes Agripa I Rei da Judéia 37-44
Procuradores		
Cúspio Fado (44-46)		
Tibério Alexandre (46-48)		
Ventidio Cumano (48-52)		
Antônio Félix (52-59)		
Pórcio Festo (59-61)		
		Herodes Agripa II Tetrarca de Cálcis e território do norte 48 — 70

ram o restante do país. Agripa II aparece como um especialista em assuntos judeus para ajudar Festo a resolver a situação de Paulo (At 25.13-27).

Havia também no império algumas províncias pacíficas. Essas eram governadas por dois magistrados com a qualificação de procônsul, estabelecidos no centro da província. Eles prestavam contas diretamente ao Senado. Os procônsules de Filipos queriam que Paulo e Silas saíssem da província quando descobriram que Paulo, um cidadão romano, fora muito maltratado (At 16.35). O escrivão de Éfeso ficou perturbado, com medo que o alvoroço na cidade em reação a Paulo pudesse causar problemas e, portanto, encorajou Demétrio e os artífices a entrarem com uma ação legal diante dos procônsules (At 19.38), que eram os magistrados.



Atenas. A elevação rochosa em primeiro plano era conhecida nos dias de Paulo como "Areópago".

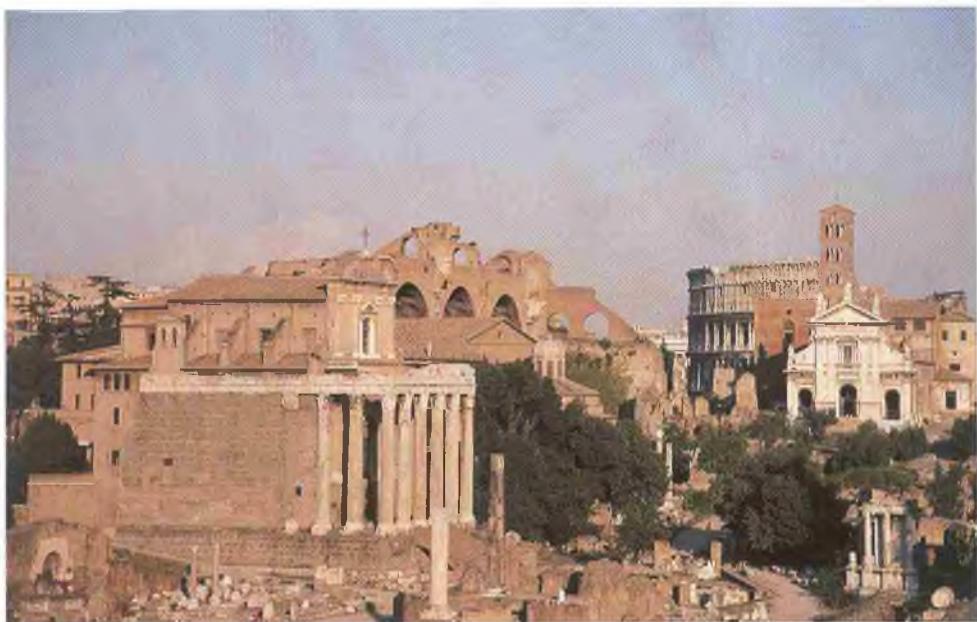
Algumas cidades de grande importância, como Atenas, tinham permissão para estabelecer seu próprio governo e ficar isentas de impostos, desde que mantivessem a paz. Em Atenas, foi formado um “comitê de educação” como parte da organização da cidade. Paulo teve de explicar seus ensinamentos a esse “Areópago”, como era chamado. Quando era prudente, por razões religiosas, conceder alguma forma de autogoverno, os romanos permitiam isso. Até mesmo na Judéia, onde havia quase sempre probabilidade de inquietação, os judeus tiveram permissão para manter um conselho administrativo do Sinédrio, que tratava das questões religiosas (Mt 27.1; At 4.5-21; 5.21-41).

Embora o governo romano fosse opressivo, ele também introduzia benefícios. A lei e a ordem eram impostas, os soldados agindo como força policial em tempos de paz (Mt 27.65). Eles serviam às vezes para acalmar motins e castigar a população local (Pilatos foi chamado de volta à Roma porque usou tropas para massacrar uma reunião religiosa em Samaria); mas, por outro lado, as tropas tornavam as viagens muito mais seguras ao livrar a zona rural dos bandidos e o mar dos piratas.

As estradas romanas, que foram descritas antes neste livro, tornaram as viagens muito mais rápidas e

A Palestina nos dias de Cristo





O Foro de Roma. O Coliseu pode ser visto ao fundo.

fáceis. Grande número de pessoas apreciava os prédios, diversões e suprimento de água. A cidadania romana conferia numerosos privilégios, um dos quais era não haver punição sem julgamento prévio (veja At 16.38). Os nascidos em Roma eram originalmente os únicos cidadãos, mas a cidadania foi estendida para incluir os que prestavam serviços relevantes ao império, e eles podiam transmitir esses privilégios aos filhos. No decorrer do tempo, quando o império precisava de dinheiro, a cidadania passou a ser vendida para aqueles que estavam dispostos a pagar o preço.

Leia agora a sua Bíblia

Uma lei para a sociedade

Levítico 4.22-31; 19.10; 23.22.

Levítico 4 é um exemplo de uma lei que não foi aplicada imediatamente à sociedade contemporânea porque na vida do clã das pessoas envolvidas no Éxodo não havia tais distinções sociais. Levítico 19 e 23 foram escritos antes dos judeus possuírem campos e vinhedos. É comum ler em muitos livros sobre o texto do Antigo Testamento que tais leis pertenciam na verdade a um período posterior da história de Israel e foram "associadas" a esse período. Eu prefiro crer que Deus preparou o desenvolvimento da sociedade dando leis antecipadas.

É interessante comparar as leis em Éxodo 20 com as de Deuteronômio e depois com as de Levítico, porque elas correspondem a três períodos sucessivos de desenvolvimento na história dos judeus. As leis sobre a liberdade de um escravo são interessantes a esse respeito. Em Deuteronômio 15.12-18, os escravos deviam ser libertados após sete anos e quando o rei Zedequias não alforriou seus escravos, Jeremias mandou que lesse esta lei do sétimo ano (Jr 34.8-14). A lei em Levítico 25.40 parece ser para um período posterior, porque os termos curtos não deram resultado para a escravidão. Jeremias não a citou como apropriada para o seu tempo.

Davi era Elanã?

2 Samuel 21.19. Elanã, filho de um belemita, matou Golias, o geteu, de cuja lança era a haste como órgão de tecelão. Isto é tão semelhante a Davi, filho de um efrateu de Belém que matou Golias de Gate, cuja lança

era como o órgão de tecelão (1 Sm 17.7), que alguns ficam se perguntando se Davi foi o nome que ele recebeu na coroação e Elanã seu nome de nascimento.

Abrindo e fechando

Isaias 22.22. Esse verso descreve a autoridade do mordomo do palácio. Eliaquim receberia a chave da casa de Davi e o que ele abrisse ninguém mais poderia fechar, e o que fechasse ninguém mais poderia abrir. Essas palavras são usadas a respeito de Cristo em Apocalipse 3.7, porque Cristo tem tal autoridade no reino dos céus. Isto é muito diferente do que Jesus diz a Pedro em Mateus 16.19. A autoridade para ligar e desligar dada a Pedro foi também concedida aos outros discípulos (Mt 18.18). Quando a pessoa age de acordo com a Palavra de Deus, pode ser dito que foi ligada ou desligada por alguém que conhece essa Palavra.

Direitos de cidadania

Atos 22.25-29. Quando Paulo foi preso, houve uma tentativa de açoitá-lo e os oficiais temeram ao saber que ele era cidadão romano, porque tal tratamento de um cidadão era contrário à lei. O tribuno, que estava no comando da unidade em Jerusalém, havia aparentemente comprado seu direito de cidadania numa ocasião em que o mesmo estava à venda. Se Paulo nascera livre e viera da Cilícia, seu pai deveria ter provavelmente prestado algum serviço para a república (não o império) pelo qual a cidadania fora conferida a ele e à sua família.

Guerras

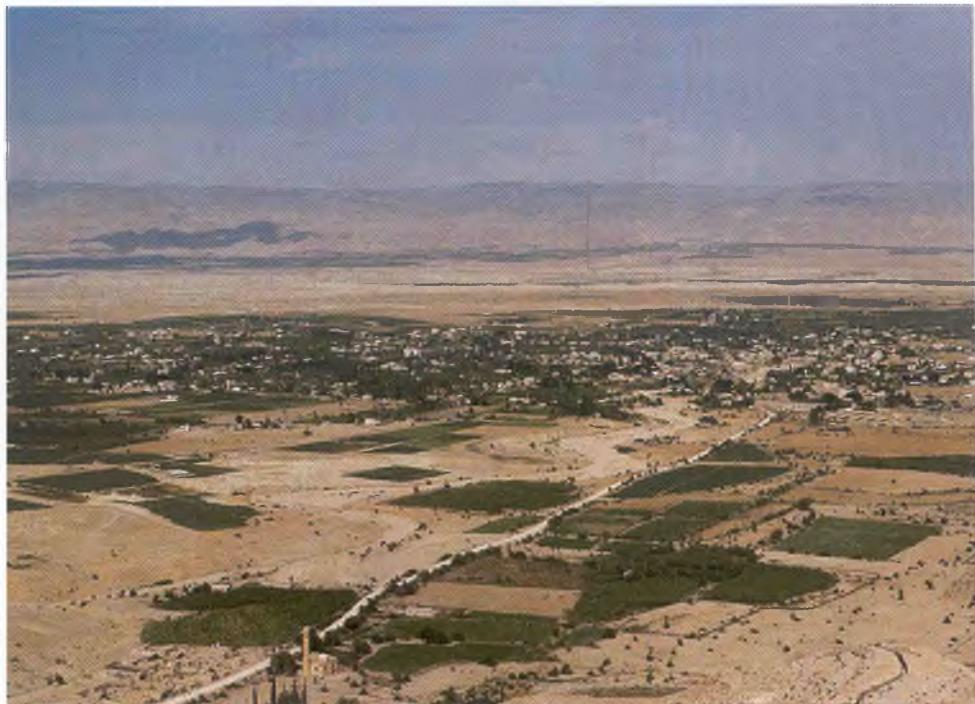
As guerras são empreendimentos dispendiosos. Quando as tropas ficam longe do seu país, há perda de mão-de-obra. As armas, uniformes, mantimentos e outras necessidades de um exército têm de ser pagos. Não é possível envolver-se numa guerra longa, nem um rei pode ter um grande exército até que haja fundos para financiar essa empreitada. Havia recursos para o povo judeu nos dias de Salomão e foi só durante esse período que a nação teve um exército organizado, que incluía carros e talvez cavalaria. Em outras ocasiões, outros meios tinham de ser encontrados para entrar em guerra. Quando o povo judeu não encontrava esses meios, ele ficava sujeito às nações mais poderosas que tinham recursos para manter um grande exército — e, ao pagar “tributo”, eles na verdade ajudavam a prover os recursos para essas nações.

Antes da monarquia

No período que antecedeu a monarquia, todo homem capaz tinha de pegar em armas. Isto se aplicava aos dias de Abraão. Quando seu sobrinho Ló foi apreendido, Abraão levou 318 homens de sua família e mediante surpresa e ataque noturno conseguiu resgatar Ló e apossar-se de grande quantidade de bens materiais (Gn 14.14-16).

O mesmo processo funcionou na época dos Juízes, mas o “juiz” podia convocar todos os homens capazes de mais de vinte anos para juntar-se a ele na operação. Quando Débora e Baraque resistiram aos cananeus, eles requisitaram pessoas das tribos de Efraim, Benjamim, Zebulom, Issacar, Rúben, Dá, Aser e Naftali (Jz 5.14-18), e só os homens de Meroz não responderam (Jz 5.23). As tribos de Simeão e Judá não foram chamadas nessa ocasião.

Por outro lado, Saul reuniu os exércitos de todas as tribos, cortando dois bois em doze pedaços (1 Sm



**O verde de Jericó
contrasta com o bege
poeirento do deserto em
seus arredores.**

11.7). Nessa ocasião eles lutaram para libertar Jabes-Gileade (1 Sm 11.1-2). Lutar era um dever religioso. Durante esse período não havia exército regular; não eram praticamente realizados treinamentos e o número de armas disponíveis era muito pequeno. Está claro que os judeus acreditavam que Deus se achava do seu lado. Ele era o Senhor dos Exércitos (1 Sm 15.2), o Senhor dos Exércitos de Israel (1 Sm 17.26), mas não alcançava vitórias por meio de exércitos grandes e bem equipados.

Espiões foram enviados a Jericó e eles encontraram uma aliada em Raabe (Js 2.1-7). A cidade foi capturada depois de uma dedicação ritual da cidade a Deus, que havia aterrorizado os habitantes (Js 6.1-5). Os muros podem ter sido derrubados por um terremoto provocado por Deus. Aí não pôde ser tomada por um ataque frontal, mas rendeu-se quando seus defensores foram atraídos para lutar fora da cidade, e os homens de Josué prepararam uma emboscada e incendiaram a cidade (Js 8). Os cananeus entraram em pânico por causa de um ataque-surpresa e foram dizimados com uma forte saraivada (Js 10.9-11). Numa época em que os judeus não tinham car-

ros para enfrentar os cananeus, os carros destes ficaram inutilizados quando as rodas atolaram na lama espessa formada pela enchente do rio Quisom (Jz 5.21). Gideão derrotou os midianitas desmoralizados (Jz 7.21) com um ataque inesperado de seus leais companheiros no meio da noite (Jz 7.19,20). Tais táticas eram típicas da milícia israelita quando não havia ainda um exército organizado.

O exército de Saul e Davi

O desenvolvimento do exército teve lugar entre os períodos de Saul e Salomão. Saul reuniu homens valentes ao seu redor para sua guarda pessoal (1 Sm 14.17) e esse foi o começo de um grupo de partidários profissionais. Foi nessa base que o próprio Davi se juntou a Saul (1 Sm 18.2); e, depois da morte de Golias, a proeza de Davi levou Saul a indagar se havia outros em sua família que tivessem habilidade similar (1 Sm 17.57,58). Não havia suprimentos adequados para o exército naqueles dias. Eles eram acudidos pelas famílias dos soldados (1 Sm 17.17,18) ou eram ajudados pelos moradores da terra (1 Sm 25.18,19).

A guarda pessoal de Davi era maior e mais desenvolvida. Enquanto fugia do rei Saul, um grupo grande, de várias centenas de homens, se juntou a ele e veio a tornar-se um exército particular. Havia seiscentos deles no grupo e trinta constituíram um núcleo íntimo de oficiais (veja 2 Sm 23.8-39). Abisai era o chefe (v.18), Joabe, o comandante do exército (2 Sm 20.23) e Benaia, comandante da guarda pessoal (2 Sm 23.23; cf. 20.23). Na condição de exército privado eles aterrorizaram a zona rural quando Davi estava no exílio em Ziclague (1 Sm 27.8-12) e se tornaram o começo de um exército organizado quando Davi se tornou rei (veja 1 Cr 27.1-15 e compare os nomes com 2 Sm 23.24-39).

Além dos especialistas do exército, formou-se um “exército territorial” suplementar, recrutado dentre as tribos em base de rodízio. Embora Davi fosse servido pelos especialistas (1 Cr 12.2,8,32-33) e embora tivesse começado a usar suas tropas em confrontos diretos com o inimigo (2 Sm 8; 10.9-19), sua força militar não era assim tão grande. Ele só teve necessidade de manter cerca de cem cavalos, quando houve oportunidade, como base para um grupo de carros

de guerra (2 Sm 8.4). Com a ajuda do exército ele estendeu consideravelmente o reino e, como resultado, pôde incorporar mercenários estrangeiros em sua guarda pessoal. Os quereneus e peletitas eram da Filístia. O desejo de verificar a sua verdadeira força é que provavelmente levou Davi a desejar o recenseamento, com tão desastrosas consequências (2 Sm 24; especialmente o v.2).

O exército de Salomão

Foi Salomão quem formou um exército profissional, pois mediante impostos e comércio ele conseguiu acumular riquezas suficientes para pagar por ele (1 Rs 10.25-27). Em tempos de emergência nacional o exército regular era completado por conscritos. Os oficiais de recrutamento visitavam as tribos em tais ocasiões e continuaram em atividade até bem mais tarde (2 Rs 25.18; 2 Cr 11.1). Salomão construiu também cidades fortificadas, a fim de proteger as principais estradas que davam entrada para o reino ou passavam por ele, providenciou também unidades de carros para defender as cidades (2 Cr 1.14).

A cidadela de Arade foi parcialmente reconstruída. Salomão a fortificou como uma de suas fortalezas.



Várias regras de recrutamento foram estabelecidas em Deuteronômio 20.5-9. As pessoas que haviam construído uma casa, mas não haviam ainda passado pela cerimônia de dedicação; aqueles que não haviam ainda feito a primeira colheita numa vinha; os que estavam para se casar; os que haviam perdido o entusiasmo pela guerra (os idosos?) ficavam isentos. Não se tratava simplesmente de tratamento humano, mas de uma convicção religiosa da época que obrigava a pessoa a completar todos os empreendimentos começados.

À medida que a riqueza do reino declinou depois de Salomão, tornou-se cada vez mais difícil mandar um exército profissional para o campo de batalha. Perto do fim da monarquia e nos dias dos macabeus, o exército judeu reverteu à categoria de milícia e nos dias do Novo Testamento simplesmente não havia exército. Os judeus tiveram sucesso nos montes, onde as táticas de surpresa e luta corpo-a-corpo eram viáveis, mas eles eram muito mais fracos nas planícies, onde os inimigos lutavam com unidades de carros. O Deus de Israel foi (incorretamente) reconhecido como Deus dos montes e não das planícies (1 Rs 20.23).

O soldado de infantaria

Durante o apogeu e a queda do exército judeu, a infantaria era o seu coração e sua base. As armas dos soldados eram importantíssimas. Os nomes das armas constam da Bíblia, mas não é fácil identificá-las.

Os combatentes usavam uma armadura protetora. Os assírios tinham elmos pontudos, cobrindo as orelhas. As cotas de malha consistiam de escamas de metal costuradas numa túnica. O capacete e a armadura de Saul eram provavelmente únicos na época, usados por ele por ser rei. Não era incomum ver um soldado com apenas uma arma, talvez uma funda. Saul ficou ansioso para proteger Davi com a couraça porque era costume que os campeões decidissem o resultado da luta, em vez de se travar uma batalha geral em que a maioria dos inimigos seria mutilada ou morta. Saul não queria correr riscos (1 Sm 17.38-40).

Os escudos eram redondos, feitos de couro esticado sobre uma estrutura de madeira. Era necessário lubrificar o couro para impedir que rachasse (2 Sm 1.21). Como armas, a infantaria usava uma espada curta (pra-



Várias armas de metal datadas da Idade do Bronze, incluindo uma espada curta, pontas de lança e uma lâmina de machado.

ticamente um punhal ou adaga), que ficava numa bainha do lado esquerdo do corpo, e uma lança (1 Sm 18.10,11). Uma lança menor era também usada. Parece ter sido uma arma curta e pontuda para a luta corpo-a-corpo (Nm 25.7,8; 2 Cr 11.12).

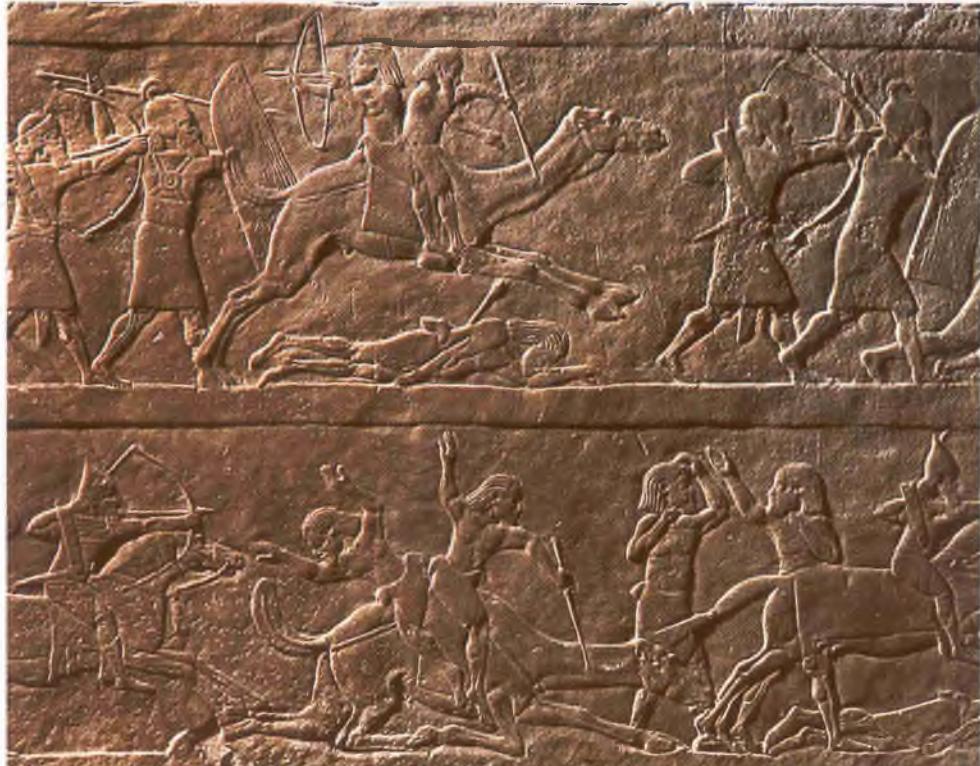
Havia soldados especializados que sabiam usar fundas. As fundas eram armas poderosas quando as pedras — como pequenas laranjas — eram atiradas com precisão e força devastadoras (Jz 20.16; 2 Rs 3.25). Os arqueiros eram também especialistas. Pontas de metal, achataadas, ou com três ou quatro bárbulas, algumas vezes com farpas, para que não pudesse ser removidas de um ferimento, eram fixadas a setas de madeira. Os primeiros arcos quase não passavam de pedaços de madeira flexível, com as duas extremidades ligadas por uma tira de tripa seca de cabra; mas, nos dias em que os assírios dominavam, os arcos eram feitos de uma combinação de madeira laminada e chifres, que davam às flechas grande poder de penetração. Esses arcos eram dispendiosos demais para muitas nações e isso resultou na superioridade do exército assírio.

Carros

O carro foi inventado a princípio como um meio de transporte para o arqueiro que podia então mover-se com liberdade. Era um veículo de madeira leve com chão de cordas e possuía bolsos para as flechas, presos à parte interna da estrutura. Os cavalos eram atrelados ao carro, e um terceiro cavalo (avulso) corria livremente ao lado dele (veja 1 Rs 22.34). O arco se tornou uma arma-chave de defesa como proteção de uma cidade (veja 2 Sm 11.20) e, como consequência, os assírios passaram a usar enormes escudos de madeira para proteção dos seus arqueiros. As “máquinas para atirar flechas e pedras” dos muros de Jerusalém, feitas pelo rei Uzias, eram escudos similares que protegiam os arqueiros nos muros de defesa (2 Cr 26.14,15).

Armas foram também desenvolvidas durante esse período para os combates no mar, embora isso não envolvesse o povo judeu. Os egípcios, filisteus, fenícios, gregos e romanos construíram navios de guerra. Cidades foram construídas especialmente para resistir aos cercos e isto já foi descrito na pág.187. À

Os assírios lutam contra guerreiros árabes. Relevo assírio de c. 645 a.C.





Assírios capturam uma cidade, usando máquinas para fazer o cerco, escadas para escalar muros e arqueiros. Relevo assírio c. 730 a.C.

medida que as cidades se tornaram mais fortes, os exércitos passaram a usar unidades de engenharia de modo a cavar túneis por baixo dos muros, a fim de enfraquecer as fundações, os portões podiam ser incendiados e os muros de pedra calcária reduzidos a pó com o forte calor gerado pelo fogo aceso junto deles. Aríetes foram usados para quebrar a alvenaria. Um aríete pesado era suspenso dentro de uma estrutura de madeira e puxado para trás e para cima, de modo que ao ser libertado sua cabeça de metal batia com toda força contra o muro.

Enquanto isso, os defensores usavam todos os meios possíveis para deter os engenheiros, atirando sobre eles pesadas pedras, líquidos em ebulição e tições acesos. Se o muro não resistisse, a infantaria tomava a cidade; se os arqueiros nos muros pudessem ser postos fora de ação um por um, até que não restasse qualquer deles, os muros poderiam ser escalados por meio de escadas. Uma unidade de sinalização eraposta em atividade durante o cerco. Existem registros de tais sinais durante o sitiode Israel pelos assírios (Jr 6.1 talvez seja uma referência a isso). Ezequiel tinha familiaridade com o cerco durante uma guerra (Ez 4.1-3; 26.9,10).

Campanhas

A guerra era geralmente iniciada numa época em que havia alimento suficiente para viver dos produtos da terra e quando as condições atmosféricas tornavam a mesma possível (2 Sm 11.1). No que se refere ao exército judeu, a unidade de “administração” central (Nm 2.17) era rodeada por quatro divisões (Nm 2) e precedida por uma guarda avançada.

Não havia “declaração de guerra”. A batalha começava no momento em que um exército entrava no território do outro. Os oponentes faziam então uma “conferência”. O invasor prometia preservar a vida dos defensores da cidade em troca do seu serviço e algumas vezes eram apresentadas também condições. Se os defensores se rendessem, eles eram escravizados ou forçados a pagar pela sua proteção. Se o exército defensor recusasse os termos do inimigo, o ataque à cidade começava. Os suprimentos de água eram cortados se fosse possível, e os suprimentos de alimento bloqueados mediante um cerco completo da cidade, algumas vezes com muros de sitiio. O exército invasor tinha às vezes de retirar-se quando as sortidas da cidade davam bom resultado (Jz 20.30,31), por causa de doenças e morte (causadas por Deus) no acampamento inimigo (2 Rs 19.35,36), ou por receberem ajuda de outros (2 Rs 24.7). O tempo podia mostrar-se também tão mau que o exército atacante era obrigado a retirar-se até uma outra ocasião.

Se a guerra pelo cerco tivesse êxito, as mulheres e crianças eram escravizadas, todos os homens mortos, a cidade era saqueada para pagar os soldados e depois queimada até nada restar dela. Os assírios eram particularmente cruéis nesse respeito. Os homens mais importantes da cidade derrotada eram levados às portas para serem torturados, cegos e queimados vivos. Os escribas contavam o número de mortos pelas cabeças cortadas que recebiam para controle.

Guerra e religião

Não era possível separar a guerra da religião. A ligação das duas coisas era evidente em muitos aspectos da prática militar. Para os judeus, Deus era o Senhor dos Exércitos que ia adiante deles para a batalha (Êx 15.3; Jz 4.14; 1 Sm 17.45; Is 42.13). Havia um “Livro das Guerras do Senhor” sagrado (Nm 21.14). Antes de ir

para a guerra os homens tinham de manter-se ritualmente puros, nem sequer praticando o sexo (2 Sm 11.11). Leis de saúde física faziam parte dos mandamentos relativos à impureza ceremonial, mas existiam também outras leis em operação (Dt 13.13,14).

Uma campanha militar começava com um ato de adoração (1 Rs 8.44) e uma resposta dos membros das forças armadas (Sl 20). Os profetas declaravam ao comandante do exército exatamente o que ele devia fazer (veja 1 Rs 20.13-30) e qual seria o resultado da batalha (Jz 20.27,28), e davam também conselhos quando necessário (2 Rs 6.8-10). O grito de guerra era espiritual (Jz 7.18).

Ficava entendido que a vitória era de Deus e todos os despojos da batalha pertenciam a Deus. Eles eram queimados ou mortos como oferta a Deus, à medida que as cidades eram colocadas “sob a maldição” ou “sob anátema”, termos que indicavam a oferta ritual a Deus. Qualquer pessoa que quebrasse a maldição se tornava amaldiçoada (Js 7). Deus nem sempre tomava tudo; algumas vezes Ele permitia a divisão dos despojos (Js 8.27); Ele nem sempre ordenava a morte de uma população. Seu decreto concernente a um povo dependia do grau de perversidade dele (Gn 15.16). A santidade da campanha era tal que se os judeus se voltassem contra Deus, o Senhor usava então outros para colocar os judeus “sob anátema” (Is 10.5,6; Hc 1.5-11) e até lutava contra o seu próprio povo (Jr 21.5-7).

O exército romano

O exército romano é também de grande importância na Bíblia, pois foi este exército que finalmente venceu o povo judeu, dispersando-o de modo a não poderem voltar para a sua terra durante dois mil anos. O povo do Novo Testamento tinha tanta familiaridade com o soldado romano que ilustrações e metáforas da vida militar eram freqüentemente usadas. Efésios 6.13-17 usa partes da armadura do soldado romano para mostrar como o cristão deve defender-se. Colossenses 2.15 vê Jesus guiando “em triunfo” pelas ruas, para demonstrar sua vitória sobre os poderes do mal. 2 Timóteo 2.3,4 lembra o jovem ministro que ele não deve misturar o seu chamado com os “negócios desta vida”.



Rélicas de uma máquina para o cerco romano e uma catapulta, perto de Masada.

Cesaréia era a base principal do exército romano na Judéia. A cidade fora construída por Herodes, o Grande, para os romanos, pois havia um porto natural ao sul do Monte Carmelo. Destacamentos de soldados de Cesaréia estavam geralmente de plantão em Jerusalém, estacionados no Castelo Antônio. Os nativos tinham muitas vezes de incorporar-se ao exército; porém, os judeus foram isentos em vista de o serviço militar envolver a adoração e a obrigação religiosa (Augusto foi reconhecido como deus após sua morte, mas Calígula se julgava uma divindade enquanto ainda vivo) e porque era preciso portar armas todo o tempo (inclusive no sábado). Portanto, o exército da Judéia consistia de tropas italianas e sírias, comandadas por oficiais romanos.

Não havia dificuldade nos recrutamentos, pois os salários, aumentados pelos impostos locais, eram razoáveis — um denário por dia — a alimentação também era razoável — 900g por dia — e ao aposentar-se, cada soldado recebia um lote de terra, geralmente perto das fronteiras do império, onde sua experiência seria de extremo valor no caso de invasão.

Centurião romano (em primeiro plano) e soldado legionário. Note as duas espadas e a lança do legionário, assim como o seu enorme escudo.



As legiões se compunham de cerca de seis mil homens, sob as ordens de um legado (ex-senador) nos dias do Novo Testamento. Havia dez divisões (coortes) de aproximadamente seiscentos homens sujeitos aos tribunos militares (veja At 22.24-29). Cada divisão era formada por três subdivisões (ou unidades, “*maniples*”), que por sua vez se dividiam em duas centúrias, cada uma sob o comando de um centurião. Quatro legiões (a terceira, sexta, décima e décima-segunda) ficavam baseadas nesta área. Os centuriões eram sempre escolhidos entre os romanos estáveis e confiáveis, e que haviam demonstrado sua coragem e maturidade. Havia 59 centuriões em uma legião e eles parecem ter sido respeitados pelos escritores do Novo Testamento (veja Mt 8.8,9; At 10.1; 27.43).

Além das unidades de infantaria, cada legião tinha suas tropas especializadas: engenheiros, arqueiros, soldados de cavalaria, oficiais médicos. Cada centúria possuía seu próprio trombeteiro, ordenança e porta-bandeira. Os porta-bandeira carregavam no geral símbolos pagãos e, em consequência, os judeus e os ro-



Torso de um homem usando a armadura protetora dos romanos.

manos fizeram um acordo para que eles não saíssem de Cesaréia. Em certa ocasião, Pilatos permitira que entrassem no templo, e no motim que se seguiu uma torre despencou e várias pessoas morreram (veja Lc 13.4). O porta-bandeira era considerado uma pessoa especial entre os oficiais.

Na batalha, as subdivisões de 60 ou 120 homens (“*maniples*”) eram reconhecidas como a unidade de luta, sendo usadas segundo as exigências de cada campo de batalha. Além da armadura protetora listada em Efésios 6, o soldado portava uma adaga de cerca de 23cm de comprimento, que servia de ferramenta quando necessário; uma espada maior, de dois gumes com cerca de 60cm de comprimento e mantida numa bainha pendurada na cintura; e uma lança com pouco mais de 2m de comprimento. Essa tinha uma cabeça de aço com a ponta aguçada para furar os escudos e uma farpa para impedir a sua remoção; sendo atirada antes do contato corpo-a-corpo.

Os romanos também construíram armas formidáveis para sitiар as cidades. A catapulta atirava dardos ou lanças sobre o muro, os quais caíam do lado de dentro da cidade. A “balista” podia lançar pedras pesadas até cerca de 700m de distância e o onagro atirava pedras mais leves a cerca de 400m de distância.

Além do exército regular, havia guardas pretorianos, originalmente comandados pelos pretores, magistrados um nível abaixo dos cônsules (veja Fp 1.13). Eles haviam sido designados como guarda-costas do imperador e tinham padrões especiais próprios, recebendo o dobro do soldado raso.

Leia agora a sua Bíblia

Grandes perdas militares

Amós 5.3. Embora houvesse um exército regular nos dias de Amós, o recrutamento de oficiais ainda continuava em ocasiões de emergência nacional e alistava noventa por cento dos homens capazes. O ponto dessa passagem é que os exércitos deveriam ser totalmente destruídos de modo que ninguém voltasse para casa.

Números

Problemas surgem na compreensão dos números em conexão com grupos de pessoas na Bíblia. Juízes 20.17 diz que 400.000 homens marcharam contra Benjamim, mas Juízes 5.8 diz que 40.000 era o maior número que podia ser levantado juntando todas as tribos. O número menor se ajusta aos que foram para a batalha em Jericó (Js 4.13). Quando Davi fez o recenseamento militar (2 Sm 24.1-9), 800.000 homens estavam disponíveis em Israel e 500.000 em Judá, mas muitos anos mais tarde só havia 60.000 cabeças de famílias suficientemente prósperos para pagar impostos (2 Rs 15.19,20), o que daria uma população total de aproximadamente 800.000.

A disparidade nos números pode ser devida ao fato de ainda não compreendermos o sistema de numeração. Às vezes acontece que uma determinada palavra pode representar um número ou pode ter um significado inteiramente diverso. É possível que "cinquenta", "cem" e "mil" se refiram a

unidades numa organização, e não a esses números em si. Temos de esperar até termos condições de compreender perfeitamente esses pontos.

Lazer

Não havia muito tempo para o lazer na antigüidade, mas os ricos tinham algum tempo e dinheiro para se distrair. As crianças, como sempre, inventavam jogos e se divertiam com brinquedos simples. Havia também um elemento de lazer na religião do povo judeu. Os sábados eram para descontração e repouso, e as festas religiosas produziam entusiasmo e estímulo em todos. A religião, no entanto, não permitia a busca do lazer em si. Jogos e atividades de lazer eram considerados apenas como um meio de moldar os corpos e as mentes.

Jogos

As crianças geralmente jogavam ao ar livre, porque o interior das casas era escuro. Embora os jogos fora de casa e os brinquedos predominassem, elas também brincavam dentro de casa. Os jogos externos incluíam amarelinha, corridas e o uso do arco e flecha no alvo e

Dois soldados jogando dados.



à distância (1 Sm 20.20,21; Lm 3.12), atirar pedras num poço, atirar bolas de gude através de três arcos e jogos de bola (atirar e pegar e truques).

As crianças parecem ter brincado com chocalhos feitos de caixas de cerâmica, contendo pedaços de peças quebradas de barro e perfurações para que o som saísse ao serem sacudidas. Outros chocalhos eram feitos em forma de bonecas e pássaros. Eram bem pesados e alguns acreditam, portanto, que seriam geralmente utilizados para acompanhar músicas ou na adoração.

Jogos de tabuleiro de vários tipos estavam também em uso. Um dos mais antigos jogos conhecidos é o chamado Jogo Real de Ur, usado por volta de 1800 a.C. Outro tabuleiro foi encontrado com três fileiras de quatro quadrados em cima e embaixo, e doze quadrados no centro. Outro, com 58 orifícios arranjados ao redor de uma forma semelhante a um violino foi descoberto em Megido. Cada quinto orifício era especial, cercado por um medalhão de ouro. Outros tabuleiros indicam que algo como xadrez ou damas era jogado, e a "Mancala" era comum. A maioria dos jogos de tabuleiro parece ter sido jogada com dados — seja um dado de dois lados na forma de disco ou um dado de quatro lados na forma de pirâmide.

Embora dados estivessem em uso, nenhuma forma de jogo era permitida entre o povo judeu. Isso pode

Dado de Dã, norte de Israel



ter resultado do sentimento de que os dados eram sagrados de alguma forma. O sumo sacerdote usava dois discos, pretos de um lado e brancos do outro, sacudidos no bolso ou no peitoral para discernir a vontade de Deus (Êx 28.30; 1 Sm 28.6). Eles eram usados para descobrir o indivíduo culpado (Js 7.16-21), e nos dias do Novo Testamento a pessoa que substituiu Judas Iscariotes como um dos Doze foi escolhida lançando sortes (At 1.26). Pode ser, porém, que houvesse uma reação inata contra a cobiça, que faz parte do jogo. Nenhum jogador podia testemunhar no tribunal; supunha-se que não fosse confiável. Os jogos eram praticados por outros. Enquanto Jesus pendia da cruz, os soldados jogaram para ver quem ficava com a sua túnica sem costura (Jo 19.24).

Mais significativo era um jogo chamado “Basileu”, ou “Rei”. Um pedaço de pau (pino de boliche) era movido em volta de marcas no chão, de acordo com os números nos dados. Quando o pedaço de madeira se movia para os lugares apropriados (colocar os trajes cerimoniais, coroar, receber o cetro), a pessoa que fazia o último lance gritava, “Rei!” e recolhia as apostas feitas pelos seus companheiros. De acordo com Mateus 27.27-31, fica claro que os soldados no Castelo Antônio jogaram “Rei” com Jesus, substituindo-o pelo pino de madeira e usando o manto de um soldado, uma vara e uma coroa de espinhos para zombar dEle. (Marcas para esse jogo podem ser vistas até hoje nas pedras do calçamento de Gabatá, em Jerusalém.)

Fora da comunidade judaica, as meninas brincavam com bonecas. Os corpos eram algumas vezes feitos de cerâmica, e o cabelo de contas e barro. Algumas bonecas encontradas têm orifícios em alguns pontos-chave dos membros, o que faz pensar que fossem usadas como marionetes. Mobílias de barro e casas de boneca foram também achadas.

Foram descobertos no Egito brinquedos de madeira, para serem puxados. Esses brinquedos não eram encontrados nas comunidades judaicas porque eles acreditavam que infringia o mandamento que proibia imagens esculpidas ou qualquer semelhança. Jogos de “imitação” eram, porém, freqüentemente jogados. Jesus descreveu as crianças de sua época brincando de casamentos e funerais na praça do mercado (Lc 7.32).

Jardins

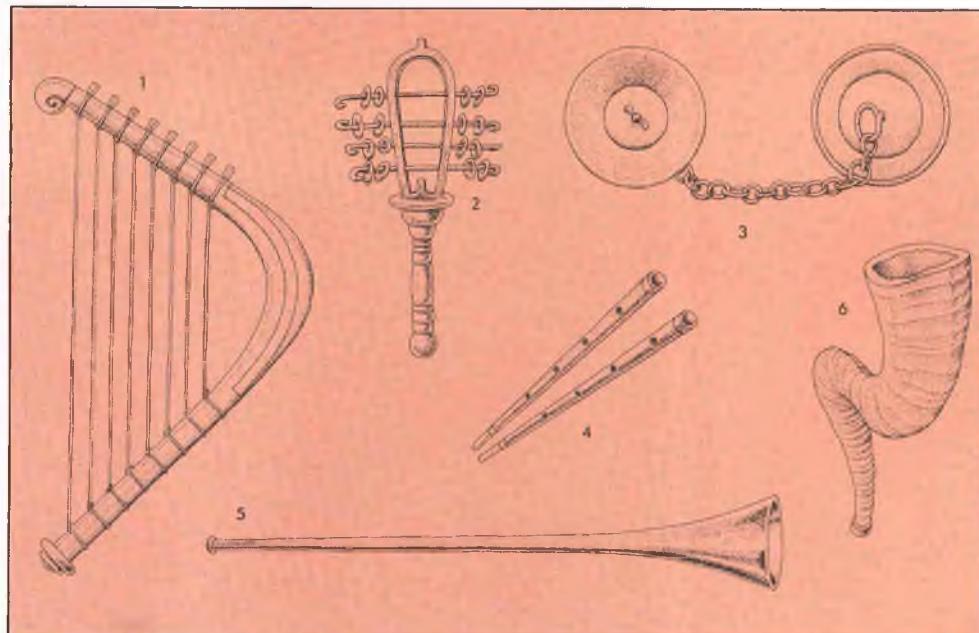
Os pais parecem ter apreciado diversões mais brandas. O povo judeu gostava de jardins, mas só os muito ricos os possuíam. Quando existiam nas aldeias, os jardins (pomares) tinham de prover comida e bebida para o seu proprietário (Ct 4.13; 6.11). Os ricos tinham condições de plantar jardins nos pátios, dentro da cidade; se isso não fosse possível, faziam jardins fora dos muros da cidade onde pudessem ir na fresca da tarde.

Não havia apenas um jardim de Getsêmani, mas vários deles, onde os cidadãos abonados de Jerusalém costumavam ir à tardinha, na parte mais baixa das encostas do Monte das Oliveiras. O jardim descrito nas últimas horas da vida de Jesus pode muito bem ter pertencido a José de Arimatéia, que também preparou um túmulo num jardim (Jo 19.38-41).

A realeza tinha condições de possuir jardins esplêndidos para lazer. Os jardins eram também uma característica da Babilônia (Et 7.8) e de Roma. A fim de suprir tanques e fontes ornamentais era usada água em abundância. Herodes mandou construir um jardim desse tipo em Jericó.

O jardim de Getsêmani.





Instrumentos musicais dos dias bíblicos.

1. **Kinnor**
2. **Menanaim**
3. **Mezitaim**
4. **Halil**
5. **Hazora**
6. **Shophar**

Literatura e pintura

A literatura parece ter sido quase toda religiosa. A maior parte da literatura do povo judeu foi incorporada na Bíblia, mas Números 21.14 e Josué 10.12,13 mencionam outros livros em uso na época. Os livros eram conservados em bibliotecas e em coleções particulares, não sendo emprestados ao público até a chegada da cultura grega em 300 a.C.

As pinturas eram poucas em vista da proibição em Deuteronômio 5.8: "Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima no céu, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra". O impulso de criatividade encontrava expressão na arquitetura e desenho (Êx 31.2-6) e na construção — embora nessas regiões houvesse necessidade de ajuda externa (1 Rs 5.6; 7.13-15). A lapidação de jóias e a decoração interior e exterior parecem ter sido o forte especial dos judeus.

Instrumentos musicais

A música fazia parte integrante da vida religiosa e os músicos sempre foram importantes. Eles tinham a mesma classificação que os ferreiros e os que possuíam rebanhos e gado. Jubal foi reconhecido como o pai de todos que tocavam harpa e órgão (Gn 4.20,21). Encontramos então muitos exemplos de música nos

tempos bíblicos. Os instrumentos tocados nem sempre são fáceis de identificar pelos seus nomes hebreus, mas os seguintes (arranjados alfabeticamente) são os mais importantes entre eles.

O *halil* (1 Rs 1.40; Is 5.12) era uma flauta feita de madeira ou de osso. Ela tomou o seu nome do verbo *halil*, que significa “furar”. O som era produzido com uma palheta, e essas eram transportadas num saquitel. O som era leve, mas o instrumento podia ser usado para expressar a tristeza do sofrimento (Jr 48.36). Era sempre tocado pelo povo comum e nunca para adoração.

A *hazora* (Nm 10.5) era uma trombeta de metal. As mencionadas na Bíblia eram feitas de prata, mas foram encontradas muitas de bronze. Tinha um som agudo (veja 1 Co 14.8).

O *kinnor* (1 Cr 15.16; 2 Cr 5.12) era um instrumento de cordas, na forma de harpa (o Mar da Galiléia tem uma forma similar e é muitas vezes chamado de Quinerete). As cordas se faziam de tripas de ovelha esticadas. O instrumento era usado no templo e nas festas (Is 5.12) para acompanhar as profeci-

Réplica de um *kinnor* de Megido, datado de 1200 a.C.



Músico tocando o *nebel*.
Note a caixa de som numa
das extremidades do
instrumento.



**Réplica de um *nebel*,
ou lira.**



as (1 Cr 25.1) e mudar a disposição do indivíduo (1 Sm 16.23). Não sabemos o número de cordas ou se um plectro era usado.

O *menanaim* era um instrumento de percussão feito com pratos de metal que produziam um som quando movidos. Os pratos eram provavelmente furados por hastes de metal presas numa estrutura de madeira que se parecia com um espelho de mão. A *sistra* egípcia era provavelmente muito similar.

Os *meziltaim* eram címbalos feitos de cobre. Eles eram batidos em conjunto no templo (1 Cr 15.19) a fim de marcar os inícios, pausas e finais dos capítulos cantados.

O *nebel* era outro instrumento (Sl 71.22) com até dez cordas. A palavra *nebel* era geralmente usada para uma garrafa ou jarra de pele e o instrumento pode ter

recebido esse nome por causa de sua caixa de som estufada, na forma de uma garrafa de pele.

O *qeren* era um instrumento de sopro feito de um chifre de animal. Se o chifre fosse de carneiro, era chamado de *shophar* e tinha um lugar importante na adoração (Sl 98.6; Sl 150.3).

O *tof* era um instrumento de percussão com uma membrana (Is 5.12). Os tambores variavam de tamanho e eram tocados com as mãos ou com varetas. Os maiores eram tocados por duas pessoas (Êx 15.20).

Música hebraica

O interessante na música dos hebreus era sua ênfase no ritmo, e não na melodia. As melodias eram poucas. Havia as populares como as canções do povo, e essas eram também usadas para acompanhar diversos salmos. O Salmo 22 era cantado com a música “Aijeleth hash-Shohar” (“O final da manhã”), o Salmo 56 com “Jonath elim riholaim” (“A pomba silenciosa dos que estão distantes”), e o Salmo 60 com “Shushan Eduth” (“O lírio do testemunho”).

O canto era antifônico, um grupo seguindo o outro. 1 Samuel 18.6 diz que eles cantavam “uns para os outros”. A natureza repetitiva dos salmos era tal que dois grupos de pessoas podiam cantar desse modo.

Moedas judias com desenhos de *hazoras*, ou trombetas de metal (à esquerda) e um *nebel* ou *lira* (à direita).

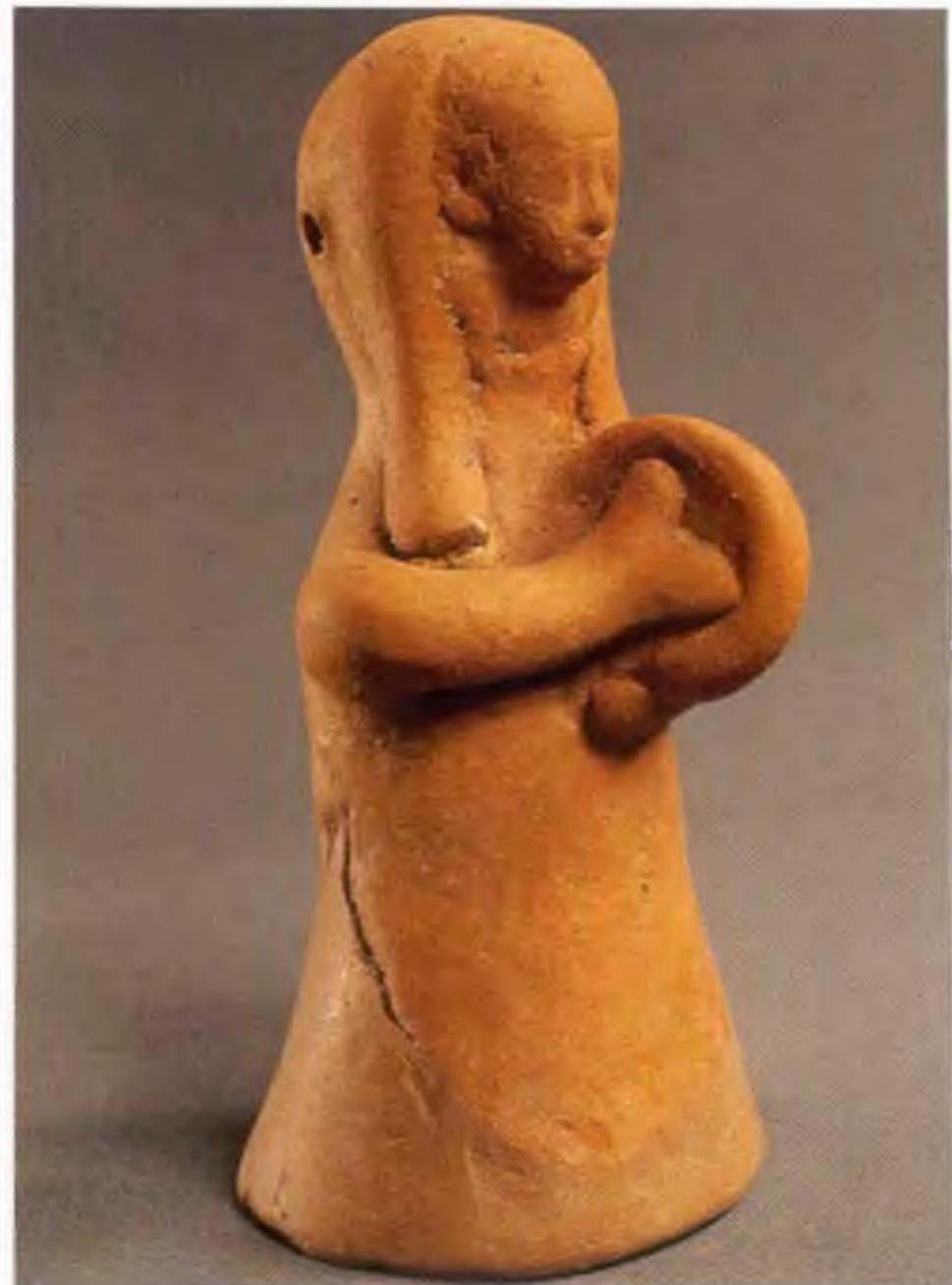


Davi teve particular importância na compilação do livro de Salmos, que se tornou o hinário do templo. Ele incorporou algumas de suas próprias composições (Sl 18,23,51,57), mas colecionou também muitos outros. Davi nomeou pessoas para cuidar da música do templo (1 Cr 16.42; 25.6,7).

A ênfase no ritmo indica que a dança era tão importante quanto a música, e essa é uma ênfase que encontramos ao notar as referências à música no Antigo Testamento. Labão protestou que deveria haver uma celebração antes de Jacó ir embora com Lia e Raquel (Gn 31.27) e Miriã liderou uma celebração com cantos e danças depois do Mar Vermelho ter sido atravessado em segurança (Ex 15.21). Davi dan-



O *shophar*, ou trombeta de chifre de carneiro, ainda é usado na adoração judia.



çou diante da arca quando ela foi levada de volta para Jerusalém (2 Sm 6.14,15).

As trombetas eram usadas para acordar as pessoas pela manhã (Nm 10.12), chamar os homens à guerra (Nm 10.9) e anunciar o Jubileu (Lv 25.8,9).

A música fez sempre parte da celebração da vitória (1 Sm 18.6) e da coroação do rei (2 Cr 23.13). Ela era usada para criar a disposição certa para a profecia extática (1 Sm 10.5; 2 Rs 3.15), assim como para levantar a moral (1 Sm 16.16) e por puro prazer (Is 5.12). Esta alegria desapareceu da música no período em que os judeus estiveram no cativeiro (Sl 137.1-5; Is 24.8).

A música também parece ter sido associada com a disposição nos dias de Jesus (Mt 9.23). Quando mencionou as crianças brincando de funeral, Jesus estava se referindo às cantigas fúnebres que cantavam. Alguns tradutores também associam isto às músicas de casamento (Lc 7.32). Uma festa com música foi oferecida ao filho pródigo (Lc 15.25). Hinos eram can-

tados e os judeus sempre entoavam os Salmos 115—118 na Páscoa. Tiago disse que o cantar de salmos expressa a nossa felicidade (Tg 5.13) e há música igualmente no livro de Apocalipse (Ap 5.9,10; 14.2,3).

Alguns dos hinos da primeira igreja foram registrados no Novo Testamento. Acredita-se que Filipenses 2.5-11 e Efésios 1.3-14 sejam hinos. Na igreja primitiva, os cristãos usavam as palavras de Maria (Lc 1.46-55) e de Zacarias nos cultos de adoração (Lc 1.67-79).

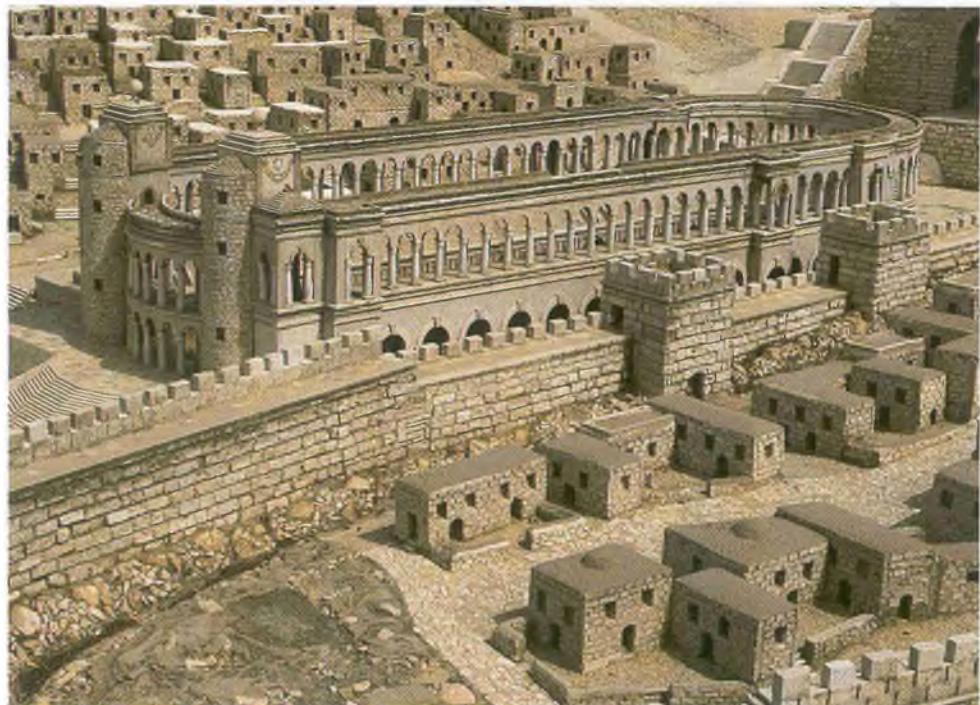
Esportes

Os esportes para entretenimento e com participação do espectador não se desenvolveram até os períodos grego e romano. Tinham havido corridas em Israel (Jr 12.5), mas não eram para diversão. Foi a promoção dos esportes à moda grega em 170 a.C. que levou à divisão entre os saduceus e os hassidim (*hassidim*) (veja pág. 254).

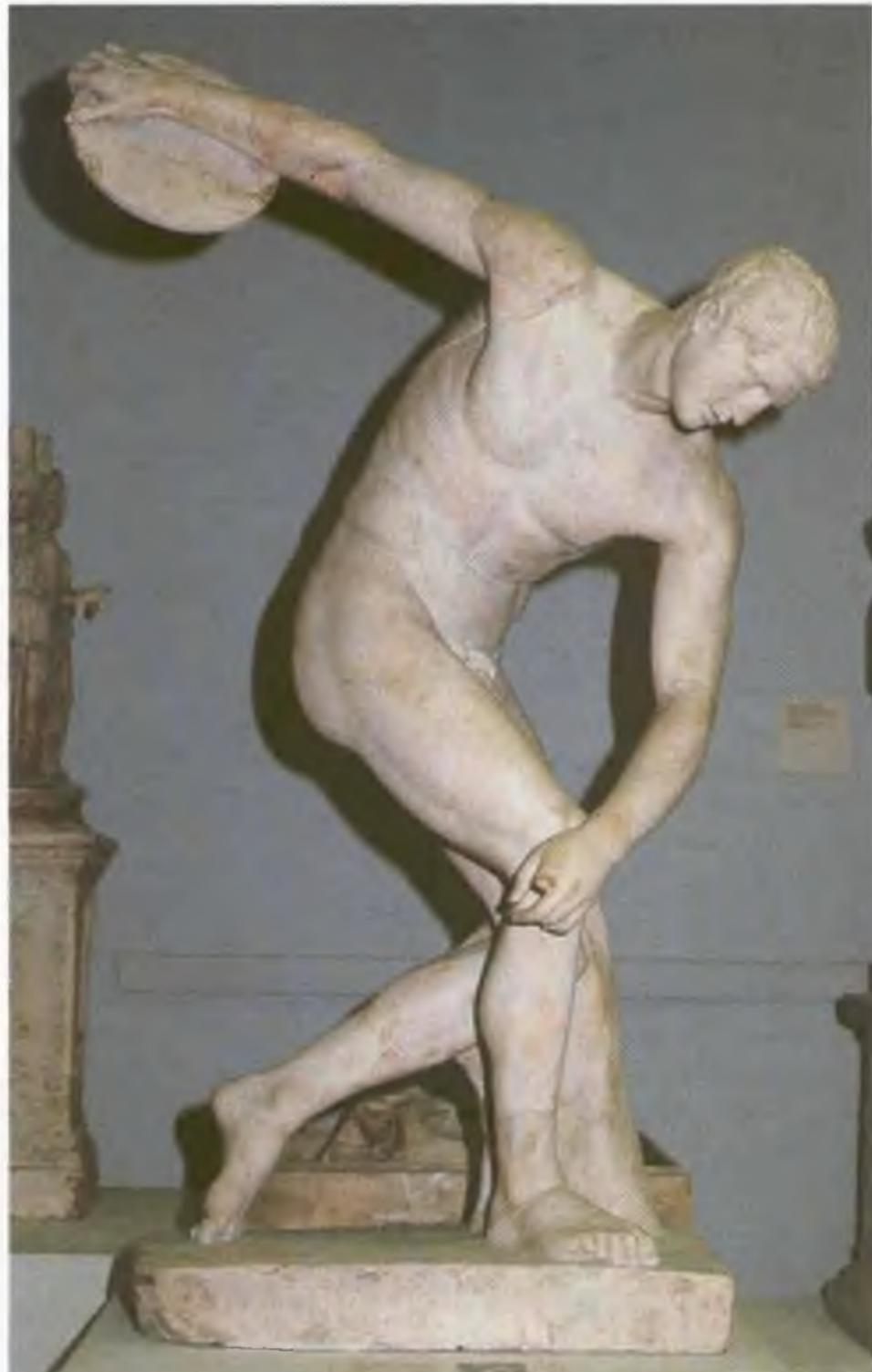
Os gregos acreditavam que a saúde era tão importante quanto a educação. Na Grécia havia quatro celebrações de jogos: Ístmicos, Nemeanos, Pítios e Olímpicos, sendo o último o mais importante e realizado a cada quatro anos.

Os jogos olímpicos eram em honra ao deus Zeus, e em vista de começarem com ofertas aos deuses e aos

Maquete do hipódromo, em Jerusalém, como pode ter sido nos dias de Cristo.



Escultura romana de um arremessador de discos.



heróis, tratava-se na verdade de ocasiões religiosas. Corridas curtas eram seguidas de outras longas e depois vinha o Pentatlo, composto de saltos, corridas, discos, dardos e lutas. Havia também corridas de carro, boxe, corridas com armadura e competições entre arautos e corneteiros.

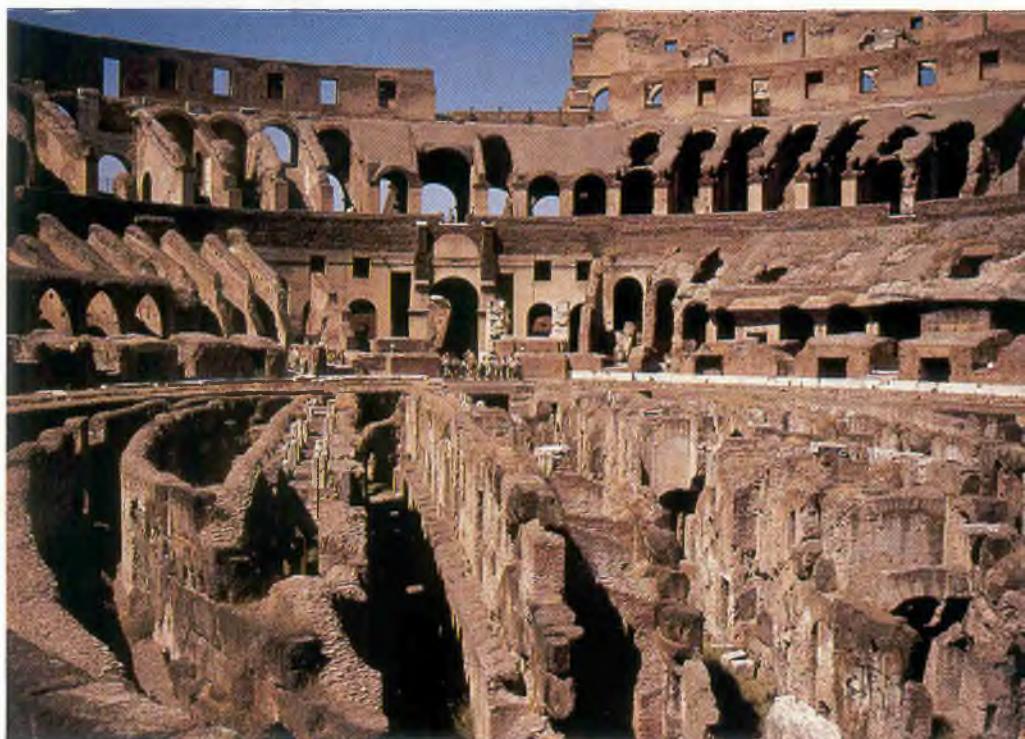
As regras para os competidores eram rígidas, e 30 dias antes dos jogos começarem eles se reuniam sob rigorosa supervisão: deviam exercitar-se regularmente, evitar excessos e obedecer a certas regras (1 Co 9.25; 2 Tm 2.5). Quando um evento terminava, um arauto proclamava o nome do vencedor e da sua cidade. O vencedor ganhava um ramo de palmeira, que mais tarde veio a ser uma grinalda feita com folhas de uma oliveira sagrada (1 Pe 5.4).

Os Jogos Olímpicos eram um dos tópicos de conversa no período do Novo Testamento e serviu com frequência para ilustrações e metáforas (Rm 15.30; Fp 1.27; 3.14; 2 Tm 4.7; Hb 12.1; Jd 3). Dois dos eventos precisam de menção especial em vista de tais referências. Nas lutas, o oponente tinha de ser derrubado e mantido no chão. O vencedor colocava então o pé sobre o pescoço do oponente. Essa luta tinha uma história memorável. Jacó lutou em Peniel e Gênesis 32.24,25 indica que ele não conseguiu vencer seu oponente dentro das regras. Juízes 15.8 também usa um termo para luta. No boxe, havia uma diferença entre os primeiros e os últimos rounds. Nos primeiros rounds, os braços eram amarrados com couro macio e vencia quem derrubasse primeiro o oponente. Se os espectadores se cansassem no caso de uma luta em igualdade de condições, os braços dos lutadores eram então amarrados com couro cravejado de tachas, para que a luta tivesse um final sangrento.

O Coliseu de Roma. Em anfiteatros como esse, os romanos realizavam jogos e competições para divertir o povo.

Esportes para o espectador

Esportes e diversões para os espectadores foram bastante desenvolvidos pelos romanos, a fim de satisfa-



zer o desejo de excitação e sangue por parte do povo comum. Até a corrida para ocupar os assentos já era uma excitação; não havia assentos reservados até os tempos de Augusto. Na arena, criminosos condenados lutavam contra feras selvagens — leões, ursos, elefantes e hienas — e a multidão vibrava com o espetáculo. Paulo diz que ele lutou contra animais selvagens em Éfeso (1 Co 15.32), mas é possível que estivesse se referindo às suas experiências em Atos 19 de maneira metafórica (veja também Hb 10.33).

A fim de manter a excitação do povo, os primeiros competidores usavam armadura, mas ao meio-dia eram levados nus à arena. Quando Paulo escreveu, “Porque tenho para mim, que Deus a nós, como apóstolos, nos pôs por últimos, como condenados à morte; pois somos feitos espetáculo ao mundo” (1 Co 4.9), ele pode estar se referindo a essa prática.

Outras competições para os espectadores, que levavam à morte, envolvia os gladiadores. Eles eram escravos especialmente treinados. O uso de gladiadores teve origem em conexão com os funerais como meio de matar os escravos junto com o seu senhor e prover ao mesmo tempo uma diversão para os presentes no funeral. As competições entre gladiadores passaram a ser então um entretenimento do Estado.

Os gladiadores eram treinados no uso de diversas técnicas e armas. Alguns lutavam com espadas e escudos. Um gladiador ferido tinha de baixar os braços. Se os espectadores levantassem o polegar, isso significava que sua vida seria poupad. Outros usavam uma rede e um tridente para tentar vencer um oponente munido de espada e escudo. O evento mais impressionante era a batalha em massa, 85 homens de cada lado. O último que sobrevivesse recebia uma coroa.

Outro esporte popular era a corrida de carros, que acontecia no hipódromo. Os condutores dos carros eram os heróis do dia. Eles percorriam sete voltas (cerca de 9km) no estádio, protegidos por capacetes especiais e eram amarrados aos carros. Se houvesse um desastre, o condutor tinha de cortar as amarras que o prendiam. Esse era também um negócio lucrativo. Os patronos ricos tinham escravos treinados para conduzir os carros e compravam o equipamento, e muito dinheiro era investido em apostas sobre o resultado das corridas.

O teatro

O teatro era um prédio importante para as reuniões públicas, assim como para as peças teatrais (veja At 19.29). Os judeus assistiam poucas peças e representavam muito pouco. Isso pode ter sido porque a parte do autor era ocupada pelo contador de histórias, que mantinha viva a história de Israel. Pode ter sido também porque os gregos transformaram o teatro numa ocasião religiosa.

Os teatros apareceram em todo o mundo greco-romano. Os romanos os construíam onde quer que um lugar natural fosse conveniente para instalar um auditório com bancadas, sem ter de construir um prédio isolado. O auditório era semicircular, ao redor de um palco e seus prédios. Os assentos eram arranjados numa camada superior e outra inferior e classificados de acordo com a categoria. Acomodações especiais eram reservadas para os hóspedes distintos. O acesso era feito por meio de galerias subterrâneas, interligadas com corredores subterrâneos. As galerias dividiam as fileiras em blocos de assentos. O teatro era muito popular; havia três teatros na cidade de Gerasa.

Teatro romano na cidade de Cítópolis, na Decápolis, Bete-Seã bíblica.



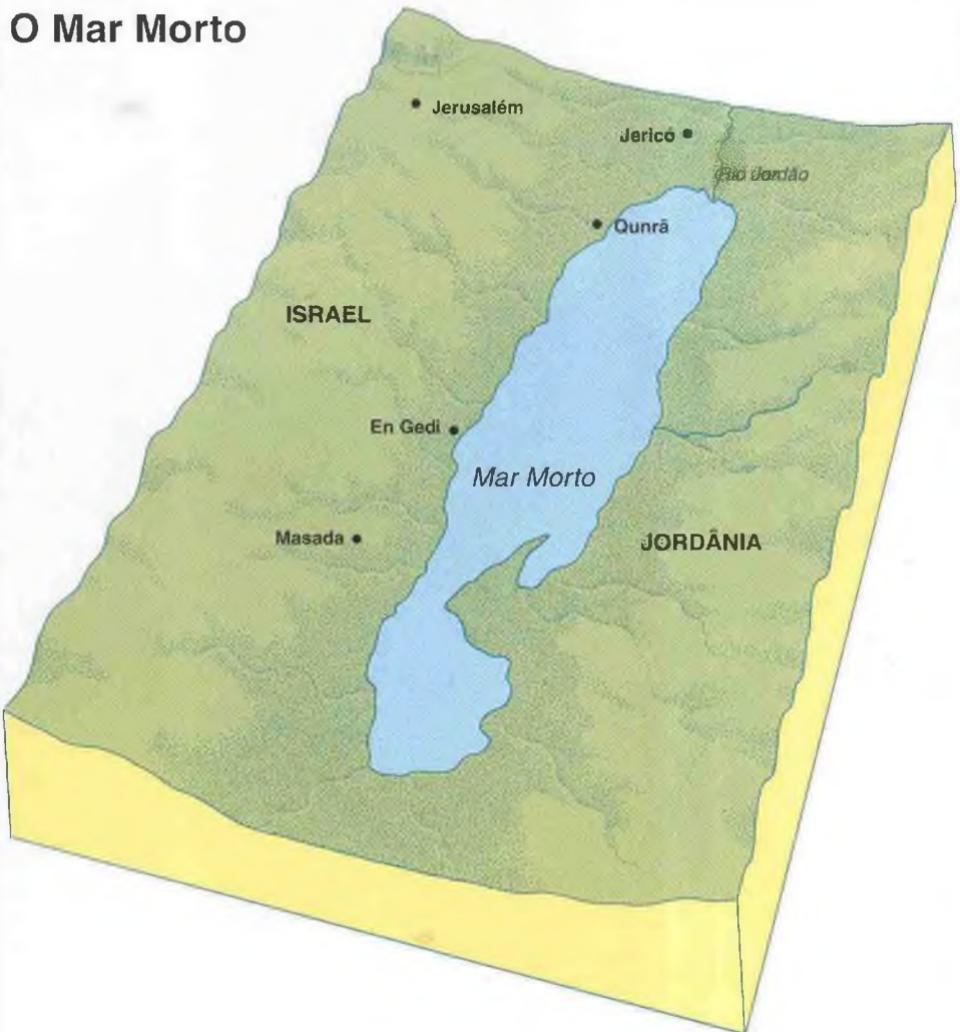
Lazer para os turistas na Israel de hoje

Já examinamos o que aguarda o visitante de Jerusalém (veja pág. 216). Uma visita a Israel se tornou um meio de lazer e férias para muitos. As seguintes sugestões são feitas para que as pessoas possam gozar sua estada no país e ao mesmo tempo ver suas Bíblias reviverem.

Perto do Mar Morto

Você pode visitar sítios perto do Mar Morto. O transporte de Jerusalém o levará a Jericó, parando na Estalagem do Bom Samaritano no caminho. Trata-se

O Mar Morto



**Mosteiro de São George
de Koziba, no Wadi Qilt.**

de fato de um *khan* turco, mas porque pode ver Jerusalém à distância, depois de ter descido de Jerusalém para Jericó, a história do Bom Samaritano ganha vida.

É possível viajar pelo Wadi Qilt na velha estrada romana e experimentar o silêncio do deserto. No final você encontra o sítio da Jericó do Antigo Testamento. O sítio do Antigo Testamento é espetacular, pois revela uma cidade cananita construída muito antes dos dias de Josué. (Nada restou da época de Josué.)

Mais para o sul, Qunrā, onde o mosteiro dos essênios se encontrava, pode ser visitada e o turista vê à distância as cavernas dos Rolos do Mar Morto. Mais para o sul ainda fica En-Gedi e uma subida (quente) o leva até a região onde Davi se escondeu de Saul. O espetáculo mais impressionante de todos é o de Masada, a fortaleza herodiana onde os zelotes

se defenderam até o último homem. Há vários lugares ao longo do Mar Morto onde é possível tomar banho e em outros há também fontes termais.

Hebrom e Berseba

Você pode viajar para o sul de Jerusalém, passando por Belém, a fim de explorar Hebrom e Berseba. Hebrom é o lugar onde Abraão e Sara foram sepultados, e seus túmulos ainda podem ser vistos ali sob um prédio transformado em mesquita, parte do qual foi construída originalmente nos tempos de Herodes (a Caverna de Macpela). Berseba é uma cidade moderna de concreto, edificada em uma área de campos verdes. Ela é uma soberba ilustração do cumprimento da promessa de que o deserto iria florescer como a rosa, porque o progresso agrícola só teve lugar recentemente.

Mais para o sul, no deserto, ficam as cidades antigas dos nabateus, Avdat e Shivta. Em Shivta, você pode caminhar pelas ruas antigas, pisar em antigos lagares e descobrir as ruínas de diques que antes preservavam a água nos wadis. Ein Avidat é um lugar de beleza natural onde você pode descer e caminhar pelo desfiladei-

Muros herodianos cercam a Caverna de Macpela em Hebrom.



**Igreja de São Pedro, Yafo,
Jope bíblica.**



ro. Na viagem de volta, perto de Belém, é possível parar na "fonte de Filipe", onde, segundo se acredita, Filipe batizou o eunuco. Pode também visitar os tanques de Salomão perto de Belém, que forneciam grande parte do antigo suprimento de água de Jerusalém.

A costa do Mediterrâneo

Na costa oeste pode-se visitar vários lugares interessantes. Se o primeiro desses for Quiriate-Jearim, você terá oportunidade de ver onde a Arca repousou a caminho de Jerusalém e um dos possíveis sítios de Emaús. A seguir pode atravessar o Vale de Elá, onde Davi lutou com Golias e apanhar pedras no leito do rio. As ruínas mais antigas em Asquelom, na costa, são romanas, mas fazem lembrar as histórias dos filisteus. Mais para o norte, Jope (Yafo) tem uma atmosfera própria, com uma igreja que celebra a história de Cornélio.

Tel-Avive não tem um interesse bíblico antigo, mas o visitante que acredita que a ressurgência de Israel está predita na Bíblia vai apreciar uma cidade moderna e atraente. O único interesse bíblico em Haifa é o fato de ter sido construída no Monte Carmelo de

Israel moderno



Elias, sendo também uma cidade com certos atrativos.

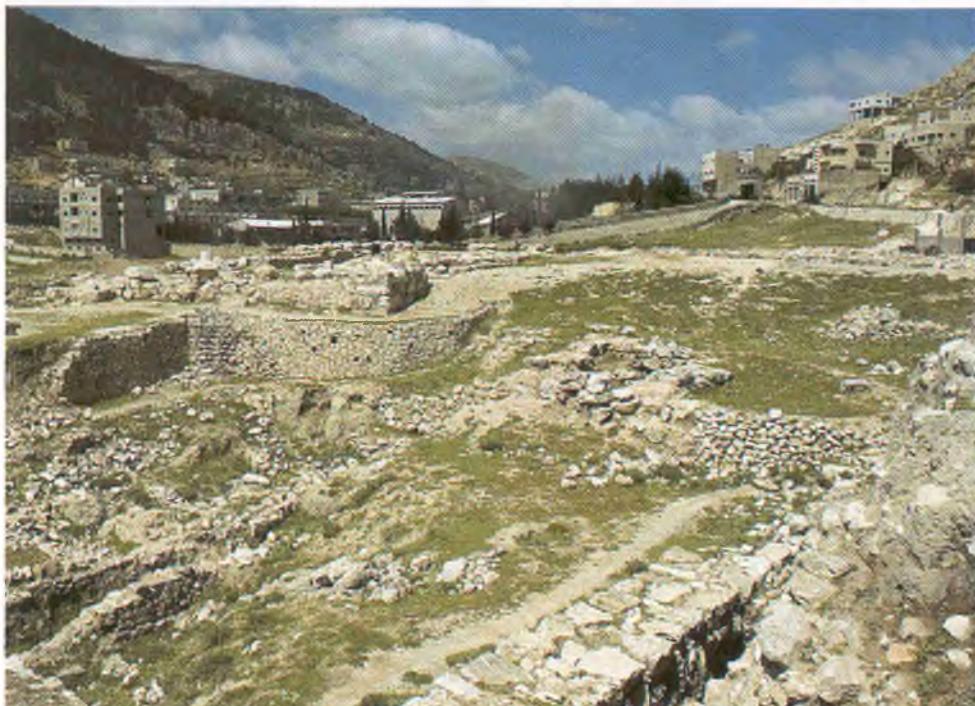
O lugar de supremo interesse na costa é Cesaréia. O sítio é dominado pelas ruínas da cidade dos cruzados, mas existem muitos escombros romanos (o aqueduto e o teatro, por exemplo), e o litoral onde Paulo esteve na sua última viagem para Jerusalém.

A margem ocidental

Ao norte de Jerusalém você pode seguir a rota que passa por Samaria em direção à Galiléia. Betel pode ser visitada, embora não haja muito a ser visto ali. Em Nablus (Siquém) o "Poço de Jacó" se encontra na cripta de uma igreja ortodoxa russa, e pode-se beber a água. A igreja em si nunca foi terminada, por ter sido construída na época da revolução de 1917 na Rússia. Do lado de fora, no jardim, é possível avistar o Monte Gerizim e o Monte Ebal, que fazem lembrar a antiga aliança entre Deus e Israel e a história de Jesus junto ao poço com a mulher samaritana.

Mais adiante fica Samaria — as ruínas da cidade romana — com um excelente foro e teatro. Alguns muros do tempo do rei Acabe continuam de pé.

Sítio da Siquém bíblica, moderna Nablus.



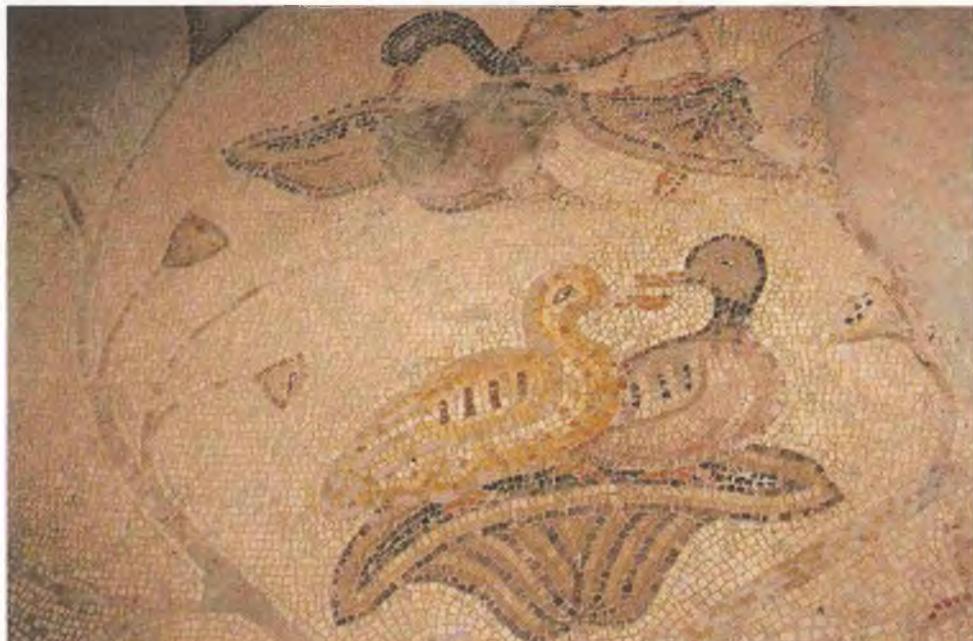


Foro romano, Samaria.

Ao entrar na região sul da Galiléia, há muitos sítios do tempo dos Juízes, de Saul e de Davi para serem visitados. Ein Harod foi onde Gideão se deteve antes da batalha com os midianitas. A água está cheia de sanguessugas e é preciso ter então cuidado como bebê-la. O Monte Gilboa, mais atrás, é o lugar onde Saul e Jônatas travaram sua última batalha e Bete-Seã (que também possui um teatro romano espetacular, assim como o tell antigo) foi para onde levaram os corpos de Saul e Jônatas.

O Mar da Galiléia

O Mar da Galiléia propriamente dito fica no campo aberto, de um modo muito diferente daquele dos tempos do Novo Testamento. Há muitas cidades ao redor do lago e os montes estão cobertos de florestas. Um barco pode ser tomado hoje em Tiberíades para cruzar o lago até um ponto abaixo da antiga Hipos, onde há um restaurante num kibutz que vende o peixe de São Pedro. Viajando para o norte, pelo litoral oeste do lago, você passa por Magdala (casa de Maria Madalena). Depois de cruzar a pequena planície de Genesaré pode então subir o monte onde foram dadas as Bem-aventuranças.



Acima: Detalhe de pássaros encontrado no Mar da Galiléia no chão de mosaico da Igreja da Multiplicação dos Pães e Peixes, Tabga.

Oposta: Igreja das Bem-aventuranças, perto de Cafarnaum.

A maioria dos lugares na região é marcado por igrejas, todas elas simples, belas e características. A Igreja das Bem-aventuranças, construída nos campos acima do lago, é um bom exemplo. Ao lado do lago encontram-se as duas igrejas de Tabga. Uma celebra a alimentação dos cinco mil e possui lindos mosaicos mostrando aves dos dias do Novo Testamento; a outra comemora a aparição pós-ressurreição de Jesus quando preparou o desjejum dos discípulos.

Mais adiante fica a "Baía do Semeador", onde Jesus ensinou sentado no barco de Pedro, e as ruínas de Cafarnaum. O aspecto mais interessante deste sítio é a sinagoga — não a do tempo de Jesus, mas a que a sucedeu. Não obstante, o guia vai mostrar muitos remanescentes do sítio que se reporta à época em que ela era a "cidade dEle".

Nazaré

A oeste da Galiléia fica Caná (onde uma igreja lembra os visitantes da história da água transformada em vinho) e Nazaré. Nazaré é um lugar movimentado, em expansão, empoeirado e barulhento. A cidade é dominada pela Basílica da Anunciação. Algumas pessoas pensam tratar-se de uma das igrejas mais belas do mundo; outras não gostam dela. Mas, de qualquer modo, é ines-







Acima: O Monte Tabor
altea-se espetacularmente
do Vale de Esdrelom.

Oposta: A Igreja da
Anunciação, Nazaré.

quecível. A igreja foi construída sobre o que se acredita ter sido a caverna debaixo da casa de José e Maria.

Uma sinagoga antiga e cisternas de água podem ser também vistas e a fonte ao longo da rua principal lembra aos visitantes de quando Maria ia buscar água para as suas necessidades diárias, mesmo que o verdadeiro manancial se encontre numa igreja a certa distância.

O Monte Tabor fica perto de Nazaré. Uma visita à montanha demonstra porque foi escolhida por Débora e Baraque como ponto de reunião. Por ser uma "montanha isolada", o Monte Tabor convence alguns de que foi o lugar da transfiguração. A igreja que fica no cume possui um esplêndido mosaico de ouro que recebe os raios do sol no fim do dia pela janela ocidental e recorda aos visitantes a transfiguração de Jesus.

Megido e Aco (Acre)

Megido fica mais para o oeste. Os visitantes podem entrar pela porta de Salomão, ver seus estábulos e edifícios, contemplar o lugar alto da religião cananita e andar por um túnel subterrâneo até a fonte de água da cidade. Antes do sítio da cidade fica o Vale de Armagedom. É um local espetacular, muito bem apresentado.

Nas proximidades fica Bete-Searim, um santuário judeu. O Sinédrio foi banido para esse lugar depois da destruição final de Jerusalém, e as catacumbas do centro podem ser exploradas. O lugar é muito belo, com um jardim onde se encontram uma prensa de azeitonas antiga e uma sinagoga.

Outra vez na costa fica Aco (Acre). Embora o interesse aqui sejam os cruzados e não a Bíblia, uma visita ao que se tornou a cidade subterrânea dos cruzados é inesquecível. Devemos lembrar que os cruzados foram um elemento importante na história da Terra Santa e remanescentes espetaculares podem ser vistos em todo o país. O Castelo de Belvoir, acima do vale do Jordão, logo ao sul do Mar da Galiléia, e o Castelo de Ninrode, perto do Monte Hermom, dão uma boa impressão das habilidades de engenharia e construção dos cruzados.

Entrada para uma das catacumbas cortadas na rocha em Bete-Searim.





Esses nichos cortados na rocha em Banias, a Cesaréia de Filipe bíblica, continham antes estátuas do deus Pã.

O norte da Galiléia

No norte da Galiléia encontram-se três lugares que vale a pena visitar. Sefate (Safad) é o lugar onde os judeus começaram a voltar para a Terra Santa durante a perseguição contra eles na Europa. Sinagogas antigas podem ser visitadas e, ao mesmo tempo, os turistas vão gostar de ver os estúdios dos artistas no bairro em que esses passaram a residir. Sefate fica localizada em um local belíssimo entre as montanhas. É um exemplo da “cidade edificada sobre um monte”, que não se pode esconder.

Mais para o norte está Hazor, a maior cidade do período cananeu, e agora, no aspecto arqueológico, provavelmente o sítio melhor planejado de Israel, com um excelente museu que apresenta muitos aspectos da religião cananéia; Banias (Cesaréia de Filipe), uma das fontes do Jordão, onde Pedro fez a sua grande confissão de fé; Tell Dâ, uma graciosa reserva natural e sítio do antigo santuário estabelecido do lado oposto do Templo de Jerusalém; e o Monte Hermom, que alguns acreditam ter sido o lugar da transfiguração. É uma região belíssima, onde se pode esquiar no in-

verno e possui um bonito lago circular (Birket Ram) que enche a cratera de um vulcão antigo.

Leste do Jordão

Vivemos numa época em que o lazer inclui viagens para a maioria dos lugares do mundo. Israel tem provavelmente mais história, beleza e significado em sua pequena área do que a maioria dos outros lugares. Uma visita a Israel não só ilustra muita coisa na Bíblia, mas também faz com que o Livro Sagrado ganhe vida no sentido de que ler uma história dele sobre um determinado lugar passa a ter um significado pessoal quando a pessoa o visitou, sentimento esse jamais experimentado pelo simples leitor. É preciso lembrar, porém, que a Terra Santa não termina no rio Jordão.

A leste do rio Jordão fica o Reino da Jordânia, sempre pronto e disposto a receber visitantes. Os sítios não são muitos, mas o que existe compensa o tempo gasto. A capital, Amã, é a antiga cidade de Amom dos amonitas. Ela era conhecida como Filadélfia nos dias do Novo Testamento — uma cidade romana da Decápolis. A cidadela amonita e o teatro romano podem ser visitados.

Ao sul de Amã fica Madaba (com uma igreja contendo um maravilhoso mapa de Jerusalém e da Terra Santa no século III d.C. em mosaico) e a Estrada do Rei que corta o deserto, a qual passa pela fortaleza dos cruzados de Kerak, para chegar à cidade nabatéia de Petra. Petra é provavelmente um dos lugares mais belos do mundo — uma cidade preservada pelo tempo num vale escondido, rosa e vermelho. Perto de Madaba fica o ponto no Monte Nebo, onde Moisés morreu depois de ter contemplado a Terra Prometida. Ao norte de Amã está Jerash, outra cidade da Decápolis quase tão bem preservada quanto Pompéia, à qual se chega cruzando o rio Jaboque, palco da luta de Jacó.

Minha esperança é que este breve guia de viagens encoraje as pessoas a visitarem as terras bíblicas e dê a elas uma idéia do que procurar quando examinarem seus folhetos de turismo. São necessárias três semanas inteiras para ver adequadamente as coisas e absorver tudo que há para ser visto e experimentado.

Religião

As quatro primeiras histórias bíblicas contam porque Deus precisou agir para salvar a humanidade. A história da criação (Gn 1) nos ensina que vivemos no mundo de Deus, onde operam as suas regras e leis. Quando as regras são quebradas, como na história de Adão e Eva, acontece uma separação de Deus. Os resultados do pecado e da separação se tornam claros nas outras histórias. O pecado traz o juízo de Deus (Gn 6.8; veja especialmente 6.5) e o caos social (Gn 11.1-9), à medida que os seres humanos se separam uns dos outros.

Essas histórias dão a razão para tudo o que se segue. Em seu amor pela humanidade, Deus, como Criador, queria restaurá-la para que fosse tudo que foi designada para ser. Para isso, era necessário que Deus lidasse com o pecado humano. Sabemos pelo Novo Testamento como as coisas aconteceram. Deus entrou neste mundo como um ser humano na pessoa de Jesus. Depois de entrar no mundo Ele nos mostrou como devíamos viver. Jesus disse: “Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também” (Jo 13.15). Ele permitiu que o matassem, embora fosse inocente, a fim de que pudesse tomar sobre si o castigo pelos pecados do mundo inteiro. Pedro declarou: “Levando ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro” (1 Pe 2.24), e Paulo escreveu: “Havendo riscado a cédula que era contra nós nas suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária, e a tirou do meio de nós, cravando-a na cruz” (Cl 2.14).

Jesus morreu e ressuscitou, para poder habitar em nós pelo seu Espírito e vencer a morte por nós. Jesus também ajuda os que crêem nEle a vencer a tendência para o pecado que está no coração de cada ser humano: “Porque, se fomos plantados juntamente com ele na semelhança da sua morte, também o seremos na da sua ressurreição” (Rm 6.5). O problema estava em como chegar da necessidade do homem

no começo dos tempos até o ponto onde, em Jesus, essas necessidades pudessem ser satisfeitas.

Uma relação de aliança

Nos dias do Antigo Testamento, Deus escolheu entrar em um relacionamento íntimo primeiro com um indivíduo e depois com sua família imediata, e, finalmente, com os seus descendentes; de maneira que eles iriam ficar gradualmente preparados para a sua vinda pessoal e para um relacionamento mais profundo, que seria então possível. Abraão foi o indivíduo (Gn 12.1,2) e a relação de aliança feita com Abraão e sua família (Gn 15.9-18) veio a ser renovada com seu neto Jacó (Gn 28.13-15) e com Moisés (Êx 3.6; 24.3-8).

É bastante comum ouvir cristãos dizerem que o Cristianismo não é tanto uma religião como um relacionamento; nem sempre as pessoas entendiam que o mesmo era exatamente verdade para o povo judeu. Deus não fundou uma religião judia, mas entrou em relação de aliança com o seu povo. Ao que parece, durante os dias de Moisés — em que a religião era importante para as nações vizinhas — Deus deu aos judeus uma religião cuidadosamente restrita que ajudaria a sustentar a relação de aliança. Em vista disso, a religião do povo judeu era muito diferente daquela de seus contemporâneos.

Em vista de Deus ter usado a religião judaica a fim de preparar o caminho para Jesus, o judaísmo não ficou imóvel mas se desenvolveu. Os judeus entraram em contato com as religiões contemporâneas e, portanto, sua religião se desenvolveu por meio da reação e interação com elas. Lugares santos, dias santos, indivíduos santos e eventos santos se tornaram parte da fé judia, mas nem tudo era como Deus esperava que fosse. Da mesma forma que o mandamento relativo ao divórcio, o culto judeu parece ter sido uma acomodação à fraqueza humana (Mt 19.8). Deus queria um espírito quebrantado e contrito em vez de sacrifícios (Sl 51.17), justiça em lugar de dias festivos (Am 5.21-24), e em lugar de ofertas de carneiros e óleo Ele queria pessoas justas, bondosas e que andassem humildemente com o seu Deus (cf. Mq 6.8).

A lei que provia os ornamentos de um sistema religioso jamais foi designada para ser um fim em si mesma, mas tinha como propósito revelar a extensão da

necessidade humana (Rm 3.19; 7.5,7-9) de modo a sermos levados para Cristo (Gl 3.24,25). A intenção era mostrar o tipo de vida que Deus queria que vivêssemos mediante o poder do seu Espírito (Rm 8.4).

E aqui jaz o conflito entre Jesus e os líderes religiosos judeus na época. A religião dos judeus, portanto, tinha um lugar importante no plano de Deus, mas Ele jamais pretendeu que ela fosse um fim em si mesma. Era um meio de sustentar a relação de aliança até que o próprio Deus viesse.

A religião assíria

Não havia quase nada em comum entre a religião de Israel e as religiões dos antigos assírios (onde Abraão conheceu a religião pela primeira vez) ou dos egípcios. É verdade que na esperança de prover algum tipo de proteção, Raquel roubou os deuses do lar de seu pai (Gn 31.19). Todavia, embora Jacó mais tarde tivesse enterrado os artigos ofensivos, tais ídolos surgiram em várias ocasiões na história subsequente (Gn 35.4; Jz 17.5; 1 Sm 19.13; 2 Rs 23.24; Zc 10.2).

As referências em Zacarias 10.2 e Ezequiel 21.21 indicam que os deuses do lar eram usados na adivinhação, sempre uma característica da religião assíria; e o fato de poderem ter sido escondidos na sela do camelo (Gn 31.34) indica que eram pequenos. Não obstante, nada foi encontrado até agora para indicar exatamente como eram esses ídolos. Sugestões foram feitas no sentido de que eles apodreciam, ou seriam identificados como outra coisa. Alguns eruditos chegaram até a sugerir que eram bonecos de trapo ou cabeças de crianças mumificadas.

Na antiga Mesopotâmia, o povo acreditava em famílias de deuses. Anu era o rei dos céus e muito remoto. Seu filho, Enlil, reinava sobre a superfície da terra e era tratado como rei dos deuses. Istar era a esposa de Anu e encarregada da guerra e do amor. Cada deus tinha um templo principal onde o povo comparecia nos dias de festa.

Os deuses propriamente ditos e a mitologia fantástica usada para descrever eventos como a criação eram muito diferentes da religião dos judeus. Na história babilônica da criação, por exemplo, Tiamat, o oceano primevo, deu à luz a terra (Ki) e ao céu (Anu), e todos os deuses descendiam de Ki e Anu. O oceano

decidiu destruir todos eles, mas foi finalmente conquistado pelo jovem deus Marduque. Marduque fez a terra com a metade do corpo de Tiamat e o céu, com a outra metade. Na batalha, Kingu, o escudeiro de Tiamat, foi destruído e a humanidade veio a ser feita com o sangue de Kingu misturado com barro.

A religião egípcia

Seria de esperar algum tipo de influência da religião egípcia, especialmente quando José se casou com Asenate, filha de um sacerdote (Gn 41.50) e porque o povo judeu permaneceu no Egito durante um período muito longo (Ex 12.40,41). Ao que tudo indica, porém, os judeus mantiveram a sua religião e suas vidas completamente separadas dos egípcios. Jacó aceitou os dois filhos de José na família (Gn 48.5,6) e os descendentes de José identificaram o Deus que adoravam com o de Jacó (Israel) e não com o do Egito (Ex 5.1). Não existe, portanto, sinal do politeísmo egípcio, que incluía Rá (o sol), Yeb (a terra), Thoth (a lua), Hapi (o Nilo) e Amom (o deus dos poderes ocultos). Não há menção dos animais associados aos deuses e cuja forma muitas vezes os substituía na arte contemporânea (Thoth e a íbis, Hapi e os bois, Horus e os falcões).

Os egípcios acreditavam que os seus deuses eram como os seres humanos e nos seus imensos templos, proibidos ao povo comum, os sacerdotes os alimentavam, lavavam e vestiam, levando-os para fora nos dias de festa. Nada podia ser mais diferente do Deus de Israel. Embora os judeus acreditassem em algum tipo de vida após a morte (eles eram “reunidos” ao seu “povo”, Gn 49.29,33 e o corpo de José foi mumificado, Gn 50.26), parece ter havido bem pouca coisa em comum entre a crença egípcia na vida depois da morte e a dos judeus. Os egípcios acreditavam que a alma passava pelas salas dos mortos e precisava de alimento para a viagem até chegar às salas do juízo.

A religião cananita

Parece então estranho que a religião cananita tenha sido uma atração tão grande para o povo judeu e levasse ao caos espiritual que provocou o juízo de Deus. A religião cananita era um sistema elaborado resultante da necessidade de assegurar colheitas regulares num clima variável

vel. Embora o panteão de deuses fosse presidido por El, o deus principal, era Baal, o deus da tempestade, das fontes (335) e da água. (Há referências a Baal em Jz 2.13; 1 Rs 16.31; Jr 19.5 e muitos outros lugares.)

As chuvas de inverno e a seca do verão eram tidas como indicando que Baal morreria e que havia necessidade de ser trazido novamente à vida mediante ritos mágicos. (O choro por Tamuz, uma divindade babilônica, era similar. Acreditava-se que as lágrimas humanas podiam ajudar o deus a trazer as chuvas de volta, Ez 8.14).

Do mesmo modo, os cananeus acreditavam que os deuses podiam ser ajudados a trazer de volta a fertilidade do solo se o povo se fertilizasse nos lugares de adoração. Portanto, havia uma sexualidade grosseira em nome da religião. Todo santuário cananita tinha as suas prostitutas com esse propósito. Cada santuário era dominado por um poste-ídolo de madeira, ou aserá, que simbolizava o princípio sexual feminino em nome da deusa Aserá, e por uma pedra creta, ou mazeba, que simbolizava a sexualidade masculina.

Os cananeus acreditavam que os deuses podiam ser persuadidos e até coagidos pelo ritual mágico. Isso levou ao extremo do sacrifício de crianças. Os santuários para os deuses eram construídos sobre aterros artificiais, ou “lugares altos”, no geral colocados no alto dos montes na crença de que o adorador ficaria então fisicamente mais próximo dos deuses. A assimilação da religião cananita foi um processo gradual, e nos dias de Elias, os profetas criam que os verdadeiros adoradores do Deus de Israel eram uma pequena minoria (1 Rs 19.10).

O motivo de a religião cananita ser tão sedutora era provavelmente porque ao chegarem a Canaã, os judeus descobriram que tinham uma forma de cultura relativamente inferior. Por causa de seu ambiente seminômade, eles não sabiam como construir casas, não tinham habilidades artísticas nem sabiam cuidar adequadamente da lavoura. Em comparação, os cananeus eram sofisticados e bem-sucedidos e pareciam saber o que tinha de ser feito para assegurar boas colheitas. Quando tais sentimentos de inferioridade se juntaram à permissividade sexual, não é difícil compreender porque a religião cananita teve tamanha influência.

Deserto da Judéia. Os patriarcas muitas vezes encontravam Deus em lugares isolados e pouco promissores.

Leis santas

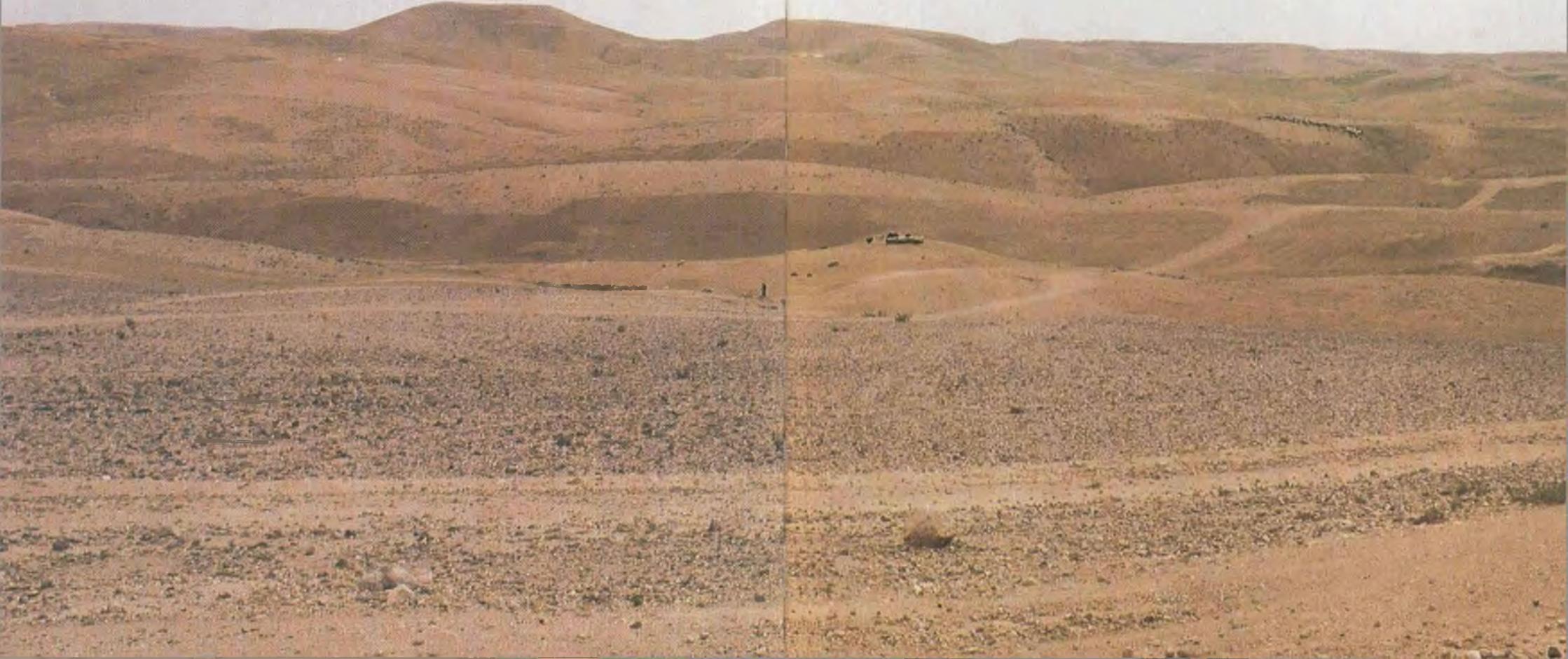
Contra o pano de fundo discutido acima, a religião judia se desenvolveu com sua própria lei, lugares, objetos e rituais sagrados. A lei (*Tora*) já foi discutida (pág. 82). Ela era um ponto-chave da religião judaica. Um guia para um bom relacionamento com Deus e com outras pessoas. *Torá* significa “orientação” e “instrução”. A lei nem sempre era perfeita. Jesus disse, por exemplo, que as leis do divórcio haviam sido introduzidas “por causa da dureza dos vossos corações” (Mt 19.8). Ao mesmo tempo a *Tora* revelava o caráter de Deus: sua santidade, justiça e bondade. Pelos padrões exigidos por Ele, o homem podia ver como Deus era.

Lugares santos

Nos tempos patriarcais, os lugares santos eram espaços onde fora possível encontrar-se com Deus, e tais

lugares eram marcados com um altar e um sacrifício. Quando Abraão deixou Harã e partiu para Canaã, parando em Siquém, Deus apareceu a ele e disse que a terra era prometida aos seus descendentes. Gênesis 12.7 registra então que Abraão “edificou ali um altar ao Senhor, que lhe aparecera”. Altarares foram também construídos em Betel (Gn 12.8) e Hebrom (Gn 13.18), e Jacó restaurou o altar de Betel (Gn 35.1).

Tais lugares se tornaram santos para a família. Jacó enterrou sob uma árvore em Siquém os deuses do lar que levara da família de Labão (Gn 35.4) e Hebrom tornou-se o cemitério dos membros da família (Gn 23.19; 25.9; 49.29-31). José foi sepultado em Siquém (Js 24.32). O mesmo princípio foi seguido até a época do Templo de Jerusalém (Êx 20.24), de modo que Gideão fez com efeito um sacrifício num altar quando o anjo do Senhor lhe apareceu (Jz 6.19-21) e o mesmo fez Manoá (Jz 13.19,20).





O Tabernáculo. Note o altar para o sacrifício, a pia de bronze e a entrada com cortinas para o tabernáculo propriamente dito.

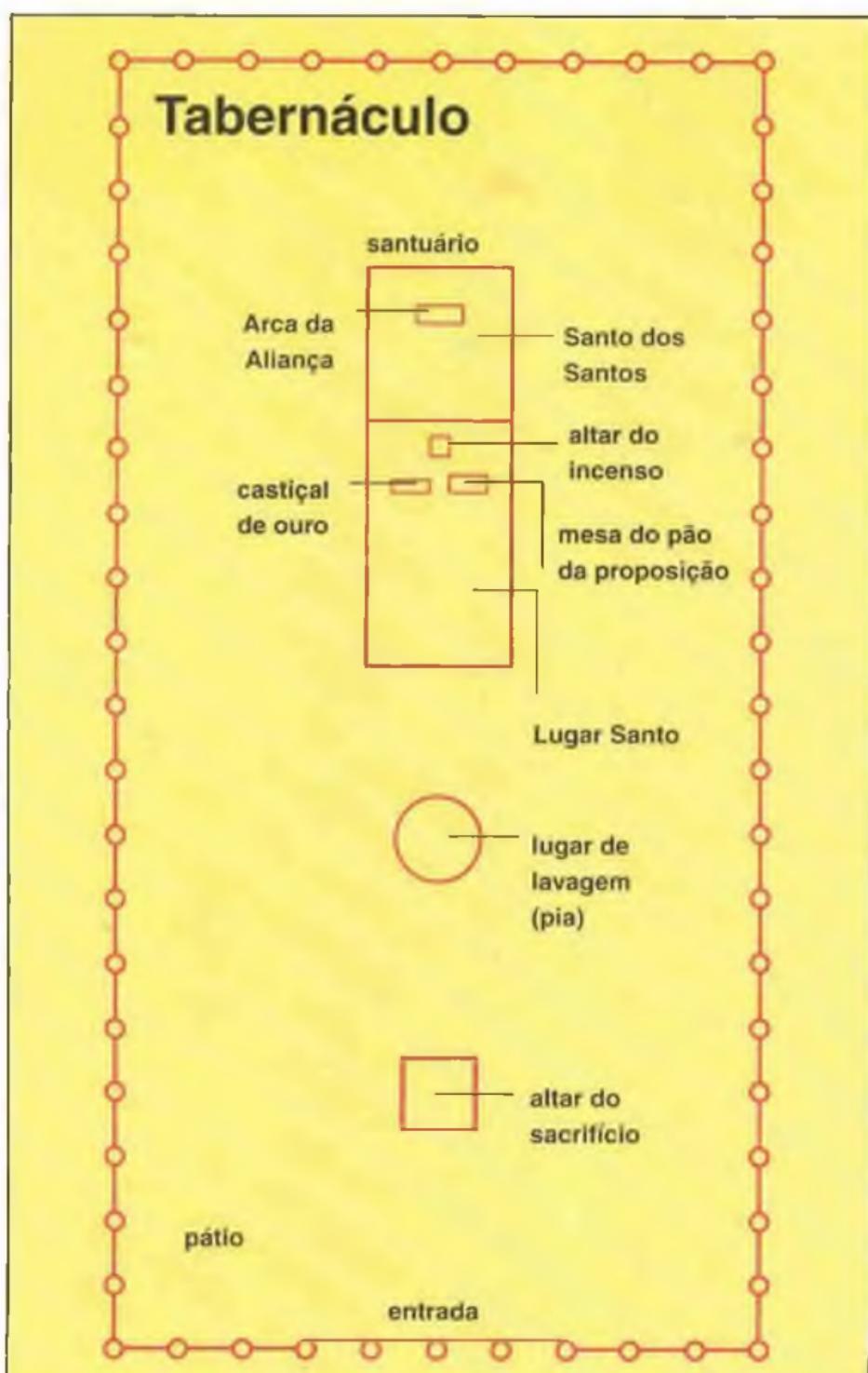
O Tabernáculo

Além dos lugares sagrados onde Deus se revelara, um lugar central de adoração passou a existir. Durante o período do Éxodo, ele podia ser melhor descrito como uma tenda-templo, que era a estrutura mais conveniente para o povo que estava viajando ou acampado na região de Cades-Barnéia (Nm 13.26; 14.38). A tenda-templo era conhecida como Tabernáculo.

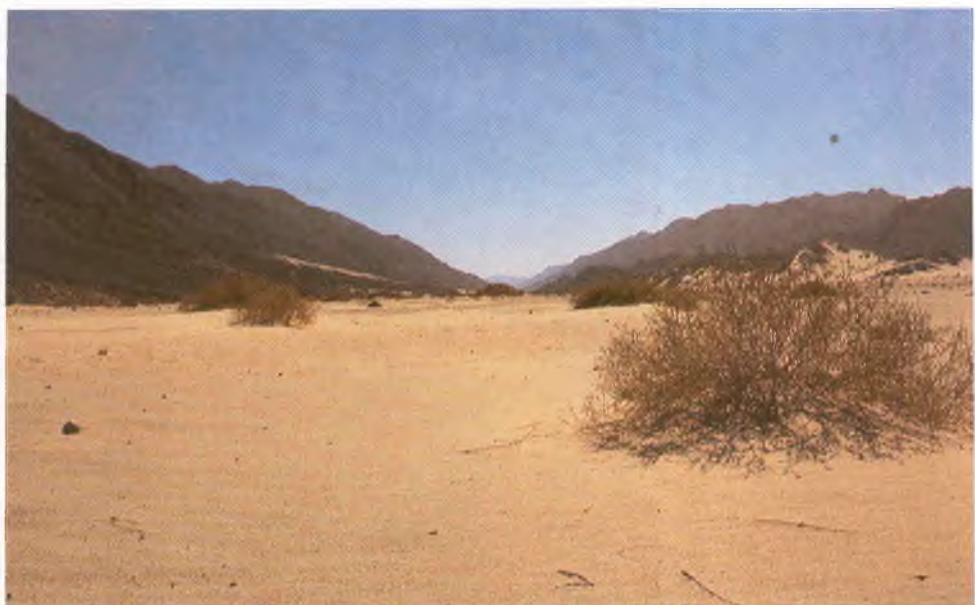
O santuário central era feito de tábuas revestidas de ouro, apoiadas por um sistema de vigas, encaixes e pesadas bases de prata firmadas no chão. Isso formava uma estrutura de três lados com trinta côvados (quinze metros) de comprimento e quinze côvados (sete metros) de largura, aberta para o céu em sua extremidade mais estreita a leste. O teto era provido por cortinas de linho branco, bordadas com figuras de querubins, protegidas por várias camadas de pano de saco, peles vermelhas de carneiro e peles de cabra (Êx 26.1-30).



No interior, o aposento de 30 côvados (15m) era dividido em dois por uma cortina pendurada em pilares dourados, a fim de criar o "Santo dos Santos" (5 x 5 x 5m) e um "Lugar Santo" comprido. Uma cortina do mesmo material era pendurada sobre a entrada para impedir que olhos curiosos vissem o interior (Êx 26.31-36). A Arca da Aliança (Êx 25.10-22) ficava no Santo dos Santos, e a mesa dos pães da proposição (25.23-30), o castiçal de ouro (25.31-40), e altar do incenso (30.1-10) no Lugar Santo. Do lado de fora da entrada ficava um altar para o sacrifício (27.1-8) e uma pia de bronze para a purificação cerimonial (30.12-21).



Plano do Tabernáculo e seu pátio



Deserto do Sinai.

Uma característica da religião na área naquela época era que o espaço em volta do santuário ou altar central era santo, assim como o próprio santuário (Êx 3.5). O santuário era então separado do mundo exterior por um grande pátio. O pátio do Tabernáculo tinha cem côvados(50m) de comprimento e cinqüenta (25m) de largura, sendo formado levantando uma parede de linho de cinco côvados (2,5m) de altura, suspensa entre colunas douradas. As colunas eram presas por cordas e pegas, e as bases firmadas por pesadas bases de bronze. Na entrada para o pátio havia cortinas finamente bordadas na extremidade estreita a leste (Êx 27.9-19).

O Templo

Quando os judeus se instalaram no território de Canaã, o tabernáculo tomou uma forma mais permanente em Siló (Js 18.1; Jz 18.31). Passou a ser permanente o bastante para que viessem a chamá-lo de templo, para que Samuel e Eli morassem nele e para que portas de entrada fossem abertas e fechadas (1 Sm 3.2,15). Mesmo depois dos filisteus terem destruído Siló, se aposado da Arca da Aliança e a devolvido aos judeus via Bete-Semes (1 Sm 6.1-10) e Quiriate-Jearim (1 Sm 7.2), ele continuava sendo uma espécie de tenda-templo (2 Sm 6.17; 7.2) e ficou ali até que Salomão construísse um templo permanente.



Templo de Salomão. Note a grande pia apoiada nas costas de doze bois de bronze, e as colunas chamadas de Jaquim e Boaz.

O Templo de Salomão

O templo de Salomão seguiu o mesmo princípio geral que o tabernáculo. Era um prédio dividido em duas seções para abrigar a Arca da Aliança e os outros objetos santos — mesa, castiçal e altar do incenso. Porém, havia diferenças. A estrutura inteira era feita de pedras revestidas de cedro e de metais preciosos e colocada sobre uma plataforma com degraus de acesso. Um pórtico de entrada foi construído na frente do edifício, e esse era rodeado por três fileiras de pequenas câmaras que podiam ser usadas para depósito, escritórios e acomodação pessoal. O templo era duas vezes maior que o tabernáculo, não sendo, porém, muito impressionante; era feito de pedra comum e tinha cerca de 35m de comprimento. Mais impressionantes eram os objetos santos que ficavam logo depois do pórtico.



Plano do Templo de Salomão

Templo de Salomão

Arca da Aliança

Santo dos Santos

castiçal de ouro

câmaras pequenas

altar do incenso
mesa do pão da proposição

Lugar Santo

Colunas de Jaquim e Boaz

pia

altar

O pórtico ficava entre duas colunas que recebiam o nome de Jaquim e Boaz. Na frente dele achava-se uma enorme pia apoiada nas costas de doze bois de bronze e contendo doze galões de água. Também na frente havia um grande altar de três camadas, que servia de incinerador para os sacrifícios. Ele media cerca de 5m de altura (1 Rs 6; 7.15-51). Este templo se achava também situado num grande pátio.

Outros santuários

O propósito era que o templo servisse de santuário para todo o povo judeu (Dt 12.11; 1 Rs 8.29), mas havia também outros centros de adoração. Jeroboão, rei do reino do norte de Israel, estabeleceu santuários para Deus sobre tronos em forma de boi, nas fronteiras norte e sul do seu reino (veja 1 Rs 12.25-30).

Além desses lugares santos ilegítimos havia muitos

outros. Alguns estavam associados com a revelação de Deus, tais como Siquém, que Jeroboão elevou a capital do seu reino (1 Rs 12.25), mas outros parecem ter sido estabelecidos segundo os caprichos do povo. Os judeus haviam entrado num território onde os deuses cananeus eram adorados em lugares altos e foi fácil para eles apossear-se desses lugares para adorar a Deus. Em alguns casos, como o do pai de Gideão, eles nem sequer se preocupavam em adorar o Deus de Israel (Jz 6.25-32).

Outros santuários foram feitos para adorar o Deus de Israel, mas de maneira muito irregular (Jz 17.3). Juízes 17 descreve um santuário com uma imagem esculpida onde um levita atuava como sacerdote, e conta como o levita foi seqüestrado e os membros de um grupo de saque tribal que queria estabelecer seu próprio santuário roubaram o mesmo. Ezequias e Josias (2 Cr 31.1; 34.1) se envolveram em reformas completas que incluíam a extinção desses lugares ilícitos de adoração, com o objetivo de centralizar o culto em Jerusalém (2 Rs 18.22; 2 Cr 34.3-7). Porém, não seria possível uma verdadeira reforma sem purificação e esta realizou-se mediante as experiências do Exílio.

Reconstrução do Templo

Quando terminou o exílio os judeus tiveram permissão para voltar ao seu país e reconstruir o templo sob o patrocínio do imperador persa (Ed 1.3), eles se reuniram debaixo da liderança de Zorobabel. Depois de considerável oposição e decepções, o templo veio a ser reconstruído. Embora não tivesse a mesma glória que o templo de Salomão (Ed 3.12,13; Ag 2,3), foi construído de forma bastante similar ao anterior (Ed 5.8; 6.4; cf. 1 Rs 6.36; 7.12) e havia câmaras ao redor da estrutura que podiam servir de depósito (Ed 8.28) e de quartos (Ne 13.4-9).

Esse templo durou mil anos, até a época de Herodes, o Grande. Durante esse período, o templo foi descrito por várias pessoas que tiveram oportunidade de vê-lo pessoalmente. Ao que parece, o pátio principal do templo fora dividido por um “muro do pátio interno do santuário”, além do qual só os judeus podiam entrar.

A sinagoga

Depois do templo de Salomão ter sido destruído e enquanto os judeus estavam no exílio, eles sobreviveram

Oposta. Interior de uma sinagoga nos dias de Cristo. Note em segundo plano a estante contendo os rolos da Lei.

reunindo-se aos sábados para aprender sobre a lei e as tradições do seu povo. Essa prática mostrou-se tão útil que ao voltarem, os judeus quiseram continuá-la e começaram a construir lugares onde pudessem “reunir-se”. Esses lugares, conhecidos como *sinagogas* (que significa literalmente “lugares de reunião”), começaram a ser construídos onde quer que houvesse pelo menos dez homens adultos na comunidade. Na época de Jesus, as sinagogas já eram conhecidas em todo o território. Não havia dificuldade em achá-las, visto que se não estivessem no centro da comunidade, eram construídas no ponto mais alto, ou se tornavam o prédio mais alto, por meio de alguma característica arquitetônica, tal como um domo ou base ampliada.

Todas as sinagogas tinham o mesmo aspecto, para que o judeu pudesse sentir-se “em casa” onde quer que adorasse. Só os homens entravam pela porta principal do prédio; as mulheres entravam por uma porta separada e se sentavam numa galeria no fundo. No final do prédio, do lado oposto da entrada, ficava um cômodo com cortinas, onde colocavam o armário (ou arca) contendo os rolos da sinagoga. No centro do prédio havia um bema ou púlpito elevado, e no bema, uma estante apropriada onde as partes prescritas da lei e dos profetas eram lidas e o sermão pregado. Os que eram chamados para ler subiam pelos degraus mais próximos e desciam por outras escadas. “Cadeiras de Moisés” ficavam defronte à congregação e no fundo da sinagoga, junto à arca. Elas eram ocupadas pelos escribas e fariseus mais importantes (Mt 23.2).

No culto normal, salmos eram cantados, as Escrituras lidas e o sermão pregado (Lc 4.16-21). Seguia-se um período de perguntas e debates. Isto parece ter sido utilizado por Estêvão para fazer perguntas que levassem à proclamação do evangelho de Cristo (At 6.9,10).

Vários anciãos arranjavam os detalhes dos cultos e todos os outros aspectos da vida na sinagoga; o ancião mais velho, ou príncipe (principal) da sinagoga (Lc 8.4) era o encarregado do culto. Ele podia convidar um pregador e fica claro que Paulo recebeu esse tipo de convite (At 13.5;14.1).

A sinagoga substituiu, com efeito, os pontos ilegítimos de adoração, mas sem prover um lugar para os sacrifícios.





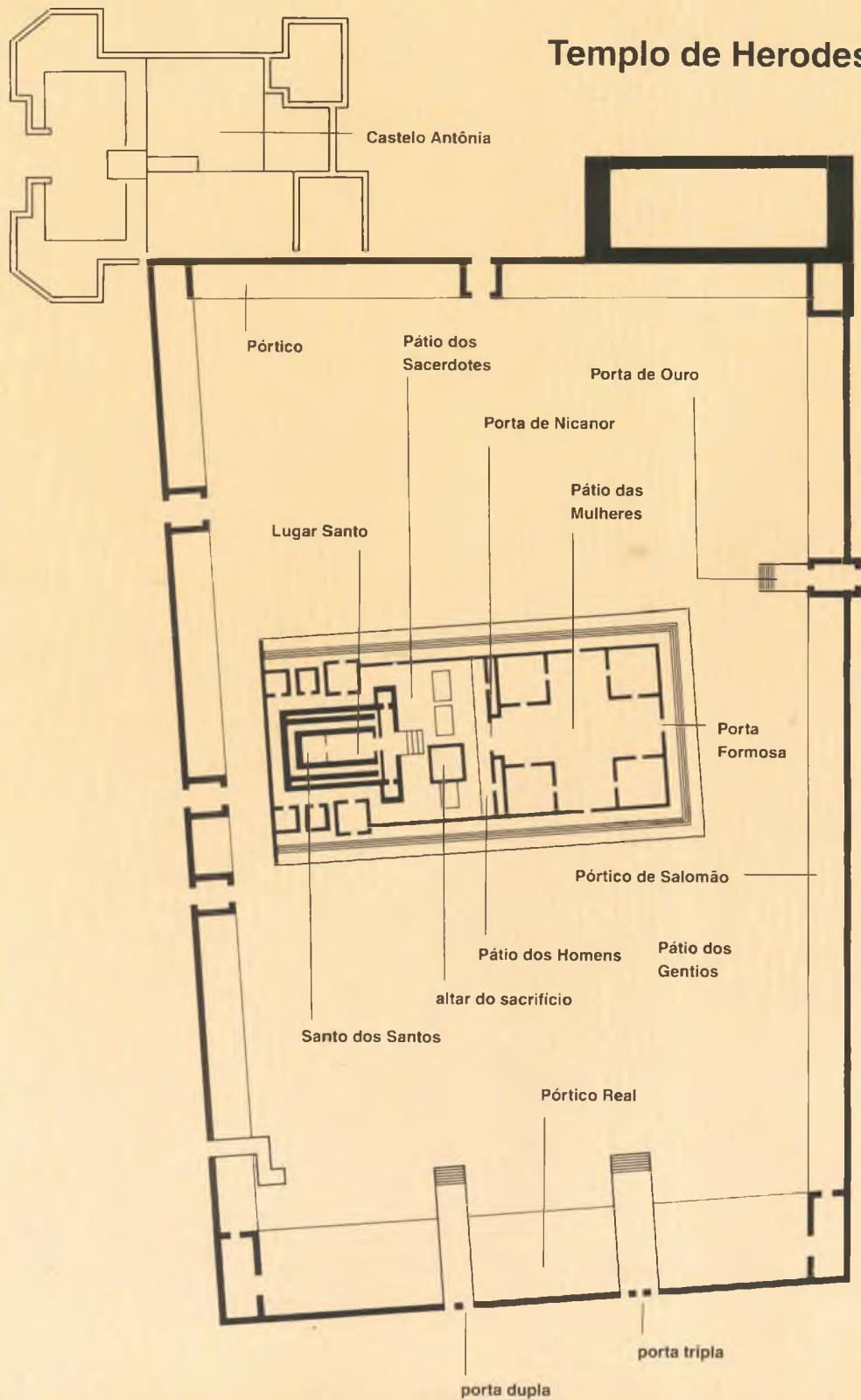
Templo de Herodes. Veja como o Castelo Antônia (à direita) fica situado acima do templo. A grande porta na frente do templo é a Porta de Nicanor.

O Templo de Herodes

O templo de Herodes foi construído para agradar os judeus e era muito mais elaborado que as estruturas anteriores. Os prédios do templo em si tinham o dobro do tamanho dos de Salomão e Zorobabel. O pátio se estendia para o sul, a fim de incluir as edificações do antigo palácio, sendo cercado por pórticos maciços, com colunas. Os pátios tinham pavimento de mármore e parte do prédio era revestida de ouro. O templo refletia o progresso das divisões na fé, pois não só havia um Pátio dos Gentios — onde só gentios podiam entrar — como também Pátios das Mulheres, dos Homens e dos Sacerdotes, que indicavam os limites até onde a pessoa podia ir ao encaminhar-se para o santuário central.

A plataforma principal do templo era rodeada por muros que serviam de paredes posteriores para os quatro pórticos. O pórtico oriental era conhecido como Pórtico de Salomão. Nele se encontrava a Porta de Ouro, que era uma saída da cidade para o Monte das Oliveiras.

Templo de Herodes





Réplica em escala do Templo de Herodes e do Castelo Antônia, Jerusalém.

No pórtico em si ficava o Pináculo (Mt 4.5) com uma queda de mais de 130m para o vale lá embaixo. O Pátio dos Gentios era ao mesmo tempo uma via pública, um mercado e um lugar onde trocar dinheiro para comprar os sacrifícios animais (Mt 21.12,13).

Herodes entrava no templo por um viaduto construído sobre a cidade e os soldados do Castelo Antônia tinham acesso por uma escadaria. O limite interno do Pátio dos Gentios era marcado por um muro baixo, ou *chefe*, que tinha aberturas a intervalos, pelas quais os judeus podiam passar. Os boatos afirmavam que os gentios que passavam por elas corriam risco de vida (veja Ef 2.14; At 21.28). O portão principal para o Pátio das Mulheres era a Porta Formosa, que dava a frente para o leste (At 3.2).

Dentro do pátio havia quatro salas, uma para guardar a lenha do sacrifício, outra um lugar silencioso onde os que faziam votos podiam isolarse (veja At 21.26), outra ainda onde eram recebidas instruções e feitas perguntas — talvez o lugar onde Maria e José encontraram Jesus aos doze anos (Lc 2.46), e uma que servia de depósito para o sal espalhado nos páti os escorregadios pavimentados com mármore quando chovia (veja Mt 5.13). Também no pátio havia treze cofres para as ofertas em dinheiro, cada um ti-

nha um receptáculo em forma de trombeta na tampa (veja Mt 6.2). Foi aqui que Jesus viu a viúva que colocou tudo o que tinha no tesouro do templo (Lc 21.1-3).

Os homens subiam a escada, passando pela Porta de Nicanor (que tinha esse nome por causa do general sírio cuja cabeça foi exibida no templo nos dias dos macabeus) e entravam num pequeno pátio de onde era possível observar o Pátio dos Sacerdotes por cima de um muro baixo. Os sacerdotes oficiavam ali junto ao altar do sacrifício, o qual, com a pia, fora colocado diante do pórtico do templo. Era possível ver através do pórtico o interior escuro, iluminado apenas pelo castiçal e o altar do incenso (Lc 1.9), o



**Degraus de pedra da
entrada do Templo de
Herodes.**

Parte do trabalho em pedra herodiano no Monte do Templo. As pedras curvas que se projetam do muro, antigamente sustentavam uma ponte que saía da área do templo.

Religião/353



qual, como a mesa da proposição (Mt 12.4), estava ali como estivera nos primeiros tempos.

O pesado véu que separava o Santo dos Santos foi partido em dois quando o terremoto que acompanhou a morte de Jesus (Mt 27.5) sacudiu o prédio. Além dele havia um espaço vazio. A Arca da Aliança nunca fora restaurada e a única coisa colocada ali era a rocha de Moriá cravada no chão.

O recinto do templo continha muitos outros apartamentos. O Sinédrio se reunia no Salão das Pedras Lavradas. Havia uma sala onde os sacerdotes de plantão se reuniam para ver quem seria escolhido por sorte para entrar no Lugar Santo no dia (veja Lc 1.8,9), e havia lugares para depósito e outros onde as pessoas podiam ficar. O prédio era magnífico — uma das maravilhas do mundo antigo — e parecia inconcebível para alguns que Jesus tivesse afirmado que o mesmo seria completamente destruído (Mt 24.1,2).

Celebrações santas

Sábado

Numa ocasião em que a pessoa dificilmente conseguia escapar da tirania do trabalho, o *Sábado*, ou “repouso”, constituía um alívio físico e uma bênção espiritual (Is 56,2,4-7; 58,13,14). Era uma ocasião muito valiosa para ser estragada pelo trabalho e o comércio. Nos dias de Neemias, os portões de Jerusalém eram fechados para os comerciantes e ele os expulsou dos muros externos (Ne 13,15-22).

Embora o sábado fosse lei na época do Éxodo (Êx 20,8-11) e os judeus se acostumaram com ela a caminho do Monte Sinai (Êx 16,4,5,22-27), a idéia de um mês de 28 dias já estava em existência, envolvendo um ciclo de sete dias. Noé mandou sair uma pomba em intervalos de sete dias (Gn 8,10) e Jacó teve de esperar sete dias antes de casar-se com Raquel (Gn 29,27,28). A idéia de um *sábado* teve provavelmente origem na Babilônia, mas eram dias de medo em que o povo ficava dentro de casa por causa do terror dos deuses, e não havia interrupção regular do trabalho.

O caráter do sábado judeu era completamente diverso. Mesmo assim depois que Deus se revelou (Nm 15,32-36), aquele que não obedecesse à lei do sábado era morto e o povo judeu pode ter sido motivado a guardar o sábado por medo em vez de alegria. Nos dias de Amós, o único pensamento deles era quando o sábado ia acabar para poderem ganhar dinheiro (Am 8,5; cf. Jr 17,18-27) e foram condenados por essa atitude.

Na época de Jesus, o sábado se tornara um fardo, embora continuasse sendo uma ocasião para usar as melhores roupas e para ir à sinagoga à tarde, voltando depois para a melhor refeição da semana. Havia, porém, leis detalhadas em operação que legislavam cada aspecto do dia. Elas determinavam quanto a pessoa podia andar (uma “jornada de sábado” eram 2.000 passos) e o que ela podia fazer. Se uma casa caísse sobre alguém, por exemplo, a vítima podia ser deixada lá dentro se pudesse sobreviver até o dia seguinte; o escriba não podia carregar a caneta no cinto.

Jesus percebeu que todo o propósito do sábado, que deveria ser uma alegria para o homem, havia mudado

(Mt 12.1-4; Mc 2.23-26; Lc 6.1-11). Jesus ensinou que Ele era o Senhor do sábado (Mc 2.28) e em vista da sua ressurreição ter acontecido no primeiro dia da semana, os cristãos começaram a guardar esse dia de repouso em vez de o sétimo dia (At 20.7).

Outras festas

Além dos sábados, havia várias festas originalmente celebradas na estação seca do ano, porque os homens tinham de viajar para o santuário central com o propósito de comemorar todos juntos. Deus prometeu que, ao fazermos isso, Ele asseguraria que suas terras jamais seriam atacadas por um inimigo (Êx 34.23). As três “festas da peregrinação” eram festivais da colheita para agradecer pela colheita da cevada, do trigo e da uva, que concluíam o ano agrícola. Elas não deviam ser, porém, simples festas da colheita como as celebradas pelos cananeus.

Deus deliberadamente associou as festas das colheitas com os eventos religiosos, para que os judeus se lembressem dos seus atos poderosos a favor deles.

A festa dos Pães Asmos era unida à da Páscoa e as pessoas lembravam a partida do Egito; a entrega da lei no Monte Sinai era associada à colheita do trigo na Festa das Semanas, e os quarenta anos em que viveram em tendas eram comemorados durante a colheita da uva.

Tais festas não representavam um fardo. Numa época em que as pessoas ficavam isoladas pela geografia e pela intensidade do trabalho, as festas davam oportunidade não só de deixar de trabalhar como de encontrar os amigos na presença de Deus. Os homens descobriram que essas ocasiões eram tão boas que passaram a levar as esposas com eles (1 Sm 1.9,21) e as festas se transformaram em grandes reuniões de família (Lc 2.41-44). Os escritores contemporâneos calcularam que na Páscoa cerca de dois milhões e meio de pessoas viajavam para Jerusalém nos dias do Novo Testamento.

As festas da Páscoa e dos Pães Asmos (Nisá 14-21) (Notas sobre o calendário judeu serão encontradas em “Leia Agora a Sua Bíblia” no final deste capítulo.) No terreno religioso, a Páscoa era uma recordação do período em que Deus livrou os judeus do ca-

Calendário Judeu

Mês	Dia	Festas	Significado da Palavra	Meses equivalentes hoje
1. Abibe ou Nisã	14 15-21	Páscoa Pães Asmos	Germinação	março-abril
2. Iyyar ou Zive			Floração	abril-maio
3. Sivâ	6	Semanas ou Pentecostes		maio-junho
4. Tamuz				junho-julho
5. Ab				julho-agosto
6. Elul				agosto-setembro
7. Tisri ou Etanim	1 10 15-21	Trombetas Dia da Exiação Tabernáculos	Primeiras chuvas	setembro-outubro
8. Marchesvan			Chuvas	outubro-novembro
9. Quisleu	25	Luzes ou Dedição		novembro-dezembro
10. Tebet				dezembro-janeiro
11. Shebate				janeiro-fevereiro
12. Adar	13-15	Purim		fevereiro-março

tiveiro no Egito. Um cordeiro fora morto para cada família judia e, como resultado, o “anjo da morte” passou por cima de suas casas (veja Hb 11.28). Os pães asmos eram uma lembrança da mesma época, quando não houvera tempo para fermentar a massa por causa da pressa (Ex 12.7; 13.3-10). Era também um festival da colheita em que se fazia oferta das primícias da cevada (Lv 23.11).

Nos dias do Novo Testamento essas ocasiões se haviam tornado uma grande festa da primavera. Antes da festa em si, as estradas eram consertadas e os túmulos caiados para que as pessoas pudessem evitar as contaminações accidentais que ocorriam quando uma sepultura era tocada (Mt 23.23). Os preparativos eram também grandes nas casas. Todos os utensílios de cozinha tinham de ser completamente lavados ou comprados outros novos.

No 13º dia do mês de Nisã, o chefe da família fazia uma busca na casa inteira para certificar-se de que

não havia pão fermentado em lugar algum. As casas em Jerusalém ficavam preparadas para receber visitantes, porque era esperado que cada família recebesse hóspedes. Cordeiros ou bodes eram comprados no 14º dia e levados ao templo para o sacrifício, um animal para cada dez ou doze pessoas. A gordura era queimada e o sangue oferecido sobre o altar antes de as carcaças serem penduradas à espera de quem as fosse buscar, em cuja ocasião elas eram levadas para casa e assadas num espeto de româzeira. As pessoas usavam suas melhores roupas, mas ficavam preparadas como se fossem partir para uma viagem. Todavia, elas se reclinavam em divãs quando possível, porque Deus lhes dera descanso.

Um ritual era seguido liderado pelo chefe da família, no qual todos se lembravam dos eventos da partida do Egito, ajudados pelo membro mais novo da família que fazia as principais perguntas. O pão asmo, as frutas amargas e um *chutney* saboroso (*charoseth*, conserva picante), que simbolizava a pressa, a amargura e o trabalho (o *charoseth* era como a argamassa) dos ancestrais, tudo os fazia relembrar o passado. Graças eram dadas a Deus com taças de vinho. As quatro taças usadas tinham de ser adquiridas, mesmo que isso significasse penhorar os bens do indivíduo. Só pão asmo podia ser comido na semana que se seguia e, durante esse período, ofertas públicas e sacrifícios adicionais eram feitos.

A Festa das Semanas, ou Pentecostes

Essa era uma festa de um dia, para dar graças, realizada no 6º dia de Sivá, no meio da colheita de trigo e no fim da colheita de cevada. Só um dia podia ser reservado para a festa numa época em que a sega do trigo estava em plena atividade. A ação de graças se concentrava em dois pães. Um pequeno campo era segado e os grãos separados e moídos. A farinha servia para fazer dois grandes pães e, quando assados, eram abanados em direção ao céu, em agradecimento ao Deus que protegia a todos (Lv 23.15-21). Ofertas voluntárias eram apresentadas e o tesouro do templo aberto.

Na mesma ocasião, a entrega da lei no Monte Sinai era o centro dos pensamentos do povo (Dt 16.12). A festa devia ser comemorada durante uma semana de semanas (sete semanas, ou cinqüenta dias) depois da

festa dos pães asmos (Lv 23.16), daí o seu nome. Esse foi aproximadamente o tempo que os judeus levaram para chegar ao Monte Sinai depois da sua partida do Egito (Ex 19.1) e, no período asmoneu, a lembrança da entrega da lei assumiu grande importância (Jubileus 1.1; 6.17). A tradução grega da Bíblia na época do Novo Testamento interpretou os “cinquenta dias” de Levítico 23.16 como *pentekosta hemeras* e deu então lugar ao nome *Pentecostes*, que é o termo usado no Novo Testamento (At 2.1; 20.16; 1 Co 16.8).

Festa dos Tabernáculos ou da Colheita (Ex 23.16; 34.22)

Essa era outra festa de uma semana, de 15 a 21 do mês de Tisri, que marcava a colheita das uvas. Em vista de todos saírem nessa época para os vinhedos, para o seu “feriado de trabalho comunitário” (veja pág. 106) e ficarem em tendas, era uma ocasião excelente para lembrar das lições religiosas dos quarenta anos em que toda a nação estivera vivendo em tendas entre o Egito e Canaã (Lv 23.34-36; 39-44. Dt 16.13-15). Uma ação de graças era então apropriada no final do ano agrícola, na terra para a qual Deus os levara.

Nos dias do Novo Testamento havia um ritual espetacular. As tendas feitas de folhas de palmeira eram colocadas nos tetos, nos pátios e nos jardins, e as pessoas moravam nelas durante uma semana a não ser que caísse uma chuva muito forte (uma raridade!) ou que houvesse um caso de doença grave. Duas procissões de sacerdotes deixavam o templo a cada manhã; uma saía para colher ramos de folhas e a outra ia ao Tanque de Siloé. Quando os sacerdotes voltavam, era feita uma procissão em volta do altar (uma volta nos primeiros seis dias da festa e sete vezes no último dia — para lembrar do ritual em Jericó, Js 6.3-4) — e um tabernáculo ou tenda era feito para o altar. Derramavam água nos degraus do templo, de modo a correr pelo templo e para fora, para o mundo exterior, indicando assim a maneira como a fé judia iria satisfazer o mundo.

Durante a festa, eles colocavam quatro grandes candelabros no Pátio das Mulheres, com seus reservatórios cheios de azeite e os pavios feitos de pedaços das vestes que os sacerdotes haviam usado no ano precedente. Todos em Jerusalém podiam ver a luz e

havia música e danças embaixo das tochas chamejantes. A luz simbolizava a revelação e a verdade da fé judia.

A festa das Trombetas

Além das três festas de peregrinação, dois outros dias especiais eram observados durante o mês de Tisri. No primeiro dia do mês, realizava-se uma festa que se tornou conhecida como das Trombetas. Trombetas eram tocadas no início de cada mês (Nm 10.10), mas o de Tisri era uma ocasião especial porque o mês marcava o início do novo ano civil e, portanto, cerimônias especiais eram celebradas.

Trombetas de chifre de carneiro eram tocadas o dia inteiro, não se trabalhava e sacrifícios adicionais eram oferecidos. Algumas vezes a festa era celebrada durante dois dias, no caso de algum erro sobre a chegada da lua nova. Era um dia de auto-exame, perguntando a Deus como Ele via cada pessoa, e era por isso que as trombetas tocavam — para que Deus ouvisse e lembrasse da sua aliança, para afastar Satanás, o acusador, e despertar para o arrependimento os israelitas adormecidos no pecado.

O Dia da Exiação

O dia 10 do mês de Tisri marcava o Dia da Exiação (Lv 16). Esse dia era de muitas formas um clímax do ano religioso judeu. Os sacerdotes ofereciam durante o ano inteiro sacrifícios a Deus, a fim de tornar o povo aceitável a Ele; mas os sacerdotes e seu equipamento foram ceremonialmente afetados pelo pecado e o Dia da Exiação foi instituído para promover uma “limpeza espiritual de primavera”, de modo que o caminho para chegar a Deus, mediante o sacrifício, ficasse aberto por mais um ano. O sumo sacerdote era a única pessoa que podia fazer isso e nos dias do Novo Testamento, a fim de não haver erro, ele era cuidadosamente vestido pelos anciãos e praticava o ritual diariamente durante a semana anterior.

No Dia da Exiação, o sumo sacerdote era mantido acordado durante a madrugada, e quando chegava a manhã, era vestido com roupas brancas simples para dar início às cerimônias. Ele primeiro confessava os pecados das pessoas com a mão sobre o pescoço de um touro sacrificial, que havia sido morto e colhi-

do o seu sangue. Dois bodes eram colocados à sua frente e sortes lançadas para ver qual deles devia ser de Deus e qual do povo. O bode de Deus era morto e seu sangue misturado com o do touro. Depois, sozinho, o sumo sacerdote entrava com incenso e brasas no Santo dos Santos. O incenso era queimado e quando ele enchia o lugar, acreditava-se que o sumo sacerdote era aceitável a Deus.

Nos dias do Antigo Testamento isso era seguido pela aspersão do propiciatório — a tampa da Arca da Aliança — com o sangue colhido; no Novo Testamento não havia a Arca, de modo que o Lugar Santo e todos e tudo que estivesse ligado ao sacrifício era aspergado com o sangue. As consciências ficavam limpas pelo bode remanescente, que recebia os pecados do povo pela imposição de mãos. Ele era depois levado ao deserto e solto ali para simbolizar a remoção do pecado. Esse animal era conhecido como bode expiatório. As carcaças dos animais sacrificados eram então queimadas longe dali. O escritor aos Hebreus considerou a cerimônia como uma figura imperfeita do que Jesus fez por nós (Hb 9.7-14; 10.19-22; 13.11,12).

O Purim

Duas outras festas foram acrescentadas mais tarde para celebrar vitórias nacionais que os judeus haviam conquistado sobre os inimigos. O *Purim* era comemorado entre 13-15 do mês de Adar, para celebrar a época em que a rainha Ester fora usada para salvar o seu povo do genocídio durante o reinado de um rei persa chamado Assuero. Durante a festa era lido o livro de Ester, que conta toda a história. Quando o nome do vilão, Hamã, surgia, ele era vaiado aos gritos; quando era lido o nome de Mordecai, o herói, ele era saudado com aclamações.

O 13º era um dia de jejum, mas o 14º e o 15º eram ocasiões de alegria. O segundo livro de Macabeus, 15.36,37 menciona porém a festa em conexão com outra comemoração. Depois da derrota de um general sírio de nome Nicanor, foi publicado um decreto para celebrarem essa derrota no 13º dia de Adar, o dia “anterior ao de Mordecai”. Esse dia teria sido comemorado nos dias do Novo Testamento, mas acabou sendo esquecido.

A festa das Luzes

A festa da Dedicação, ou Luzes, celebrava outra vitória dos dias dos macabeus — quando Judas Macabeu entrou no templo de Jerusalém depois dos sírios tiverem sido expulsos em 164 a.C. e purificou o mesmo. Palmas foram levadas para ali e o templo foi iluminado. De muitas maneiras, a festa das Luzes era semelhante à das Tabernáculos (veja 2 Mac 10.6). Cada família tinha sua vela para lembrar a lenda de que, quando o templo foi invadido, só havia o suprimento de um dia de azeite para o castiçal de ouro, mas o óleo durou oito dias. A festa começava no dia 25 de Quisleu e como esse mês correspondia a dezembro, há algum elo entre a festa e a celebração do “aniversário oficial” de Jesus no ocidente. A festa coincidia com vários festivais de inverno, que animavam os dias mais escuros da estação.

Ritual santo

O ritual da religião judia envolvia sacrifício (em comum com os que as outras religiões fundaram na mesma área e tempo). Ele era usado em todas as grandes festas, tanto particulares como públicas e podia ser de vários tipos. De fato, não existe uma palavra adequada para *sacrifício* no Antigo Testamento. *Corbā* (veja Mc 7.11) é usado com a mesma freqüência. Detalhes de todo o sistema de sacrifício serão dados numa obra maior de referência (veja a bibliografia selecionada), mas é útil e interessante compreender os *tipos* de sacrifício como estabelecidos nos primeiros capítulos de Levítico.

A *Olah*, ou oferta queimada, parece ter sido um meio de consagração e dedicação do adorador a Deus. Tal consagração não pode ter lugar sem um reconhecimento de que o adorador é imperfeito para tal dedicação. Portanto, deve ser feita confissão e removido o pecado pela imposição de mãos para identificar-se com o animal sacrificado. O sangue do animal era espargido sobre o altar. Em termos humanos, Deus se agradava de tais atos de sacrifício (Lv 1.3-17; 6.9-13).

A *Minha*, refeição ou oferta de cereais, era uma oferta voluntária de grãos ou farinha, geralmente acompanhada por outras formas de sacrifício (veja Nm 15.1-16). Parte do sacrifício era aspergido com incenso especial e queimado sobre o altar, mas as so-

bras serviam de alimento para os sacerdotes. Parece ter sido um dom de Deus, mas feito para manter o favor divino (Lv 2.1-16; 6.14-18).

A *Selamin*, ou oferta de paz, era uma refeição de confraternização na qual o adorador e seus amigos sentavam para comer em paz com Deus. Depois da confissão e do sacrifício, a parte de Deus — a gordura — era queimada sobre o altar. O que sobrava era comido pelo adorador, sua família e amigos (Lv 3; 7.11-21,28,34). Essa oferta podia ser usada para exprimir agradecimento, acompanhar um voto, ou como oferta voluntária.

A *Assam* (oferta pela culpa) e a *Hattath* (oferta pelo pecado) eram ofertas que tinham de ser feitas quando a pessoa se tornava ceremonialmente contaminada (Lv 5.2,3), tal como a mulher que dava à luz ou o doente de lepra (Lv 12; 14.1-32; Mc 1.44; Lc 2.22), quando uma ofensa civil era cometida contra um vizinho (Lv 6.1-7), ou ofensas cometidas quando a pessoa estava tomada pela emoção (Lv 19.20-22), ou talvez por erro (Lv 4.1).

A escala do sacrifício estava ligada ao grau da ofensa e depois do sangue ter sido derramado no altar e a gordura queimada, o resto da carcaça era removido e queimado. Se a ofensa envolvia danos a um vizinho, então era preciso fazer também restituição (Lv 6.4). (Veja igualmente Lv 6.25; 7.10) É importante lembrar que não havia sacrifício a ser feito pelo pecado voluntário e o desafio às leis de Deus.

O sistema sacrificial

Quando os seres humanos entram em relação de aliança com Deus e mantêm o seu lado do trato, evitando todos os pecados conhecidos, surge o desejo de relacionar-se mais intimamente com Deus — entregar-se ao seu serviço, expressar agradecimento, apoiar seus servos, ter comunhão, e desculpar-se pelo mal cometido acidentalmente. O sistema sacrificial demonstrou que uma relação mais profunda com Deus era possível, mas para que isso acontecesse havia necessidade de uma purificação contínua do pecado.

Ao mesmo tempo, o sistema demonstrou suas próprias deficiências e resultou na necessidade de encontrar outro meio não só para estabelecer uma rela-

ção mais profunda com Deus, como também para tratar com todo o problema do pecado deliberado. Esse outro meio foi tornado possível mediante Jesus (Hb 10.1-8).

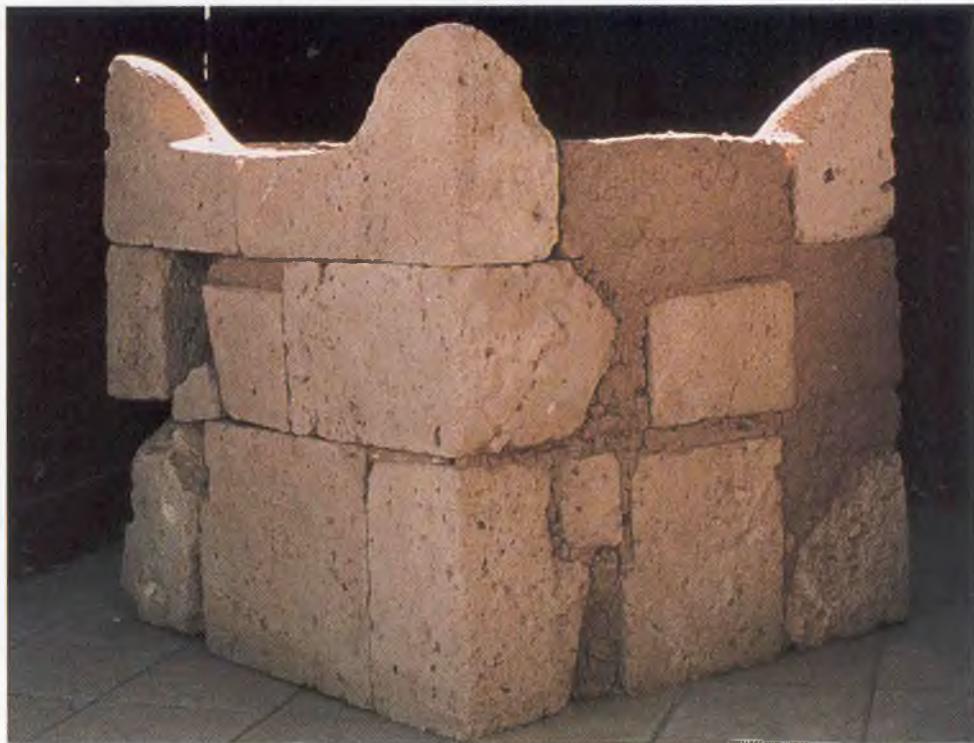
Povo santo

Os levitas

Levi, um dos doze filhos de Jacó, tinha três filhos: Gérson, Coate e Merari (Gn 46.8,11). Quando a família aumentou durante a estada no Egito, a família de Levi passou a ser uma tribo e as famílias dos três filhos se tornaram divisões tribais. Arão, Miriá e Moisés nasceram na divisão coatita da tribo (Êx 2.4; 6.16-20; 15.20). Quando os judeus adoraram o bezerro de ouro no sopé do Monte Sinai, foram os levitas que se uniram a Moisés contra a idolatria e na consagração a Deus. Ao tomarem essa atitude, eles destruíram muitos dos idólatras (Êx 32.26-29).

Sua consagração resultou em se envolverem na construção do Tabernáculo (Êx 28.1-30) e em cuidar dele. Quando o Tabernáculo foi removido, os

Altar de pedra com quatro "chifres" descoberto em Berseba.





Sumo sacerdote. Note seus trajes especiais e o peitoral onde doze pedras preciosas diferentes eram engastadas.

coatitas levaram a mobília (Nm 3.30-32), os gersonitas, as cortinas e seus pertences (Nm 3.24-26), e os meraritas transportaram e instalaram o Tabernáculo propriamente dito (Nm 3.35-37; 4.29-33). Segundo Números 3.40-51, os levitas agiram como substitutos dos primogênitos de toda casa judia.

Em vista de Deus ter poupado a vida dos primogênitos judeus por ocasião da primeira Páscoa (Ex 11.5; 12.12,13), o primogênito pertencia tecnicamente ao Senhor, mas os levitas deviam atuar no serviço de Deus em lugar deles (Nm 3.12,13,40-51). Por serem separados para o serviço de Deus, não se esperava que fossem à guerra (Nm 1.3; cf. v.49) ou plantassem seus próprios alimentos numa área tribal. Eles deviam espalhar-se por toda a Terra Prometida e viver entre o povo (Nm 35.1-8) e deviam ser sustentados com os dízimos do povo (Nm 18.21).

O sumo sacerdote

Dentro da divisão dos coatitas, a família de Arão passou a ser de sacerdotes. De um lado isso os tornou encarregados dos levitas. Itamar supervisionava os gersonitas (Nm 4.28) e os meraritas (v.33); Eleazar cuidava dos coatitas (v.16). Por outro lado os sacerdotes eram distintos dos levitas, porque só eles podiam tocar nas coisas santas — tudo que tivesse a ver com o altar, a lâmpada, ou a mesa da proposição (Nm 4.5-15).

O sacerdote nem sempre era quem fazia o sacrifício, mas era ele quem levava o sangue para o altar (por exemplo, Lv 3.2). O próprio Arão veio a ser sumo sacerdote (às vezes chamado de principal sacerdote). Ele usava roupas especiais (Lv 16.2), interpretava o lançamento das sortes sagradas que eram mantidas em seu peitoral.

Arão tinha quatro filhos. Nadabe, Abiú, Eleazar e Itamar. Nadabe e Abiú morreram por terem cometido sacrilégio em seus deveres religiosos como sacerdotes (Lv 10.1-3) e o sumo sacerdócio passou então para Eleazar e foi mantido em sua família (Nm 20.25-29). Eli era um sacerdote da família de Eleazar. O sumo sacerdócio parece ter passado depois para a família de Itamar (veja 1 Rs 2.27; cf. 1 Cr 24.3).

Foi Salomão quem fez retornar a linhagem de volta à família de Eleazar, colocando Zadoque na posição de sumo sacerdote. Essa posição foi mantida na família dele até que seu descendente veio a ser deposto por Antíoco Epifânio nos dias dos macabeus. Neste período posterior, os sumo sacerdotes eram indicados pelo poder reinante (Anás foi deposto pelos romanos e substituído por Caifás — veja Lc 3.2; Jo 18.13-24), mas quando eles se tornaram fortes o bastante para resistir às autoridades, adotaram seu próprio estilo de soberania.

A falta de sacerdotes

Quando os judeus entraram em Canaã e um santuário central foi estabelecido, não havia trabalho para os levitas como carregadores; e, por causa da morte de Nadabe e Abiú, os sacerdotes eram muito poucos. Os judeus estavam entrando numa terra onde a adoração era feita em santuários locais e a demanda de sacerdotes era maior do que a oferta, enquanto, por outro lado, havia um excesso de levitas.

A história de Juízes 17—18 indica a maneira como a instituição de levitas e sacerdotes se extinguiu. Mica, um levita que se estabelecera em Judá, tornou-se sacerdote, primeiro para a sua família (17.10-12) e depois para um grupo de danitas (18.19). Ele não só se envolveu no trabalho sacerdotal de apresentar oráculos (18.5), como também estava quebrando os mandamentos básicos (18.18).

A monarquia parece ter corrompido ainda mais o propósito de Deus. O rei muitas vezes substituía o sumo sacerdote e o templo se tornou um santuário real. Pouco se ouve falar do sumo sacerdote durante todo o período da monarquia. Nesse período os levitas se envolveram na música do templo (1 Cr 15.16) e começaram a trabalhar diante dos pertences sagrados, o que era proibido nos dias do Tabernáculo (1 Cr 9.26-29; 23.28-32). Quando os judeus foram exilados para a Babilônia e não havia templo ou sacrifício, a distinção entre sacerdotes e levitas ficou ainda mais reduzida.

Foi Ezequiel que, contemplando um Israel restaurado, exigiu que houvesse novamente uma nítida divisão entre sacerdotes e levitas (Ez 40.46; 43.19). Ele disse que os sacerdotes tinham sido fiéis a Deus no

período da monarquia (Ez 44.15,16; ele os chamou de “filhos de Zadoque”) em comparação com os levitas (48.11). Essa exigência de separação pode ter sido o motivo de muitos levitas parecerem ansiosos para voltar a Jerusalém depois do exílio (Ed 2.36-40; 8.15-20). Uma vez de volta, eles se envolveram no ensino da lei (Ne 8.7-9) e nos deveres religiosos normais (Ne 11.3; 12.27-31).

Os Sacerdotes e Levitas

Os sacerdotes e levitas continuavam trabalhando nos dias do Novo Testamento. Eles aparecem na história do Bom Samaritano (Lc 10.31). Zacarias, pai de João Batista, era o sacerdote de plantão no Lugar Santo quando soube do futuro nascimento de João (Lc 1.8,9). Jesus disse ao leproso curado para ir mostrar-se ao sacerdote (Mt 8.4; veja Lv 14.2). Nos dias do Novo Testamento, os membros das famílias dos sumos sacerdotes eram todos chamados de sumos ou principais sacerdotes, e estavam constantemente em conflito com Jesus e os primeiros cristãos.

À medida que o povo judeu se familiarizou com o trabalho do sumo sacerdote, dos sacerdotes e dos levitas, deve ter compreendido a idéia que estava por trás de tudo — *representação*. De um lado, os sacerdotes e levitas representavam o povo diante de Deus ao liderarem na adoração e no altar, e, por outro lado, eles representavam Deus diante do povo ao ensinarem e explicarem as suas leis.

Os profetas

Ao lado dos sacerdotes e levitas havia outro grupo chamado para um trabalho de representação. Os profetas, como os sacerdotes, representavam o povo diante de Deus. Samuel orou pelo povo em Mispa (1 Sm 7.5); Elias orou para que o seu servo visse os exércitos protetores de Deus (2 Rs 6.17); Jeremias recebeu ordem para não orar pelo povo, visto que Deus não iria ouvi-lo, pois os pecados deles eram grandes demais (Jr 7.16).

A verdadeira importância dos profetas, porém, era que eles representavam Deus e falavam por Ele ao povo. Abraão (Gn 20.7) e Moisés eram considerados profetas (Dt 18.15-19). Na passagem em Deuteronômio fica claro que o profeta é sempre chamado por Deus

(v.18), tem a autoridade de Deus (v.19) e o que ele diz será provado verdadeiro (v.22). O profeta era então conhecido como servo de Deus (2 Rs 17.13,23; Ed 9.11; Jr 7.25). O profeta sempre defendia os padrões de Deus e chamava o povo para Ele (Dt 13, esp. v.4), era isso que distingua o profeta verdadeiro do falso (por exemplo, 1 Rs 13.18-22; 22; Jr 28).

Os profetas não eram simplesmente indivíduos perceptivos no sentido político ou social. Eram pessoas que, pela revelação de Deus, tinham conhecimento da importância dos eventos históricos e das necessidades do povo comum. Em seu trabalho eles falavam de acontecimentos futuros, de modo a advertir sobre as consequências dos atos presentes (ver Am 1.2), e no geral falavam contra a sociedade em que viviam.

No primeiro período da história de Israel parece ter havido dois tipos distintos de profetas. Um era conhecido como *roer* ou vidente; era uma pessoa solitária, que causava impressão, sendo tipificado por Samuel (1 Sm 9.11,18-19; 1 Cr 9.22). O outro era conhecido como *nabi*, membro de um grupo que profetizava em estado de êxtase (1 Sm 10.5,6,10-13; 19.20-24). Num período posterior as palavras se tornaram intercambiáveis com outro termo geral, *hozeh*. Características diferentes podiam ser notadas nos diferentes profetas. Alguns falavam mediante presságios (Zc 10.2), análise de eventos políticos (Is 5.12), avaliação do caráter (1 Sm 16.1), visões (Is 6.5), telepatia (2 Rs 6.12), e a habilidade de ver detalhes no futuro (1 Rs 13.2; Is 44.28).

A pessoa se tornava profeta ao perceber que Deus estava falando com ela e precisava então transmitir a mensagem recebida. A consciência disso se manifestava de várias maneiras e a mensagem era transmitida conforme a personalidade única do profeta. Jeremias diz simplesmente que a mão do Senhor o tocou e palavras foram postas em sua boca (Jr 1.9). Outros profetas tiveram visões e sonhos (1 Sm 28.6,15; Zc 1.8). Algumas vezes a mensagem profética era dada recapitulando a visão (Is 6), outras vezes contando parábolas ou histórias (Is 5.1-7), repetindo um oráculo (2 Rs 13.14-19; Jr 19; Ez 4.1-3), ou escrevendo (Is 30.8).

Alguns dos profetas tinham grupos de seguidores ou discípulos que eram conhecidos como “fi-

lhos dos profetas” (2 Rs 4.38). Eles repetiam a mensagem do profeta e às vezes as escreviam. Havia muito mais profetas do que aqueles que conhecemos pelas profecias registradas ou eventos históricos. Grupos de profetas trabalhavam nos centros de adoração (1 Sm 10.5) e se associavam então com os sacerdotes e levitas (2 Rs 23.2; Is 28.7). Em vista de conhecerem os abusos do sistema de sacrifícios e compreenderem que a vida moral dos adoradores não correspondia ao ceremonial, eles tendiam a atacar a esse. Fizeram o que Jesus fez mais tarde com a samaritana, quando afirmou que a verdadeira adoração aceitável a Deus é “em espírito e em verdade” (Jo 4.24).

Objetos santos

Na religião judia havia objetos especiais que eram santos no sentido de pertencerem a Deus e que não deviam ser tocados pelas pessoas comuns. Uzias morreu quando tocou a Arca da Aliança (2 Sm 6.7) e quando Nadabe e Abiú ofereceram “fogo não-autorizado” ou incenso impróprio, eles também foram mortos (Lv 10.1,2). Vários objetos eram sagrados. Eles faziam parte do Lugar Santo e do Santo dos Santos no centro de adoração.

A Arca da Aliança era, em muitos aspectos, o objeto mais importante de todos. Ela é descrita em Êxodo 25.10-22 e consistia de uma caixa tendo sobre a tampa as figuras de dois querubins. Havia argolas nos cantos por onde passavam varas para que a arca pudesse ser transportada. A caixa media cerca de 120cm x 60cm x 60cm e continha as duas tábuas de pedra dos Dez Mandamentos (Êx 25.16; Dt 10.1-5), um vaso contendo o maná e a vara de Arão (Hb 9.4,5). A Arca servia de trono para o Deus invisível que ficava sentado sobre as asas dos querubins e cuja voz vinha de cima dela (Êx 25.22). O bezerro de ouro que Arão fez tinha provavelmente o propósito de ser um trono, e os dois bezerros que Jeroboão colocou em Betel e Dã teriam servido o mesmo propósito.

No Lugar Santo havia três objetos: uma mesa, um castiçal e um altar. A mesa era conhecida como mesa dos pães da proposição e tinha uma forma-padrão com cerca de 90cm x 45cm na parte de cima. Ela é

descrita em Éxodo 25.23-30. Doze bolos assados eram postos em duas fileiras de seis cada sobre a mesa.

O pão da proposição era na verdade chamado de “pão da presença”, porque estava na presença de Deus (1 Sm 21.6). Ele era renovado todos os sábados por um dos sacerdotes e o pão velho retirado para ser comido por eles (Lv 24.5-9; 1 Sm 21.6).

O Lugar Santo era iluminado por um castiçal de ouro. Três braços, terminados em copos na forma de flor, se projetavam de cada lado de uma haste principal, a qual também sustentava uma lâmpada (Ex 25.31-36).

Entre a mesa dos pães da proposição e o castiçal ficava um altar no qual devia ser queimado incenso. Ele tinha apenas 90cm de altura e a parte de cima era um quadrado de 45cm. O altar era feito de madeira de acácia revestida de ouro (Ex 30.1-10). O incenso era também sagrado, e não podia ser feito para qualquer outro propósito além da adoração. Se compunha do incenso puro, a goma resinosa mais alva retirada da parte interna da casca das árvores da espécie *Boswellia*; o gálbano, provavelmente a goma de uma planta persa; e dois ingredientes até hoje desconhecidos, *sacte* (*estorache*) e *onicha* (Ex 30.34-38).

Os judeus também estavam familiarizados com as sortes sagradas, conhecidas como Urim e Tumim, pelas quais a vontade de Deus era algumas vezes adivinhada pelo sumo sacerdote. Esse usava uma bolsa de lona no peito. Do lado de fora ficava um peitoral de ouro, com pedras preciosas engastadas. Do lado de dentro havia duas sortes. Estas eram provavelmente discos, brancos de um lado e pretos do outro. Quando as pedras eram jogadas da bolsa, duas brancas significavam Sim; duas pretas, Não; e uma preta e outra branca significavam Espere (veja Ex 28.30; Lv 8.8; Nm 27.21; 1 Sm 28.6; Ed 2.63. Havia outros objetos sagrados especiais para as pessoas comuns. Em Deuteronômio 6 encontramos o credo básico da religião israelita:

“Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu poder” (Dt 6.4,5).

Ele continua, dizendo que os judeus deviam amarrar essas instruções como um sinal em sua mão e en-

tre os olhos e que elas deviam ser escritas nos batentes da casa (vv.8,9).

Muitos judeus aceitavam os mandamentos literalmente e colocavam o credo em pequenas caixas. As caixas amarradas no punho e na testa eram conhecidas como *tephillim* (*filactérios* no Novo Testamento) e a caixa fixada ao batente era chamada de *mezuzah*. A forma presente do filactério não foi considerada final até depois dos dias de Cristo, embora fosse usada pelos fariseus da sua época (Mt 23.5). Eram caixas ocas, com cerca de 38mm, quadradas, feitas da pele de animais ritualmente puros. Dentro dela ficavam as palavras de Êxodo 13.1-10; 13.11-16; Deuteronômio 6.4-9 e Deuteronômio 11.13-23, escritas



Jovem judeu celebrando o seu bar mitzvah no Muro Ocidental, Jerusalém. Note os *tephillim* (filactérios) no punho e na testa do homem e do rapazinho.



Judeu orando, com os tefilins presos no punho e na testa.



à mão num pergaminho. Elas eram presas ao punho ou à testa por compridas tiras de couro. A *mezuzah* não surgiu antes dos dias dos hassidim (veja pág. 254). A *mezuzah* parece ter sido usada para fazer com que os judeus refletissem melhor sobre a sua fé numa época em que o pensamento grego competia com o deles.

Religião grega e romana

Como resultado das experiências a que foram submetidos durante a sua longa história, a maioria dos judeus não se mostrou afetada pela religião grega e romana. Os influenciados pela religião grega eram conhecidos como saduceus (veja pág. 255). Os mais afetados pela religião romana eram os que estavam preparados para fazer algum tipo de acordo político com o poder reinante.

Os gregos de Creta (minoanos), na Era do Bronze, haviam seguido uma religião da fertilidade bem semelhante à dos cananeus, mas na época do Novo Testamento ela se transformara num politeísmo sofisticado. Acreditava-se então que os deuses eram semelhantes aos seres humanos (embora mais poderosos) e viviam no Monte Olimpo.

Os romanos adotaram em grande parte a religião grega, de modo que Zeus (grego) é o mesmo que Júpiter (romano) e, do mesmo modo, Poseidon é Netuno, Hermes é Mercúrio. A religião estava fortemente ligada à cultura. Jogos, alimentação, artes, e todas as formas de celebração eram sempre em honra dos deuses.

Muitos, porém, não se achavam satisfeitos com essa forma de religião. A adoração ao imperador surgiu em Roma; a filosofia tomou o seu lugar ao lado da religião na Grécia, desenvolvendo-se assim uma forma de ateísmo e, em Atenas, o povo estava começando a considerar a possibilidade de um deus desconhecido (At 17.23). As religiões misteriosas começaram a surgir, nas quais as pessoas eram admitidas a graus sucessivos de conhecimento ao se submeterem a ritos que as levavam a uma comunhão mais íntima com o deus ou deuses.

Leia agora a sua Bíblia

O Calendário Judeu

Êxodo 12.2. O calendário judeu é lunar, com 28 dias, resultando num ano mais curto do que o do ocidente. Quando o calendário diminuiu de um mês, foi acrescentado um mês adicional chamado *Adar*. Os meses sempre começavam com a lua nova. A Páscoa segue-se sempre à Páscoa judaica (o "Passar por Cima") que é celebrada na lua-cheia do mês de *Abibe*. O festival da Páscoa varia com a lua e é feita uma mudança de fins de abril para fins de março quando o mês judaico adicional é acrescentado.

A proibição contra semelhanças

Êxodo 20.4. O mandamento contra ídolos (imagens esculpidas) e semelhanças (formas) parece ter sido feita contra as possíveis incursões das religiões cananitas. Isso tem uma importância espiritual, a saber, que nenhuma representação material de um Deus espiritual pode ser feita, a qual é coberta pela proibição contra ídolos. A advertência contra formas ("semelhança"), porém, é algo diferente. A semelhança era uma máscara usada no rosto e no ritual religioso cananita. Exemplos de semelhanças foram descobertos em Hazor.

Quando tem início o sábado?

Êxodo 20.8. Os dias judeus não começavam à meia-noite, mas às seis da tarde. A tarde de segunda-feira, por exemplo, era seguida pela noite de terça. (É por isso que os dias em Gênesis 1 são descritos como uma noite e uma manhã, e porque era necessário manter

acordado o sumo sacerdote durante as horas noturnas no dia da Exiação.) O serviço da sinagoga que dava as boas-vindas ao sábado era, portanto, seguido por uma noite de sono antes de continuar o ensino na manhã seguinte. Às seis da manhã na noite do sábado, o repouso terminava e as pessoas ficavam livres para cumprir suas tarefas habituais.

A água viva

João 7. Foi no último dia da festa dos Tabernáculos (v.2) que Jesus proclamou, enquanto estava no templo (vv.14,37), que se alguém tivesse sede devia ir a Ele, beber, e sentir-se completamente satisfeito. Jesus estava evidentemente afirmando de maneira dramática que não era a fé judia (simbolizada pelo esvaziar da água do Tanque de Siloé) que satisfaria o mundo, mas sim Ele, Jesus, mediante o dom do Espírito Santo. Foi também no último dia que Jesus declarou ser a luz do mundo (Jo 8.12). Jesus está, portanto, claramente extraído da festa o simbolismo dos candelabros.

A Última Ceia

João 13.1-2. A tradução normal desses versículos é, "Ora, antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que já era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai, como havia amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim. E, acabada a ceia..." Isso dá uma idéia de Jesus fazendo uma celebração especial com seus discípulos, com uma Páscoa simulada em contraste com os relatos

dos outros evangelhos (por exemplo, Mc 14.12), que dizem que a Última Ceia se realizou no mesmo dia em que o cordeiro pascal foi morto.

Os críticos ensinam, portanto, que João deliberadamente manipulou a data, de modo a representar Jesus como sendo crucificado e pendurado na cruz na mesma hora em que os cordeiros pascais foram pendurados. Essa interessante representação do ponto de vista crítico se baseia no que parece ser uma contradição. Na verdade, porém, essa contradição não existe necessariamente. João 13.1 pode ser considerado como uma declaração separada — que antes da Páscoa começar, Jesus já tinha conhecimento de que ia morrer e se comprometeu com os discípulos a ir até o fim nesse drama. Seu compromisso foi então cumprido durante a refeição da Páscoa.

Bibliografia

A maioria dos leitores irá considerar os livros abaixo como de interesse e de ajuda para acompanhar melhor os diversos assuntos. Eles são provenientes principalmente de três países. Israel, Reino Unido e Estados Unidos da América. Todos podem ser obtidos nas livrarias internacionais. Alguns são bastante antigos; seria interessante tomá-los de empréstimo de uma biblioteca ou adquiri-los em um sebo.

ALEXANDER, D., e P. *The Lion Handbook to the Bible*. (The Eerdmans Handbook to the Bible) 2 ed. Lion, 1983. Um livro bem produzido que oferece um comentário simples sobre toda a Bíblia, juntamente com artigos de fundo que ajudam a compreensão.

ALEXANDER, P. *The Lion Encyclopedia of the Bible*, 2d. ed. Lion, 1986. Outro livro bem produzido em seções, tratando de aspectos como lar e vida familiar, governo e organização, contendo também um útil atlas bíblico.

ALON, A. *The Natural History of the Bible*. Israel. Steimatzky, 1969. Este é um livro não-técnico com uma bonita fotografia ocasional sobre certos aspectos da história natural. Não é completo.

AVI-YONAH, M. *Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land*. Oxford University Press; Englewood Cliffs, N.J.. Prentice-Hall. Publicação em quatro volumes, tratando de cada sítio arqueológico da Terra Santa. O melhor que existe. produção magnífica, mas muito caro.

BAHAT, D. *Historical Atlas of Jerusalem*. Jerusalém. Carta, 1973. Um atlas útil de Jerusalém com desenhos em preto, especialmente sobre o desenvolvimento da cidade desde 70 d.C.

BEITZEL, B. *The Moody Atlas of Bible Lands*. Chicago. Moody Press, 1985. Conjunto excelente de todos os novos mapas abrangendo as terras bíblicas do Antigo e do Novo Testamentos. Comentário útil sobre o texto de quase todos os mapas. Útil para leigos e eruditos.

The Book of Bible Knowledge. Scripture Union, 1982. Um livro muito bem ilustrado e produzido para jovens interessados no ambiente bíblico. Mais popular que didático.

COMAY, J. *The Temple of Jerusalem*. Londres. Weidenfeld & Nicholson, 1975. Livro para a mesa do café, escrito em linguagem popular e pesquisando a história dos judeus por meio do sítio do Templo.

DE VAUX, R. *Ancient Israel — Its Institutions*. McGraw Hill; Darton, Longman & Todd, 1961. Escrito de acordo com a tradição liberal católica, mas excelente erudição e extremamente útil.

DOUGLAS, J.D. (ed.), *The Illustrated Bible Dictionary*. Carol Stream, Ill. Tyndale. Provavelmente o melhor dicionário bíblico produzido por eruditos evangélicos conservadores, em três volumes. É em cores e trata de todos os assuntos mencionados neste livro, e de todos os aspectos da doutrina cristã. Caro, mas indispensável.

EDERSHEIM, A. *The Life and Times of Jesus the Messiah*. *Sketches of Jewish Social Life in the Time of Christ*. *The Temple, Its Ministry and Services*. Esses livros, escritos há quase um século por um erudito judeu convertido, reinterpretam a Bíblia em confronto com o seu ambiente. Mesmo assim são

- magníficos e foram recém-publicados por Erdmans.
- HARAEUNI. *Tree and Shrub in Our Bible Heritage*. Israel: Neot Kedumim.
- Nature in Our Biblical Heritage*. Israel. Neot Kedumim. Esses livros em cores foram produzidos numa colônia de Israel, onde os membros estão recriando a vegetação dos tempos bíblicos. É uma das abordagens mais definitivas à história natural bíblica e incorpora muito material judaico.
- HEATON, F.W. *Life in Old Testament Times*. Batsford, 1956. Excelentemente escrito e um suplemento útil deste livro. Foi re-impresso mais tarde como brochura por Carousel.
- HOLLIS, C. e R. Brownrigg. *Holy Places*. Nova Iorque. Praeger, 1969. Outro livro para a mesa do café que examina lugares em Israel sagrados para os muçulmanos, cristãos e judeus, e trata de seus antecedentes e história.
- Israel Pocket Library. Jerusalem*. Jerusalém. Keter. Uma pequena brochura repleta de informação sobre a história de Jerusalém.
- JOSEFO, E. *The Jewish War*. Grand Rapids. Zondervan, 1982. Esse exemplar específico da obra de Josefo, escrito nos dias de Cristo e dando a opinião do autor sobre a história do período, possui um comentário arqueológico e notas com o texto. É um excelente livro.
- KOLLEK, T., e M. Perlman. *Jerusalem*. Jerusalém. Steimatzky, 1968. Um livro bem produzido e ilustrado que trata de toda a história de Jerusalém da perspectiva judaica.
- MAZAR, B. *The Mountain of the Lord*. Nova Iorque. Doubleday, 1975. Um relato muito bem produzido da escavação da área do Templo por um dos arqueólogos participantes.
- NEGEV, A. *Archaeological Encyclopedia of the Holy Land*. Nova Iorque. Putnams, 1972. Indispensável. Trata de todos os sítios e pano de fundo. Escrito por eruditos israelenses.
- PFEIFFER, C. e H. Vos. *The Wycliffe Historical Geography of Bible Lands*. Chicago. Moody Press, 1967. Examina e avalia a evidência bíblica, histórica e arqueológica sobre dez dos principais países e terras dos tempos bíblicos. Contém várias fotografias informativas em preto e branco. Necessita de uma certa atualização e revisão.
- SCHURER, E. *The Life of the Jewish People in the Time of Jesus Christ*. Edimburgo. T. & T. Clark. Esse livro é tão básico para o ambiente histórico que foi recentemente atualizado e re-impresso em três volumes. Sua perspectiva é protestante-liberal.
- THOMPSON, J.A. *Handbook of Life in Bible Times*. Madison. Intervarsity, 1986.
- UNGER, M. *The New Unger's Bible Handbook*. Revisado por Gray N. Larson. Chicago. Moody Press, 1984. Publicado no Reino Unido como *The Hodder Bible Handbook* por Hodder & Stoughton. Uma nova edição de uma ferramenta de referência-padrão sobre o ambiente básico de cada livro da Bíblia. Fotos coloridas, desenhos, gráficos e tabelas foram acrescentados para acentuar a utilidade do livro.
- _____. *Unger's Bible Dictionary*. Chicago. Moody Press, 1966. Um dicionário completo e confiável para estudar os ambientes bíblicos. A obra está sendo completamente revisada e atualizada. Novas gravuras a serem incluídas.

Índice Geral

- A**bigail, 145
Abraão
compra lugar para sepultura, 275
alimentação, 52
e os lugares santos, 336,337
e ovelhas, 132
e a guerra, 286
Acabe
e o mercado de Damasco, 189
e a vinha de Nabote, 23
acampamento, 27
ação de graças, 54
Acra, Jerusalém, 199,209
açucar, 52
adoração
nas sinagogas, 346
veja também Templo
Aelia Capitolina, 214
Agricultura, 87-120
água
beber, como sinal de amizade, 245,250
apanhada por mulheres, 44,49
poluição, 54,109
água, suprimento de, 186,200-201
veja também poços
aguilhadas, 92,94
Aí, 287
Aimás
se esconde na cisterna, 37
Al Ula Hedjaz, 23
estrangeiros, forasteiros, 265
altares, 336,337,352,363, 370
aldeias, 186,215
alfarrobeira, fruto da, 56, 103
aliança, relação de e sacrifícios, 362,363
alimentação, leis da, 47,54,56,121
alimentos, 50-56
veja também pão; furtas, refeições, carne
alvenaria, 167
amamentação, 63
Ana
esterilidade de, 61
analgésicos, 111
âncoras, 226
anéis, 19
anfictionia, 250,266
ânfora, 110
Angorá (mohair), tecido de pelo de cabra
animais de estimação, 144
animais selvagens, 135
para entretenimento, 315
veja também leões
anjos, 241
Antigo Testamento
como livro-texto, 83
Antioquia, 198,199
Antônia, Castelo, 199,213
Anunciação, Igreja da, 326
aquecimento
doméstico, 36
aqueudos, 168,201
Arade, 289
aradura da terra, 90-94,239
aradura, 94
arautos, 271
Arca da Aliança, 369,370
arcos e flechas, 291
arenito, 31
Arcópago, 83,282
armadilhas para alimentação, 52,122-123
armadura, 20,290,295,298
armas, 159,291,199
arqueiros, 291,193
arquitetura, 30
arrependimento
roupas, 12
artes decorativas, 305
artes veja dança; artes decorativas; música; pintura
veja também artesãos, especialistas
artífices, artesãos, 347-171
Aserá, 335
asmoneus, 210-212
Assíria
exército, 291,292,293
e Israel, 273
religião, 333
e Samaria, 251
Atenas, 83,282
atletismo, 312-314
Augusto, 278
azeitonas, 52
azeitonas, prensas de, 114-116
azulejo, quebrado como sinal de amizade, 250
azulejos, 32,39
- B**aal, 88,334
Babilônia
educação, 80
bambu (caniço, cana),
construções de, 170
bambu, flautas de, 138,139
veja também halil
bancos, 177
banhos, 48
Banias, 118,329
banquetes, 246-249
Bar Coba, 262
bar mitzvah, 6,63,371
barro, tabletas, 76,78

- basalto**
 materiais de construção, 32,32
 marcos, 44
 ‘Basileu’ (jogo), 221,303
bebês, 62
bebidas veja suco de uva; leite; água, vinho, iogurte
beduínos, 25,26,134,141
 comida, 47,51
 vida nômade, 132
lavoura, 91
 fiação, 163
 tendas, 27,28
 tecelagem, 166
 poços, 37
beijos, 242,243
Belém, 223,224
 água para Davi, 215
Bem-aventuranças, Igreja das, 324,325
Berseba, 141,187
 veja também Tel Berseba.
 abelhas, 52
Betel, 251-337
Betesda, 222
Betesda, Tanque de, 142
Bete-Seã, 316
Bete-Searim, 328
Betfagé, 219
bibliotecas, 80
boatos, 249
bodes, 132,133,141-143
bois, 92,92,96,97,120
Bom Samaritano, parábola do, 117
bonecas, 303
boxe, 314
brinquedos, 303
bronze, 158
- C**
Caçada, 121-123
cães, 140-141,198
Caim, 156,182
cajado, do pastor, 137,138,145
calçados, 15
Caldéia, veja Ur
Calendário, judeu, 89,356,374
 veja também semana
cambistas, 177
camelo e olho da agulha, 240
camelos, 236,237,238
Caná, bodas de, 69
Canaã
 agricultura, 88-89
 religião, 88,334,345,374
canetas, 80
canto nas escolas egípcias, 78
cantores, profissionais, 79
capas, mantos, 13,14-15,16,20
Cafarnaum, 71
 sinagoga em, 111
caravanas, 236-237
Carmelo, Monte, 25
carne, 5152,132
 veja também carne de carneiro; cordeiros de Páscoa; carne de vitela
carneiro, carne de, 134
carpintaria, 152-156
Carregar água, 44
carros, 158,238-239,289-290,292
casa real, 270
casa, serviço de, 45
casamento, 64
 veja também noivado; poligamia
casamentos, 66-69
casas, 31
castelos, 199
 veja também Acra; Cidadela de Antônio
Castiçal, candelabro, 358-359
catacumbas, 128
cavalos, 238
cavernas, 25,139-140
cavernas, habitação em, 24-25
Ceia, Última, 374,375
celeiros, 101
cemitérios, 73
centurião, 297,298
César, 278
Cesaréia de Filipe, 118,329
Cesaréia Marítima, 198,279,295
 aquedutos, 169,201
 saúde, serviço público de, 37
 teatro, 198
cetros, 145
cevada, 44,50,90
chaminés, 36
chapéus, veja cobertura da cabeça
chaves do reino, 285
chinelos, 15
cidade, muros, 186
 veja também Jerusalém; muros da cidade
Cidadela, Jerusalém, 199,221,280
cidades, 186-215
címbalos, 306,308,311
cintas, 13,14
circuncisão, 62
Ciro, 208
cirurgia, 173
cisternas
 depósito de água, 37,200-201,220
Citópolis, 316
clima, 88,90,95
Coatitas, 363-365
cobertura da cabeça, 15-17,20
cobradores de impostos, 178
cobre, 92
cobre, trabalhadores em, 156,157
colheita, 95
colheita, 95
colheitas de cereais, 90
colheitas, 94
 veja também frutas; colheitas de cereais; vegetais; vinhas
Coliseu (Roma), 284,314
colunas, pilares, 19,41
combustível, 36
comerciantes, 146-152,179-180,196
compras, 45
conscrição, recrutamento, 298,300
Corazim
 casa em, 32
 sinagoga em, 81
cordeiros, 143
coroação, 268-270
corrida de carros, 315
corte, escudeiro, ajudante da, 271
cosméticos, 18,19
cosméticos, 18,19,116
costume, 12-21
criação, histórias da, 333,334

crianças, filhos
 roupas, 17
 valorizadas, 61
cruzados, 328
Cunrā, 259,260
cura, 117
 de Naamã, 48
 sal, 53
 veja também médicos;
 doença
curtidores, 160,161
curtimento de peles, 158

Dados, 301,302
Damasco, Porta de.
 Jerusalém, 192
dança, 310
Davi, 267,268
 nome da coroação, 285
 e Golias, 290
 e Jerusalém, 203-206
 e os Salmos, 310
 e a água de Belém, 215
Dedâ, 23
Dedicação, festa da, 360,361
deserto da Judéia,
 28,134,336
desinfetantes, 110
desjejum, café da manhã,
 42,114
desmame, 63
Deus
 nomes de, 75
 como refúgio, 41
deuses do lar, 333
Dez Mandamentos, 273-274
dibs, 108
dinheiro, 174-177,182
discos, lançamento de, 313
divã, sofá, 40,246,247
divórcio, 257
dízimos, 102, 112
Doença, 55,170-173
doença, 55,170-173
doenças, 270-273
Dominus Flevit, igreja, 219
Domo da Rocha, Jerusalém,
 168
dote, 64
 veja também noiva, preço
 da
drama, 316

drenagem, 37
dromedários, 237,238

Edomitas
 como habitantes de
 cavernas, 25
educação, 78-86
 veja também ensino
Éfeso, 146,281
Efode (peça de linho), 20
Efraim
 e herança de José, 24
Egito
 agricultura, 87,88
 educação, 77
 medicina, 171
 religião, 334
eira, 96
Elanã, 285
Eliezer, 250
Eliseu
 cura Naamã, 48
 herda o espírito de Elias,
 24
 e a aguilhada do boi,
embalsamamento, 74
encanamento, 170
ensino
 nas sinagogas, 346
 no Templo, 351
 veja também educação
ensino, métodos de, 77-
 78,83,86
entretenimento, 315,316
 nas refeições, 248
enxadas, 94,105
erosão, 89
ervas daninhas, 100
escolas
 egípcias, 77,78
 gregas, 82,83
 judias, 83,85
 sumérias, 76
 de teologia, 79
escravos, 59-61,264-266
 empregados na moagem,
 44
 libertos após sete anos, 285
 levando crianças à escola,
 86
 veja também gladiadores
escribas, 81
escrita, 76,77

veja também tabletas de
 barro; inscrições
escrivães (oficiais da corte do
 rei), 271
escudos, 290,291,297
Esdras, 208
esgoto, sistema de, 37
Espírito Santo
 união com, 117
esportes, 312-315
esposas, secundárias, 57,58
Essênios, 258-260
Ester
 data de, 374
Estêvão, 346
estradas, 230-233
Exércitos
 assírio, 291,292,293
 romano, 295-299
 de Saul e Davi, 288,289
 de Salomão, 289,290
Exodo do Egito
 lembrado nas festas, 355-
 358
exiação, Dia da, 359,360
Ezequias, fonte de, 206-208
Ezequias, túnel de,
 80,201,221
Eziom-Geber, 124

Faixas, 62
Família, extensa, 57
farinha, veja moagem
Fariseus, 83,256-258
fechaduras de portas, 39
feijões, favas, 50
Fenícios
 e navios, 255,226
 e construções de pedra,
 267
 e rotas de comércio, 180
fermento, 46
ferramentas, 31
ferramentas, 31
 de carpinteiro, 153
 veja também manguais;
 enxadas; ganchos para
 poda; foices
ferreiros, 156-159,182
ferro, 92,158
festas da colheita, 355
festas, 244-249
fiação, 48,162,163

figos, 119
 figueiras, 118,119
 filactérios, 371,372
 Filipos, 281
 Filisteus, 158
 finanças, realeza, 272
 flautas, juncos, 138,139
 veja também halil
fogo de carvão vegetal, 41
fogo
 nas casas, 32
fornos, 43,46
 públicos, 196
fortalezas, 199
 veja também Acra; Antônia; Cidadela
franjas, 13,14,15
frutas, 47,52
 veja também figos; uvas; azeitonas
fundas, 135-136,145,291
funerais, 72-74

G
Gafanhotos,
 como alimento, 56
 como pragas, 89
Galiléia, Mar da,
 124,125,126,130,306
Gamala (sumo sacerdote), 83
ganchos de podar, 106
garrafas, frascos, 133
 veja também odres
Geena, 221
Gentios no Templo, 349,351
Gerizim, Monte, 252,253
Gersonitas, 363-365
Gezer, Calendário, 88,89
Gibeá, 250
Gibeom, 201
Gideão, 228,323,337
giesta como combustível, 36
gladiadores, 315
graças, (nas refeições) 54
Grécia
 educação, 82,83
 influência sobre Israel, 82,151,208,254
Guerra, 286-300

H
Habitações, 22-41
Hagadá, 25/
Haifa, 320

halil, 305,306
Hamurabi, Código da Lei de, 171
harém, 270
harpas, 305,306
Hasidim, 82,254-255
Hazor, 200
hazora, 305,306,309
Hebrom, 23,319,337
helenistas, 42,208,254,255
herança, 24,57,58
Herodes Agripa I, 279
Herodes Agripa II, 279
Herodes o Grande, 212-214
Herodes, Palácio de,
 Jerusalém, 199
Herodes, tumba da família,
 223
Herodianos, 256
Herodion, 212,213,224
higiene, 54
 veja também regulamentos
 da saúde pública
Hillel, 257
hinos, 312
hipódromos, 312
Hircano, João, 253
história, escrita da, 79
hospedarias, 234,240
hospitalidade, 234,241-250
Huleh, Lago, 121

I
ídolos, 333,345,374
iluminação, ruas
iluminação, veja lâmpadas
imperador, adoração de, 173
impostos, 177-
 179,206,234,265,295
incenso, 370
 vejam também incenso
 especial
incenso especial, 362
infertilidade, 61
inscrições, 80
instrumentos musicais, 305-
 311
 veja também flautas;
 palhetas; shophar
logurte, 51,132,133
irrigação, 87,88
Isabel
 esterilidade de, 61
Isaque, 57

Israel, moderno
 guia de turistas, 317-329
 veja também Jerusalém
Israel, reino de, 268

J
Jacó,
 134,135,141,314,337,354
Jael, 29,250
janelas, 31
jantar, 47
jantar, festas, 246-249
Jardim, Túmulo do, 210,219
jardins, 39,301-304
jarros, 110,158
Jasom (Jasão), 254
Jebusitas, 202,207
Jericó, 287
 jardim, 304
 muros de, 187
 suprimento de água, 200
Jerusalém
 castelos, 199,349
 Cidadela, 299,221,280
 Cume Osel, 203,206
 desenvolvimento, 201-214
 Domo da rocha, 168,218
 Ezequias, Túnel de, 80,205
 fórum, 275
 hipódromo, 312
 montes, 204,215
 Porta das Ovelhas, 143
 Porta de Damasco, 192
 Porta de Nicanor, 349
 Porta dos fragmentos de
 louça de barro, 146
 Túmulo do Jardim,
 210,219

Jesus
 lugar de nascimento, 25,240
 infância, 75,83,351
 como cordeiro, 145
 escarnecido pelos soldados, 303
 ressurreição, 71,75
 e o sábado, 354,455
 escolaridade, 83
Jeú, 273
João Batista, 259
 dieta 56
jociramento, 98-101
jogatina, 302,303

- jogos de tabuleiro**, 302
jogos, 301-303
jóias, 15,19,157,158,182
joio, 100
Jônatas
 se esconde na cisterna, 37
Jope, 320
Jordão
 guia para turistas, 333
José e Maria, 58,65
José
 sua herança, 24,58
 seu casaco especial, 20
Jubal, 305
Jubileu, anos de, 266
Judá, reino de, 268
Judas Iscariotes, 243,248,261
jugos, 91,215
Juízes (líderes políticos de Israel), 266
juízes (tribunais), 274,275
Júlio César, 278
jumentos, 235,236
Juramento de Hipócrates, 172,173
juros sobre o dinheiro, 177
- K**
Kataluma, 145,240
kinnor, 305,306
- L**
lã, roupas de, 14
 veja também pano de saco
lamentações, 71
lâmpadas,
 na festa dos Tabernáculos, 358
 nas casas, 32,34,41,151,158,227
 na procissão nupcial, 68
 veja também menorah
lançadeiras, 164
Laquis, 190
lar, pátria, 41
Laticínios, produtos, 52
 veja também queijo; leite; iogurte
Lavagem
 roupas, 17
 pessoal, 48
 pessoal, pés, 48,54,245,247
 pessoal, mãos, 54
Lázaro, 74
 couro, 133
- leben (iogurte)**, 132,133
legados, 278
Lei de Moisés, 82,336
 e fariseus, 257
lei, sistema legal, 272-275
leite, 51, 132,133
lentilhas, 50
leões, 121,122
Levi (Mateus), 178
Levita, o, e sua concubina, 250
levitas, 363-367
libertos 265
ligar e desligar, 285
linho, 103
liras, 307,308,309
literatura, 304,305
livros, 304,305
Ló
 mora numa caverna, 25
 resgatado por Abraão, 286
Lugar Santo, o (no Templo), 370
lugares santos, 336,337,345
luta, 314
luto, 71
 roupas para, 12,17
Luzes, festa das, 360,361
- M**
Maanaim
 torres, 192
Macabeus, revolta dos, 209,210
Macpela, 319
Magdala, 124
 indústria de sal, 53
Manassés
 e a herança de José, 24
mangas, 20
mangual, malhação de cercais, 97
manteiga, 51
Mar Morto, 53
Mar Morto, Rolos do 259
marcos, 231
marfim, 182,183
Maria e José, 58,65,240
Marta, 247
Masada, 213,261,262
materiais de construção, 31
 veja também tijolos; pedras
maternidade, 58
Mateus (Levi), 178
medicina, 170-173
médicos, 55,171
medida, 174,175,181
Megido, 191,200
mel, 52,86,108,109,131
Melquisedeque, 203
Menanaim, 305,308
Menorah (castiçal de sete braços), 34,370
Meraritas, 363-365
mercadores, veja comerciantes
mercados, 45,141,194-196
Merom, Águas de, 121
mesas, 54,55,246
Messias, 253,259
 significado da palavra, 227
metal, 120
 veja também cobre; ouro; ferro; prata
metal, trabalho em, 156-159
meziltaim, 305,308,311
Mezuzah, 371,373
milo, Jerusalém, 205
mineração, 157
Miriá, 310
Mishná, 82,119
moagem, 42,43,44
mobília, 40
 veja também mesas
moeda na boca do peixe, 131,176
moedas, 174,176,228,278,308
 veja também dinheiro
Moisés
 educação, 77
monarquia, 267-270
 e o sacerdócio, 366
Mosteiro São George de Coziba, 318
Moriá, 353
mortos, sepultamento dos, 72-74
mosaicos, 39,324
mulas, 236,238
mulheres, papel das, 58,59
Multiplicação dos Pães e Peixes, Igreja da, 324
Muro Ocidental, 6,221
muros da cidade, 186-190
música, 305-312

N

aamã, curado por Eliseu, 48

Nablus, 322

veja também Siquém

Nabote

e sua vinha, 23

nascimento, 62

Natividade, Igreja da, 224

navios graneleiros, 228

navios, 124,155,225-229

veja também barcos de pesca

Nazaré, 326

cavernas em, 25

suprimento de água, 200

nebel, 307,308,309

Neemias

cunhagem de moedas, 176

e comércio no sábado, 181,354

e muros de Jerusalém, 208

Nicanor, Porta de, 349,352

Nilo, rio, 87,88

Nínive

biblioteca de, 80

Noé, 354

noiva, preço da, 61

veja também *dote*

noivado, compromisso de, 65

nômade, vida, 132

nomes, pessoais, 62,75

Nova Jerusalém, 193,196

nozes, 52

números, 300

O

Obadias, 271

Ofel, torre, 206

óleo de oliva,

52,110,116,117,145

Óleo, lâmpadas de veja

lâmpadas

olhos, nos navios, 228,240

Olímpicos, jogos, 313,314

oliveira, madeira de, 117

oliveiras, 112

Oliveiras, Monte das, 222

Onri, 199

ossuários, 72,73

ostraco, 152,178

ouro, 157

ouro, bezerro de, 369

ouro, Porta de, Jerusalém,

217

ovelhas, 132-145

ovelhas, cães de guarda, 140m,141

ovelhas, currais, 139,140

ovelhas, peles, 160

ovelhas, Porta das, 143

ovelhas, roubo de, 140

ovos, 52

Pães asmos, festa dos, 355,357

pai, autoridade do, 57

painço, 90

Palmira, 138

pão, 42,45,46,47,50

pão da proposição, 370

papiro, pântano de, 121

paralítico, cura do, 41

parapeitos, 33

Pascal, cordeiro, 132,145,357

Páscoa, 27,47,312,355-357

pastores, 132-145

pastores, lugares no campo, Belém, 224

Paternoster, Igreja, 222,223

pátios, 39

Paulo

em Éfeso, 281

em Filipos, 281

escolaridade, 83

onde ensinou, 83

pavimentos, 198

pavios, para lâmpadas, 34,41

veja também linho

peccado, 331

pedra calcária, 22, 31, 168-170

pedra, 31,32,168

veja também basalto; pedra calcária

pedras, trabalhadores em,

167

peixes, 51-53

peles de cabra, 133

Peniel, 314

Pentateuco

e samaritanos, 252,253

Pentecostes, 355,357,358

pentes, 19

pés, lavagem dos, 48

Pessach, festa de, 27,47

pesca com lança, 124-125

pesca, 52,124-131

pesca, barcos de, 129,130

pesca, com vara e linha, 124

pesos e medidas,

174,175,181

Petra

moradia em cavernas, 25

Pilatos, Pôncio,

253,278,279,282

Pintura, 305

pipoca, 47,50

Pobreza

comércio capitalista e, 180

alívio da, 96,102,113

Poço Warren, Jerusalém, 207

poços, 37,444,134,140,187

poligamia, 59,63

poluição, 54,109

Pôncio Pilatos,

253,278,279,282

Porta dos Fragmentos de

Cerâmica, Jerusalém, 146

portas abertas, 41

portas,

das casas, 39

abertas, 41

portas, cidade, 191-193

pórticos, varandas

casas, 39

tendas, 29

potes, 27,44,54,101,146-

152,182,261

pragas (ervas daninhas), 100

prata, 157

pregação nas sinagogas, 346

sacerdotes, 366,367

roupas, 20

veja também sumos

sacerdotes

presbíteros, 264,265

pretorianos, guardas, 299

primogênitos, 63

procônsules, 278,281

procuradores, 278,279

profecia

e música, 311

professores, 76

veja também escribas

profetas, 367-369

prostitutas, 74

na religião cananéia, 335

nas estalagens, 234

e véus, 20

publicanos, 178

Purim, 160

Queijos, 51,133
Quenitas, 156,182
Queren, 309
Quilt, Wadi, 318
Quinerete (Galileia)
 origem do nome, 306
Quirino, 278

Raquel, 58
realeza em Israel, 267-270
Rebeca, transporte de água, 44
recabitas, 103
redes, 126-127
redes, pesca, 126-129
refeições, 49,50-56
 e sacrifícios, 362
 veja também desjejum;
 jantar; festas
religião grega, 373
religião, 331-375
religiões misteriosas, 373
respigar, 96
ressurreição, 71
 de Jesus, 71,75
Reunião, festa da
 veja Tabernáculos, festa dos
reverência, 243
revestimentos para o chão
 veja mosaicos; tapetes;
 azulejos
riqueza, 265
ritos de passagem, 61
rodas, 230
 do oleiro, 148,149
Rode
 abre a porta para Pedro, 40
Roma
 Coliseu, 284,314
 Fórum, 284
 romanas, estradas, 231
romano, cidadania 281-285
romano, exército, 295-299
romana, religião, 373
rotas comerciais, 179-180
roupas, 12-21
 linho, 103
 pele de cabra, 132
Roupas, lavagem de, 17
ruas, 197
 Túmulos dos Reis, 72
 guia de turistas, 216-224
 muros, de Neemias, 146

muros, original, 188
 suprimento de água,
 80,200,201,207,220
 veja também Aelia
Capitolina
 Getsemâni, Jardim de
 Templo, Muro Ocidental
ruas, 197-199
Rute
 comida, 54

Sábado, 354,355,374
 ocasião de reunir-se para
 aprender, 346
 trabalho no, 95

Sábado, comércio no,
 181,354

sabão, 17

Sabático, ano, 102

Saco, pano de

roupas, 12
 tendas, 27

sacrifícios, 359,361-363
 veja também cordeiros
 pascais

Saduceus, 255,256,373

sal, 53,56,244,245,351

Salém, 202

Salmaneser III da Assíria,
 273

Salomão, 268

sua dieta, 51-52

Salomão, Tanques de, 201

Samaria, 206

fórum, 323

suprimento de água, 291

samaritanos, 245,252-254

sandálias, 15,20,160

sangue, 56

nos sacrifícios, 360-362

Sansão

empregado na moagem, 44

Santo dos Santos, 353,360

Santo Sepulcro, Igreja do,
 218,219

São Pedro, Peixe de, 131

sapatos

remoção de, 250

veja também calçados

saudações, 235,242

saúde pública, regulamentos,
 37,170,182

segadeiras, 95,96
seguindo Jesus, 215
seine, redes, 128,129
selos, 182
semana, de sete dias
Semanas, festa das,
 355,357,358
semelhanças, 374
Senaqueribe

cisternas das promessas, 37

sermões nas sinagogas, 146

sestas, 47

shadoof, 87,88

Shammai, 257

shophar, 132,305,309,310

sicômorus, 119

Silo, 267,341

Siloé, Tanque de, 358,374

Simão o fariseu, 243

sinagogas,

71,81,82,111,346-347

e ensino, 83,86

Sinai, Deserto do, 341

sindicatos, 146

Sinédrio, 275,360

Siquém, 253

acordo entre tribos, 266

capital, 267

Deus aparece a Abraão em,
 337

lugar de adoração, 252

torre, 200,201

Sísera, 29,250

sítio, durante a guerra,
 190,293,294,299

soldados, veja exércitos

solidéus, 15

sortes, 303,370

usadas para determinar

direitos de propriedade, 22

usadas nos tribunais, 275

Sucote, festa de, 27

Suméria

educação, 76

sumo sacerdote,

268,359,364,367

sunamita, 240

surrão, alforge do pastor, 138

suseranía, tratados de, 273

Taanaque (Antigo
 Testamento), 83

- T**abernáculo, 339-341
Tabernáculos, festa dos, 27,355,358-359,374
Tabga, 324
Tabor, Monte, 327
Tadmor, 138
talentos, 176
talheres, 247
tambores, 309
tanga, cingir, 99
tapetes, 29
teares, 27,162,164-166
teatro, 316
teatros, 198,316
tecelagem, 48,164-166
 tendas, 27
tecido de pêlo de cabra
 roupas, 12
 tendas, 27
Tel Balata, 253
Tel Berseba, 190
Telhados
 das casas, 32,33
tells, 188
temperos, 53
tempestades
 no Mar da Galiléia, 130,131
Templo, o (Jerusalém), 342-343
 construído por Salomão, 342-345
 reconstruído por Neemias, 208,345
 profanado por Antíoco Epifânio, 209
 reconstruído por Herodes, 212,348-353
 e samaritanos, 253
 instalações sanitárias, 37
 como único lugar de adoração, 344-345
 guia para turistas, 216-218
 tesouro, 272
 veja também Muro Ocidental
- t**endas, 26,27,28,160
 veja também pórticos,
 varandas
tendas, barracas, ver
 tabernáculos
terraços, 102,104
 Jerusalém, 206
terras, propriedade, 22-24,90
terras, proprietários, 265
tesouro, escondido, 41
têxteis, 160-166
Tephillin (filactérios), 371,372
Tibério, 279
tijolos, 30-31
tilápia, 131
tingimento, 162
Tof, 309
Tora *veja Moisés, Lei de*
torres de vigia, 105
tosquia, 143
transportadores, 39,40,196,215
Travesseiros, 133
tributo, pagamento de, 178,273
trigo tostado, 47,50
trigo, 44,50,90
trombeta de chifre de carneiro, 132,305,309,310
trombeta, chifre de carneiro, 132,305,309,310
trombetas, (instrumentos musicais), 309
 veja também *shophar*
trombetas, 305,306,309,311
Tumbas dos Reis, 72
tumbas, 72,74,222,223,356
túneis, 80
túnica, 12,13,14,20
- U**nção, 116,117,245,268
Ur
 agricultura, 87
 educação, 76
- Urim e Tumim, 275,303,370**
uva, suco de, 53,107
uvas, 106
uvas, veja vinhas
Uzias, 292
- V**ara, bordão do pastor, 135,136,137,142
vara, bordão, de pastor, 135,136,137
varandas, 39,41
vasilhas
 para lavar os pés, 48
vegetais, 50-51,103
vegetariana, dieta, 54
veículos, 232
 veja também ânforas; potes
véus, 17,20
viagens, 225-240
vida após a morte, 71,223
videiras, 103,107
 colheita, 106
 como símbolos, 111
videntes, 368
vinhedos, vinhas, 102,103-106
vinho doce, 107
vinho, 107
 nas bodas de Caná, 69
 como bebida, 55,112
 e agradecimento a Deus, 111,357
vinho, prensas (lagares), 107,108
Vitela, 52
- X**eques, 57
- Z**aqueu, 178
zelotes, 260-262
Zorobabel, 208,345

Indice das Passagens das Escrituras

ANTIGO TESTAMENTO	23.16 175	31.53-54 245	20.10 60
Gênesis	23.19 337	32.15 237	20.12 56, 58
1.5-31 374	24 60	32.24-25 314	20.24 337
4.2 132	24.3 236	35.1, 4 337	21.4 60
4.15 182	24.11-15 44	37.3-4 58	21.6 156
4.17, 22 156	24.13-14 243	37.3 20	21.7 60,171
8.10 354	24.17-18 250	37.7 96	21.12-14 274
9.20 103	24.17 245	40.11 107	22.6 96
9.21 112	24.32 245	41.43 2.38	22.8 275
11.31-12.5 76	24.33 245	41.45 65	22.10-13 135
12.7-8 337	24.35 236	41.48 101	22.20 265
12.16 236	24.58-61 64	42.25-28 236	22.25 177
13.2 132	24.60 66	42.26-27 96	22.26-27 14
13.18 337	24.64 236	43.11 52, 53	23.9 274
14.14-16 286	24.65 17	43.31-32 50	23.20-33 273
14.18 112, 203	24.67 64	Exodo	23.29 122
15.2-3 264	25.9 337	1.15-21 79	25.4 162
15.16 295	25.15 187	1.15-19 62	25.23-30 370
15.19 156	25.16 29	1.15 171	26.1-30 339
16.1-2 56, 76	25.29-34 241	2.5 48	26.7 133
16.6 77	25.29 47	3.5 250, 341	26.31-36 340
17.10 62	25.33-34 50	3.8 131	28.20
18.1-2 29	25.34 47, 103	6.20 75	28.9-14 182
18.1 47	26.28-30 244	10.13-15 89	28.30 303
18.2-13 241	26.34-35 64	12.2 374	29.22 134
18.2-3 243	27.28 111	12.7 356	Exodo
18.4 245	28.2 64	12.9 132	30.32-33 117
18.7 52	29.10-20 64	12.26 79	30.34-38 370
18.8 51	29.1-3 140	13.3-10 356	32.1-5 369
18.9-15 29	29.10 134	13.5 131	32.26-29 363
18.9 58	29.11 243	13.14-15 79	34.4 42
19.1-2 243	29.16-30 75	14.9 238	35.23 133, 355
19.2 245	29.27-28 354	14.28 239	35.26 133 38.25-26
19.8 241	29.22-23 69 30 171	15.3 294	175 39.3 1.57
19.26 58	30.1 61	15.20 309	Levítico
19.30 25	30.41-42 141	15.21 310	1.3-17 361
20.7 367	30.43 236	15.26 170	1.10 133
21.8 63	31.5-9 141	16.4-5 354	2.1-16 362
21.10-12 77	31.15 64	16.22-27 354	2.1 116
22.2 203	31.17 236	16.33 174	2.5 52
22.3 42, 236	31.27 310	18.13-27 275	2.13 53
22.17 191	31.34 333	19.1 358 20 273, 285	3 362
23.4-20 24	31.39 135	20.4 374	3.2 365
23.12 243	31.40 140	20.5 274	3.9 134
	31.43 237	20.8-11 354	4.22-31 265, 285

10.5-9 112	13.23 52, 104	20.5 31	9.27 266
10.9 110	13.26-14.38 339	20.7 65	10.1 203, 204
11 123	15.1-16 361	21.10-14 266	10.9-11 287
11.4 237	15.32-36 354	21.10 59	10.16 25
11.11-12 52	15.38-39 15	21.18-21 56, 275	11.6,9 238
11.22 56	15.38 162	22.5 20	15.32, 36, 41 186
12 63	18.15-16 63	22.8 33	24 266
13 182	18.19 53	22.10 91	24.32 337
15.19-24 63	19.2 120	22.13-21 69	
16 359 16.22 143	20.25-29 365	22.13-19 70	Juízes
17.13 123	21.7 171	22.23-27 65	1.8 204
17.14 56	25.7-8 291	22.28-29 59,65,70	1.12-15 64
17.15-16 123	27.1-11 24	22.28 75	1.19 158
18 75	29.1 132	23.4 241	3.31 94
18.6-18 65	31.26 59	23.13 37, 182	4.3 238
19.10 10.5, 265, 285	35.1-8 365	23.15-16 60	4.17-22 250
19.19 238	35.9-34 274	23.18 198	4.18 29
19.35-36 175	35.15 267	23.19-20 177	4.19 51
20.10 58, 75		23.24 105	4.21 27, 29
21.13-14 63	Deuteronomio	23.25 95	5.8 300
23.11 356	4.41-43 274	24.1-4 70	5.10 236
23.14 50	5.8 305	24.17-21 74	5.14-18 286
23.15-21 357	6.4-9 79	24.19-22 96	5.21-22 239
23.16 358	6.7 58	24.20 113	5.21 288
23.22 96, 265, 285	6.20-25 79	25.4 97	5.23 286
25.1-7 102	8.8 52, 113	25.5-6 24	5.26 155
25.8-9 311	10.17 265	25.13 175	5.30 166,266
25.9 132	10.18 74	26.1-5 132	6.1-6 97
25.10 24	11.10-17 88	28.4 61	6.5 89, 236
25.13-17 24	11.19 78	28.8 101	6.11 97
25.18-22 102	11.29 252	28.60-61 55, 171	6.17-22 241
25.29-31 186	12.5-7 245	31.9-13 79	6.19-21 337
25.40 266, 285	12.11 344	31.10-13 78	6.19 52, 133
25.44 59	12.15-25 52	31.19 78	7.5-7 323
25.45 60	12.15 123	32.13 53, 113, 131	7.12 89
25.47-53 266	13.4 368	34.8 74	7.13 46
25.47 265	13.13-14 295		7.14 264
25.48-49 60	14.22-29 102	Josué	7.18 295
25.53 177	14.22-27 177	2.6 33, 103	7.19-21 288
27.16 174	14.22-26 112	2.15 790	8.21 237
27.30-32 102	14.29 265	4.6 79	8.32 72
27.31-33 138	15.12-18 60, 266,	4.13 300	9.13 117
34.22 358	285	6.1-5 287	9.27 106
	15.17 156	6.4 132	9.46 200
Números	16.10-11 60	6.14 272	10.3 266
1.3 365	16.12 357	7 295	13.5 266
2 29, 294	16.18-20 275	7.14-15 275	13.19-20 337
4.5-15 365	17.16 238	7.16-21 303	14.3 64
5.11-31 275	18.1-5 177	7.19-26 274	14.8-9 53
6.3 112	18.15-19 367-368	8 287	14.8 135
10.9 311	19.1-13 274	8.27 295	14.12 69
10.10 359	19.5 15.5	8.33 252	15.4-5 97
10.12 311	19.14 23	9.4-6 234	15.8 314
11.5 51, 52, 103, 124	20.5-9 290	9.14-15 245	16.13 164

16.21 44	14.25-27 131	3.31 72	1.35 268
17-18 366	14.38 168	4.5 47	1.39 132, 268
17 345	15.2 287	5.2 267	1.40 139, 306
19-21 250	15.3 236	5.3, 5 268	1.44 238
19.4 244	15.6 156	5.6-8 204	1.46 270
19.5-10 249	16.1 132, 144, 267	5.9 205	2.10 73
19.11-12 204	16.11 42	5.13 270	2.13-22 270
19.15 243	16.13 166, 267	6.14-15 310-311	3.1, 4 270
19.19 234	16.16 311	7.11-12 268	3.16-18 275
20.16 291	16.20 236	8 288	4.1-6 271
20.17 300	16.21 271	8.1-14 268	4.7-19 178, 271
20.20 168	16.23 306	8.4 238, 289	4.22-28 178
20.27-28 295	17.7 166, 285	8.16-18 271	4.23 52
	17.17-18 288	9.10 271	4.25 103, 118
Rute	17.17 46	10.9-19 288	4.28 238
1.4 65	17.26 287	11.1 294	5.13-14 61
2 96	17.34-36 135	11.2 48	5.18 155
2.14 54	17.38-40 290	11.11 294	6-7 206
2.17 97, 174	17.40 139	11.20 292	6 344
3 101	17.45 294	12.1-7 144	6.7 168
4 24	17.57-58 288	12.1-6 275	6.36 345
4.1-2 193	18.2 288	12.8 270	7.12 345
	18.6 309, 311	12.15 172	7.15-51 344
1 Samuel	18.10-11 291	12.24-25 270	7.45-47 182
1.9 355	18.22 65	12.31 266 13 75	8.29 344
1.16 61	18.25 64	13.7 271	8.44 295
1.21 355	19.18-21 79	13.25-39 143	8.63 143
1.24 63, 79	20.5 54	13.29 238	9.15 205
2.15 52	20.18 54	14.26 175	9.21 61
2.18-19 20	20.31 267	15.2-4 275	9.24 205
7.5 367	21.6 370	15.16 270	9.27-28 226
7.15-17 274	22.1 25	15.32 277	9.27 266
7.15 266	23.7 191	16.1 107	10.4-5 271
8.5 267	24.3 47, 140	17.18-19 37	10.18-19 40
8.14 90	24.6 117, 268	17.28 51	10.22 182
8.15 178	25.2 143	17.29 51	10.25-27 289
8.16 79	25.7 143	18.24-26 192	11.1 65
9.11 44	25.13 14	19.15-16 40	11.3 270
9.13 54	25.18-19 288	19.33-35 271	11.4 65
9.16 267	25.18 46, 52, 107,	20.23-26 268, 271	11.31 268
9.26 244	119, 236	20.23 288	12.4 178
10.1 243	25.23 236	20.24 272	12.16-17 268
10.5 369	25.29 145	21.19 285	12.25-30 344
10.6 267	25.41 245	23.7 36	12.25 206
11.1-11 267	26.7 29	23.8-39 288	12.28-29 270
11.1-2 287	27.8-12 288	23.13-18 215	12.28 369-370
11.7 287	28.6 303	23.24-39 288	12.29 207
11.15 267	31.1 238	24.1-9 300	14.27 758
12.3-5 274		24.2 289	15.13 270
13.19-22 158	2 Samuel	24.25 270	15.18 272
13.20 92	1.10 268		16.23-24 206
14.8-9 53	1.21 117, 291	1 Reis	16.24 199, 251
14.11 25	2.4 268	1.5 270	16.31 65, 270
14.14 92	2.13 201	1.33 238	16.34 191
14.17 288	3.7 270	1.34 116, 270	17.17 172

18.3 271	22.10 271	32.30 208	39.15 97
18.4 25	23.30 268, 270	35.17 252	41.7 124
18.5 238	23.3 3-35 178	36.21 102	42.12 143
18.19 271	23.34 270		
18.44 239	24.15-16 182	Esdras	Salmos
19.16 116, 268	24.17 270	1.3 345	1.3 265
19.19 93	25.18 289	2.36-40 367	1.4 100
20.13-30 295		3.12-13 345	2.7-9 268
20.23 290	1 Crônicas	4.2-3 252	2.7 270
20.34 180	2.34-35 60	5.8 345	2.9 152
	3.15 270	6.4 345	6 171
2 Reis	4.21-23 79	7.12-26 80	10.8 198
2.3 79	4.23 152	8.15-20 367	16.6 22
2.5-7 79	4.39-40 134	8.20 266	18.28 41
2.9 24	11.6 204	8.29 345	18.42 97, 198
2.12 79	11.8 205		19.9-10 86
2.19-22 53	12.2, 8, 32-33 288	Neemias	20 295
2.25 135	12.40 52, 119	3.1 143	22 309
3.4 143	13.25-26 205	3.3 39	23.2 134
3.11 54	14.1 155	3.8 1.57	23.3 141
3.15 311	15.10 308	3.11 746	23.4 135
3.25 291	15.16 306, 366	4.1-2 252	23.5 54, 145, 241,
4.1 60	16.1 29	5 90	245
4.10 39, 40	21.18-26 97	7.71 175	45.14-15 66
4.20 172, 244	22.3 158	8.1-8 80	51.2 17
4.24 240	25.1 306	8.7-9 367	52.8 113
4.38 369	27.1-15 288	10.31 102, 194	56 309
5.1-14 172	27.28 119	10.32 177	59.6 32, 198
5.2-3 60		11.3 367	60 309
5.2 266	2 Crônicas	12.27-31 367	61.3-4 41
5.10 48	1.14 289	12.38 146	69.9 177
6.5 155	3.1 203	13.4-9 345	69.12 193
6.8-10 295	3.3 174	13.15-22 181, 354	71.22 308
6.17 367	5.12 306	13.23-30 252	72 270
6.25 175	6.13 268		78.47 119
7.1 175	6.28-30 171	Ester	80 111
7.2 271	6.29 55	2.21 193	80.12-13 105
8.9 236	9.24-25 238	5.8 245	81.16 90, 131
10.28 180	11.1 289	6.14 245	90.10 70
11.12 268, 270	11.12 291	7.8 304	98.6 309
11.14 270	11.14 238	8.15 162	104.15 112
11.19 270	12.40 107		107.4-7 230
12.10 271	16.12 171	Jó	107.16 191
12.18 272	17.5 272	1.5 42	107.17-21 171
15.19-20 178, 265,	17.9 274	1.20 17	110 270
300	19.5-11 275	3.20-21 41	110.1 40
16.12-16 270	19.5-7 274	6.6 53	115-118 312
16.15 265	20.31 270	7.6 164	118.22 168
17.24-34 251	23.13 311	15.33 113	119.176 136
18.18 271	26.14-15 292	18.6 41	121.1 21.5
18.31 37	26.15 190	18.8-10 52, 123	121.8 79
19.26 33	27.3 206	28.2-11 157	127.5 61
20 55, 171	28.8-15 266	30.1 140	128.3 61, 112
20.7 119, 171	32.5 208	31.17 241	129.6 33
21.3 170 21.23 265	32.6 193	38.14 151	129.7 96

131.2 63	5.1-5 111	59.16-17 20	Ezequiel
137.1-5 311	5.1-2 104	61.1 117	4.1-3 293
147.10 239	5.2 105	61.10 66	4.9 50, 90
150.3 309	5.8-12 180	63.3-6 108	4.11 174
	5.8 33, 90	65.8 107	4.15 36
Provérbios	5.10 92,174	66.20 238	9.2 80
1.21 193	5.11 112		11.23 242
2.3-5 41	5.12 306, 309, 311	Jeremias	12.13 123
3.10 101	7.25 94	1.18 265	16.4 62,171
5 75	9.6 17, 66	2.22 162	16.11-12 66
7.6 31	10.5-6 295	2.32 66	16.13 116
7.8 197	10.6 198	6.1 293	19.1-4 122
7.16-17 40	10.17 36	6.9 106	20.37-38 138
10.15-16 265	11.1 113	6.28-29 158	22.29 265
16.24 131	13.21 143	7.14 242	23.40 18
16.33 22	14.9 142	7.16 367	26.5 128, 130
18.18 275	16.10 106	9.17-18 72	26.9-10 293
19.13 33	17.6 113	10.3-4 157	26.15 166
20.4 90	19.5-8 124	10.4 156	27.11 190
20.14 181	22.1 33	11.16 113	27.17-24 179
22.22-23 265	22.10 189	14.3 187	27.16 53
24.13-14 131	22.11 201	14.4 90	28.2 180
24.30-31 105	22.15 271	15.7 100	34.1-3 140
26.14 42	22.22 39, 285	16.7 74	34.14 140
27.15 33	23 180	16.9 66	40.3 170
27.23-27 133	24.8 311	17.1 80	40.5 174
30.27 89	28.7 112	17.18-27 354	44.7-9 266
30.33 51	28.9-10 86	17.19 193	44.15-16 367
31 48, 58	28.28 238	19.2 146	45.11 174
31.10-17 179	30.14 152	19.10-11 152	45.14 175
31.13 103	34.14 143	20.14-15 62	
	36.3, 11, 22 271	21.5-7 295	Daniel
Eclesiastes	37.27 33	22.14 170	1.2 47
2.8 79, 271	40.3-4 230	24.2 52,120	1.3-9 80
10.19 112	40.11 145	25.10 44	1.5-16 54
12.6 152	40.12 175	28.13 91	1.19-20 80
	41.15 155	29.17 120	4.33 172
Cantares	41.21 268	32.9-12 24	7.23 97
1.5 27	41.25 147	34.7 186	8.5 142
1.7 143	42.3 41	34.8-14 285	12.2 71
1.8 140	42.13 294	35 103	
2.4 69	43.2 145	37.2 265	Oséias
2.13 120	43.15 268	37.21 45,180	3 70
2.15 105	44.12 758	38.24-25 265	4.11 107
4.4 190	44.13 155	41.5 252	7.4-6 45
4.13 304	45.2 191	48.11 109	9.10 119
5.4 39	46.9 27	48.33 108	13.3 36
6.11 304	51.20 123	48.36 139, 306	14.6 113
6.13 66	52.12 141	48.44 52, 122	
	53.6 136	49.14 122	Joel
Isaías	54.2 29	50.16 96	2.23 90, 95
1.6 171	56.2-7 354	52.15-16 151	3.6 266
2.4 120	56.12 110		3.10 106, 120
3.18-21 19	58.7 241	Lamentações	3.13 96
4.6 41	58.13-14 354	5.13 44	

Amós	NOVO	17.24-27 131	1.32-34 172
2.6 17	TESTAMENTO	17.27 176	1.35 42
3.5 52, 123		18.18 285	1.44 362
3.12 135	Mateus	18.24 176	2.4 41
3.15 182	1.18-20 65	18.25 60	2.23-28 355
5.3 300	2.1 278	18.26 243	3.5 256
5.10 275	2.9 234	19.3-12 257	4.35-41 130
5.11 170	2.16 75	19.6 70	4.39 131
5.15 193	2.22 278	19.16 258	5.26 55, 172
5.16 172	3.4 56, 131, 237	19.24 240	5.38 71
5.19 32	3.12 101	20.1-16 176	6.3 79, 152
6.1-7 180	4.5 351	20.1 104	6.8 14
6.4-6 248	5.13 56, 351	20.3 1 96	6.13 117
7.1 178	5.15 32	21.12-13 351	6.22 248
7.8 170	5.26 176	21.13 177	7.1-8 54
7.14-15 119	5.31-32 70	21.18 120	7.11 361
8.5 354	5.40 20	21.31 178	9.41 250
	5.41 232	21.33-41 111	9.50 244
Obadias	6.2 352	21.33 104	10.35-37 246
3 25	6.11 45	21.45-46 111	12.13-14 256
	6.30 36	22.2-14 242	12.15 176
Jonas	8.8-9 298	22.12 69	12.37 258
4.8 89	8.12 249	22.13 249	12.42 176
	9.11 178	22.23-32 255	14.12-16 39
Miqueías	9.17 110	23.2 346	14.12 375
1.8 71	9.20 15	23.5 15, 371	14.13 49
2.1-2 180	9.23 311	23.6 246	15.18 242
4.3 120	10.2-4 130	23.23-36 258	16.15-20 221
4.4 118	10.9 175	23.24 240	
6.10-11 175	10.10 234	23.27 73, 356	Lucas
6.15 115	10.11 234	24.1-2 353	1.8-9 353
7.14 145	10.14 242	24.17 33	1.9 352
	10.27 33	24.32 119	1.15 112
Naum	10.29 176	24.41 44	1.25 61
3.17 89	10.42 182	25.3-4 116	1.46-55 312
	11.10 230	25.8-9 66	1.63 83
Habacuque	11.16-17 196	25.8 34	1.67-79 312
1.5-11 295	11.28 215	25.14-30 176	2.1-2 275
1.15 128	12.1-4 355	25.27 177	2.1 278
	12.1 50	25.30 249	2.8 139, 145
Sofonias	12.4 3.53	25.32 142	2.12 62
1.5 33	12.20 139	25.33 143	2.21-39 75
1.7 242	12.27 172	25.41 143	2.21 62
	12.36 249	26.15 176	2.41-52 83
Ageu	13.4 91	26.23 46	2.41-49 63
2-3 345	13.24-30 100	27.27-31 303	2.41-44 355
	13.30 101	27.27-30 221	2.44 57, 225
Zacarias	13.33 46	27.34 111, 171	2.46 351
5.6-7 174	13.44 41	27.51 353	3.11 17
9.9 236	13.47-48 52, 126	27.65 282	3.12 178
10.12 142	13.55 79	28.9 242	4.16-22 82
13.9 157	15.27 198		4.16-21 117, 346
	15.32 234	Marcos	4.23 172
Malaquias	16.9 285	1.13 122	5.4 128
2.16 70	16.24 215	1.16-17 126	5.19 41

5.27 178	19.13 176	18.18 41	21.28 351
6.1-11 355	19.23 177	18.33 213	21.37 213
6.1-2 95	19.42 205	19.2-3 221	21.40 213
6.29 20	20.9-10 104	19.23 12,13	22.3 83
6.34 177	20.46 235	19.31 72	22.24-29 296
6.38 101,181	21.1-3 352	19.38-41 304	22.25-29 285
6.48 166	22.31 101	19.40 74	23.6-10 256
7.12 73	22.48 243	20.75	23.31 225
7.14 72	23.5-6 279	20.21 242	24.2 279
7.32 303, 311	23.7 213	21.4-6 126	24.27-25.1 279
7.36 54, 245	23.48 72	21.7 12	25.13-27 279
7.37 248	24.30 245	21.9 36, 41, 245	26.13-27 279
7.45 243	24.41-43 53, 131,		26.13 234
7.46 245, 247	245	Atos	26.14 94
8.41 346		1.12 174	27.6 227
9.62 93	João	1.26 303	27.9 227
10.4 235	1.14 27	4.5-7 275	27.15 240
10.5 242	1.29 145	4.11 170	27.43 298
10.33 254	1.48 118	6.1 74	28.11 227
10.34 110,145	2.2 69	6.9-10 346	
10.35 176,234	2.6-10 69	7.22 77	Romanos
10.42 247	2.17 177	8.25 254	11.24 113
11.3 50	3.29 64, 66	8.30 83	12.13 234
11.7 41, 42	4.6-7 49	9.36-41 39	12.20 241
11.8 244	4.9 245, 254	9.43 242	13.13 112
11.11-12 52	4.11 187	10.1 298	15.20 167
11.25 45	4.19-20 252, 253	10.6 160	15.30 314
11.39 258	4.24 369	10.9 33	16.2 242
11.43 235	4.25 253	10.25-26 243	16.16 243
11.46 196	4.33 254	12.1-5 279	
12.3 196	5.2 143	12.13-14 40	1 Coríntios
12.18-19 90	6.9 46	12.20-23 279	4.9 315
12.18 101	6.11 54	13.5 346	9.7-9 97
12.55 89	6.35 50	14.1 346	9.24-27 82
13.4 298	7 374	15.29 56	9.2.5 313
13.6-9 118	8.6 83	16.14 162	11.3 58
14.8-10 246	8.12 374	16.15 242, 245	11.10 20
14.12 49	9.2-4 172	16.19 194	11.21 112
14.23 245	10.1-16 140	16.35 281	14.8 306
14.28-30 105	10.7 140	16.38 282	15.20 71
15.3-6 136	10.11-13 135	17.16-34 83	15.32 315
15.8-10 64	11.39 72	17.17 196	
15.8 32, 176	11.44 74	17.19 282	2 Coríntios
15.16 56	11.45-53 256	17.23 373	5.1 27
15.25 311	12.15 236	18.3 160	5.4 27
15.29 133	12.19 258	19 315	6.14 91
15.31 24	13.1-2 374	19.9-10 83	11.26-27 225
16.1 198	13.3-5 245	19.23-29 146	
16.5-7 181	13.4-5 54	19.38 281	Gálatas
16.22 247	13.23-25 247	20.3 229	3.24 86
17.16 254	13.26 248	20.6 229	3.28 61
18.9-14 258	14.26 117	20.7 50, 355	4.4 145
18.31, 35 254	15.2-3 106	21.3, 7, 8 227	5.9 46
19.1-4 119	15.5-7 111	21.26 351	6.2 196
19.8 178	17.12 261		6.10 242

Efésios	Tiago
1.3-14 312	5.13-16 117
2.14 351	
4.11 145	1 Pedro
5.4 249	1.13 14
5.21 58	4.9 234, 242
5.25 58	5.4 145, 314
6.8 60	
6.10-11 20	1 João
Filipenses	2.27 117
1.13 299	
1.27 314	3 João
2.5-11 312	5-8 242
3.14 314	
Colossenses	Judas
2.15 295	3 314
3.12 12	Apocalipse
3.22 60	2.17 250
4.14 55, 172	2.27 152
1 Timóteo	3.7 285
2.13-15 58	3.8 41
3.2 59, 234, 242	3.9 243
3.8 112	3.20 40
5.3-4, 8-11 74	19.10 243
5.10 245	19.11 238
5.18 97	19.13, 15 108
5.23 55, 109	19.19 238
	21.1 229
	21.2 66
2 Timóteo	21.21 198
2.3-4 295	21.25 193
2.5 313	23.15 198
3.15 83	
4.7 314	
Tito	LITERATURA EXTRABÍBLICA
1.8 242	
2.3 112	Eclesiástico
Filemom	38.29 148
16-17 60	38.30 152
Hebreus	1 Macabeus
7.9-10 70	6.49, 53 102
9.7-14 360	15.6 176
10.1-8 363	2 Macabeus
10.19-22 360	7.27 63
10.33 315	10.6 361
11.9 25	15.36 360
11.28 356	
11.37 132	Jubileus
12.1 314	1.1 358
13.2 241	6.7 358
13.11-12 360	

Fotografias

Agradecimentos

British Museum: 73, 78, 108, 110, 122, 175, 227, 273, 292, 293

Tim Dowley: 22, 28, 32, 53, 72, 81, 95, 104, 112, 116, 121, 126, 135, 141, 142, 167, 168, 188, 189, 190, 197, 198, 199, 203, 204, 207, 218, 219, 223, 233, 263, 279, 282, 284, 287, 304, 314, 316, 318, 320, 323, 328, 352, 353

Sonia Halliday: 2/3, 87

F. Nigel Hepper: 103

Anne Holt: 96

Laura Lushington: 102, 106, 107

Zev Radovan: 15, 25, 33, 34, 44, 55, 80, 88, 94, 101, 109, 147, 157, 158, 159, 162, 166, 183, 291, 302, 309, 311, 363

Scripture Union: 23, 36, 51, 100, 138, 156 .

Peter Wyart: 6, 19, 27, 45, 46, 47, 59, 71, 91, 98, 105, 111, 125, 127, 133, 134, 150, 160, 169, 187, 192, 196, 200, 201, 210, 212, 213, 214, 220, 221, 222, 224, 231, 235, 237, 239, 248, 259, 261, 267, 280, 289, 296, 298, 310, 312, 313, 319, 324, 325, 326, 327, 329, 336, 351, 371